

INTRODUÇÃO

A evolução da sociedade tem sido acelerada, principalmente nos últimos anos, colocando as escolas perante novos desafios a enfrentar. Torna-se urgente desenvolver estratégias que possam responder às necessidades desta sociedade multicultural com características diversificadas e heterogêneas, como efeito da imigração nos últimos anos; como refere Marques: *As escolas têm de enfrentar o desafio de desenvolverem estratégias educacionais que vão ao encontro destas novas realidades* (Marques, 1997, p. 24).

A participação das famílias no acompanhamento escolar dos filhos é um dos grandes problemas que as escolas enfrentam nos nossos dias, embora algumas famílias tenham conhecimento da mais-valia do seu envolvimento e participação para o sucesso escolar dos filhos. As dificuldades de comunicação e do envolvimento das famílias na vida escolar notam-se especialmente nas escolas onde a maioria da população estudantil é proveniente de famílias imigrantes e de classes sociais mais desfavorecidas.

Alguns dos factores que influenciam o afastamento das famílias em relação à escola relacionam-se com as diferenças culturais, o baixo nível de escolaridade, a falta de interesse, a falta de tempo, a incompatibilidade de horários e principalmente a barreira sociolinguística (Silva, 1989); também o olhar negativo dos directores de turma e professores sobre os pais, a falta de respeito e a discriminação podem afastar os pais e encarregados de educação da escola (Davies, 1989).

O envolvimento dos pais na educação dos filhos tem impacto positivo no aproveitamento escolar dos alunos, como refere Henderson (1987). Normalmente os alunos das classes mais desfavorecidas apresentam mais dificuldades no processo de aprendizagem e taxas de repetência e de abandono escolar mais elevadas (Silva, 1997).

As escolas têm que enfrentar estes desafios, procurando responder às necessidades destas famílias e desfazer as barreiras de comunicação e de relacionamento, para que a aproximação e o envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos seja maior e melhor, e deste modo o sucesso escolar dos alunos possa vir a ser o maior triunfo das escolas. Mas esta realidade de envolvimento dos pais no sucesso educativo não tem sido fácil. As escolas não têm conseguido estabelecer esta relação, porque existem obstáculos no envolvimento parental, tais como: *limitações do capital*

cultural por referência à cultura da escola; os conflitos entre as funções da família e as funções da escola e as características organizacionais das escolas(Davies, 1989, p.37).

O problema do insucesso e do abandono escolar precoce tornou-se também uma das preocupações do governo, que veio proporcionar mecanismos facilitadores de implementação de novas estratégias de envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos, através de projectos e práticas educativas, que possam, em conjunto com outras parcerias, contribuir para o desenvolvimento das competências sociais e pessoais dos jovens de forma a garantir a igualdade de oportunidades e uma educação justa e adequada, orientada para o sucesso escolar.

O Programa Escolhas é uma das medidas criadas no âmbito nacional, tutelado pela Presidência do Conselho de Ministros, e fundido no Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, IP, que visa promover a inclusão social de crianças e jovens provenientes de contextos socioeconómicos mais vulneráveis, particularmente dos descendentes de imigrantes e minorias étnicas, tendo em vista a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão social (Despacho normativo nº7/2006).

Assim, através do Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural – ACIDI, do Ministério do Trabalho da Solidariedade Social e do Ministério da Educação, foram criadas medidas políticas sociais e educativas, através de projectos que desenvolvem e implementam medidas concretas em várias áreas estratégicas, para combater o abandono escolar precoce e promover o sucesso escolar, combatendo desta forma o maior risco de exclusão social. Uma destas medidas é a promoção da co-responsabilização das famílias no processo de desenvolvimento pessoal e social das crianças e dos jovens, no âmbito do Programa Escolhas, através da mediação familiar e formação parental (Despacho normativo n.º 27/2009).

A criação e implementação dos projectos através do Programa Escolhas é uma das formas que tem vindo a ajudar as escolas a dar resposta às necessidades da população escolar imigrante. Esta implementação tem sido uma mais-valia para a aproximação e o envolvimento das famílias no acompanhamento escolar dos alunos com vista a promover o sucesso escolar e prevenir o insucesso ou o abandono escolar precoce, em especial dos alunos das famílias imigrantes mais desfavorecidas e que se encontram em risco de insucesso. Considerou-se importante conhecer as actuações dos projectos criados pelo Programa Escolhas na mediação familiar e, por esse motivo, foi escolhido como alvo de estudo o Projecto “Academia Escola Mais”, por ser um caso específico de particular importância, integrado numa escola do programa TEIP

(Território Educativo de Intervenção Prioritária) com alunos provenientes de famílias imigrantes de diversas nacionalidades e de vários níveis socioeconómicos e culturais.

Pretende-se com este estudo conhecer como este projecto actua na mediação familiar e que estratégias aplica na promoção da aproximação e do maior envolvimento das famílias para a prevenção do insucesso e abandono escolar precoce e a promoção do sucesso escolar dos alunos, em especial os alunos em risco de insucesso escolar.

Este estudo realiza-se no âmbito da Administração Educacional com o tema: **O papel do projecto “Academia Escola Mais” na mediação familiar**. Pretende-se com este estudo fazer um aprofundamento sobre a implementação do projecto “Academia Escola Mais”, partindo das seguintes questões centrais:

- Quais as estratégias desenvolvidas e implementadas pelo projecto “Academia Escola Mais” na mediação familiar?
- Que impacto têm as respectivas estratégias na promoção da aproximação e do maior envolvimento das famílias na vida escolar, face ao sucesso escolar dos alunos, especialmente os que se encontram em risco do insucesso escolar?

A metodologia da investigação deste trabalho é predominantemente qualitativa com o tipo de estudo exploratório com características descritivas (Carmo e Ferreira, 1998), sem pretensões de generalização e enquadra-se no estudo de caso. Visa estudar, compreender, explicar e aprofundar a problemática em questão, através de recolha de dados por entrevistas, tendo como amostra três membros da equipa técnica do projecto “Academia Escola Mais”, que se encontram integrados directamente no respectivo projecto, na área de mediação familiar, nas actividades de apoio à aprendizagem aos alunos em risco do insucesso escolar e nas actividades ligadas às acções de formação aos alunos e às famílias.

No Capítulo I faz-se uma abordagem teórica através de leituras de vários autores sobre os temas que se consideram importantes e relevantes para o desenvolvimento e o enriquecimento desta investigação, começando por reflectir sobre o impacto provocado pela interacção entre a criança e o ambiente. A criança vai desenvolvendo as suas competências pessoais e sociais na sua interacção com o ambiente, em busca de autonomia. Para melhor compreender esta relação, considera-se importante abordar os modelos teóricos da relação escola-família, em concreto, “o modelo ecológico de desenvolvimento humano de Bronfenbrenner”.

Ainda neste mesmo capítulo aborda-se a importância da articulação entre estas três instâncias Escola-Família-Comunidade, que em parte se sobrepõem e variam em

função das práticas e das relações interpessoais, e que trabalham em conjunto para satisfazer as necessidades dos alunos, pelo que se considerou importante reflectir também no “Modelo da sobreposição das esferas de influência”.

No capítulo II estuda-se a questão do envolvimento dos pais e a sua influência no sucesso educativo, de forma a compreender melhor o impacto da sua aproximação e do seu envolvimento na aprendizagem escolar dos filhos, assim como as várias formas de colaboração, tanto na aprendizagem na escola, como no apoio aos alunos na realização dos trabalhos de casa. Consideram-se ainda, os tipos de obstáculos ao envolvimento das famílias na vida educativa dos filhos.

O capítulo III versa sobre os factores que influenciam o envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos e as estratégias consideradas mais adequadas, que têm vindo a ser implementadas e desenvolvidas pelos actores educativos com o intuito de garantir o sucesso educativo.

O capítulo IV descreve a Metodologia utilizada neste estudo. Pretende-se neste capítulo indicar os objectivos da investigação e os instrumentos de recolha de dados.

O capítulo V debruça-se sobre a implementação do projecto “Academia Escola Mais” e o sucesso alcançado e efectua-se uma análise dos resultados dos dados recolhidos, relacionados com a implementação do projecto “Academia Escola Mais” e o seu impacto nas atitudes e comportamentos das famílias e dos alunos.

No último capítulo apresentam-se as conclusões do estudo, referindo-se as limitações e recomendando novas pistas para futuras investigações. Segue-se a bibliografia e os anexos relativos ao estudo.

CAPÍTULO I - MODELOS TEÓRICOS DA RELAÇÃO ESCOLA – FAMÍLIA

1. Modelo Ecológico de Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner

O modelo ecológico de desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (1987) considera o desenvolvimento humano como um sistema aberto, que não só é influenciado pelas características individuais, mas também pelos diferentes contextos ou sistemas abertos e com níveis interligados com o qual ele estabelece as suas interações: o microssistema, o mesossistema, o exossistema e o macrosistema. O autor compara-o a um conjunto de bonecas russas, umas contidas dentro das outras.

O primeiro nível, o microssistema, engloba o conjunto de actividades e relações desenvolvidas nos contextos onde o indivíduo participa activamente, como sejam o lar,

a creche, a escola. Envolve as relações da criança com o meio, as relações entre a criança e a família, entre os membros da instituição escolar e a criança. O microssistema é o contexto mais imediato da pessoa em desenvolvimento, por exemplo, a casa e a escola, relacionado com as actividades, os papéis sociais, as relações interpessoais e as interacções que se estabelecem entre o homem e o seu ambiente mais próximo. Tem um impacto duplo, isto é, o homem influencia o ambiente ao seu redor, mas é também influenciado pelo mesmo. As relações que se estabelecem entre os pais e os filhos neste nível são muito importantes porque têm o seu impacto nos dois sentidos, tanto para os pais como para os filhos (Zenha, 2006, Sanches, 2007). Os pais podem afectar as convicções e o comportamento da criança, mas a criança também pode afectar o comportamento dos pais.

O microssistema do desenvolvimento consiste na aquisição de novos conhecimentos através da relação afectiva entre a criança e uma pessoa adulta que tenha conhecimentos e experiências que ela não tem, e que a oriente directamente.

O contexto secundário do microssistema consiste nas condições e oportunidades para o indivíduo desenvolver as competências adquiridas anteriormente nas suas relações e interacções com o meio ambiente e que o encaminham para uma autonomia. Acontece que a sociedade actual desvaloriza significativamente este contexto secundário, pelo que se dificulta o desenvolvimento da autonomia do indivíduo. Como consequência deste desinteresse muitos jovens até à fase adulta continuam a ser dependentes dos pais.

O segundo nível, o do mesossistema, consiste nas relações entre dois ou mais contextos em que o indivíduo participa activamente, como por exemplo, as interacções entre a família e a escola, a família e a comunidade, a casa e o emprego, casa e escola, ou pais e professores. Estes contextos não devem ser vistos separadamente, e devem ser consideradas as relações entre eles, nomeadamente a existência e a qualidade dessas relações: *a capacidade da criança para aprender poderá, eventualmente depender menos da forma como é ensinada do que da existência e da qualidade da relação estabelecida entre a escola e a família* (Bronfenbrenner, 1987, citado por Zenhas, 2006, p. 21).

O terceiro nível é o do exossistema, que se refere à existência de relações no contexto externo em que o indivíduo não se envolve directamente, mas que têm impacto no seu desenvolvimento, como por exemplo o efeito das condições de trabalho dos pais sobre o desenvolvimento das crianças (Zenhass, 2006), ou seja, *trata-se do sistema*

social no seu sentido amplo, que embora não funcionando directamente com a criança, poderá interagir directamente com o seu microssistema de forma positiva ou negativa (Sanches, 2007, p. 78).

O quarto nível é o do macrossistema, constituído pelos sistemas de valores, padrões culturais, factores sociais, crenças, costumes, leis e ideologias da sociedade em que o indivíduo se insere. Inclui as ideias quanto às formas de cuidar, de educar e proteger a criança que influenciam o funcionamento de outros subsistemas. A sua influência nos níveis inferiores exerce-se por efeito de *cascata*. Como por exemplo, as recentes mudanças nos contextos familiares, ou as convicções culturais que promovem os pais como únicos responsáveis pela educação das crianças (Sanches, 2007).

2. Modelo da sobreposição das esferas de influência

O modelo da sobreposição das esferas de influência de Epstein (Sanders & Epstein, 1998) integra e desenvolve o modelo de Brofenbrenner, engloba as perspectivas educacionais das famílias no desempenho do seu papel como educadoras, as perspectivas sociológicas e psicológicas sobre as relações entre as instituições e os indivíduos, e enfatiza a partilha de responsabilidades para atingir o sucesso educativo, (Zenhas, 2006). Esta autora refere:

um princípio fundamental desta teoria consiste no facto de determinados objectivos, tais como o sucesso académico, serem do interesse mútuo da família, da escola e da comunidade e serem mais eficazmente atingidos através da acção coordenada dessas instituições. Desta forma, enfatiza a importância de a escola, a família e a comunidade trabalharem em conjunto para satisfazer as necessidades das crianças. (Zenhas, 2006, p. 23).

Esta teoria representa graficamente um modelo que é composto por três esferas sobrepostas parcialmente, simbolizando a família, a escola e a comunidade. A área de sobreposição das esferas corresponde à articulação entre os três contextos, que pode variar em função das práticas e relações entre eles (Zenhas, 2006).

A figura nº 1 ilustra as três esferas parcialmente sobrepostas (“overlapping spheres”), representando a família, a escola e a comunidade.

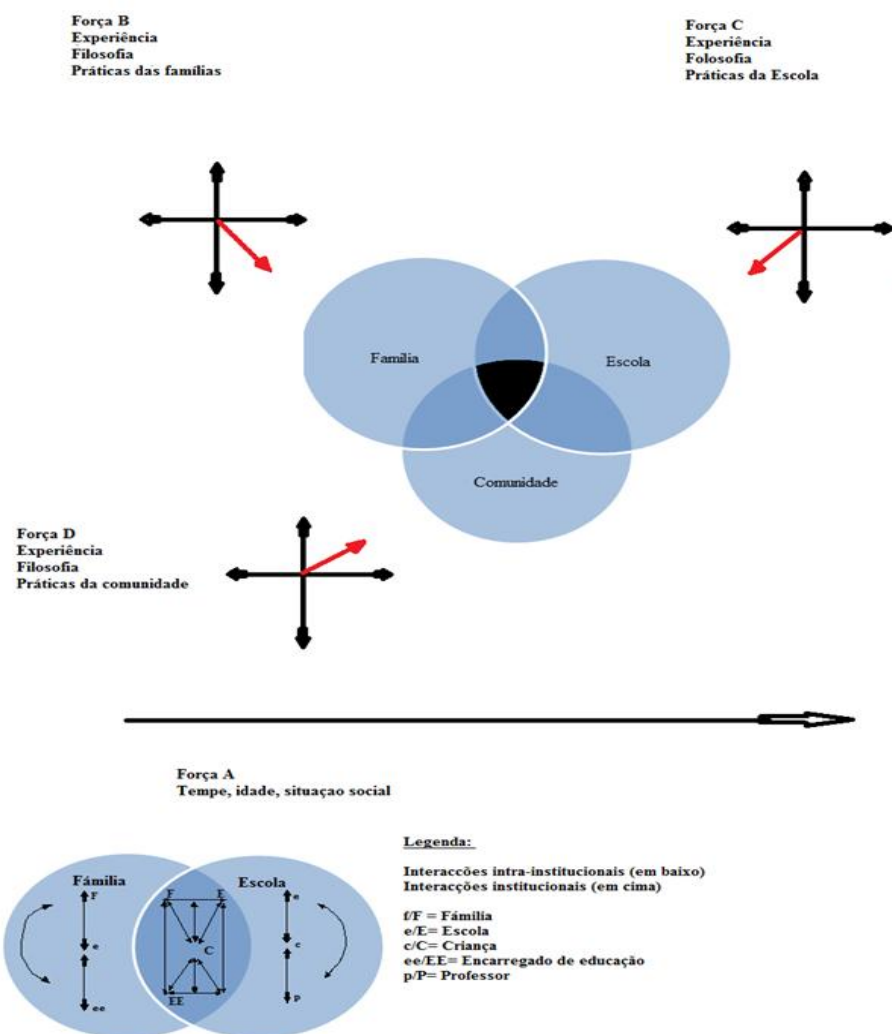


Fig.1: Esferas de influência entre a família, a escola e a comunidade na aprendizagem (Diogo, 1998, citado por Sanches, 2007, p. 79)

Na estrutura externa existem dois grupos de factores que podem aumentar ou diminuir a área de sobreposição:

- as atitudes, os valores, as experiências e as práticas das famílias, das escolas e das comunidades
- o tempo, incluindo a idade e o nível de escolaridade dos alunos, que podem influenciar a qualidade e a quantidade de actividades desenvolvidas em comum pela escola, família e pela comunidade (Sanders & Epstein, 1998, citado por Zenhas, 2006, p. 23).

A área de sobreposição das esferas corresponde à articulação entre os três contextos, que pode variar em função das práticas e relações entre eles (Sanches, 2007; Silva, 2003).

Silva classifica este modelo como sendo:

Um modelo dinâmico em que a área de sobreposição varia em função da resultante das forças envolvidas em cada momento e em cada local. A sua

estrutura externa reporta-se às práticas institucionais que contribuem para alargar ou reduzir a área de intersecção; a sua estrutura interna remete para as relações interpessoais e o modo como as práticas institucionais afectam amotivação e a aprendizagem dos alunos(Silva, 2003, p. 94).

Segundo Epstein (1997), a estrutura interna mostra onde e como as interacções ocorrem dentro e através de contexto da escola, da família e da comunidade. Consiste nas interacções que podem ser activadas quando as pessoas, nesses contextos, comunicam e trabalham em conjunto, no qual a criança é o principal foco das interacções.

Diogo (1998) refere que este relacionamento ou ligação entre a escola, a família e a comunidade com o envolvimento de todas as famílias, crianças, professores e a comunidade pode traduzir-se a um nível institucional ou envolver apenas um professor, um encarregado de educação, uma criança, um parceiro da comunidade ou um pequeno grupo.

O mesmo autor afirma também que, quando a escola e a família colaboram mutuamente realizando trabalhos em parceria, podem contribuir para o melhor aproveitamento escolar dos alunos, promover atitudes positivas face à aprendizagem, à auto estima, à independência, à realização pessoal, e outros comportamentos característicos de indivíduos de sucesso. A importância que a família tem para com a escola e as interacções produtivas entre a escola e a família na colaboração conjunta com vista a promover o sucesso escolar, levam os alunos a valorizarem mais a escola.

Marques (2001) e Villas-Boas (2000) salientam que a intersecção das três esferas indica a existência de uma zona comum influenciada pelas três instituições, escola, família e comunidade, e também indicam a existência de zonas de influência específicas e exclusivas da acção pedagógica e didáctica dos professores e da acção educativa dos pais. Nessa zona de sobreposição com fronteiras flutuantes e alvo de negócio, é necessário que a escola alargue a sua responsabilidade, tendo em atenção que a sobreposição não pode ser total(Silva, 1994).

O mesmo autor destaca a grande vantagem deste modelo, pelo facto de considerar a criança como autor central e indispensável o seu papel na relação escola-família, que muitas vezes é esquecido.

A citação de Epstein que a seguir se apresenta ilustra essa centralidade reconhecida ao papel da criança por este modelo:

Um aspecto crucial do modelo das esferas que se intersectam é o papel da criança na parceria escola-família. O modelo baseia-se na assunção de que a aprendizagem, o desenvolvimento e o sucesso das crianças, no sentido lato,

constituem a principal razão para a parceria casa –escola (...).Os alunos não são passivos neste processo; eles são os principais actores do seu próprio sucesso na escola. (...) A teoria das esferas de influência que se intersectam é concebida para encorajar a investigação sobre os efeitos nas crianças de ligações específicas entre escolas e famílias(citado por Silva, 2003, p. 95).

Zenhas identifica as vantagens e as características abrangentes do modelo de sobreposição das esferas de influência de Epstein consideradas por Villas-Boas (2001) e Diogo (1998), como um modelo abrangente e vantajoso, pelo facto do referido modelo ter também em conta perspectivas ecológicas, psicológicas e sociológicas, nomeadamente:

- a) *O modelo ecológico de Bronfenbrenner, que considera que o desenvolvimento da criança é afectado por estruturas de diferentes níveis, as quais estão interligadas;*
- b) *Perspectivas sobre o papel educativo de família;*
- c) *Perspectivas sociológicas sobre as relações entre as instituições e os indivíduos;*
- d) *A tese para parceria para a aprendizagem, segundo a qual o sucesso na aprendizagem depende da partilha, de responsabilidade entre os professores, os alunos e a escola;*
- e) *A tradição da investigação sociológica e psicológica sobre os efeitos do ambiente escolas e do ambiente familiar (Zenhas, 2006, citado por Sanches, 2007, p.81).*

3. Alguns conceitos importantes:

Embora a utilização da terminologia referente à relação escola-família seja familiar aos leitores, é necessário referir neste trabalho alguns conceitos, porque segundo alguns autores (Villas-Boas, 2001; Marques, 1994b e 1989) existe ambiguidade na terminologia e alguma falta de rigor na utilização dos conceitos referentes à relação escola-família. Deste modo, caso haja entendimentos diferentes acerca dos diferentes conceitos, apresenta-se a definição que se tem em conta no decorrer deste trabalho.

3.1.Família vs. Pais

Estes dois termos apresentam uma grande proximidade. Vários autores preferem utilizar o termo *família* em vez de *pais* pelas seguintes razões principais: *pais* é um termo sexista e aplica-se apenas aos progenitores biológicos (Marques, 1994b citado por Sanches, 2007, p.87), com exclusão de outros familiares como os avós, tios ou primos, sem dar a importância às alterações que vão surgindo nas novas formas familiares (Sanches, 2007). Enquanto que *família* engloba um número alargado de figuras, adultos ou crianças, com diferentes laços familiares (como por exemplo, irmãos, pais, tios, primos ou avós), que podem desempenhar um papel importante na criação de um

ambiente favorável à aprendizagem (Silva, 2002; Villas-Boas, 2001; Marques, 1993; Davies, 1989).

Neste estudo, utiliza-se de preferência o termo *família*, pelas razões referidas.

3.2. Envolvimento e participação parental

Apesar dos esforços desenvolvidos pelos vários autores na definição nos conceitos de *envolvimento* e *participação* parental, existe ainda alguma imprecisão na sua definição. As expressões *envolvimento dos pais* e *participação dos pais* muitas vezes são utilizadas para referir as mesmas funções dos pais na escola, quando na realidade indicam duas funções diferentes.

Envolvimento dos pais: Davies (1989) refere-se a todas as formas de actividades dos pais na educação dos seus filhos, em casa, na escola ou na comunidade. Assim, entende-se que o envolvimento dos pais *inclui as formas mais leves de relacionamento da escola/pais nomeadamente, os níveis de troca de informações de apoio aos pais, educação dos pais e apoio à escola* (Davies, 1989, citado por Marques, 1993a, p.70).

Participação dos pais: Davies (1989), com este termo, refere-se exclusivamente às actividades dos pais que tenham algum poder ou alguma influência em campos como o planeamento e gestão na tomada de decisões, relacionada com *as actividades que pressupõem a tomada de decisões, o exercício do poder deliberativo e o trabalho voluntário na escola* (Marques, 1993^a, p.42). Ainda o mesmo autor esclarece que a *participação inclui as formas de relacionamento entre a escola e as comunidades que pressupõem a partilha do poder e o exercício da tomada de decisões e do poder deliberativo* (Marques, 1994, citado por Zenhas, 2006, p. 26).

Silva (2002) considera que o conceito de envolvimento se refere a acções essencialmente individuais em benefício directo dos filhos. A expressão aponta para acções com um carácter mais individual, no sentido de que visam beneficiar directamente o educando de quem se envolve, enquanto que a participação parental abrange *todo o conjunto de actividades colectivas legalmente enquadradas* (Silva, 2002, p. 52), como por exemplo, a participação em associações de pais ou em órgãos das escolas (Marques, 1994a; Davies, 1989).

Silva (2003) define estes dois termos de seguinte modo:

Por envolvimento entende-se geralmente o apoio directo das famílias aos seus educandos. O apoio assume uma base individual e o seu objecto tem um rosto. O espaço privilegiado é a casa, [...]. O conceito de participação remete antes, para a integração de órgãos da escola, de Associações de pais ou órgãos a outros níveis do sistema educativo [...]. No primeiro caso age-se a título individual, no segundo

estamos perante uma atitude política(Silva, 2003, citado por Sanches, 2007, p.92-93).

Segundo estes autores o conceito de envolvimento relaciona-se mais com as acções individuais que trazem benefícios imediatos e directos aos alunos, tais como as actividades de comunicação entre a casa e a escola e sobre as tarefas de aprendizagem da escola.

A designação de Epstein - *colaboração e parceria*- é utilizada de preferência por Marques (1993), em vez de participação ou envolvimento. Epstein queria mostrar que da participação e da interacção entre a escola e a família, espaços de vida da criança parcialmente sobrepostos, depende a qualidade do seu envolvimento. Este autor indica algumas vantagens nesta designação:

- a) *Tem um enquadramento teórico e integra-se numa visão da escola e de desenvolvimento da criança interactivos e desenvolvimentistas;*
- b) *integra as noções de parceria, partilha de responsabilidades e participação, na perspectiva de que o sucesso educativo de todos implica a comunidade educativa, em que o processo educativo depende da interacção de todos os intervenientes.*(Zenhas, 2006, p. 27).

Davies (1994) refere a expressão *parceria* da seguinte forma:*parceria exprime a responsabilidade partilhada e sobreposta entra a família, a escola e as comunidades, relativa ao desenvolvimento escolar e social das crianças.* (Davies, 1994, citado por Nunes, 2004, p.45). O termo *parceria* refere um *consenso mínimo de finalidades, mas também de meios para as atingir* Embora pressuponha algum igualitarismo, pode funcionar na base de uma relação de poder assimétrica, mas em que todos esperam, naturalmente ganhar algo(Silva, 2003, citado por Sanches, 2007, p. 97).

Bastiani (1993) refere quatro aspectos principais da parceria:

- partilha de poder, responsabilidade e posse, não necessariamente em pé de igualdade;*
- *um grau de reciprocidade, através de capacidade de ouvir o outro, de diálogo e de cedências mútuas;*
- *partilha de finalidades e objectivos, assentes em aspectos comuns, mas igualmente com capacidade de reconhecimento de diferenças importantes*(Nunes, 2004, p.46).
- *um empenhamento na acção conjunta, em que pais, alunos e profissionais trabalham em conjunto para a resolução de problemas* (Silva, 2003, p.86).

O termo *colaboração* ou *cooperação* segundo Silva (2003) refere-se à *eliminação de situações de tensão e conflito*(citado por Sanches, 2007, p.97)

Marques (1994) considera que a utilização da terminologia *colaboração escola-família* tem vantagem por se encontrar também incluídas as noções de *parceria*, de *partilha de responsabilidades* e de *participação* de todos os intervenientes para que o sucesso educativo possa ser alcançado (Nunes, 2004).

3.3. Pais de difícil acesso

Davies (1989) refere-se a *Pais de difícil acesso* como sendo pais que têm pouco ou nenhum contacto com a escola. Esta expressão é a que aparece com mais frequência, face a expressões usadas por outros autores, tais como *pais difíceis de alcançar* ou *família difícil de alcançar*. Davies considera-as pouco adequadas, visto traduzirem a visão dos professores e não a dos próprios pais.

CAPÍTULO II – ENVOLVIMENTO DOS PAIS E SUCESSO EDUCATIVO

Neste capítulo pretende-se abordar a questão do envolvimento das famílias na vida escolar dos seus filhos e as várias formas de colaboração, tanto na aprendizagem na escola, como no apoio aos alunos na realização dos trabalhos de casa. Também se pretende abordar as dificuldades do envolvimento das Famílias com baixo nível de escolaridade, as estratégias consideradas mais adequadas que têm vindo a ser implementadas e desenvolvidas nas intervenções dos actores educativos no sentido de garantir o sucesso educativo e os factores que contribuem para o afastamento das famílias da escola.

1. Envolvimento da família na vida escolar dos filhos

Os resultados de alguns estudos que têm vindo a ser desenvolvidos sobre o envolvimento dos pais nas escolas portuguesas, cujo foco do estudo são as relações entre as escolas e os pais de baixo estatuto socioeconómico, desenvolvidos sob a direcção de Don Davies (1987), indicam a existência de dificuldades de comunicação e de relacionamento escola-família, especialmente no envolvimento das famílias nas actividades escolares dos seus educandos, devido a vários factores. Entre estes, o autor salienta a barreira linguística, a discriminação e a falta de respeito dos professores. Embora tenham sido feitas mudanças sociais e legislativas que visam fomentar e regulamentar a participação dos pais na escola e tenham sido implementadas e desenvolvidas várias estratégias para a abertura e a aproximação das famílias das escolas, no entanto, a cultura de separação persiste e as mudanças são lentas. Os pais continuam indiferentes em relação ao envolvimento e à participação nas escolas. Estas atitudes notam-se especialmente nas famílias imigrantes com níveis socioeconómicos mais desfavorecidos e com baixo nível de escolaridade. As escolas têm o papel de procurar identificar quais os factores que contribuem para o afastamento dessas famílias

da escola, saber as suas causas e tentar cativá-los para o sucesso dos alunos (Colaço, 2007).

Levin (1987), através de um estudo realizado nos EUA conclui que a pobreza, as diferenças linguísticas e culturais e o mau aproveitamento e abandono escolar são consideradas como *deficiências educacionais, que implicam mais tarde dificuldades em encontrar empregos e ausência de participação social e política* (Marques, 1987, p. 23). O mesmo autor refere o insucesso escolar das crianças cabo-verdianas, através das reprovações e abandono escolar precoce frequentes. Considera que os factores que influenciam esta situação são a falta de apoio pedagógico e a falta de adequação tanto dos professores como dos currículos escolares às crianças provenientes de famílias imigrantes - na maioria de origem cabo-verdiana -, por não respeitarem e valorizarem as diferenças linguísticas e culturais das crianças africanas. Esse facto dificulta a integração dessas crianças nas escolas. Outro factor condicionante do afastamento das famílias da escola relaciona-se com heterogeneidade da população estudantil nas escolas.

Existem problemas de diferenças culturais entre os professores e as famílias, o que leva a que não partilhem os mesmos valores e provocam rupturas culturais e descontinuidade entre casa e escola, o que dificulta a adaptação e a integração dos alunos na cultura da escola (Davies et al., 1997).

As escolas públicas, principalmente as que se espalham nas grandes cidades, que têm de enfrentar estes problemas, procuram desenvolver estratégias adequadas às situações e também práticas educacionais que vão encontro destas realidades.

Várias opiniões divergentes surgiram sobre o não envolvimento das famílias na vida educativa dos alunos, sobretudo relativamente a dois conceitos: *famílias difíceis de alcançar* (Davies, 1989) e *escolas difíceis de alcançar* (Marques, 2001).

Por um lado, Davies interpreta *famílias difíceis de alcançar* como a ausência das famílias na escola, a não comparência às reuniões convocadas pela escola, a falta de contacto pelas famílias com a escola, a atitude apática e o desinteresse pela aprendizagem dos filhos, o não acompanhamento nas actividades escolares dos alunos, como formas de não envolvimento das famílias na vida educativa dos alunos.

Por outro lado, Marques (2001) manifesta a sua opinião contrapondo a designação *escolas difíceis de alcançar*, traduzindo a ideia de que algumas escolas adoptam sistemas burocráticos, demasiado formais e muito exigentes, criando uma barreira entre as escolas e as famílias, através da atitude apática, sem acolhimento e sem

apoio às famílias, principalmente às que têm mais dificuldades no acompanhamento da aprendizagem escolar de seus educandos.

A escola dispõe de determinadas características que contribuem para o afastamento, principalmente das famílias mais desfavorecidas. Estas escolas têm tendência a culpabilizar as famílias pelo insucesso escolar e desvios comportamentais dos alunos, mostrando desinteresse e não querendo assumir as suas responsabilidades, devolvendo-as quase totalmente às famílias dos alunos (Zenhas, 2004).

Marques (2001) veio contrapor as ideias de *alcançar* e de *envolver*, considerando que a ideia *envolver* é mais adequada. Assim, entre as designações *escolas/famílias difíceis de alcançar* e *escolas/famílias difíceis de envolver*, considera-se a segunda a mais adequada e mais abrangente, por integrar vários tipos de colaboração entre a escola e a família, não limitando a comunicação apenas a alcançar alguma coisa. Marques (2001) enfatiza a preferência pelo conceito *escolas difíceis de envolver* em detrimento de *pais difíceis de envolver* porque o segundo conceito tem tendência a *vitimizar a vítima*, pressupondo que a falta de colaboração entre a escola e a família se deve à família, culpabilizando a escola (Zenhas, 2004). Porém, estas duas designações *famílias/escolas difíceis de envolver* e *famílias/escolas difíceis de alcançar* continuam a ser utilizadas pelo mesmo autor nas suas obras. A última designação encontra-se mais frequentemente nas obras de outros autores (Zenhas, 2004, p.22).

Davies (1989) considera que a existência de diferentes tipos de família também tem o seu impacto na relação com a escola. Em Portugal existem vários tipos de família, entre os quais, a família tradicional composta por pai e mãe biológicos e na qual a mãe trabalha em casa. Mas existe outro tipo de família (não tradicional) com um só progenitor, ou ainda crianças educadas por avós, crianças que vivem afastadas dos pais biológicos, etc. Os professores muitas vezes identificam as famílias não tradicionais como *pais difíceis de alcançar*, independentemente da sua natureza e da organização da escola (Marques, 1997). As percepções e imagens negativas que os professores têm acerca das famílias não tradicionais implicam expectativas negativas que os levam aos reflexos igualmente negativos no aproveitamento escolar dos alunos (Marques, 1997). Sendo assim os estudos nesta área dão mais importância à noção *escolas difíceis de alcançar* que à noção *pais difíceis de alcançar*, considerando sobretudo, os problemas relacionados com as práticas escolares e não as atitudes, comportamentos e formas de organização que possam implicar o processo de integração dos alunos mais carenciados (Marques, 1997).

Os estudos realizados concluíram que todos os pais querem o melhor para os filhos, embora nem sempre conheçam a melhor forma de os ajudar, principalmente, as famílias com o nível de escolaridade mais baixo, com conhecimento muito escasso em relação ao apoio no desenvolvimento escolar dos filhos (Marques, 1997). Davies (1988) concluiu, do estudo realizado com 150 professores de Boston, Liverpool e Portugal, que *os pais estudados preocupavam-se com o progresso dos filhos e pretendiam participar mais na escola, embora não soubessem como* (Marques, 1997, p. 28).

Também Epstein (1987) concluiu do estudo realizado com 3700 professores, em Maryland, que *os professores que envolvem os pais em actividades de ajuda aos filhos, em casa, consideram que eles desempenham bem essas actividades, independentemente de serem ricos ou pobres ou terem muita ou pouca instrução* (Marques, 1997, p. 28). No entanto, não será concretizado este interesse dos pais, se eles não conhecerem as formas de apoiar os seus filhos, e não conhecerem e compreenderem as escolas dos filhos. Do mesmo modo, também as escolas devem conhecer e compreender as famílias.

O mais importante para o sucesso dos alunos são as práticas, experiências e interacções familiares, mais do que as características estruturais de classe social, raça, educação ou rendimentos. Coleman designa estas competências dos pais com reflexo na educação dos filhos, como *capital social*, Bourdieu denomina-a *capital cultural* e Epstein dá-lhes o nome de *pais iguais aos professores*, pois existem pais que possuem um *know-how* sobre a escola que contribui para o sucesso dos filhos. (Marques, 1997).

Davies (1997) considera que as famílias da classe média com elevados níveis de educação, são as que mais apoio concedem aos filhos nos trabalhos escolares, através de encorajamento, apreço e apoio e supervisão dos trabalhos escolares, recurso a explicadores e envolvimento directo no apoio ao estudo. A verdade é que as famílias mais carenciadas mostram interesse em ajudar os filhos, mas não sabem como devem fazer, têm dificuldades no seu acompanhamento escolar. Elas necessitam de apoios específicos, de forma a poderem ajudar os filhos no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem (Marques, 1997). É necessário incentivar o envolvimento das famílias de todas as classes sociais e de todos os níveis de escolaridade no processo educativo. Quando as famílias não são incentivadas a envolverem-se na escola pode acontecer um fenómeno curioso: *os pais com maiores níveis de educação participam mais e aumenta o fosso no aproveitamento escolar dos alunos da classe média e os alunos de baixos rendimentos* (Marques, 1997, p.56). Outro factor que também tem influenciado muitas vezes o afastamento dos pais da escola é a atitude dos professores e Directores das

Turmas, por não terem valorizado o envolvimento e a participação das famílias mais carenciadas. Os pais provenientes de meios socioeconómicos mais desfavorecidos, algumas várias vezes são postos de lado e não lhes dão oportunidades para manifestar as suas ideias, embora possam contribuir para o melhoramento dos programas da escola e para a tomada de decisões. Acontece que muitas vezes as famílias da classe média dominam mais o ambiente na sala durante a reunião de pais, do que as famílias com um nível socioeconómico mais baixo e de menor escolaridade. Esta situação tem sido constatada na minha própria experiência como encarregada de educação e na qualidade de imigrante.

É necessário valorizar o envolvimento e a participação das famílias e não considerá-lo apenas uma panaceia para o fracasso escolar. Também é necessário que a escola envolva as famílias, quer da classe média quer das classes mais desfavorecidas de forma igual, evitando as desigualdades. Se a participação for encarada de forma separada e sem esforços para criar programas específicos de apoio às famílias mais carenciadas, essa participação pode vir a constituir mais um agravamento da desigualdade na escola (Marques, 1997), pois as famílias de classe média dominam as famílias mais carenciadas.

Relativamente ao envolvimento parental na vida educativa, a autora Epstein desenvolveu um conjunto de tipologia de colaboração escola-família-comunidade, como um instrumento de orientação para as escolas no âmbito de desenvolvimento de programas de envolvimento e de colaboração entre a escola e família. Em cada tipo de colaboração devem ser desenvolvidas práticas com características próprias e adequadas a cada situação real, para conseguir o envolvimento familiar de uma forma mais abrangente (Epstein, 1997a). A seguir abordam-se os seis tipos de colaboração escola-família-comunidade de Epstein (citado por Lopes e Paiva, 2008, pp. 121-122):

2. Tipos de colaboração Escola-Família-Comunidade

Tipo 1 – Parentalidade

Este tipo de colaboração consiste na realização de actividades de promoção e melhoramento das competências e conhecimentos parentais que permitam satisfazer as necessidades básicas dos alunos para garantir o bom desempenho escolar.

Uma das formas mais importantes deste tipo de colaboração é a troca de informações entre a escola-família, em que a escola fornece às famílias informações

relacionadas com as responsabilidades básicas que dizem respeito à alimentação, ao descanso, à saúde, ao vestuário, à segurança, à autoconfiança, à auto-estima, e proporciona condições para apoiar o estudo e a aprendizagem dos alunos em casa. Também permite que as escolas conheçam e compreendam o ambiente familiar, as culturas e os objectivos que os pais têm para os seus filhos, através das informações fornecidas pelas famílias dos alunos. As escolas podem desenvolver actividades como conferências para os pais e encarregados de educação, orientadas por especialistas em diferentes áreas, por exemplo, seminários sobre temas relacionados com a nutrição, entre outros (Lopes e Paiva, 2008).

Tipo 2 – Comunicação escola-família e família-escola

Uma das formas de incentivar o envolvimento das famílias na vida da escola é através do relacionamento escola-família e família-escola, quer por telefone, cartas, e-mail, internet, reuniões, conferências ou visitas domiciliárias. A comunicação mais eficiente é a comunicação pessoal (face a face). Este meio de ligação permite a ambas as partes (escola-família) trocar informações sobre os programas escolares, as actividades escolares e o progresso escolar dos alunos (Sanders & Epstein, 1998). Para concretizar este objectivo é necessário que a escola proporcione encontros periódicos com os Encarregados de Educação.

Tipo 3 – Actividades de Voluntariado na Escola

Este tipo de colaboração consiste em actividades em que os pais e os encarregados de educação dão uma parte do seu tempo livre e utilizam as suas aptidões para apoiar as escolas. Esta é uma forma de relacionamento muito importante, porque abrange actividades que contribuem para que as famílias se sintam mais à vontade na escola e facilita o contacto com os professores, e deste modo aproxima os alunos à escola. As actividades podem ser concretizadas através da criação de uma sala de pais e encarregados de educação na escola, para programação de trabalho voluntário, realização de reuniões, e espaço de convívio, convites às famílias para assistirem a espectáculos, desportos, celebrações e outros acontecimentos realizados na escola ou promovidos com a sua colaboração (Epstein, 1997; Zenhas, 2008).

Tipo 4- Aprendizagem em casa

Aqui, a colaboração realiza-se através do envolvimento e orientação pelos professores aos pais e encarregados de educação, indicando as formas como devem monitorizar, acompanhar, apoiar e interagir com os educandos nas actividades escolares, como por exemplo, nos trabalhos de casa, principalmente no que diz respeito às famílias de baixo nível de escolaridade com menos competência e que não sabem como devem ajudar os seus filhos. Os professores (Directores de Turma) devem acompanhar as famílias, orientá-las, ajudá-las a encontrar as formas de ajudar os seus educandos nos trabalhos de casa, assim como a aperfeiçoar as competências para um bom desempenho na escola (Epstein & Connors, 1994; Lopes, 2008; Zenhas, 2006).

Tipo 5 – Tomada de decisões

Este tipo de colaboração consiste na participação das famílias e dos representantes na tomada de decisões que, de forma abrangente, afectam todos os alunos e não apenas os seus educandos. A escola envolve os pais como colaboradores nas decisões tomadas a nível escolar, facultando informações para que estes possam pronunciar-se sobre os vários assuntos (Sanders & Epstein, 1998, Lopes, 2008).

Diogo (1998) refere a tipologia de Paterman que propõe três níveis de participação em função de capacidade de intervenção dos actores no processo de decisão:

- 1) *A pseudoparticipação; os participantes não têm qualquer capacidade ou poder de intervenção nos processos de tomada de decisão. Apoia-se numa “encenação participatória, e em que apenas resta convencer os pseudoparticipantes a aceitarem as decisões daqueles que têm o real poder decisório;*
- 2) *A participação parcial; embora os actores tenham alguma capacidade de influenciar as decisões, o afectivo poder decisório encontra-se na mão do topo hierárquico;*
- 3) *A participação total: todos os actores se encontram numa posição paritária no que concerne à capacidade directa de intervenção sobre os processos decisório (Diogo, 1998 citado por Sanches, 2007, p. 93).*

Ferreira (1992) define três graus de participação em função da intensidade:

- 1) *A participação perfeita, segunda a qual participar é “partilhar o poder de decidir, isto é, poder intervir em todos os momentos de formulação e tomadas de decisão como e co-autor das decisões.*
- 2) *A participação imperfeita ou mitigada: os actores embora sejam todos consultados, de modo formal ou informal sobre uma qualquer problemática é excluído do processo de tomada de decisão, limitando-se uma formalização espontânea de juízos e manifestações individuais e colectivas de opinião ou execução, com convicção e dinamismo, das decisões tomadas por terceiros.*
- 3) *A não participação: os actores limitam-se a executar as decisões tomadas por terceiros, mesmo que com elas não se identifiquem, sendo forçados a obedecer (Ferreira 1992, citado por Sanches, 2007, p.93-94).*

Tipo 6 – Colaboração com a comunidade

Consiste na criação de ligações com a comunidade pelas escolas que permitem a cooperação e partilha deresponsabilidades pela educação e sucesso escolar de ambas as partes. “Inclui a identificação e integração de recursos na comunidade para melhorar os programas das escolas, as práticas das famílias e a aprendizagem, e o desenvolvimento dos estudantes (Epstein, 1997, citada por Zenhas, 2006, p. 37).

3. Envolvimento das famílias na aprendizagem em casa

O envolvimento da família na aprendizagem em casa permite a cooperação e partilha deresponsabilidades pela educação e sucesso escolar: *Inclui a identificação e integração de recursos na comunidade para melhorar os programas das escolas, as práticas das famílias e a aprendizagem, e o desenvolvimento dos estudantes* (Epstein, 1997, citada por Zenhas, 2006, p. 37).O envolvimento da família na aprendizagem em casa consiste no apoio e no acompanhamento das famílias nas actividades escolares que os seus educandos efectuam em casa, procurando orientar e motivar para a aprendizagem. Relativamente ao acompanhamento na realização das actividades escolares dos pais e encarregados de educação, na aprendizagem em casa, Zenhas refere:

Se me perguntas se a minha concepção do que deve ser o acompanhamento ao estudo feito pela família passa pelo “ensinar” as matérias escolares ou apenas pelo apoio prestado aos filhos na realização do TPC, digo-te claramente que não. A minha concepção é muito mais abrangente.

Para além desse apoio aos TPC, o acompanhamento tutorial aos filhos vai mais longe. Desde o criar boas condições ambientais, o promover horários e hábitos de estudo, o conversar sobre a escola ao elogiar o trabalho bem feito. Tudo isto são aspectos que considero fundamentais (Zenhas, 2006, p.134).

Não se pretende que o envolvimento dos pais abarque o ensino das matérias escolares, mas sim, o apoio, a orientação e o acompanhamento no trabalho escolar e nas tarefas de aprendizagem dos filhos em casa (Epstein e Connors, 1994), assim como o desenvolvimento de hábitos de trabalho e a criação de um clima favorável e adequado ao estudo (Marques, 2001). A comunicação da escola com os pais é muito importante. Os professores pretendem que os pais, para além de reforçar nos trabalhos de casa, criem atitudes favoráveis à aprendizagem e ao bom comportamento (Marques, 1997).

Epstein (2002) idealizou o processo *Teachers Involve Parents in Schoolwork* (TIPS) como estratégia de envolvimento dos pais, encarregados de educação ou parceiros familiares, na aprendizagem das actividades escolares dos filhos em casa. Esta

estratégia visa desenvolver a parceria entre a escola, a família e o aluno, envolvendo os familiares no trabalho de casa, e desta forma promover a sua relação e a aprendizagem dos alunos. Epstein (2002) considerou duas grandes redefinições para este processo de TIPS: A primeira relaciona-se com os *trabalhos de casa*, que abrange não só as actividades escolares que o aluno deve realizar sozinho em casa, mas também as acções interactivas partilhadas com as famílias ou com a comunidade, adaptando desta forma o trabalho de casa às situações reais. A segunda relaciona-se com a *ajuda em casa*, consiste na ajuda dos pais em encorajar, ouvir, responder, premiar, guiar, supervisionar e discutir e não *ensinar* os conteúdos escolares (Epstein, 2002). Esta forma de envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos implica a partilha de responsabilidades entre escola e família, que traz vantagens para todos os intervenientes: ajuda os alunos a integrar os conhecimentos e saberes adquiridos através de outros meios não formais que os encaminham para o sucesso escolar, melhoram atitudes relativamente ao trabalho de casa, desenvolvem maior autoconfiança; ajuda os pais a adquirirem novas competências que permitam conhecer melhor os programas escolares e conhecer melhor os seus educandos e apoiá-los nas suas actividades escolares, principalmente na aprendizagem em casa (Epstein, 1997); ajuda os professores a reconhecer que todas as famílias podem contribuir positivamente na aprendizagem dos alunos e confiar nas potencialidades do envolvimento dos pais, começando a representá-los mais como um recurso e não tanto como um problema. Também ajuda os professores a *gerir melhor a quantidade de trabalhos de casa, valorizam mais o tempo que as famílias gastam no acompanhamento da vida escolar dos filhos e reconhecem que todas as famílias podem dar um contributo positivo para o reforço da aprendizagem dos alunos e passam a confiar mais nas potencialidades do envolvimento dos pais, começando a representá-los mais como um recurso e não tanto como um problema* (citado por Colaço, 2007, p.70-71).

As escolas, as organizações governamentais e não-governamentais têm vindo a desenvolver e implementar vários programas socioeducativos, projectos sociais e práticas educativas, no âmbito de promover o maior envolvimento das famílias na escola, mas não tem sido fácil, por vários factores. Em seguida pretende-se abordar alguns problemas no envolvimento das famílias nas escolas referidos por Davies (1997).

4. Tipos de obstáculos ao envolvimento das famílias nas escolas

Davies e outros autores (1988) consideram quatro tipos de obstáculos à criação de bons programas de envolvimento dos pais nas escolas: (a) Tradição de separação; (b) a tradição de culpar os pais; (c) mudanças de condições demográficas; (d) as estruturas escolares.

4.1. Tradição de separação entre a escola e a família

As escolas eram mais centralistas e os pais, por tradição, habituaram-se a entregar os filhos às escolas, delegando as suas funções educativas nos professores e estes limitavam-se a aceitar essa passividade dos pais. Apesar da legislação fomentar e regulamentar a participação dos pais na escola, abrindo caminho para uma maior participação na tomada das decisões, e embora os cursos de formação de professores tenham incluído temas sobre os benefícios do envolvimento dos pais, essa cultura de separação persiste e são lentas as mudanças que têm vindo a ser desenvolvidas (Marques, 1997).

Num estudo realizado em Portugal (Marques, 1997) concluiu-se que tradicionalmente os professores esperam dos pais o apoio aos seus esforços; a colaboração na criação de condições básicas ao desenvolvimento das crianças, em casa; o reforço dos hábitos de estudo em casa; a comparência nas reuniões escolares, nas festas escolares e sempre que são chamados à escola; a tomada de conhecimento das fichas de avaliação (Zenhas, 2004, p.27).

Por um lado, os professores desejariam que em casa houvesse uma continuidade no acompanhamento do desenvolvimento de valores e atitudes inculcados na escola. Caso contrário, consideram haver desinteresse ou falta de atenção dos pais às actividades de aprendizagem escolar de seus filhos. Mas por outro lado, há desconfiança dos professores da participação dos pais na escola, porque receiam que essa participação seja interpretada como fiscalização ao seu trabalho (Villas-Boas, 2001) e que possa ter implicações na diminuição da sua autonomia profissional e pedagógica (Marques, 1994a) ou num acréscimo de tarefas (Marques, 1993) e ainda por considerarem que a organização da escola compete aos professores (Estrela e Villas-Boas, 1997, citado por Zenhas, 2004). Pois há pais que muitas vezes querem interferir nas áreas que não são da sua competência, dificultando assim a colaboração. Assim como também existem pais que procuram demitir-se das suas funções, delegando na escola as funções que lhes pertencem, sobretudo pais em situações socioeconómicas desfavorecidas ou que devido à diferença cultural, não se sentem à vontade na escola nem competentes para acompanhar a aprendizagem escolar dos filhos em casa (Estrela & Villas-Boas, 1997). A falta de comunicação entre a escola e a família cria concepções negativas e

desconfiança de ambas as partes e leva a um afastamento cada vez mais acentuado (Funkenhouser & Gonzales, 1997). Também há pais que só vão à escola quando há problemas com os filhos, caso contrário, acham que não vale a pena ir à escola (Villas-Boas, 2011; Zenhas, 2004).

Davies et al.,(1987)num estudo realizado sobre o envolvimento dos pais nas escolas portuguesas, mais especificamente sobre a frequência dos contactos entre a escola e a família, concluiu que existem diferenças significativas de níveis de frequência de contactos entre os pais das crianças dos jardins-de-infância, escolas do ensino primário e preparatório. Esses pais têm mostrado maior interesse no relacionamento com a escola, contactando-a com mais frequência, formal ou informalmente, vão às reuniões e festas realizadas na escola, recebem informações sobre progressos ou problemas das crianças através das mensagens. Em geral recebem entre três a cinco contactos por ano, através das notas ou chamadas relacionadas com os progressos das crianças ou convites para actividades no jardim. Esses pais geralmente mostram uma atitude positiva acerca do tipo e frequência de contactos com o jardim-de-infância, como:*Sinto-me em casa no jardim-de-infância; Os educadores parecem gostar que os pais apareçam; Os educadores preocupam-se com as crianças porque nos informam quando surge algum problema*(Davies, et al., 1987, p. 60-61).

Esses pais consideram que os contactos entre o jardim-de-infância e a família são adequados. Enquanto que nos níveis primário e preparatório a situação é diferente. Alguns pais não têm contacto com a escola durante o ano, ou apenas um contacto muito escasso. Na escola primária, em média duas ou três mensagens por ano ou contactos individuais quando os alunos apresentam problemas de insucesso escolar ou desvios de comportamento (Davies et al., 1987). Nas escolas preparatórias disponibiliza-se um período de tempo pelo Director da Turma para se encontrar com os pais devido a problemas disciplinares.

4.2.Tradição de culpar os pais

Davies (1988) concluiu num estudo, que alguns professores consideram que os pais manifestam desinteresse pelo processo educativo dos filhos, culpabilizando-os pelo seu afastamento da escola e pela falta de envolvimento e apoio na aprendizagem.

Essa atitude culpabilizante não ajuda na resolução dos problemas, e seria mais correcto que os professores encarassem todas as famílias positivamente (Davies,1998).

Don Davies (1998) concluiu que, apesar das atitudes negativas dos professores sobre os pais, estes se preocupavam com o progresso educativo dos filhos, mostrando interesse na participação e envolvimento na escola, embora não soubessem como ajudar (Marques, 1997).

Através da realização de uma sondagem, Epstein descobriu que o envolvimento dos pais nas actividades de apoio aos filhos em casa tem sido bom, independentemente da classe sociocultural e o nível de escolaridade em que se encontram (Marques, 1997b).

4.3. Mudança das condições demográficas

As dificuldades e situações de pobreza e a falta de condições de habitação em que vivem as famílias com problemas socioeconómicos dificultam ainda mais o envolvimento dos pais/encarregados de educação no seu envolvimento na escola. Estas situações têm vindo a crescer e tornam-se problemas de grandes proporções, principalmente nos arredores das grandes cidades, atingindo várias centenas de crianças em idade escolar que vivem na rua, de drogas, da prostituição e da mendicidade. Muitos alunos não conseguem terminar os primeiros anos de escolaridade, abandonam os estudos antes de terem conseguido um certificado (Marques, 1997 b).

Num estudo realizado, Diogo (1998) considerou os factores relacionados com a questão de deslocação casa-trabalho e trabalho-casa. Um dos obstáculos que impede a participação de alguns encarregados de educação nas reuniões da escola é a incompatibilidade de horário entre o trabalho e as reuniões na escola, que também consideram importantes.

4.4. As estruturas escolares

A mudança de atitude é necessária para a diminuição das fronteiras entre a família e a escola, aproximando-as mais. As escolas mantêm os padrões tradicionais para contactar com o exterior, limitando-se apenas a reuniões no início do ano lectivo, reuniões com associação de pais duas ou três vezes por ano e a realização de festas com a presença dos pais (Marques, 1997). As escolas continuam como estruturas burocráticas, a reger-se por rituais demasiado formalistas e linguagem demasiado técnica, que deixam alguns pais de lado, por não perceberem ou não terem competências para a interpretar, principalmente os pais com baixos níveis de escolaridade (Marques, 1997). Por outro lado, há desconfiança dos professores por não

acreditarem que o envolvimento dos pais traria benefícios ao sucesso educativo dos alunos (Marques, 1997). Os contactos entre os professores e os encarregados de educação são raros. Normalmente quando há problemas com os alunos ou quando eles têm dificuldades é que os pais são chamados à escola (Epstein, 1997a, Afonso, 1994, Zenhas, 2004). Os encarregados de educação dos alunos que não têm problemas não são chamados à escola, a sua participação até é desencorajada e considerada como uma perda de tempo (Afonso, 1994). Tem vindo a acontecer nas escolas que as funções são atribuídas conforme a disponibilidade de horário e não pela adequação do perfil do professor ao cargo; este facto, aliado à insuficiência da redução horária faz com que o seu desempenho se torne cada vez mais burocrático (Diogo, 1998; Marques 1993, Zenhas, 2004).

Epstein (1997), Sanders e Epstein (1998) e Walker (1998) referem a tendência para a diminuição do envolvimento das famílias na escola à medida que a idade ou o nível de escolaridade dos alunos avança. Esta situação é mais acentuada quando os alunos mudam de escola, porque as famílias vão perdendo o contacto com a escola dos filhos e também com os próprios filhos enquanto estudantes. Um outro obstáculo identificado por Diogo (1998) no envolvimento das famílias diz respeito à insegurança de alguns professores relativamente à intervenção das famílias na escola, com receio de que estas pudessem supervisionar o seu trabalho, sentindo-se ameaçados na sua autonomia pedagógica dentro da sala de aula (Zenhas, 2004). Esta situação de insegurança é sentida pelos professores, pelo facto de não terem suficiente formação específica na área de colaboração escola-família para o desempenho das suas funções (Marques, 1994a, Zenhas, 2004).

Outros factores que afastam as famílias da escola são as diferenças de linguagem e de cultura, que se sentem principalmente nas famílias mais desfavorecidas e com nível de escolaridade mais baixo (Davies, 1989). Esses pais têm pouca disponibilidade para comunicar com a escola e falta-lhes conhecimento suficiente para intervir, pois têm menos prestígio profissional, enquanto que os pais da classe social média têm o mesmo ou mais prestígio profissional que os professores. Silva (1997b) refere ainda que esses pais têm dificuldade em compreender os professores e o que eles pretendem e não sabem como ajudar os seus filhos. Este facto leva-os a duvidar da sua competência educacional e a uma maior dependência dos professores. Normalmente esses pais desconhecem as normas formais e informais que se aplicam nas interacções entre os actores sociais que utilizam uma linguagem que não dominam, além das suas

experiências negativas por terem sido chamados só em caso de questões desagradáveis (Silva, 1997b, Zenhas, 2004).

Marques (1997) refere que o tipo de participação dos pais que se tem verificado nos Estados Unidos da América varia consoante três aspectos: raça, etnia, género e classe social. Neste tipo de envolvimento e participação são as famílias de classe social média branca que mais se envolvem na educação escolar dos filhos (Silva, 1997), como refere Pierre Bourdieu (1997) o capital cultural implica a participação e o envolvimento dos pais da classe média na vida escolar dos seus filhos por ser mais legitimado e valorizado pela escola.

Também existe outro problema relacionado com as diferenças estruturais e de funções entre a escola e a família.

Lightfoot refere as diferenças que existem nas duas instâncias, relacionadas com o tipo de actividades, quer na qualidade, quer na profundidade da interacção pessoal (Davies, 1997). Na família, as crianças são tratadas de uma forma diferente: são tratadas como indivíduos, enquanto que na escola são tratadas como um grupo. As relações nas famílias são mais prolongadas, personalizadas e emotivas, e na escola são mais transitórias, impessoais e menos emocionais (Davies, 1997).

Existem ambiguidades nas fronteiras das funções de cada uma, embora tenham sido identificadas pelos sociólogos as diferenças claras e conceptuais entre as suas estruturas e os seus papéis: *Família e escola aparecem, muitas vezes, em sobreposição, e muita da ansiedade entre pais e professores é uma consequência dessa ambiguidade* (Lightfoot, 1978).

Ogbu (1974), Tanggi e Leitch (1982) referem que esta situação de ambiguidade leva muitas vezes à desconfiança mútua entre a escola e a família, principalmente quando existem diferenças de classes sociais e raças.

Os estudos realizados na América mostram que existe desconfiança sentida pelos pais negros que consideram que os seus filhos recebem pouca atenção dos professores brancos. Pelo contrário, os professores brancos das crianças negras consideram que os pais dos alunos negros se desinteressam pelos filhos e valorizam pouco a sua educação (Davies, 1997).

A minha própria experiência como encarregada de educação, relativamente ao envolvimento dos pais, é de que normalmente os programas são influenciados pela classe social das famílias. As famílias da classe social média e alta costumam influenciar mais nos processos de planeamento das actividades do que as famílias com o

nível socioeconómico menos favorável e com nível de escolaridade mais baixo. As famílias da classe social mais baixa não fazem ouvir a sua voz, por se sentirem dominadas pelas famílias de classe social média e alta e também pela sua incapacidade e receio de dar a sua opinião. Acontece que alguns directores de turma, algumas vezes valorizam mais as opiniões dos pais e ou encarregados de educação da classe média do que as das famílias da classe social mais baixa, embora essas famílias tenham as suas ideias que muitas vezes são adequadas às situações.

Davies (1997) refere que os problemas entre a escola e a família e as barreiras ao envolvimento dos pais parecem estar ligados directamente à classe social da família, dando como exemplo a situação que se verificou nos Estados Unidos da América, em que os pais da classe social média dominam a maior parte dos programas do envolvimento dos pais, tanto na educação dos próprios filhos como na tomada de decisões, assim como também nas deliberações ou no apoio às escolas com trabalho voluntário (Davies, 1987).

Lightfoot (1998) considera que a classe social normalmente influencia o processo de negociação dos conflitos sobre os recursos educacionais, financeiros e informativos devido à ambiguidade relativamente aos papéis da escola e da família (Davies, 1997). Annette Lareau confirma esta conclusão numa situação específica num estudo etnográfico, em que descobriu que o nível de envolvimento dos pais está ligado à sua posição social.

Davies (1997) num estudo realizado em Portugal relacionado com as questões do envolvimento dos pais das classes sociais mais desfavorecidas à escola questiona-se sobre o afastamento dos pais das classes sociais mais desfavorecidas à escola: *Porque é que os pais das classes sociais mais desfavorecidas não vão à escola?* E afirma:

Os pais da classe trabalhadora têm poucas competências profissionais, menos prestígio ocupacional que os professores e pouco tempo e disponibilidade para intervir na escola dos filhos. Os pais da classe média, por outro lado, têm tanto ou mais prestígio e competência ocupacionais que os professores; também têm os necessários recursos económicos para proporcionar transporte e tempo para encontros com os professores e para pagar explicações e ajudarem os filhos em casa (Davies, 1997, p. 44).

Deste estudo concluiu que a maioria dos professores considera que os pais das classes mais desfavorecidas não vão à escola devido às seguintes razões: falta de interesse; incompatibilidade de horários; desconhecimento do espaço escolar e devido à barreira linguística, embora reconheçam a importância para os seus filhos, destes dois aspectos: a instrução, pela qual recebem conhecimentos e saberes que eles próprios são

incapazes de lhes dar; a normativa, relacionada com a formação de indivíduos respeitadores da lei (Davies, 1997).

O mesmo autor, nas entrevistas realizadas a pais de classes mais desfavorecidas em várias regiões de Portugal concluiu que poucos pais se auto-identificaram como pais *difícil de envolver no processo educativo ou desfavorecido* (Davies, 1989, p.68); a maioria dos pais respondeu que *não havia problemas* (Davies, 1989, p. 68); outros disseram que *não sabiam ou que não tinham maneira de saber se havia problemas para pais como eles* (Davies, 1989, p.68); num dos bairros degradados de Lisboa, havia pais da classe socioeconómica mais carenciada que consideravam que os pais pobres têm problemas com a escola, devido à *discriminação contra os pais das classes socialmente desfavorecidos* (Davies, 1989, p.68), alguns porque não conseguem pagar todos os materiais escolares para os filhos. Esses pais acreditam que os professores os culpabilizam pelos problemas que os filhos têm na escola (Davies, 1989); *a falta de respeito dos professores pelas mães trabalhadoras e pelos pais que são críticos ou que não se conformam com o que os professores julgam que está bem* (Davies, 1989, p.68); são outras questões que foram identificadas.

Outros pais diziam que havia pouco contacto com a escola devido à falta de comunicação entre a escola e famílias *como eles* (Davies, 1989, p. 68); também devido à falta de informação acerca da escola e dos seus problemas; uma mãe disse que as escolas não conseguem dar respostas às suas necessidades; alguns pais consideram que os professores não cumprem as suas obrigações, e que também o governo se preocupa pouco com as escolas; identificaram-se também problemas relacionados com receios ou situações de não se sentirem à vontade ou envergonhados quando os filhos têm algum problema na escola (Davies, 1989).

Estudos realizados nos Estados Unidos indicam que normalmente os pais da classe média são os que se deslocam às escolas e que se envolvem mais na educação escolar dos seus filhos. E que os alunos provenientes das famílias da classe média, com capital social e cultural, reforços positivos directos ou indirectos, recebem mais incentivos e sentem-se motivados para o sucesso escolar (Davies, 1997). Mas, por outro lado, é necessário que as escolas tentem chegar junto dos pais das outras classes (Davies, 1997).

Para que os pais ou encarregados de educação possam dar mais da sua parte relativamente a sua participação ou envolvimento na escola, é necessário que os professores mudem a sua atitude. Para que isso se possa concretizar, é necessário que

haja mais investimento na formação dos professores, principalmente nas formações específicas para que possam com maior segurança desempenhar o seu papel na colaboração com as famílias dos alunos. (Marques, 1997 e Silva, 1997).

CAPÍTULO III – FACTORES QUE INFLUENCIAM O ENVOLVIMENTO DOS PAIS E AS ESTRATÉGIAS DA MEDIAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA

1. Abordagens que influenciam o envolvimento dos pais

1.1. Comunicação escola-casa

Nesta abordagem os professores pretendem clarificar e divulgar duas formas de apoio que os pais devem dar à aprendizagem dos filhos em casa: a primeira relaciona-se com o reforço sobre o que os professores esperam que eles façam em casa, isto é, apoiar na realização das actividades escolares, tais como: *vigiar os trabalhos de casa, assegurar que os alunos estudam diariamente o necessário, educar os filhos para que sejam bem comportados na escola como também adquirir atitudes que possam contribuir para o sucesso escolar* (Marques, 1997, p.30).

Relativamente à segunda abordagem, Marques (1997b) considera que é necessário que os pais cultivem nos filhos as atitudes que caracterizam as pessoas bem-sucedidas, através de transferência de um capital de cultura que consiste em cultivar maneiras de ser, de conhecer, de comunicar e de pensar. As crianças podem adquirir estas atitudes, interiorizando-as através das interacções facilitadoras que permitam desenvolvê-las, por exemplo, através de visitas a museus, compra de livros, leitura de boas histórias e criação de boas oportunidades para interacções linguísticas entre adultos e crianças. Também se podem adquirir estas atitudes através das relações entre pais e filhos nos tempos livres, nas conversas sobre as actividades dos filhos na escola, sobre o cumprimento de deveres, na escola, formas de comportamentos correctas (Marques, 1997b).

Epstein (1987) tem afirmado a utilidade desta abordagem na aprendizagem de atitudes durante o período de escolaridade para todos os estudantes de todos os grupos sociais (Marques, 1997b).

Comer (1980), actualmente um dos educadores e psiquiatras mais prestigiado nos Estados Unidos da América, fala da sua própria experiência familiar em relação ao impacto do envolvimento dos pais no desenvolvimento das atitudes das crianças.

Referiu como a sua mãe, empregada doméstica, aprendeu a lidar com a cultura das classes dominantes e sempre se interessou pela educação dos filhos. Essa senhora tinha-o levado frequentemente à biblioteca pública, comprava-lhe livros, participava em todas as reuniões de pais, comunicava frequentemente com os professores e interessava-se pelos trabalhos de todos os filhos. Comer (1980) concluiu que a variável classe social não implica o sucesso escolar dos alunos na escola, mas existe um conjunto de variáveis interactuantes, incluindo a familiaridade com a cultura escolar e a aquisição de atitudes favoráveis ao sucesso, destacando o gosto pelo trabalho bem feito, a ambição moderada, a tenacidade, a autodisciplina e a responsabilidade (Marques, 1997b). Considera que a familiarização da cultura escolar pelos alunos com o apoio dos pais e professores levam:

(...) os alunos cujos pais acreditam que eles são capazes de vencer na escola têm mais facilidade em adquirir as atitudes necessárias ao sucesso da escola. Os alunos oriundos de famílias desfavorecidas e pouco habituadas a lidar com a cultura da escola também podem adquirir essas atitudes se os professores as derem a conhecer aos pais (Marques, 1997b, p. 31).

Assim também, num estudo de Clark (1983) identificam-se diferenças significativas na transmissão de valores entre as famílias dos alunos com sucesso ou insucesso, e concluiu que essas diferenças não provinham dos problemas socioeconómicos ou baixo nível de escolaridade, mas sim, da relação entre pais e filhos. Se os pais comunicam com os filhos, lhes prestam apoio, definem regras de comportamento e revelam expectativas elevadas, normalmente os seus filhos têm sucesso na escola. Pelo contrário, se os pais pouco ou nada comunicam com os filhos, se alheiam da sua educação, passam pouco tempo com eles, estes não conseguem ter melhores notas (Marques, 1997b).

1.2. Abordagem interactiva

Esta abordagem refere duas fontes importantes de aprendizagem que são a comunidade e as famílias, no âmbito da construção de continuidades entre o mundo da escola e os mundos exteriores. Para que isso aconteça é necessário criar continuidade entre as escolas e os valores e culturas das famílias, através de abertura das escolas aos pais, da criação de espaço para reuniões ou encontros, comunicação frequente, tratando-os como verdadeiros membros da comunidade educativa e dando-lhes a conhecer o currículo escolar. Espera-se, assim, que os alunos não só interiorizem a sua cultura mas também a cultura do país dominante (Marques, 1997).

Lightfoot (1978) articula a relação escola-família da seguinte forma: *Se nós reconhecermos que cabe à família o primeiro papel na educação das crianças, então a escola terá de incorporar no currículo os valores e as culturas das famílias e da comunidade*(citado por Marques, 1997, p.33).

Mas como se poderá introduzir a cultura minoritária no currículo da escola, quando os professores não se encontram preparados para tal? Como poderá isso acontecer se existe um olhar diferente relativamente à questão do multiculturalismo? Existem ainda atitudes de rejeição por alguns autores relativamente à criação de espaços curriculares para as culturas minoritárias, com receio que enfraqueça o acesso à cultura dominante, prejudicando assim os alunos provenientes das famílias desfavorecidas (Marques, 1997b).

1.3.Abordagem da parceria escola-família

Esta abordagem relaciona-se com a melhoria do aproveitamento escolar dos alunos em risco e exige uma mudança de atitudes dos professores com um olhar positivo perante as famílias, como educadores e colaboradores no sucesso educativo dos seus filhos. Com esta abordagem encara-se a cultura da escola de uma forma diferente, considerando que a educação não compete apenas às famílias, ou à escola,mas engloba todas as instâncias. Como diz Marques: *a missão de educar é partilhada por todos: professores, pais e instituições da comunidade vocacionadas para o apoio dos jovens.* (Marques, 1997b, pp.35-36).

Nesta partilha é necessário que haja um consenso nos objectivos educacionais e que se expressa da seguinte forma:*sucesso para todos com a colaboração de todos.*(Marques, 1997b, p.36).

Espera-se que com a colaboração mútua de todos e para todos, possa assegurar que todos os alunos atinjam um conjunto de objectivos mínimos necessários para a progressão nos estudos, rejeitando a ideia que considera o sucesso educativo dos alunos se relaciona apenas com a satisfação do estudante em ter conseguido bons resultados conforme o seu potencial.

Esta abordagem refere-se ao enriquecimento do currículo com foco numa aprendizagem activa, incutindo o domínio de competências básicas, desenvolvimento do pensamento crítico e aquisição de capacidades de comunicação oral e escrita, recusando os modelos de remediação para combater o insucesso educativo, optando pelos modelos de aceleração de aprendizagem (Marques, 1997b).

Também Schorr (1988) afirma:

(...) os programas eficazes encaram o aluno no contexto da família e a família no contexto do bairro. As escolas eficazes comunicam com a família, esperam que os pais reforcem as atitudes facilitadoras do sucesso educativo e exigem que eles apoiem os filhos no estudo. As escolas eficazes conseguem a colaboração dos serviços de saúde locais, do mundo de negócios e das empresas que procuram fontes alternativas de financiamento para a criação de programas específicos ou de enriquecimento curricular(citado por Marques 1997, p.37).

Esta abordagem é bastante influenciada pelo modelo Comer, em New Haven, e pelo modelo de educação acelerada de Levin, na Califórnia, que desenvolveram uma receita simples mas eficaz: parte do princípio de que o sucesso é possível para todos através da criação de estruturas sociais, psicológicas e médicas de apoio aos alunos e respectivas famílias. Complementarmente, as escolas devem oferecer um currículo enriquecido e reforçar atitudes de disciplina, respeito e trabalho árduo(Marques, 1997b).

O modelo de educação acelerada de Levin tem por objectivo que todos os alunos, incluindo os mais desfavorecidos, atinjam os níveis nacionais no final do 6º ano de escolaridade, através de avaliações frequentes, enriquecimento curricular na Matemática e Línguas, ensino em pequenos grupos, com alunos mais avançados a ajudarem os mais atrasados, autonomia do estabelecimento do ensino e participação dos pais no processo educativo, tanto na escola como em casa. O sucesso desta abordagem é influenciado por três condições: 1) a existência de um líder na escola, isto é, um director da escola com uma visão educacional, com forte capacidade de liderança e capaz de trabalhar em equipa;2) que essa visão educacional seja partilhada pelos professores para que possa haver colaboração na realização dos programas. O grau de profissionalismo docente e o nível de satisfação profissional influenciam esta segunda condição; 3) a terceira condição refere-se aos recursos financeiros, humanos e materiais do estabelecimento do ensino (Marques, 1997).É necessário que a decisão sobre o orçamento e a gestão dos equipamentos e professores seja partilhada localmente pelo director da escola os representantes dos professores, dos pais e da autarquia local (Marques, 1997b).

2. Estratégias para promover uma comunicação eficaz

O sucesso escolar dos alunos depende muito do envolvimento dos pais no acompanhamento escolar dos filhos. Para que o nível do envolvimento dos pais seja maior e intensivo é necessário que a comunicação seja eficaz. A clareza e a separação

das funções que desempenham tanto os pais dos alunos como a escola são muito importantes (Davies, 1987). Segundo (Marques:

A chave do envolvimento dos pais reside numa boa comunicação”. As regras devem ser claras: não se pede aos pais que se tornem professores nem aos professores que assumam o papel de pais. Uns e outros têm papéis específicos, mas o desempenho desses papéis é absolutamente necessário para a construção de um programa educativo escolar de qualidade (Marques, 1997, p. 39).

Todas as formas do envolvimento dos pais na vida escolar dos alunos têm vantagens e inconvenientes. Pelo que é necessário que todos os envolventes, como pais, professores, gestores e outros actores, tenham a consciência das limitações para que possam tomar medidas de prevenção para minimizarem as desvantagens e reforçar os benefícios.

A escola e a família são duas instâncias educativas privilegiadas que ocupam um lugar insubstituível, cabendo a cada uma responsabilidades específicas, e assumindo cada uma os seus papéis em colaboração mútua, procurando ter melhor conhecimento dos alunos e do seu ambiente, através de integração das normais diferenças culturais nas relações de diálogo e acções educativas de forma a conduzir para o sucesso escolar dos alunos (Nunes, 2004).

Resultados de estudos realizados por vários autores (Chora et al., 1987, Estrela e Vilas Boas, 1997; Silva, 1997b; Davies, et.al., 1987) verificaram a correlação positiva entre o apoio escolar dos pais na aprendizagem dos filhos e o sucesso escolar dos mesmos. Silva (1987) e Zenhas (2004) referem um duplo *efeito de Pigmalião* que interfere no processo. Consideram *efeito de Pigmalião* o processo do apoio dos pais na vida escolar dos filhos que influenciam as suas expectativas no seu percurso escolar e que contribuem para a autoconfiança, auto estima e auto conceito académico das crianças e jovens (Davies et al., 1987). Por outro lado, o envolvimento dos pais implica a expectativa dos professores em relação aos alunos, a qual exerce igualmente influência no sucesso escolar, através do *efeito de Pigmalião*, que assim se torna duplo.

O estudo realizado pela autora Joyce Epstein sobre a relação entre a escola e família concluiu que os professores não acreditavam que o envolvimento dos pais traziam benefícios, por este facto optavam por não envolver os pais de elevado nível de escolaridade, porque este facto não era percebido como crítico. Assim também optavam por não envolver os pais de baixo nível de escolaridade porque consideravam que esses pais não eram capazes de dar apoio ou ajudar (Silva, 1997). Lareau (1989) concluiu do estudo que realizou sobre a relação entre a escola e família, que o envolvimento dos pais

da classe operária não era intensa e rica. O estudo de Davies e da sua equipa sobre o não envolvimento dos pais das classes mais desfavorecidas, concluiu que estes pais não se envolvem na aprendizagem dos seus filhos por falta de interesse, pois quase todos os professores afirmavam o mesmo. *Assim, a atitude prevalecente é a de culpar a vítima*(Silva, 1997, p.85). Mas mais adiante, tanto Lareau (1997), como Davies (1997), concluíram dos seus estudos, que não era como pensavam os professores, porque ambos os grupos depois valorizam bastante a educação escolar dos filhos.

Assim, Loreau considera que não há discriminação institucional. Esta autora considera que devido à menor competência educacional dos pais da classe social mais desfavorecida e baixo nível de escolaridade, estes revelavam amiúde, dificuldades em perceberem os professores, o que eles diziam e pretendiam, e em saber como ajudar os filhos.

Esta situação faz com que os pais sintam falta de confiança na sua competência educacional e dependam muito dos professores (Silva, 1997). Davies (1997) afirma: *o grande problema destes pais não era o não quererem ajudar os filhos, mas o não saberem como, e que o maior apoio que a escola lhes poderia dar era ajudá-los a ajudar os filhos* (citado por Silva, 1997, p.87).

Pelo contrário, os pais do grupo da classe média não sentem falta de competência para ajudar os filhos na aprendizagem escolar e entender os professores. Assim a socióloga Loreau considera e caracteriza a relação entre a escola e a família destes dois grupos como: *relação de separação* para o grupo de pais da classe operária, e como *relação de ligação ou entrelaçamento* para o grupo de pais de classe média superior (Loreau, 1997, citada por Silva, 1997, p.87).

O mais importante é saber cativar as famílias para que possam ter um maior envolvimento nas actividades de aprendizagem dos seus filhos. A escola terá iniciativa e criatividade para incentivar uma maior comunicação, aproximando-as das mais desfavorecidas que se encontram mais distantes da escola, porque essas são as que poderão tirar maiores benefícios com o seu envolvimento; estes pais têm frequentemente, uma visão negativa da escola, muitos deles não têm a escolaridade mínima obrigatória, desconhecem o ambiente escolar, não sabem como falar com os professores. A situação é ainda mais grave quando os professores não conseguem falar com estes pais, e não sabem como ajudá-los, *pois esses pais são pais que não sabem como ajudar os filhos*(Silva, 1997, p.89).

Para que haja maior comunicação entre a escola e as famílias, em especial, as famílias das classes mais desfavorecidas e de baixo nível de escolaridade e maior envolvimento no acompanhamento escolar dos alunos, é necessário desenvolver e aplicar várias estratégias, quer formais e ou informais, é necessário optar pelas formas mais adequadas às situações. Existem algumas estratégias fáceis de utilizar, tais como: conversar com o pai ou a mãe quando vem entregar ou buscar o seu filho à escola, envio de notas pelo caderno diário, registos na caderneta escolar, etc. (Silva, 1997).

Marques (2001) refere a intensidade e a diversidade como duas características prioritárias que se deve ter em atenção no desenvolvimento dos programas da colaboração com a família no âmbito da promoção de contactos directos com os pais. Para isso é necessário que as actividades sejam variadas para que possam dar respostas adequadas às necessidades das famílias que são cada vez mais heterogéneas e de diversas culturas (Marques, 2001; Zenhas, 2004). A intensidade de contactos com as famílias também é indispensável e fundamental, podendo realizar-se através de diversas actividades como: reuniões gerais, comunicação escrita, e atendimentos individuais (Marques, 2001), e também conferências, publicação nos jornais, uso de caderneta escolar, cartas, telefonemas, visitas domiciliárias (Zenhas, 2004).

Em seguida veremos mais detalhadamente cada um destas formas de contacto.

2.1.Reuniões gerais

Habitualmente, realizam-se reuniões trimestrais com os pais/encarregados de educação de todas as escolas desde o ensino básico às escolas secundárias, quer no início do ano lectivo, durante ou no final do ano lectivo. Nessas reuniões, as famílias da classe média, normalmente são as mais assíduas, enquanto que as famílias mais desfavorecidas vão muito raramente.

Davies (1988) realizou um estudo em Portugal e concluiu que a comunicação entre as escolas e os pais é pouco frequente. Os professores acham que as estratégias de comunicação utilizadas são mais eficazes para os pais da classe média do que para os pais provenientes de classe social mais desfavorecidos (Davies, 1988, Silva 1997). Outros estudos indicam que há pais que não comunicam uma única vez durante o ano com o professor ou director da escola.

Marques (1991) refere que, das sondagens realizadas, 50% dos pais não comunicam com o director da turma uma única vez no ano, principalmente os pais económica e culturalmente mais desfavorecidos.

A realização periódica de reunião com os pais e professores deve fazer parte dos programas fundamentais do envolvimento dos pais (Marques, 1993). As reuniões são meios que se podem utilizar para consciencializar os pais de que o ambiente familiar onde a criança vive é muito importante para o seu desenvolvimento e sobre as potencialidades educativas da vida da família (Estrelas & Villas-Boas, 1997, Zenhas, 2004). São também um meio para incentivar o desenvolvimento de parcerias em diferentes tipos de colaboração (Epstein, 1997). Estas reuniões periódicas podem cativar a aproximação das famílias da escola, minimizando desta forma a descontinuidade cultural e aumentando o espaço de sobreposição das esferas de influência (Villas – Boas, 2000 Zenhas 2004); podem também aumentar a confiança mútua e aprofundar cada vez mais as relações entre a escola e a família (Marques, 1993, Zenhas, 2004).

Villas – Boas (2000) propõe a realização das reuniões periódicas de dois em dois meses com a duração de 90 minutos, para atingir três objectivos principais:

- a) Consciencializar os pais do seu papel como agentes educativos e modificar ou desenvolver atitudes e expectativas relativamente à escola;*
- b) mostrar a necessidade de colaboração entre a escola e a família e do apoio da família em casa para a superação das dificuldades das crianças;*
- c) Desenvolver a capacidade dos pais para intervirem nas actividades escolares e promover as atitudes parentais facilitadoras da aprendizagem escolar (citado por Zenhas, 2004, p. 54).*

E propõe ainda o que se deve fazer em cada fase da reunião:

- mostra de trabalhos dos alunos e /ou conversa acerca das actividades propostas na sessão anterior;*
- introdução do problema;*
- resolução do problema com a participação de todos;*
- oferta de materiais educativos/escolares e exemplificação da sua utilização;*
- convívio informal;*

No início da reunião faz-se apresentação dos trabalhos dos alunos para incentivar e facilitar a aproximação dos pais da escola. Após à apresentação segue-se o debate sobre o assunto.

Os recursos utilizados nas diversas reuniões devem ser variados conforme às diferentes reuniões com as características adequadas para: *(a) servir de motivação; (b) implicar a utilização de diferentes canais de televisão; (c) mostrar modelos de actuação; (d) promover a discussão dos temas apresentados e retirada de conclusões* (Estrela & Villas – Boas, 1997, citado por Zenhas, 2004, p.55).

Na resolução dos problemas dos alunos, seria melhor procurar as soluções em conjunto com os pais. Desta forma os pais sentem-se motivados a colaborar dando as suas sugestões (Villas-Boas, 2000, Zenhas, 2004). Villas-Boas (1997) considera ser

importante, após a resolução dos problemas, distribuir folhetos, contendo os principais assuntos abordados na reunião, incluindo as sugestões das actividades, garantindo assim, o seguimento da abordagem da temática em casa pelos pais com os seus filhos (Estrela & Villas-Boas, 1997).

Villas-Boas (2000) considera que oferta dos materiais educativos e convívios devem ser adequados às situações reais, para que possam promover uma comunicação mais informal e que façam com que os pais se sintam bem, promovendo atitudes positivas em relação à escola para que aproximem mais os pais da escola e incentivar cada vez mais a interacção entre pais e filhos em casa (Villas-Boas, 2000).

Os convívios e as festas com as famílias, num ambiente mais informal, podem promover o desenvolvimento de uma relação mais familiar e criar uma maior confiança mútua Carvalho (2000) refere:

(...) a escolha de um ambiente informal partiu da premissa de que em situações igualitárias conquista de confiança é mais afectiva, e ainda que, essa vivência contribui activamente para a desconstrução de imagens estereotipadas, nomeadamente a crença de que as famílias de meios socioeconómicos mais desfavorecidos não têm contributos significativos a dar as actividades escolares (citado por Zenhas, 2004, p.55).

A realização de festas numa escola no final do ano garante a *construção de uma cultura de escola participada num modelo cooperativo* (Carvalho, 2000, p. 35).

Henderson et al., (1994) citada por Zenhas (2000) refere três fases da planificação de uma reunião: *a) preparação para reunião; b) condução da reunião; c) Follow-up.*

Na fase da preparação para reunião: definem-se os objectivos a atingir, bem como o tempo que há-de ser utilizado para a realização da mesma, que deve ser proporcional aos objectivos da reunião. Os pais são convocados para a reunião através de uma convocatória onde vêm mencionadas as finalidades da reunião, para que os pais estejam mais preparados para intervir e apresentar as suas propostas, bem como o local, e o horário do início e do fim, que não deve ser ultrapassado (Marques, 1993), Estrela & Villas – Boas referem que o horário e a data de reunião têm que ser flexíveis, determinados conforme as disponibilidades dos pais, facilitando dessa forma que possam participar e entender as intenções da escola em relação à sua presença na reunião, que é muito importante e é indispensável (Estrela & Villas – Boas, 1997). O espaço deve ser adequado ao número de participantes e deve ser organizada de tal forma que facilite a comunicação entre os participantes (Marques, 1993).

Silva (1997) considera que, para que as reuniões possam tornar-se mais eficazes, é necessário convocar os pais para as reuniões com antecedência de pelo menos duas semanas, juntando às convocações uma nota pessoal escrita à mão, dizendo que gostaria muito de se encontrar com o encarregado de educação e que conta com a sua presença. Na marcação do horário da reunião convém procurar saber informações sobre a disponibilidade dos pais, o dia e a hora mais conveniente (Silva, 1997). No caso de conflito grave com o aluno, é necessário falar o mais rápido possível com os pais, evitando desta forma que a ocorrência seja esquecida. Não se deve ser repetitivo, não se deve ameaçar, nem mostrar-se demasiado pessimista. Mostrar uma atitude de confiança em que todas as crianças, quer sejam ricas ou pobres, aptas ou menos aptas, vão conseguir sucesso escolar (Silva, 1997).

Na condução da reunião a Directora da Turma deve intervir conforme os objectivos já definidos previamente, procurando adaptar-se à situação que vai surgindo a cada instante, aplicando as suas competências de comunicação interpessoal e as qualidades pessoais adequadas às circunstâncias e às características dos pais ou encarregados de educação (Zenhas, 2004).

Marques (2001) refere os diversos cuidados que o Director de Turma deverá ter em conta:

(...)ser pontual;ouvir os EEs; não monopolizar a palavra; não responder no meio de uma intervenção; não se mostrar irritado com críticas ao funcionamento da escola ou outros professores, comprometendo-se a dar conhecimento delas aos professores em causa ou ao órgão da direcção, no caso de serem fundamentadas; não fazer comentários acerca de um aluno em particular; manter sempre calma. Evitar uma linguagem técnica e adequar o tipo de linguagem aos EEs são aspectos absolutamente fundamentais para que a comunicação se possa estabelecer eficazmente(Marques, 2001 citado por Zenhas, 2004, p. 56).

Silva (1997) refere que o(a) professor(a) ou director(a) da escola ou de turma tem que ter cuidado com a sua apresentação de forma a afastar desconfianças e mostrar que tem capacidade de liderança. É necessário ter cuidado com a linguagem, não utilizar termos técnicos, e estar aberto às sugestões dos pais. Aconselha a criar um ambiente cómodo, utilizando cadeiras adequadas e colocadas em semicírculo, facilitando assim a comunicação entre os participantes da reunião, podendo servi-lhes café ou chá. A publicação das reuniões pelos meios de comunicações é uma forma de mostrar a importância da sua presença.

A fase *follow-up* refere-se à transmissão do conhecimento de toda a matéria da reunião e dos materiais trabalhados aos pais ou encarregados de educação que não se encontravam presentes na reunião (Villas – Boas, 2000). Uma das tipologias de Epstein

consiste em fazer chegar a informação a todas as famílias que desejam e precisam dela e não apenas às que se deslocam às reuniões (Epstein & Connors, 1997, Zenhas, 2004). Também é conveniente enviar um sumário das conclusões da reunião aos pais ou encarregados de educação e aos professores (Marques, 2001, Zenhas, 2004). Esta forma de envolver os pais no acompanhamento escolar dos filhos é uma das estratégias que pode ajudar os pais a pôr em prática as decisões tomadas na reunião, e que contribuem para que os pais e a escola possam promover uma acção paralela e concertada com os alunos para atingir os mesmos objectivos. Também é necessário que o Director de Turma dê continuidade às decisões tomadas na reunião para concretizar os objectivos definidos.

2.2. Atendimento Individual

Zenhas refere alguns modos de definir o atendimento individual: Segundo Henderson (1994), seria *uma troca de sentimentos, crenças e conhecimento entre pais e professores acerca de um aluno em particular* (Zenhas, 2004, p. 57).

Zins e Ponti (1996) consideram o *atendimento individual como um método de os professores e os pais darem, aos alunos, uma assistência orientada preventivamente, envolvendo-se num processo cooperativo de resolução de problemas para melhorarem o seu bem-estar e o seu aproveitamento* (citado por Zenhas, 2004, p. 57).

Há que destacar nestas definições o papel activo do professor e dos pais na determinação, em conjunto, de estratégias de intervenção, não só em situações problemáticas, mas em cada situação que pode surgir. Também é necessário valorizar a comunicação de sentimentos e de crenças a acompanhar a transmissão de conhecimento (Zenhas, 2004).

Através deste meio de comunicação, partilham-se diversas informações sobre os alunos, nos aspectos cognitivo, social, emocional e físico; ajuda a desenvolver programas educacionais consistentes e apropriados para alunos com problemas; e também ajuda na prevenção e resolução de problemas (Henderson, el. al 1994, Zenhas, 2004).

Power & Clark (2000) realizaram um estudo sobre percepções dos pais em relação às reuniões. Conforme as opiniões desses pais, nas reuniões não havia o diálogo que estes esperavam e desejavam que acontecesse. Na realidade, os DT/professores limitavam-se apenas a repetir as informações contidas nas fichas de avaliação periódica, quando os pais queriam que nessas reuniões houvesse oportunidade para diálogo

(Zenhas, 2004). Normalmente os professores consideram que os problemas de aprendizagem ou de comportamentos têm origem na família. Os pais que manifestam menos poder de participarem que a escola não considera importante a sua presença nas reuniões.

Os pais preferem e dão muita importância aos atendimentos individuais, podendo desta forma conhecer pessoalmente os professores e ter oportunidade para estabelecer relações mais próximas com os Directores de Turma. É pois necessário que o professor estabeleça os padrões de comunicação adequados nos atendimentos que se realizam com os pais (Power & Clark, 2000).

Os directores de turma e os professores têm um papel muito importante na transmissão das mensagens, procurando que os atendimentos possam favorecer uma relação positiva entre a escola e a família. Por isso, é necessário que tenham boas competências para a dinamização de reuniões (Jordan et al. 1998, Zenhas, 2004). A aquisição de boas competências pelos directores de turmas e professores são essenciais para criar a aproximação das famílias da escola e para elas se sentirem apoiadas pela escola e darem a sua colaboração, principalmente em situações de conflito, para prestar informações sobre o aproveitamento ou o comportamento dos alunos. O domínio de competências pelos DT e professores é muito importante. Pelo que a formação nessa área é importante para que os DT e os professores possam conduzir atendimentos mais eficazes (Leung & Yuen, 2001, Zenhas, 2004).

Um estudo sobre percepções dos pais e professores relativamente aos atendimentos individuais (Leung & Yuen, 2001) concluiu que o desenvolvimento da confiança mútua e da escuta activa, são competências fundamentais do DT para cativar os pais para colaborar no acompanhamento dos alunos.

A planificação do atendimento individual compõe-se de três fases: preparação para a reunião; condução da reunião e follow-up (Henderson et al., 1994). O sucesso ou insucesso de uma reunião depende da qualidade da preparação, que é um factor determinante (Jordan et al., 1998).

A fase de preparação tem de considerar *a escolha do local, a preparação da convocatória, a análise do processo do aluno e recolha de informações junto dos professores e a definição de objectivos para a reunião (...)* O local deve ser confortável e acolhedor, favorecer a comunicação e garantir a privacidade da conversa (Zenhas, 2004 p. 59).

Na fase da condução do atendimento, a intervenção do DT deve caracterizar-se pela intencionalidade (Ivey, 1983, Zenhas, 2004). Deve ser orientada para os objectivos definidos, adaptada às características da situação, à relação interpessoal com os encarregados de educação. A linguagem deve ser adequada à capacidade dos Encarregados de educação (Jordan et.al., 1998).

Na intervenção do DT com os pais ou encarregados de educação, para fornecer as informações sobre o processo de aprendizagem dos alunos, não basta abordar os aspectos negativos, é necessário abordar também os aspectos positivos. É necessário que o DT leve os pais ou encarregados de educação a manifestarem as suas percepções sobre o problema do seu educando. As percepções e opiniões manifestadas pelos pais e ou encarregados de educação contribuem para a definição dos objectivos e do plano de intervenção que deverá ser feita pelo DT em colaboração com os pais/encarregados de educação (Leung & Yuen, 2001).

O plano de intervenção deve: ser aceite por todos; atribuir responsabilidades bem definidas aos professores, aos pais e à criança; definir objectivos de curto e de longo prazo; e estabelecer prazos e métodos de avaliação (Zenhas, 2004, p.59).

No final do encontro, é necessário que o DT faça uma síntese dos pontos mais importantes e também das responsabilidades que foram atribuídas à escola, à família e ao aluno, verificando se o encarregado de educação compreendeu ou não (Zenhas, 2004).

Na fase *follow-up*, realiza-se o acompanhamento e a avaliação da aplicação do plano definido no atendimento em conjunto com os encarregados de educação. A avaliação pode ser feita através de contactos telefónicos, cartas ou outra reunião (Jordan, et.al., 1998). Na implementação do respectivo plano, o DT deve tomar medidas necessárias, transmitindo as informações e solicitando colaboração dos outros professores para que o plano seja concretizado com eficácia e eficiência (Zenhas, 2004).

O envolvimento do aluno directamente nos atendimentos é essencial na definição dos objectivos e também no plano de recuperação, pois com a colaboração deste na definição dos objectivos em conjunto, será melhor entendido por ele e ficará mais motivado para o realizar (Leung & Yuen, 2001). A importância que a escola procura dar a entender aos pais dos alunos, faz com que eles se sintam mais valorizados, e poderá motivá-los a estabelecer uma boa colaboração com a escola. A presença do aluno, tanto nos atendimentos individuais como nas reuniões, faz-lhe perceber o envolvimento e o esforço conjunto dos professores e dos pais para o apoiar e promover

o seu sucesso educativo, e desta forma estes alunos valorizam o seu trabalho e sentem-se mais motivados. Além disso, a presença de pais e filhos pode promover a continuação das conversas em casa, relacionadas com a matéria do atendimento ou reunião, de forma a concretizar as sugestões e as decisões tomadas nas reuniões.

3. Outros meios de comunicação

Como já se referiu anteriormente, os pais das classes sociais mais desfavorecidas não vão à escola, pelos motivos já citados. A escola tem que procurar meios alternativos para se aproximar destes pais. Um dos meios para chegar até às famílias é através de visitas domiciliárias.

3.1. Visitas domiciliárias

Marques (1993) refere a importância das visitas domiciliárias como um meio a que se pode recorrer para se aproximar dos pais, aconselhando-os e colhendo informações sobre as dificuldades e o progresso dos alunos, com vista a ajudá-los no acompanhamento dos trabalhos dos alunos em casa, e também para uma possível formação dos pais (Zenhas, 2004). Para isso, os visitantes têm que ter capacidades de saber ouvir e saber fazer essas visitas, fazendo-lhes compreender que são para compreender os seus pontos de vista, mostrando empatia e empenho em abordar as dificuldades, tanto dos alunos como dos próprios pais, para descobrir, reconhecer e valorizar os aspectos mais positivos da família, procurando reforçar e valorizar esses pontos como base para uma boa interacção (Villas-Boas, 2001, Zenhas, 2004). As visitas domiciliárias é uma das formas de recolher informações sobre situações concretas das famílias, principalmente as mais desfavorecidas, sobre as causas do (in) sucesso escolar e comportamentos dos alunos e dificuldades dos pais. Este meio de comunicação facilita aos pais a abertura e o poder dar informações sobre situações reais e permite saber de perto os problemas dos pais com mais dificuldades em envolver-se. Deste modo esses pais podem ser ajudados a reduzir os problemas, entre os quais o absentismo escolar.

3.2. Envio de e-mails

O envio de e-mails aos pais dos alunos é uma forma de comunicação entre a escola e as famílias e os alunos para dar e receber informações sobre o processo de aprendizagem e o comportamentos dos alunos. Estas formas de comunicação facilitam que os pais que, por algum motivo não podem comunicar pessoalmente, possam

comunicar com a escola e estar actualizados no que diz respeito à questão do processo escolar dos seus filhos.

3.3. Fichas de registos de avaliação periódica

No final de cada período é elaborada uma ficha de avaliação individualizada pelo conselho de turma que será entregue aos encarregados de educação posteriormente. Um estudo realizado no Reino Unido sobre as percepções dos pais, sobre as fichas de avaliação, concluiu que esta não conseguia garantir a individualidade do aluno, e que a linguagem utilizada não era adequada à capacidade de alguns pais, porque utilizava uma linguagem técnica de difícil compreensão. E as instruções gerais ajudam pouco os pais a apoiarem os seus filhos (Power & Clark, 2000, Zenhas, 2004).

3.4. Mensagens através da caderneta

Outra forma de comunicação entre professores e pais dos alunos é através da utilização da caderneta escolar que é comum ser utilizado nas escolas do 2º e 3º ciclos do ensino básico. Vieira (1996) refere alguns aspectos negativos deste meio de comunicação: “a) a escrita, o padrão e o código cultural situam-se mais próximos do professor do que do encarregado de educação; (b) a circulação processa-se, na maior parte das vezes, num sentido único: da escola para as famílias; (c) a informação ocorre em situações de carácter negativo; (d) a informação não é transmitida de forma factual, mas acrescida de juízos de valor” (citado por Zenhas, 2004, p.61).

3.5. Cartas

A informação através das cartas é uma forma que liga a escola e as famílias. As cartas devem ser bem pensadas na construção do conteúdo, com utilização de uma linguagem adequada às capacidades de todos os níveis de famílias, para que a mensagem seja bem transmitida, compreendida e bem interpretada pelos pais, e que possa aproximar as famílias da escola e não afastá-las da mesma (Zenhas, 2004).

3.6. Telefonemas

O meio de comunicação mais rápido entre a escola e as famílias é através de telefone. Os telefonemas, nalguns casos destinam-se a tratar dos problemas relacionados com a aprendizagem dos alunos ou problemas de saúde. Os contactos telefónicos são uma das formas de reforçar a colaboração entre a escola e as famílias (Marques, 1997, Zenhas, 2004).

CAPÍTULO IV – METODOLOGIA

1. Objecto de investigação

1.1. Problema de investigação

A problemática do envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos continua a ser um dos grandes problemas que as escolas têm vindo a enfrentar nos últimos anos, principalmente no esforço da procura das respostas adequadas às necessidades da sociedade multicultural com características diversificadas e heterogéneas.

O presente trabalho desenvolve-se no âmbito da Administração Educacional, com o tema: **O papel do projecto “Academia Escola Mais” na mediação familiar.**

Este estudo centra-se nas estratégias implementadas e desenvolvidas pelo projecto na mediação familiar com vista à promoção da aproximação e do maior envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos e o impacto no sucesso escolar. Assim surgiu a seguinte pergunta de partida para este estudo:

Quais as perspectivas da equipa técnica na implementação e no desenvolvimento do projecto na mediação familiar, na promoção da aproximação e do maior envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos e qual o seu impacto no sucesso escolar dos alunos?

1.2. Questões de investigação

Partindo do problema exposto pretende-se encontrar respostas ao longo deste estudo sobre as seguintes questões.

1.2.1. Que funções desempenha a equipa técnica do projecto na mediação familiar?

1.2.2. Que estratégias se desenvolvem e são implementadas pelo projecto para melhor cativar o interesse das famílias na aproximação e no maior envolvimento na vida escolar dos filhos?

1.2.3. Que actividades são desenvolvidas e realizadas pelo projecto para fazer face ao sucesso escolar dos alunos destinatários do projecto, especialmente os alunos que se encontram em risco do insucesso escolar?

1.2.4. Que dificuldades tem atravessado a equipa técnica na implementação do projecto com vista a promover a aproximação e o maior envolvimento das famílias face ao sucesso escolar dos alunos?

1.2.5.Qual o impacto do projecto na aproximação e no maior envolvimento das famílias na vida escolar face ao sucesso escolar dos alunos?

1.3.Objectivos de Investigação

Partindo das questões expostas, pretende-se com este estudo compreender, identificar, descrever e aprofundar:

1.3.1.As funções que desempenha a equipa técnica na mediação familiar;

1.3.2.As estratégias desenvolvidas e implementadas pelo projecto para melhor cativar o interesse das famílias na aproximação e no maior envolvimento na vida escolar dos filhos;

1.3.3.As actividades desenvolvidas e realizadas pelo projecto para fazer face ao sucesso escolar dos alunos destinatários do projecto, especialmente os alunos que se encontram em risco do insucesso escolar;

1.3.4.As dificuldades que tem atravessado a equipa técnica na implementação do projecto com vista a promover a aproximação e o maior envolvimento das famílias para o sucesso escolar dos alunos;

1.3.5.O impacto do projecto na aproximação e no maior envolvimento das famílias na vida escolar face ao sucesso escolar dos alunos;

1.4.Justificação da investigação

Muitas crianças e jovens imigrantes têm insucesso escolar porque não conseguem adaptar-se ao sistema educativo português, e por outro lado, também o sistema educativo português não tem conseguido responder às necessidades do processo de aprendizagem escolar destes jovens. Uma das razões desta inadaptação deve-se à heterogeneidade da população estudantil das escolas, pelo facto de que os valores da escola não coincidem com os valores das famílias imigrantes, as origens culturais dos professores não coincidem com as dos pais, nem os currículos nem os professores estão preparados para respeitar e valorizar as diferenças linguísticas e culturais dessas famílias e dos seus filhos (Marques, 1997).

Como consequência da inadaptação escolar, esses alunos sentem-se desmotivados e procuram ausentar-se das escolas, o que os leva ao insucesso escolar e até ao abandono escolar precoce. Para que o sucesso escolar dessas crianças e jovens se concretize é necessária a intervenção e colaboração de várias parcerias no processo do

desenvolvimento da aprendizagem, principalmente na aproximação e no envolvimento dos pais no acompanhamento escolar dos filhos.

Há actualmente, uma situação de heterogeneidade e multiculturalidade das escolas, com a existência de diversas nacionalidades, principalmente com a presença de alunos imigrantes provenientes de famílias de meios socioeconómicos e culturais desfavorecidos, situação difícil para os professores e directores de turmas. Estes, nalguns casos, não têm preparação para enfrentar este problema, e têm dificuldade em encontrar respostas adequadas às necessidades da população estudantil imigrante, pelo que as intervenções de outras parcerias são necessárias, com vista a garantir uma solução adequada às situações.

A implementação de projectos nas escolas funciona como um instrumento de inclusão e inserção da comunidade em geral e dos jovens em particular, principalmente dos jovens em risco de sucesso escolar, com o objectivo de minimizar o insucesso e o abandono escolar precoce.

Uma das medidas de intervenção face aos problemas do insucesso e abandono escolar precoce é através da implementação e desenvolvimento de projectos no âmbito do Programa Escolhas, com vista a promover a co-responsabilização das famílias no desenvolvimento escolar e social das crianças, através da mediação familiar e da formação parental, com o objectivo de incentivar a aproximação e o maior envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos para o sucesso educativo. Através destes projectos pretende-se desenvolver actividades que possam contribuir para o desenvolvimento das competências das crianças, que muitas vezes não são devidamente concretizadas nas escolas, embora estes projectos funcionem como complemento da formação das crianças, sem carácter obrigatório.

A implementação e desenvolvimento das actividades e estratégias da mediação familiar através dos projectos no âmbito do Programa Escolhas é muito importante para ajudar as escolas a dar respostas adequadas às necessidades dos alunos, de forma a quebrar a barreira que impede a relação escola-família e que, ao longo dos anos, os directores das turmas e os professores não têm conseguido superar.

O sucesso escolar dos alunos não se alcançará positivamente sem o envolvimento das famílias no acompanhamento escolar. O aproveitamento escolar dos alunos depende do envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos, como referiu a autora Ana Henderson (1987) citada por Ramiro Marques: *quando os pais se envolvem na educação dos filhos, eles obtêm melhor aproveitamento* (1997, p.24).

O não envolvimento dos pais nas actividades escolares dos filhos deve-se a várias razões. Uma delas é a falta de informação por parte das escolas, quer sobre os progressos e as dificuldades que atravessam os seus filhos nas actividades escolares, quer sobre a maneira como podem ajudá-los nessas dificuldades.

A maioria dos pais querem saber como podem ajudar os filhos na aprendizagem em casa, até os pais com baixo nível de escolaridade querem acompanhar o processo da aprendizagem escolar dos filhos, apenas lhes falta informação sobre a maneira de o fazer, pois os pais preocupam-se com o progresso dos filhos e pretendem apoiá-los, embora não saibam como (Davies, 1988).

Os pais mostram bom desempenho no apoio escolar dos filhos quando são envolvidos em actividades de apoio escolar pelos professores, independentemente de serem ricos ou pobres, instruídos ou não (Epstein, 1987, Marques, 1997). Para que este envolvimento dos pais possa acontecer é necessário criar estratégias adequadas, adaptando-as a todos os níveis sociais e de escolaridade das famílias. É necessário procurar estabelecer relações de confiança, intensificar a comunicação com as famílias dos alunos de várias formas, através de reuniões, telefonemas ou mesmo por correio electrónico como já foi referido anteriormente, de forma a incentivar uma abertura por parte das famílias para comunicar com a escola, para dar e receber informações sem nenhum receio.

Os contactos com as famílias, além de reuniões particulares, é importante que sejam feitos também em reuniões gerais e através de comunicação escrita na caderneta escolar. *Não há uma única maneira correcta de envolver os pais* (Henderson, 1987, citada por Marques, 1997, p.24), pelo que é necessário implementar e desenvolver variedade de estratégias para incentivar o maior envolvimento dos pais na vida escolar dos alunos, porque o envolvimento dos pais tem impacto positivo no aproveitamento escolar dos alunos em todos os graus de ensino e grupos sociais (Henderson, 1987, Marques, 1997).

Henderson(1987), refere a implementação de um projecto designado *Projecto Comer*, em New Haven, destinado a alunos das classes mais desfavorecidas, onde foram aplicadas várias formas de relacionamento entre a escola e as famílias e vários apoios na acção educativa dos pais. Esses alunos conseguiram atingir os resultados médios nacionais, e conseguiram mesmo ultrapassar a média nacional em algumas disciplinas. Nesse projecto, durante um período bastante longo, os pais desempenhavam vários papéis, tais como: auxiliares dos professores, na realização de visitas e festas, membros

do Conselho da Escola, ou através de trabalho voluntário na escola (Henderson,1987). Essa experiência mostra como é importante o papel dos projectos na promoção do envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos. Mas não basta criar os projectos, é necessário que os projectos consigam concretizar os objectivos e ter resultados positivos, e fazer com que as famílias e os filhos sintam os efeitos positivos, porque sabendo e sentindo esses efeitos positivos, ficarão com mais motivação e interesse em envolverem-se cada vez mais na vida escolar dos filhos.

Anna Henderson (1987) ao referir o projecto Comer considera que é preciso trabalhar *cuidadosamente com os pais até termos a certeza de que os primeiros projectos são bem-sucedidos:O sucesso traz sucesso e a autoconfiança* (Henderson, 1987, citada por Marques, 1997, p.25). Os pais dos alunos sentem-se mais motivados em envolver-se nas actividades do projecto, quando observam o sucesso e os resultados do projecto do qual também fazem parte. As actividades implementadas pelos projectos procuram aproximar-se mais das necessidades das famílias e dos alunos (Marques, 1997).

O segundo motivo que me levou a desenvolver este estudo relaciona-se com a minha situação pessoal e profissional que se direcciona para o mesmo objectivo. Esta investigação parte, assim, da minha própria motivação, que resulta de um grande interesse para adquirir e aprofundar novos conhecimentos na área de Administração Educacional, relativamente à criação e implementação de projectos como uma forma de ajudar as escolas a encontrarem estratégias mais adequadas para responder às necessidades da população estudantil e com vista a dar a conhecer o quanto é importante a participação e o envolvimento das famílias no sucesso escolar dos filhos. Em Timor Leste é ainda muito vaga essa ideia da participação e envolvimento das famílias timorenses na vida escolar dos filhos. Muitos pais comunicam com a escola só quando a escola convoca para algum encontro individual mais relacionado com os desvios comportamentais dos filhos ou para receber a caderneta escolar, o que normalmente se realiza no final cada trimestre ou semestre lectivo. Muitas vezes, esses pais apenas mandam um representante, quer seja filho ou algum familiar ou vizinho, para ouvir o que o director da turma ou professor quer transmitir. Não comparecem às escolas quando os convocam, porque muitas famílias, em geral provenientes de níveis socioeconómicos e de escolaridade mais baixos, não conhecem a importância do seu envolvimento e participação na aprendizagem escolar dos seus filhos. Também as escolas não têm a tradição de contactar as famílias e de promover o seu envolvimento

na vida escolar dos alunos. Apenas no final de cada trimestre ou semestre do ano lectivo se realizam reuniões para a entrega da caderneta escolar e fala-se pouco sobre o aproveitamento ou não aproveitamento escolar dos alunos, como também sobre questões comportamentais. Portanto, com este estudo pretende-se adquirir experiência para uma possível implementação dos projectos nas escolas e desenvolver estratégias adequadas à situação naquele país e procurar que se torne uma tradição a aproximação e o envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos. Dessa forma, procuro minimizar a tradição dos pais entregarem os filhos às escolas e os professores limitarem-se a aceitá-los. Tal como refere o autor Ramiro Marques (1997), um dos tipos de obstáculo na criação de bons programas de envolvimento dos pais é *a tradição de separação* que durante longos anos as escolas portuguesas adoptaram; esta tradição centralista habituou os pais a entregar os filhos às escolas e a limitarem-se apenas ao seu papel de educador, e os professores aceitavam essa passividade dos pais (Marques, 1997).

É necessário que uma nova tradição seja implementada e desenvolvida tanto nas escolas como nas famílias timorenses. Para que esta se concretize é imprescindível que as escolas tomem a iniciativa de desfazer a grande barreira que durante séculos impediram a relação entre a escola e família e vice-versa. As escolas têm que procurar estabelecer essa relação e encontrar estratégias de relacionamento com as famílias. Existem estratégias de fácil utilização: *conversar com a mãe ou pai, à entrada na escola primária quando estes vêm entregar o filho; envio de notas pelo caderno diário; registos na caderneta escolar, etc.* (Marques, 1997, p.39). Uma das questões principais relaciona-se com as atitudes dos directores de turmas e professores no relacionamento com as famílias: é preciso valorizar o papel dos pais como educadores, evitando atitudes que humilhem ou que desvalorizem o seu envolvimento, e evitar a discriminação contra os pais de classes sociais desfavorecidas. Davies, num estudo realizado em Lisboa, recolheu informações dos pais dos alunos sobre o não envolvimento com a escola devido às questões de discriminação contra os pais das classes mais desfavorecidas, por não terem pago os livros aos filhos, e sentirem-se culpados pelos professores. Este autor concluiu que há problemas que tornam difícil o relacionamento das famílias com a escola, entre os quais, a falta de respeito dos professores, quer pelas mães trabalhadoras, quer pelos pais, por serem críticos ou por não se conformarem com o que os professores acham que está bem (Davies, 1989).

Não se deve separar o mundo da escola do mundo das famílias, embora cada um exerça um papel específico na educação dos alunos. A escola tem que estar aberta aos pais, criar espaço próprio para os pais se reunirem, adaptar a comunicação à sua capacidade de assimilação, considerando-os como verdadeiros membros da comunidade educativa, dando-lhes a conhecer o programa da escola (Marques, 1997). Outro motivo da escolha deste tema relaciona-se com a escassez dos estudos realizados na área de mediação-familiar através da implementação de projectos, muito embora as actividades de mediação se tivessem revelado como uma mais-valia na promoção de projectos com vista à participação e envolvimento das famílias na integração de crianças e jovens provenientes de meios mais vulneráveis, especialmente de minorias étnicas. A mediação surgiu inicialmente como uma prática informal e como uma modalidade para fazer face à resolução das relações conflituosas (Oliveira e Galego, 2005). Com a evolução do tempo e as transformações na sociedade e nas famílias, as escolas públicas têm que enfrentar novos desafios, desenvolvendo estratégias educativas adequadas que possam dar respostas às realidades actuais. Como referiu Marques (1997, p.24): *as escolas públicas e particularmente as escolas de grandes cidades têm que enfrentar o desafio de desenvolverem estratégias educacionais que vão ao encontro destas novas realidades; realidades essas, que se relacionam também com a aproximação e o envolvimento das famílias no processo de desenvolvimento social e escolar dos alunos.*

2. Limitações do estudo

Na elaboração desta investigação tenho encontrado muitas dificuldades, pelo que este estudo tem várias limitações:

- A primeira limitação deve-se o facto de ser este o primeiro trabalho de investigação da investigadora, e pelas limitações linguísticas, mais especificamente a dificuldade no domínio da língua portuguesa o que dificultou, tanto a realização das entrevistas, como a construção da dissertação.

- Outra limitação deve-se ao facto de ter optado utilizar como amostra apenas os três membros da equipa do projecto, embora esteja consciente de que na questão da relação escola-família são indispensáveis as sugestões e opiniões tanto dos pais, professores como da comunidade escolar e social em geral. Foi uma opção da

investigadora, pelo facto de ter tido muita dificuldade em encontrar escolas para a realização do estudo, o que atrasou a realização da investigação.

- Não tem pretensões de generalização.

3. Tipo de estudo

O objectivo deste estudo é o de identificar e aprofundar a importância do papel do projecto (alvo da investigação) na mediação familiar e a implementação e desenvolvimento das estratégias da mediação familiar, com vista a promover a aproximação e o maior envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos e enquadrar-se no Estudo de Caso:

O estudo de caso constitui a estratégia preferida quando se quer responder às questões de como ou porquê. Pelo que se opta pela abordagem qualitativa, com o tipo de estudo de caso com características exploratórias e descritivas, visa estudar, compreender, explicar e aprofundar a referida problemática segundo os dados obtidos, através de instrumentos de recolha de dados (Carmo e Ferreira, 1998, p.213), designadamente, as entrevistas.

A investigação descritiva estuda, compreende e explica a situação actual do objecto de investigação. Inclui a recolha de dados para responder a questões que lhe dizem respeito.

Merriam (1998, p.20) define o Estudo de Caso como:

(...) uma descrição analítica intensiva e globalizante de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, uma entidade social. Visa conhecer os seus «como» e os seus «porquês». É uma investigação com um forte cunho descritivo que se efectua para descobrir o que existe de essencial, único e de característico no respectivo objectivo de estudo.

Através das entrevistas pretende-se recolher informações, opiniões, sugestões ou outro tipo de informação, com o intuito de adquirir e aumentar o conhecimento sobre as estratégias utilizadas pela equipa técnica no relacionamento com as famílias, principalmente no envolvimento activo das famílias na vida da escola, procurando descobrir as razões ou os motivos essenciais da (quase) ausência dos pais e encarregados de educação na escola e o não envolvimento dos mesmos na vida escolar dos seus educandos, e como esta situação tem vindo a ser resolvida pela equipa técnica deste projecto.

4. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

4.1. Inquérito por Entrevista

Utilizou-se o inquérito por entrevista como técnica de investigação para obter informações que permitam extrair *elementos de reflexão muito ricos e matizados* (Quivy e Campenhoudt, 1992, citado por Jacinto, 2006, p.25) inerentes ao tema que se pretende estudar, designadamente: o papel do projecto "Academia Escola Mais" na mediação familiar. O objectivo da utilização da entrevista foi o de obter dados pertinentes ao tema em estudo, como referem Bogdan e Biklen (1994): *a entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas, dirigida por uma das pessoas, com o objectivo de obter informações sobre a outra* (citado por Jacinto, 2006, p.125).

Através desta técnica pretende-se recolher um conjunto de informações concretas e relevantes para esta investigação através de um diálogo que possa contribuir para uma análise mais profunda da realidade educativa, valorizando as informações, as interpretações, as percepções dos entrevistados. Entre os diferentes tipos de entrevista, optou-se pela entrevista semidirecta, na medida em que após um guião inicial elaborado pelo entrevistador, o entrevistado, como referem Marconi e Lakatos (1990), tem a liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direcção que achar adequada, permitindo-lhe explorar de forma flexível e aprofundada os seus relatos e dar-lhes assim oportunidade de verbalizarem aspectos considerados relevantes nas suas vivências pessoais e profissionais. Quivy e Campenhoudt referem que a entrevista:

"é semidirecta no sentido em que não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas. Geralmente o investigador dispõe de uma série de perguntas - guias, relativamente abertas que permitam ao entrevistado a liberdade de desenvolver as respostas e a flexibilidade de exploração e aprofundamento sobre os aspectos que considere mais relevantes" (1992, p.192).

A utilização desta técnica de entrevista foi considerada a mais adequada aos objectivos da pesquisa, mais flexível e aberta, possibilitando desta forma a aplicação de questões aos entrevistados, sem a pretensão de impor questões rígidas e difíceis, permitindo uma maior liberdade de expressão ao entrevistado, uma maior fluidez de informação que possa garantir um maior aprofundamento dos aspectos considerados necessários, além de permitir também acesso ao conteúdo e atitudes dos entrevistados. Facilita ao entrevistado organizar e estruturar as ideias em torno do

objecto do estudo, além de possibilitar ao entrevistador o aprofundamento de determinados aspectos que o entrevistado não teria a iniciativa de explicitar e não desenvolver outros aspectos para os quais o entrevistado se dirige espontaneamente (Ruquoy, 1997).

Tuckman (2000) refere que a entrevista é *um dos processos mais directos para encontrar informação sobre determinado fenómeno, consiste em formular questões às pessoas que, de algum modo, nele estão envolvidas. As respostas de cada uma das pessoas vão reflectir as suas percepções e interesses.* (citado por Lourenço, 2009, p. 70).

4.2. Análise do conteúdo

Relativamente ao estudo que se pretende realizar, considera-se pertinente utilizar a análise de conteúdo, que Krippendorff (1980) define como *uma técnica de pesquisa para fazer inferências válidas e replicáveis dos dados para o seu contexto considerando que é um método de investigação do conteúdo simbólico das mensagens* (citado por Lüdke e André, 2003, p.39).

Segundo Berelson, a análise de conteúdo é uma técnica que consiste em *arrumar num conjunto de categorias de significação o conteúdo manifesto dos mais diversos tipos de comunicações* (Berelson, 1954, p.53).

A utilização de análise de conteúdo permite efectuar o processo de categorização:

uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia) com os critérios que fazem parte na determinação das unidades de registo ou de significação; determinar a unidade de contexto (Bardin, 1977, p.117).

5. Amostra

As entrevistas foram realizadas aos três membros da equipa técnica do projecto em estudo, composta por duas pessoas do sexo feminino e um do sexo masculino, e que são identificados com letras A, B e C. Foram escolhidos apenas três membros da equipa técnica, entre outros membros que também fazem parte desta mesma equipa técnica, por serem os membros da equipa ligados directamente às actividades relacionadas com a implementação do projecto. Estas actividades são: a mediação familiar; o apoio pedagógico às dificuldades de aprendizagem escolar dos alunos em risco de insucesso

escolar; as actividades do conhecimento de informática. Esta última actividade foi uma das estratégias que incentivou e apoiou não só os alunos, mas também as suas famílias no envolvimento da vida escolar dos filhos, face ao sucesso educativo.

6. Instrumentos de recolha de dados

6.1. Entrevistas

Tendo definido as questões e os objectivos de investigação e efectuado a análise dos documentos facultados pela coordenadora do projecto, posteriormente foram elaborados três guiões de entrevistas distintos, um para cada área que diz respeito a cada entrevistado. Os guiões de entrevistas foram entregues três semanas antes da sua realização, contendo os tópicos e subtópicos das entrevistas. Os guiões foram elaborados partindo dos objectivos gerais e específicos do estudo, respectivamente às áreas de mediação familiar, apoio pedagógico e formação parental, neste caso, sobre a informática. Para cada área foram estabelecidos blocos e para cada bloco foram definidos objectivos específicos e por cada objectivo específico foram construídas várias questões a colocar aos entrevistados. A ordem dos temas a serem abordados na entrevista é praticamente livre, embora o entrevistador tenha em atenção propor determinados temas que o entrevistado não aborda espontaneamente.

No início das entrevistas foram efectuados contactos informais com a coordenadora do projecto, para saber a disponibilidade dos entrevistados e combinar os dias e as horas possíveis para a realização das entrevistas, e ter uma ideia geral sobre o ambiente que envolve o projecto em questão com análise de documentos facultados pelamesma. Após ter determinado o período provável para a realização da entrevista, em seguida, realizou-se um encontro informal com a responsável do projecto, para apuramento das questões essenciais relacionadas com a realização da própria entrevista. Posteriormente foram realizadas as entrevistas que não decorreram todas no mesmo dia, mas conforme a disponibilidade dos entrevistados.

Nesta investigação foram realizadas três entrevistas. A primeira entrevista foi realizada à entrevistada A e em seguida ao entrevistado B, que decorreu primeiro no gabinete da Coordenadora do Projecto, e depois numa sala de actividades do projecto. A entrevista decorreu num ambiente calmo, e os entrevistados deram a maior colaboração. Após uma semana, a entrevista foi realizada à entrevistada C no gabinete da própria

coordenadora e num ambiente muito calmo. A entrevista foi muito satisfatória, porque esta última entrevistada disponibilizou o seu tempo e deu oportunidade para que a investigadora aprofundasse as questões que achava importantes e necessárias, relativamente à mediação familiar que tem vindo a ser desenvolvida e implementada na Escola EB. 2/3.

Todas as entrevistas foram gravadas, com autorização dos entrevistados. Após a realização das entrevistas procedeu-se à transcrição das mesmas, no próprio dia. As transcrições foram realizadas com muito cuidado, foram registadas todas as respostas e informações conforme ditas pelos entrevistados, e também foram assinalados os silêncios, reticências, pausas, hesitações, sorrisos e outras atitudes.

No decorrer das transcrições das entrevistas foram-se anotando as ideias-chave dos conteúdos, que posteriormente foram traduzidas em categorias de codificação e foi feita uma grelha de categorização. Após ter analisado e aprofundado os conteúdos das entrevistas e das categorias foram definidas as subcategorias para clarificação das definições relativamente às categorias.

O processo de tratamento e análise de dados foi um trabalho contínuo com aprofundamento do texto permanente e progressivo. Posteriormente foi feito o cruzamento de todos os dados recolhidos através das entrevistas e dos relatórios direccionados para uma conclusão.

CAPÍTULO V – O PROJETO “ACADEMIA ESCOLA MAIS”

1. A Implementação do Projecto “Academia Escola Mais”

O Projecto “Academia Escola Mais” surgiu em 2004 no âmbito do Programa Escolhas. O Programa Escolhas foi criado pela Resolução do Conselho de Ministros nº 4/2001, de 9 Janeiro e, posteriormente renovado pela Resolução do Conselho de Ministros, nº 60/2004, de 30 de Abril, e pela Resolução do Conselho de Ministros, nº 80/2006 de 26 de Junho. Dada a importância do Programa face à inclusão social, o Governo decidiu renovar o Programa Escolhas para o período de 2010-2012, pela Resolução do Conselho de Ministros, nº 63/2009 de 23 de Julho, e reforçar o número de projectos a apoiar, através de um aumento substancial de investimento. Esta Resolução do Conselho de Ministros nº 63/2009 de 23 de Julho define os princípios, regras e

procedimentos a que deve obedecer a execução do Programa Escolhas (Despacho Normativo nº 27/2009).

O Programa Escolhas é um programa nacional que tem como objectivo promover a inclusão social de crianças e jovens provenientes de contextos socioeconómicos mais vulneráveis, tendo em vista a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão social. Este programa encontra-se estruturado em cinco áreas estratégicas de intervenção:

- A inclusão escolar e educação não formal;
- Formação profissional e empregabilidade;
- Dinamização comunitária e cidadania;
- Inclusão digital;
- Empreendedorismo e capacitação (Despacho Normativo nº 27/2009).

Em 2004 foi criado e implementado o projecto “Academia Escola Mais” cujo funcionamento localizado numa das escolas do 2º e 3º ciclo do concelho de Amadora, ao abrigo do Programa Escolhas. Este projecto é financiado pelo Programa Escolhas, a partir do ano 2004 e tem vindo a ser renovado pelo grande sucesso da sua implementação, no âmbito de prevenção do insucesso e abandono escolar precoce dos jovens através do desenvolvimento e implementação das estratégias inovadoras reconhecidas como adequadas às necessidades da comunidade” (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Escola Mais”, 2011-Programa Escolhas).

O consórcio é composto pela Associação Mediar, por uma escola do 2º e 3º ciclo como local da implementação do projecto, pelo Agrupamento de Centros de Saúde deste concelho, pelo Conselho Nacional da Juventude, pela Associação de Pais e pela Praznik. Esta associação é responsável por algumas formações e encontros no âmbito da Mediação Sócio Cultural e também é responsável por projectos de inclusão escolar e social. O mesmo projecto também funciona em rede com a intervenção de outras instituições locais como a CPCJ, o IAC, a PSP, o Centro Social, a Associação da Juventude, a Associação Sociocultural, entre outros, através de parcerias informais, com vista alcançar uma intervenção mais eficaz e sustentável (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Escola Mais”, 2011 - Programa Escolhas).

Este projecto tem como público-alvo, os alunos da Escola do 2º e 3º ciclos, e os encarregados de educação, e estão classificados em dois grupos: destinatários e beneficiários. Destinatários são os alunos com maior risco de insucesso escolar. Beneficiários são os alunos com menor risco de insucesso escolar, incluídos os familiares dos alunos desta escola, provenientes de bairro degradados que na sua maioria são trabalhadores manuais, com ou sem especialização, baixo nível de escolaridade, dificuldades socioeconómicas e que pouco ou nada se envolvem na vida escolar de seus filhos. Complementarmente, este projecto dá apoio às famílias, através da mediação com a escola, de acções de educação e envolvimento parental, encaminhamento de pais para a qualificação, apoio na legalização e apoio à inclusão digital. É um projecto com dinâmica própria ligada à gestão da escola com um planeamento integrado, e a sua intervenção é no contexto escolar em geral, tem como finalidade o desenvolvimento de actividades educativas, formativas, culturais e de promoção de saúde, que contribuam para o sucesso escolar e integração social das crianças e jovens (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Escola Mais”, 2011 - Programa Escolhas).

As tabelas 1 e 2 indicam o nível global de participação dos destinatários/beneficiários nas actividades realizadas pelo Projecto “Academia Escola Mais” de Janeiro de 2010 a Junho de 2011. Os dados foram extraídos do Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Escola Mais”, 2011-Programa Escolhas.

Tabela 1 - Geral Cumulativo desde o início do Projecto

	Ocorrido		
	Destinatários	Beneficiários	Total
Criança/Jovem	274	431	705
Familiar	0	92	92
Total	274	523	797

Durante o 1º ano e meio, o projecto abrangeu 274 destinatários, 431 beneficiários e 92 familiares no total de 797 indivíduos. A maioria dos destinatários/beneficiários eram alunos do 2º ciclo de escolaridade, com idades compreendidas entre os 10 e os 13 anos. As maiores taxas do insucesso escolar, absentismo e comportamentos indisciplinados verificaram-se no 2º ciclo. Por esta razão, a intervenção incide neste grupo de destinatários/beneficiários.

O período da implementação deste projecto decorreu de 01-01-2010 a 31-12-2012 (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Escola Mais”, 2011 - Programa Escolhas), que é o período que se pretendeu abordar neste estudo.

Este projecto é parte integrante do Projecto Educativo e integrado no TEIP (Território Educativo de Intervenção Prioritária), destinado aos alunos do 2º e 3º ciclo desta escola, que na sua maioria provenientes de meios vulneráveis e de famílias com o nível de vida mais desfavorecida. A grande parte dos pais trabalha na construção civil e as mães nas limpezas. Os alunos que frequentam esta escola são no total 600 alunos, dos quais 70% são alunos imigrantes ou descendentes de imigrantes provenientes de várias nacionalidades, na sua maioria são de origem cabo-verdiana, seguida de guineenses e brasileiros. Esta escola já atingiu 21 nacionalidades e actualmente tem mais de 14 nacionalidades: *Portugueses lusos é uma minoria, porque a maioria 70% são de origem estrangeira e 30% é que são de origem lusa, é minoria. Os cabo-verdianos, ucranianos, brasileiros são a maioria, e os lusos é uma minoria* (Entrevistada C).

No público-alvo do projecto existe grande diversidade cultural, com a presença de 16 nacionalidades, sendo 70% dos alunos de origem estrangeira. Pelo que o projecto abrangeu 107 destinatários e 141 beneficiários e 16 familiares, abrangendo 248 indivíduos descendentes de imigrantes acompanhados em 18 meses.

Tabela 2 - Descendentes de Imigrantes Cumulativo desde o início do Projecto

	Destinatários	Beneficiários	Total
Criança/Jovem	107	125	232
Familiar	0	16	16
Total	107	141	248

A taxa de descendentes de imigrantes também era bastante alta, dado que a escola era composta por cerca de 70% de descendentes de imigrantes ou imigrantes. Embora esta escola seja bastante heterogénea e multicultural por se encontrarem alunos de várias nacionalidades e vários níveis socioculturais, existe um bom relacionamento entre os alunos, professores e famílias. De modo geral existe também uma boa relação entre os pais imigrantes e os pais portugueses. Esta boa

relação é resultado do bom trabalho de cooperação entre os professores e as famílias, como refere a Entrevistada C:

(...)O ambiente é bom. A escola é boa, já foi muito má, mas a escola é boa...(...)...há uma relação (...)uma escola dos afectos, dão-se muito bem, há um bom relacionamento entre os professores...há muito trabalho de cooperação...(...)...os pais imigrantes e portugueses dão-se bem, há uma coisa ou outra, racismo existe, não vamos fingir que não existe...os miúdos dão-se todos bem, não é por ser branco ou preto, dão-se todos bem... brigam mas nunca é por causa de racismo, eles brigam porque o namorado roubou a namorada...(ria-se)(Entrevistada C).

O TEIP abrange todas as escolas do agrupamento e tem financiamento do Ministério de Educação. Por sua vez, o projecto em estudo é financiado pelo Programa Escolhas e destina-se apenas aos alunos do 2º e 3º ciclo da escola. Embora estes projectos tenham financiamento distinto, ambos trabalham para atingir os mesmos objectivos, enquadrados no TEIP.

Uma das formas para atingir os objectivos do TEIP é a realização de actividades de forma a prevenir e reduzir, por um lado, o absentismo e o insucesso escolar, por outro, a falta de formação dos pais e do acompanhamento parental, as famílias ilegais, a desmotivação face à escola, etc. Os técnicos deste projecto são independentes, não se enquadram na escola, são funcionários da Associação Mediar e pagos pelo Programa Escolhas e encontram-se a trabalhar na escola para implementar e desenvolver as actividades do referido projecto no âmbito do Programa Escolhas (Entrevistada C), para atingir os seguintes objectivos:

Contribuir para o sucesso escolar e redução do absentismo escolar; Contribuir para a participação cívica e comunitária; Desenvolver dinâmicas que promovam a autonomia e empowerment; Desenvolver a capacidade de empreendedorismo dos jovens (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Escola Mais”, 2011 - Programa Escolhas).

A equipa técnica deste projecto tem formação própria e várias experiências profissionais relevantes relativamente às funções que desempenha e aplica estes conhecimentos com vista a atingir o sucesso escolar dos alunos, principalmente os que corram o risco de insucesso escolar.

Na tabela 3 verifica-se o nível do sucesso escolar dos alunos com maiores dificuldades na aprendizagem escolar e em risco de reprovação, a redução do absentismo e da indisciplina escolar dos alunos acompanhados, resultante do esforço dispensado pela equipa do Projecto “Academia Escola Mais” que ultrapassou o que estava previsto.

Para a concretização destes objectivos foram contabilizados apenas os alunos que frequentaram as seguintes actividades:

1. O sucesso escolar:
 - "Laboratório do Conhecimento" (LC)
 - "Laboratório do Conhecimento Informático" (LCI)
 - "Crescer Mais" (CM)
2. O absentismo escolar: "Oficinas Mais".
3. A indisciplina: "Férias Mais"

Tabela 3 - Nível do sucesso escolar, diminuição do absentismo e indisciplina escolar dos alunos acompanhados de Janeiro 2010 a Junho 2011

Objectivos	Previstos	Acompanhados			Concretizados		
		Anos lectivos			Anos lectivos		
		2009/2010	2010/2011	Total	2009/2010	2010/2011	Total
Sucesso Escolar	30%	48	47	95	32	43	75
Diminuição de absentismo	30%	30	16	46	26	15	41
Diminuição de indisciplina	30%	31	37	68	27	32	59

Tabela 3 - Os dados desta tabela foram extraídos do Relatório de Avaliação do Projecto "Academia Escola Mais", 2001-Programa Escolhas.

Em seguida, abordam-se as funções desta equipa na implementação e desenvolvimento das actividades do projecto "Academia Escola Mais":

2. Funções e actividades desenvolvidas

Uma das funções da equipa técnica do projecto "Academia Escola Mais" (AEM) é dar apoio aos alunos com dificuldades na aprendizagem escolar. As causas do insucesso escolar dos alunos desta escola, normalmente são: as dificuldades de aprendizagem, desmotivação escolar, falta de acompanhamento familiar, absentismo, e desigualdade de oportunidades.

Os alunos com muitas dificuldades no processo de aprendizagem e que correm o maior risco de reprovação são provenientes dos bairros críticos e de famílias pouco estruturadas, os pais não lhes prestam atenção e encontram-se por vezes perdidos, desvalorizando os estudos, referiu a Entrevistada A.

A “Academia Escola Mais”(AEM) estrutura-se em quatro grandes áreas de intervenção:

- 1) Área de Intervenção “Inclusão Escolar e Educação Não-formal”;
- 2) Área de Intervenção “Dinamização Comunitária e Cidadania;
- 3) Área de Intervenção “Empreendedorismo e Capacitação;
- 4) Área de Intervenção “Inclusão Digital”.

Pretendeu-se através de cada uma destas áreas de intervenções atingir os seguintes objectivos específicos:

Na área da inclusão escolar e educação não formal pretendeu-se reduzir o insucesso e absentismo escolar, através das seguintes actividades: “Laboratório do Conhecimento”, “Crescer Mais”, “Mediação aluno-família-escola” e “apoio à legalização”;

A área de intervenção “Dinamização comunitária e cidadania” teve como objectivo contribuir para a participação cívica e comunitária, através das actividades de “Jornal do Pedro”, dança, “Oficinas Mais”, o “Espaço Viver Mais”, as “Férias Mais” e a “Mega Animação”;

A área de intervenção “Empreendedorismo e Capacitação” pretendeu-se promover a autonomia e capacitação das crianças e jovens, tendo como actividades o “Staff Mais”, Associação de Estudantes, Assembleia Municipal e outras;

A área de Inclusão Digital é transversal a todas as outras áreas anteriores, tendo como principal actividade a dinamização do “CID”, que pretende capacitar através de formações e incentivar o uso do “TIC”(Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Escola Mais”, 2011-Programa Escolhas).

O foco central desta abordagem incide na dinamização das actividades com vista à redução do insucesso e o absentismo escolar dos alunos destinatários/beneficiários do projecto “Academia Escola Mais” com dificuldades de aprendizagem, que se concretizaram através das seguintes actividades: “Laboratório do Conhecimento”, “Laboratório do Conhecimento Informático”, “Crescer Mais”, “Megamet”, e “Formação CID” para alunos; “Oficinas Mais”; “Férias Mais” e “CID livre”; dinamização da co-responsabilização das famílias e encarregados de educação, através de mediação com a família; acções de formação parental e formação “CID” para pais e também actividades de apoio à família sobre a Legalização e Apoio à Família no encaminhamento para qualificação, de forma a existir um melhor acompanhamento familiar para fazer face ao sucesso escolar dos alunos.

Na tabela 4 verifica-se o maior envolvimento dos destinatários e beneficiários nas actividades realizadas pelo projecto “Academia Escola Mais” em 2011, que ultrapassou o nível de concretização que estava previsto. Este sucesso reflecte o esforço da equipa em concretizar o que foi proposto de forma eficiente.

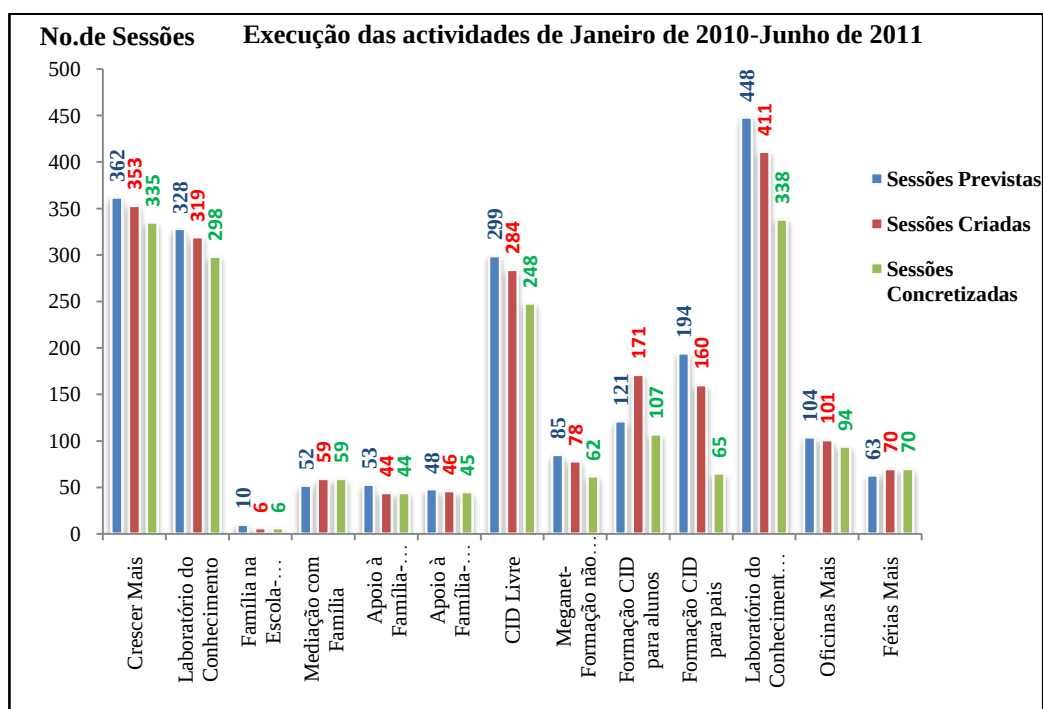
Tabela 4 - Nível global de participação dos destinatários/beneficiários em actividades no ano lectivo de 2010/2011

PREVISTO				CONCRETIZADO		
Actividades	Destinatários	Beneficiários	Total	Destinatários	Beneficiários	Total
Crescer Mais	8	3	11	10	4	14
Laboratório Conhecimento	15	5	20	27	6	33
Formação Parental	0	15	15	0	22	22
Mediação Familiar	0	10	10	0	27	27
Oficinas Mais	15	30	45	14	21	35
Apoio à família (Qualificação)	0	10	10	0	18	18
Apoio à Família (Legalização)	5	5	10	73	12	85
CID Livre	40	30	70	100	62	162
Meganet	10	40	50	74	48	122
Formação CID-Pais	0	10	10	0	12	12
Formação CID-Alunos	15	30	45	53	7	60
L.C.Informático	15	5	20	26	6	32

Tabela 4 - Dados extraídos do Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Escola Mais”, 2011-Programa Escolhas.

Na gráfica2 a seguir, verifica-se o nível de execução das actividades concretizadas em sessões presenciais durante dezoito meses. Para a contabilização deste nível foram contabilizadas apenas as actividades que se relacionavam mais com o sucesso escolar, o absentismo e a indisciplina dos alunos acompanhados pela equipa técnica do projecto, durante o período lectivo 2010/2011.

Gráfica 2 - Nível global de participação dos destinatários/beneficiários em actividades no ano lectivo de 2010/2011



Gráfica 2- Os dados desta tabela foram extraídos do Relatório de Avaliação do Projecto "Academia Escola Mais", 2011- Programa Escolhas.

Os dados deste gráfico revelam a participação dos destinatários e beneficiários nas actividades realizadas pelo projecto “Academia Escola Mais” em 2011.

Existem outras actividades que foram dinamizadas pela equipa para a redução da indisciplina e comportamentos de risco, tais como: o Jornal do Pedro, a Dança, a Escola de Direitos, a Mega Animação, o Futebol e o Escolhas Portas Abertas, entre outras (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Escola Mais”, 2011-Programa Escolhas), que, no entanto, não irão ser abordados neste estudo, embora também tenham o impacto no (in) sucesso e abandono escolar precoce).

Pretende-se abordar as seguintes actividades de apoio às dificuldades da aprendizagem dos alunos:

3. Actividades

3.1.Laboratório do Conhecimento

Os alunos são integrados nas actividades do Laboratório do Conhecimento e são acompanhados regularmente pela equipa técnica do projecto, dando-lhes

apoio pedagógico e incentivo, principalmente aos que manifestam mais dificuldades no processo de aprendizagem, na organização dos estudos e do material escolar, aos que têm pouco acompanhamento escolar por parte da família, aos alunos com carências socioeconómicas e com poucos apoios educativos, para que vão adquirindo capacidade de estruturação e autonomia e a desenvolver o seu processo de aprendizagem de forma independente (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Escola Mais”, 2011-Programa Escolhas).

O Laboratório do Conhecimento funcionava no horário não lectivo, isto é, após as aulas, e era frequentado pelos alunos do 5º e 6º ano, com o objectivo, não só de responder às necessidades relacionadas com as dificuldades de aprendizagem, mas, também para ocupar os tempos livres dos alunos, orientando-os na organização dos estudos, pois muitos desses alunos de bairros críticos e degradados encontravam-se por vezes perdidos, e desorientados, devido à longa ausência dos pais para o trabalho. As actividades deste laboratório também eram frequentadas pelos alunos das necessidades educativas especiais encaminhados pelos directores de turma, ou pela equipa das necessidades educativas especiais, professores do ensino especial, ou pelas psicólogas (Entrevistada B).

Segundo a entrevistada A:

(...) ...Essa actividade (...) pretende dar resposta não só às necessidades que eles têm em termos de aprendizagem, planeamento do estudo, preparação para os testes, realização de trabalhos de casa, mas também ocupar o horário deles para as aulas, porque muitas vezes temos os alunos que saem da escola e acabam por... devido morar em bairros críticos e famílias por vezes um pouco estruturadas, ficaram um bocado perdidos e não daram-se ao trabalho de dar significado ao estudo que é importante que dêem. Então no laboratório do conhecimento nós temos esse objectivo, portanto... apoiá-los... nos trabalhos de casa, na preparação para os testes, na adequação da metodologia de trabalho (...) mais numa orientação escolar, (...).

No Laboratório do Conhecimento desenvolveram-se várias actividades, individuais ou em grupo que incidiram nas seguintes actividades: *na estruturação e planeamento do estudo, na organização do material escolar, na realização dos trabalhos de casa, na revisão da matéria dada ao longo das aulas, das várias disciplinas, na pesquisa de provas globais e no desenvolvimento de actividades lúdico-pedagógicas de incentivo ao estudo e novas aprendizagens* (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Escola Mais”, 2011-Programa Escolhas).

As intervenções da equipa técnica na realização destas actividades partem de um planeamento semiestruturado, em articulação com os trabalhos desenvolvidos nas aulas, que se vão adaptando às necessidades dos alunos.

3.2.Laboratório do Conhecimento Informático

As actividades desenvolvidas no Laboratório do Conhecimento Informático incidiram no domínio das ferramentas de trabalho do Office, estruturação e realização de trabalhos no computador em *Word*, *Excel* e apresentações no *PowerPoint* que incentivaram muito os alunos a realizarem os trabalhos de casa, além de fazer pesquisas de informação para trabalhos escolares na internet (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Escola Mais“, 2011- Programa Escolhas). Esta formação informática também é destinada aos pais com o objectivo de apoiar os filhos na realização dos trabalhos de casa no computador (Entrevistado B).

A formação informática para os pais é uma das estratégias para cativar a aproximação e o envolvimento das famílias no processo de aprendizagem escolar dos alunos. Esta formação, para além de ser um meio para aproximar as famílias da escola serve também para que os pais possam ajudar os seus filhos na realização dos trabalhos de casa no computador. Esta formação é uma das actividades que mais incentiva os pais a aproximarem-se da escola. Muitos pais mostram-se muito interessados em aprender a trabalhar com a informática. Também é dada aos alunos com o objectivo de facilitar a realização dos trabalhos: “Acontece que, por vezes, a formação é dada aos pais e filhos simultaneamente e alguns pais conseguem ter melhor nota que os filhos. Esta forma competitiva incentiva muito ambas as partes” como referiu:

“ (...)...dou formação informática aos pais, e o programa escolhas tem uns programas de protocolos com a Microsoft, eu dou formação de informática aos pais às 3^{as} e 5^{as} feiras, à noite, das 7 às 8h da noite...(...)dou também a formação de informática aos alunos do 5^o ano, essa é a tal formação de Microsoft que se chama literacia digital, tem vários módulos, com os alunos do 5^o ano dou só o 1^o módulo, que é princípios básicos de informática, coisa leve, depois, dou também formação aos pais ... essa formação aos pais já tem 5 módulos da formação de literacia digital, tem princípios básicos, depois tem a segurança na internet, tem programa de produtividade, trabalhar com Word, Excel, PowerPoint, tem outro módulo (...) que é relacionado com à procura de emprego e em que áreas é que se podem pesquisar. Para além disso, mantenho contactos com os pais que têm cá os filhos no laboratório do conhecimento, ou seja no laboratório do conhecimento informático (...) porque os pais também estão na minha...ou seja, dou formação aos alunos também dou formação aos pais, às vezes dou mesmo ao pai e à mãe ou dou ao aluno, esta cada vez mais. Às vezes acontece terem a mesma formação, e é engraçado quem teve a melhor nota se é o pai ou se é o filho... (Entrevistado B).

As actividades do Conhecimento de Informática têm tido o maior impacto na aproximação e envolvimento das famílias no acompanhamento escolar dos alunos para o sucesso escolar. Muitos pais, que inicialmente não sabiam trabalhar com o

computador, após a formação conseguiram utilizá-lo. Sendo assim, já conseguem ajudar os filhos na realização dos trabalhos da casa, como refere o Entrevistado B:

(...) Há pouco tempo atrás, houve uma semana de internet segura e fiz uma acção de sensibilização para os pais sobre internet segura, (...) é a formação de literacia digital, e uma outra acção de formação de sensibilização pontual. (...) nesta 1ª fase, os alunos do 5º e 6º ano para nós não há tanto, mas quando eles chegam ao 6º 7º e 8º têm que fazer mais trabalhos no computador... se o pai tiver aprendido comigo ou a mãe ou o avô terem aprendido comigo a informática para ajudar o aluno em questão.

A Formação Informática tem sido a actividade com maior adesão e incentivou muito a aproximação dos pais da escola e o seu maior envolvimento no acompanhamento escolar dos filhos. Muitos deles frequentaram a informática com o objectivo de poder comunicar informalmente com a equipa técnica do projecto, desabafando os seus problemas, as suas dúvidas em relação às suas dificuldades do (não) envolvimento na aprendizagem dos filhos, que de algum modo, tinham receio de comunicar aos directores de turma ou professores (Entrevistado B). Segundo a Entrevistada C:

(...) Às vezes os pais vêm ao curso de informática, e nem se quer é para aprender a informática, querem falar, desabafar, só que se for só para...olha venham para desabafar... As pessoas não vêm não é, dizem que não têm tempo. Mas se nós criarmos um espaço, olha venha aprender a trabalhar com informática, se calhar 10 a 15 minutos é para falar, aí meu filho isto...os pais falarem entre si já é uma forma de aprender e de tentar novas estratégias de acompanhamento dos estudos, pois o meu filho, eu o meu filho, não deixa de fazer isso...aí não sei o que com o meu filho. Só aquela conversa inicial já é importante, não é? (...) Cafezinho no final do curso. Essas coisas que estabelecem a relação, é importante para ligar a escola à família, não parecer ah isto é um depósito onde ponho o meu filho para ensinar e acabou, não é? E só tem que controlar se têm boas ou más notas, não é? Se for só para isso e os pais desligam-nos, nós cultivamos uma relação, as pessoas mantêm-se conectadas.

Para otimizar o apoio aos alunos é necessário perceber as causas das suas dificuldades no processo de desenvolvimento pessoal e na aprendizagem. Assim, as técnicas, em articulação com os directores da turma, realizam um diagnóstico no início do acompanhamento, para conhecer e identificar os problemas, sinalizando-os conforme as prioridades, que posteriormente serão tratados, adaptando às necessidades e interesses dos alunos e os trabalhos desenvolvidos nas aulas (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Escola Mais”, 2011-Programa Escolhas), como se pode verificar pelas seguintes afirmações:

A nossa articulação tem que ser total, não é, com o DT, as avaliações são feitas e entregues ao DT, temos reuniões com os DT para saber o percurso, como é que o aluno está a ir, como é que deve evoluir, em que é que nós devemos apostar, (...)...incide mais na matemática nesse aluno, ou se incide mais no português, temos reuniões com os DT, falamos, os DT é que sinalizam-nos os casos, nós não sabemos, não é, quem é que tá precisar mais e quem é

não precisa, só os DT é que sabem, são eles que sinalizam, só os DT dizem assim, olha esse aluno tá a faltar e ir lá à casa, só os DT, não é, portanto a relação é total. É com os DT que fazemos as reuniões, mandamos o e-mail, contactamos o DT através do e-mail, total, sem o DT não é possível não é, sinalização, essas coisas, e o feedback que nós damos depois ao DT. Os directores de turma contactam directamente(Entrevistada C).

“Há situações que não é preciso passar pelo projecto ... nós não trabalhamos com todos os alunos,...são 600 e tal alunos na escola...Só alguns alunos em risco estão connosco...mesmo assim não são todos, ...e há coisas que eles podem fazer directamente imagina que um caso mais grave contactar assistência social, DT contacta directamente assistência social e nós nem se quer participarmos no processo, ou um problema psicológico grave, mandamos para apoio psicológico, portanto eles contactam directamente a psicóloga, não passam por nós, por exemplo não é. Nós somos mais um serviço da escola, não é Portanto serviço de psicologia, serviço de social, temos nós, nós somos mais um serviço da escola. A articulação é sempre, nós damos no princípio do ano, eles sinalizam-nos os alunos, nós vamos intervir, e nós depois damos sempre uma avaliação aos DT todos os períodos. Como é que o aluno tá a evoluir? Nós marcamos reuniões com os DT e eles sinalizam casos que é necessário comunicar com a família” (Entrevistada C).

3.3.“Crescer Mais”

Na prevenção e redução do absentismo e do insucesso escolar dos alunos foram realizadas as actividades do “Crescer Mais”, através de apoio mais individualizado com acompanhamento regular e incentivo ao estudo, com vista à redução das dificuldades de aprendizagem. O “Crescer Mais” era destinado para todos os alunos e realizado em pequenos grupos de 2 ou 3 alunos, com o objectivo de desenvolver competências pessoais e sociais. Pretendeu-se, com as actividades do “Crescer Mais” que os alunos adquirissem métodos de estudos e incutir-lhes responsabilidades e autonomia, como também desenvolver o interesse e o gosto de aprender(Entrevistada A).

As actividades desenvolvidas neste âmbito incidem:

(...) no treino de competências pessoais e sociais, promoção do autoconhecimento, valorização pessoal e melhoramento da auto-estima, bem como na estruturação e planeamento do estudo, na organização do material escolar, na realização dos trabalhos de casa, na revisão da matéria dada ao longo das aulas, nas várias disciplinas, na pesquisa de informação para trabalhos escolares ou de interesse pessoal, na preparação para testes e provas globais, através de domínio da matemática, como resolução de cálculos, problemas, exercícios de lógica; escrita livre e dirigida, visando avaliar a grafia (qualidade da letra ou caligrafia), ortografia e produção textual; leitura(descodificação e compreensão); desenhos e outras actividades expressivas; jogos de construção, jogos simbólicos e com regras, bem como no desenvolvimento de actividades lúdico-pedagógicas de incentivo ao estudo e novas aprendizagens”(Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Escola Mais”, 2011-Programa Escolhas).

Os alunos que participaram nas actividades do “Crescer Mais” alguns apareceram por iniciativa própria, outros foram encaminhados pelos DT ou pela equipa das necessidades educativas especiais, pelos professores do ensino especial, ou pelas

psicólogas. Os alunos encaminhados eram alunos de maior risco de insucesso escolar. Houve maior articulação e colaboração entre a equipa técnica e os DT e professores relativamente à identificação das dificuldades dos alunos, para posterior acompanhamento, tanto mais que essas actividades deram continuidade aos trabalhos desenvolvidos nas aulas. Para isso, realizaram-se reuniões multidisciplinares onde se envolveram os DT, os professores, os técnicos, e também as famílias, para verificar e perceber as situações que necessitavam de intervenção. A iniciativa podia partir da equipa técnica ou dos DT, para encontrar a melhor forma de ajudar. Os alunos com necessidades educativas especiais são reencaminhados pelos professores do ensino especial ou Directores das Turmas, mas normalmente passam sempre pela professora do ensino especial. Porque esse apoio - “Crescer Mais” substitui as aulas, como descreve a Entrevistada A):

Os alunos com necessidades educativas especiais são reencaminhados pelos professores do ensino especial ou Directores das Turmas, mas normalmente passa sempre pela professora do ensino especial. Isso porquê? Porque o nosso apoio substitui aulas ou seja por exemplo temos alunos que em vez de estar numa aula de matemática, a nível cognitivo não consegue acompanhar aquelas matérias que estão a ser dadas como inglês, matemática ou outra disciplina, frequentam actividades nossas nomeadamente o “Crescer Mais”. O que é que nós fazemos com esses alunos? Tendo em conta portanto, adequamos os materiais, estratégias do ensino tendo em conta aquilo que se pretende desenvolver com aquele aluno naquele ano lectivo, traçamos um projecto depois, cada aluno é um aluno único, temos um determinado currículo específico individual com o aluno que pretende desenvolver por ex. leitura e escrita não é, porque ainda não adquiriu a identificação das letras, temos os alunos que até as letras é difícil de identificarem, outros alunos poderá ter mais com a socialização, com integração no grupo. Pronto, mas normalmente, é-nos encaminhados pela equipa multidisciplinar, portanto no início do ano lectivo nós temos reunião de equipa, vemos que alunos estão inscritos na escola que vão necessitar acho que os alunos que estão inscritos na escola que vão necessitar do tal currículo específico individual e depois onde é que se podem integrar os alunos, em que actividades se podem integrar os alunos em substituição de aulas que eles não conseguem acompanhar (Entrevistada A).

3.4. Mediação familiar

A equipa técnica também dá apoio às famílias no acompanhamento escolar dos filhos. A falta de acompanhamento parental e o desconhecimento dos pais sobre como devem apoiar os filhos, as carências económicas, o desemprego, a falta de formação dos pais e o desinteresse implicam o absentismo dos alunos e posterior insucesso escolar. A dinamização das actividades de “mediação com a família, formação parental, e formação CID para os pais” é uma forma de prevenir ou reduzir o absentismo dos alunos (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Escola Mais”, 2011-Programa Escolhas).

A “Mediação com a Família” era uma forma de se aproximar às famílias que pouco ou nada se comunicavam com a escola. Essas famílias eram sinalizadas pelos DT para posterior intervenção da equipa técnica em colaboração com outras parcerias, deslocando-se às suas residências para verificar os problemas ou as dificuldades que deram origem a esse afastamento e orientá-las para que fossem falar com o director de turma ou assistente social. Algumas dessas famílias eram encarregadas de educação dos destinatários que se encontravam inscritos no “Laboratório do Conhecimento” e do “Crescer Mais”. Estes contactos são fundamentais para que exista uma co-responsabilização das famílias no processo de educação e acompanhamento familiar. (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Escola Mais”, 2011-Programa Escolhas).

A mediação familiar é uma das actividades que a investigadora destaca como tendo impacto muito positivo na aproximação e no envolvimento das famílias consideradas *famílias difíceis de alcançar* (Davies, 1989) no acompanhamento escolar dos alunos. As visitas domiciliárias realizadas pela equipa técnica do projecto, deslocando-se à casa destes pais para dar o seu apoio, têm aproximado esses pais da escola e contribuiu para a colaboração com a escola para o sucesso educativo dos filhos. Também através da formação parental e mediação linguística foram transmitidas informações sobre as estratégias para ajudar os filhos e os educandos, sobre a organização e funcionamento do Laboratório do Conhecimento e reforçaram o relacionamento dessas famílias com a escola (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Escola Mais”, 2011- Programa Escolhas).

3.5. “Formação CID para Pais”

Esta formação também foi dada aos pais, foi uma actividade bastante procurada pelas famílias dos alunos, pais e avós, dada a necessidade actual da literacia digital. A formação CID incentivou muito as famílias a aprender com muita motivação e interesse, embora tivessem que ter sessões extras devido às dificuldades de alguns pais (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Escola Mais”, 2011-Programa Escolhas).

3.6.A “Meganet”

A “Meganet” é uma formação não certificada com objectivo de apoiar os alunos na utilização das TIC para a realização de trabalhos de casa através do computador. A “Formação CID para alunos” é uma formação certificada, atribuída a todos os alunos do

5º ano com objectivo de garantir os conhecimentos básicos relativamente às tecnologias de informação que possam contribuir para o sucesso escolar dos alunos. (Relatório de Avaliação do Projecto Academia Escola Mais, 2011-Programa Escolhas), como referiu o entrevistado B:

(...)outra actividade que é a “Meganet”, todas as 4ªs feiras à tarde, nós damos uma formação não formal, ou seja falamos...sobre programas para edição vídeo, para edição de voz, som, tudo é informática, tudo é relacionado com o computador. Tivemos no ano passado e também este ano um projecto inovador que chama-se “tagmat”, era a construção de tapetes interactivos, no âmbito de uma experiencia piloto do professor e investigador Roger Meintjes, onde foi possível fazer dois tapetes interactivos, “Em Busca da Atlântida” e “O Mistério da Árvore Móvel”, com a utilização de sensores sem fios com o programação no computador e os miúdos fizeram tapete interactivo sem fios, como aqueles sensores do metro, passa o cartão por cima, e há um jogo, uma forma, isto por exemplo à 4ª feira e tem também CID de livros, CID de livros ocupa com mais horas, CID livros os meninos podem utilizar mais computadores, quase livremente, não é, temos horas temos regras, não é, não pode passar o dia todo no facebook, claro que não, a hora de jogos de 1 às 2, não há mais, e depois é fazer trabalho, fazer pesquisas ou fazer jogos didácticos, como eles querem só fazer jogos, e se for para fazerem algum trabalho e eles não querem e não fazem, tentamos, entre parênteses, enganá-los. Ah façam este jogo, mas é um jogo didáctico, ao que eles vão aprender. Às vezes,... eles fazem, outras vezes nem por isso, outras vezes dizem: eh este jogo de aprender, eu não gosto. Esses são sites que procuro, são jogos que procuro na net e depois coloco ali nos computadores e quando os miúdos estão, olha está aqui este jogo experimenta a ver se gostas...e eles...ah não sei que...e ficam envolvidos e começam a fazer. Por exemplo jogos didácticos de matemática, português, inglês, de segurança na internet, dá destreza mesmo ao raciocínio (Entrevistado B).

3.7. “Oficinas Mais”

Para diminuir o absentismo e outros comportamentos desviantes realizaram-se as actividades de “Oficinas Mais”, as “Férias Mais” e o “CID Livre”. As “Oficinas Mais” foi uma actividade realizada com o objectivo de desenvolver as competências pessoais e sociais, através de dinâmicas de grupo, a expressão dramática e a expressão plástica. Esta actividade foi uma das formas de intervenção relativamente aos grupos de alunos que tinham sido sinalizados e que se encontravam a frequentar o “Laboratório do Conhecimento” (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Escola Mais”, 2011-Programa Escolhas).

3.8. As “Férias Mais”

As “Férias Mais” foram actividades lúdico-pedagógicas que se desenvolveram para ocupar os tempos livres de forma saudável dos alunos durante as férias, com o objectivo de prevenir situações de pré delinquência e comportamentos de risco. As actividades foram jogos e dinâmicas de apresentação e cooperação, desporto, visita à

Ciência Viva, visita a Monsanto e ida à Piscina (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia EscolaMais”, 2011-Programa Escolhas).

3.9. Apoio à legalização e qualificação

O Apoio à legalização desenvolveu-se com o objectivo de contribuir para a participação cívica e comunitária, o direito à cidadania e o acesso à educação, saúde, assistência social, liberdade política, entre outros, e o apoio à família na qualificação e alfabetização, como condições essenciais para que sejam verdadeiros cidadãos. Através deste apoio, muitas famílias legalizaram a sua situação no país, o que contribuiu também para criar confiança entre os pais e a equipa técnica, um bom relacionamento e um reforço na aproximação e no envolvimento dessas famílias na vida escolar dos filhos.

A equipa técnica, no desempenho das suas funções, coopera com os directores de turma e com os professores, porque as actividades deste projecto estão integradas no projecto educativo da escola. No início de cada ano lectivo os directores de turma fazem a sinalização dos alunos com dificuldades de aprendizagem e que necessitam de apoio. Estes alunos sinalizados são reencaminhados para a equipa técnica, e esta faz a sua intervenção, quer com os alunos, quer com as famílias.

Na realização das actividades há uma óptima circulação de trabalho entre a equipa técnica deste projecto e os directores da turma. As avaliações do aproveitamento dos alunos acompanhados pela equipa são entregues aos directores de turma no final de cada período para o conhecimento da sua evolução.

Também se articulam com os técnicos do TEIP na realização das actividades, porque este projecto está integrado no TEIP do agrupamento. Determinadas actividades, como por exemplo, a orientação educacional é feita pelos técnicos do TEIP. Os técnicos do TEIP são a Assistente Social, a Socióloga e a Psicóloga. Para atingir determinados objectivos do TEIP como, por exemplo, reduzir o absentismo ou o abandono escolar ou reduzir o insucesso escolar é necessária a intervenção da equipa técnica; embora cada serviço tenha o seu plano, todos os serviços da escola contribuem para um objectivo único que é o do TEIP (Entrevistada C). Assim, a equipa técnica deste projecto e os técnicos do TEIP e a escola articulam-se, organizam-se e realizam as actividades em conjunto para atingir os mesmos objectivos, que são os objectivos do TEIP.

Um dos aspectos mais importante para atingir os objectivos do projecto é o envolvimento da comunidade. A Associação de Pais é um parceiro muito importante para a concretização dos objectivos, à qual a equipa técnica tem recorrido muito para mobilizar os pais considerados como *pais difíceis de alcançar* (Marques, 2001) quando a equipa técnica não consegue mobilizá-los. “*A associação de pais tem um grande poder mobilizador de pais, porque consegue cativar os pais que a equipa não tem conseguido*” (Entrevistada C). Assim, para atingir o sucesso na implementação do projecto é necessária a articulação com todos os parceiros, formais ou informais.

A população onde se encontra localizada a escola é uma população com carências socioeconómicas, e a maior parte das famílias são imigrantes com pouca ou sem escolaridade, não sabem ler e nem escrever. Muitas delas são provenientes de países estrangeiros, sem conhecimento do funcionamento do sistema educativo português, não têm noção de como é que a escola funciona (Entrevistada C).

A maior parte destes pais preocupa-se muito com o futuro dos filhos. Mas muitas vezes é-lhes difícil acompanhar os filhos na aprendizagem escolar, mesmo que queiram ajudar, não podem, porque não sabem como fazê-lo, como refere a Entrevistada C:

(...) o problema daqui da nossa escola. Nós temos uma população que tem muitas carências sócio económicas,(...) e são pessoas a maior parte imigrante tem pouca escolaridade, não é, elas não, não...muitos não têm escolaridade alguma, nem sabem ler e nem escrever, outras nem se quer... ou se sabem, não têm bem noção de como é que a escola funciona, não é, vêm doutros países, não sabem como é que o sistema educativo funciona, não sabem, que imagina que trazem... normalmente os alunos trazem os trabalhos de casa, este é um exemplo, não é, e que importante com o DT, podem fazer mesmo não há problemas ou tem que consultar a caderneta do aluno para ver se há recados, não é, ou que podem contactar os pais na escola, não têm essa noção. E isso não tem noção, é difícil de acompanhar os filhos mesmo que o queiram (...) (Entrevistada C).

São importantes as formações na área de Educação Intercultural para os professores, mas não basta adquirir conhecimentos, o essencial é modificar atitudes no modo de olhar os pais, na forma de tratamento. Procura-se criar uma comunicação eficaz que facilite a confiança dos pais, que os aproxime dos directores de turma e professores. Porque, como se verificou neste estudo, os pais, mesmo os mais carenciados economicamente e com baixo nível de escolaridade, aproximaram-se da escola e interessaram-se pelos estudos dos filhos, e envolveram-se bastante nas actividades de aprendizagem dos filhos, devido à confiança criada entre a equipa técnica deste projecto e os pais.

Davies (1988) no estudo realizado com 150 professores de Boston, Liverpool e Portugal, referindo as atitudes dos professores que consideram os pais pouco interessados na educação dos filhos, concluiu que esses pais *se preocupavam com o progresso dos filhos e pretendiam participar mais na escola, embora não soubessem como* (Marques, 1997, p.28).

Davies (1997) revela: *o grande problema destes pais não era o não quererem ajudar os filhos, mas o não saberem como, e que o maior apoio que a escola lhes poderia dar era ajudá-los a ajudar os filhos* (citado por Silva, 1998, p.87). É muito importante estabelecer uma boa relação com os pais para os ajudar a ultrapassar os obstáculos e colaborar com a escola para que os seus filhos possam ter sucesso escolar.

As famílias desta escola têm sido colaborantes e comunicativas com a equipa técnica, sabem valorizar os esforços e o trabalho prestado pela equipa, têm abertura para com a equipa, e contactam a escola por iniciativa própria quer por telefone, e-mail ou outros meios. No entanto, também existem famílias complicadas *famílias difíceis de alcançar* difíceis de aproximar da escola, mesmo contactando-as (Entrevistada A). Mas, também, *há pais mais disponíveis, mais abertos, mais preocupados, e são mais fáceis de serem abordados. Quando não podem vir presencialmente contactam a escola ou a equipa por telefone ou por e-mail* (Entrevistada B). Estes pais dão a sua maior colaboração ao trabalho da equipa, com vista a alcançar os objectivos definidos, garantindo o sucesso escolar dos alunos, embora eles não consigam ajudar os filhos na realização dos trabalhos de casa, por falta de conhecimentos.

A comunicação entre a equipa técnica do projecto “Academia Escola Mais” e os pais dos alunos são feitos através de telefone, caderneta do aluno, e-mail, facebook, além de reuniões formais e informais e visitas domiciliárias. O meio mais utilizado como ligação entre a equipa técnica “Academia Escola Mais” e os pais é o telefone, porque facilita o contacto imediato com os pais na resolução de questões relacionadas com os alunos, como refere a Entrevistada C: *Às vezes utilizamos a caderneta do aluno, telefonamos (...) a maior fonte de ligação é o telefone, nós telefonamos para os pais, agora tem telemóvel, rapidamente nós contactamos para os pais por telemóvel.*

Em determinadas situações a equipa realiza visitas domiciliárias, deslocando-se à casa das famílias para intervir nos problemas, por exemplo, o absentismo dos alunos, a não comparência dos pais às reuniões, conhecer e identificar de perto os motivos, dando-lhes o apoio na resolução dos seus problemas. Além das reuniões formais,

também se realizam reuniões ou encontros informais. Os encontros informais são um dos meios mais acessíveis de relacionamento com os pais pouco disponíveis. Através dos encontros informais os pais aparecem e comunicam com mais facilidade e sem receio com a equipa técnica, tendo uma abertura para esclarecer os problemas do filho, o que não fazem nas reuniões formais (Entrevistada C).

O e-mail é um dos meios de comunicação mais utilizado no relacionamento dos pais com esta equipa técnica para tratar das questões relacionadas com o desenvolvimento escolar dos filhos ou para saber outras informações. Este meio facilita bastante o relacionamento dos pais com a equipa técnica do projecto:

(...) os pais contactam-nos por e-mail, agora,...que é engraçado, nos outros anos não aconteceu, mas agora os pais já nos contactam, falam para nós por e-mail, que isso não era usual (...). No ano passado ainda as pessoas não contactavam tanto por e-mail como agora. Agora contactam por e-mail, porque as coisas evoluem muito rápido. (...)...há dois anos há atrás (...)...ou os 4 anos os pais não sabiam o que era o rato, agora já nos mandam e-mail contactam-nos, olha a minha filha como é que a minha filha está? (...)...contactam-nos por e-mail ... falam connosco através do facebook, por exemplo, isso não era usual antigamente, não, os pais nem se quer tinham conta do e-mail, (ria-se) quanto mais mandar mensagem por e-mail. Isto é uma forma muito engraçada e rápida explicar as coisas, de falar olha a minha filha vai faltar, e mandamos o e-mail. Isso antigamente, antigamente (ria-se) no ano passado não é? Parece que...que...mas é, a evolução é rápida as novas tecnologias de informação são importantíssimas (Entrevistada C).

A formação informática ministrada aos pais através das actividades do Laboratório do Conhecimento Informático levou os pais a tomarem iniciativa na utilização do facebook no relacionamento com a equipa técnica do projecto, por ser uma nova forma de comunicação mais fácil e mais rápida. Os pais têm-se mostrado muito interessados e entusiasmados com este meio de comunicação, porque para além de poderem corresponder-se com a equipa técnica, pedindo várias informações sobre os filhos, também podem acompanhar e ver as actividades dos filhos e fazer comentários sobre estas actividades que se encontram publicadas na página da “Academia Escola Mais”, esclarecer as dúvidas, conversar, desabafar com a equipa, porque se sentem mais próximos da escola (Entrevistada C). Esta forma de relacionamento incentivou muito o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos. Esta iniciativa dos pais na utilização do facebook e e-mail para estabelecer a comunicação com a escola e a equipa técnica do projecto indica uma atitude positiva e de maior interesse no envolvimento da aprendizagem escolar dos filhos. Este meio de comunicação encurta o distanciamento das famílias e promove a aproximação da escola, como se pode comprovar nas seguintes afirmações:

(...)...é uma nova forma não é, é através de novas tecnologias, através do e-mail do facebook,...os pais vêem as actividades dos filhos no facebook não é, e depois comentam, ai a minha filha, assim... ai a minha filha, como é que, e tão todos contentes, não é? A...a... mas é uma nova forma de comunicar com os pais. A...é engraçado, não é? É uma nova forma de comunicar, parece mais próximo, vêm logo podem... sabe que rapidamente, uma coisa é marcar 1h de reunião para falar ou telefonar parece mais introduzível, agora mandar um e-mail, nós mandamos sempre o nosso e-mail para os pais, não é, do projecto e depois eles encontram-nos também no facebook eles adicionam-nos, não é, e nós adicionamos e rapidamente...ou falamos, fazem comentários, ou... sei lá...perguntas tipo há vagas no, no curso de informática, pais que já saíram daqui do projecto, já saíram da escola, já não têm filhos na escola ainda perguntam, ai posso aparecer não sei que beijinhos não sei que, pais que já imigraram, engraçado, pais que imigraram por acaso tem uma mãe que tá em Londres, e a dizer ai gostei muito da minha filha estar... mantemos o contacto, quer dizer é uma nova forma de comunicar com a família, é uma nova forma, as novas formas de comunicar com a família (ria-se). É preciso estabelecer uma relação, sem dúvida porque a...uma relação fria, uma comunicação fria, no sentido de não, sem contacto, sem estabelecer relação, depois não cria laços e pronto... e nós...é mesmo aquela sensação de criar laços com a família, é o nosso intuito do projecto, pelo menos do projecto(Entrevistada C).

Contactamos, falamos de várias formas, damos atenção, às vezes os pais só querem falar. Às vezes os pais vêm ao curso de informática, e nem se quer é para aprender a informática, querem falar, desabafar, só que se for só para...olha venham para desabafar, as pessoas não vêm não é, dizem que não têm tempo. Mas se nós criarmos um espaço, olha venha aprender a trabalhar com informática, se calhar 10 a 15 minutos é para falar, ai meu filho, isto, a própria...a...os pais falarem entre si já é uma a forma de aprender e... de tentar novas estratégias de acompanhamento dos estudos, pois o meu filho, eu o meu filho, não deixa de fazer isso e não sei que, ai não sei o que com o meu filho... só aquela conversa inicial já é importante, não é? Sobre de relação, cafezinho no final do curso essas coisas que estabelecem a relação, é importante para ligar a escola à família, não parecer ah isto é um depósito onde ponho o meu filho para ensinar e acabou, não é? E só tem que controlar se têm boas ou más notas, não é? Se for só para isso e os pais desligam-nos, nós cultivamos uma relação, as pessoas mantêm-se conectadas, não é?(Entrevistada C).

4. Dificuldades da equipa técnica no desempenho das suas funções

Em geral a equipa técnica não tem atravessado muitas dificuldades no desempenho das suas funções na realização das actividades do projecto, embora ocasionalmente tenham surgido alguns casos mais graves, como o alcoolismo, a prostituição, tráfico de drogas, e outros desvios comportamentais, como consequências de desemprego e da miséria que passam essas famílias, como a seguir se descreve a Entrevistada C:

Os problemas mais graves da escola normalmente são pais...mães por causa da prostituição, alcoolismo, a...sei lá...espancamentos. Ainda agora uma mãe, por acaso uma mãe guineense, o miúdo tava, não tava a estudar, tava sempre a jogar berlindes, a mãe vai e queima o miúdo no dedo com disco quente por estar a jogar berlindes. Queimou, e senhora ainda a contar, não, mas, é para ele deixar jogar berlindes! Porque o miúdo contou. É cultura, cultura... às vezes as passagens...as vezes as próprias mães são vítimas de violências domésticas...(...)... quando há muita miséria, desemprego dos pais espetam

no álcool e depois descontam no miúdo e depois não conseguem concentrar para estar a tratar da criança, sei lá, há muitos casos de tráfico de droga (...).

Este tipo de ambiente desfavorável onde vivem estas famílias tem muita influência no desenvolvimento dos filhos. Muitos deles inicialmente eram bons jovens, mas devido à pressão do bairro, acabam por se render à situação, porque os pais não conseguem concentrar-se, não conseguem acompanhá-los e acabam por desinteressar-se pelos filhos:

(...) Muitas que até se comportam bem mas depois não conseguem aguentar a pressão do bairro, do tráfico de droga, do...dos roubos do bairro, aquele ambiente, quando chegam aos 17 anos é um sofrimento, 16, 17 e 18 se todos os teus amigos a fazerem, não fazes...mas nós não temos lá no bairro, nós não conseguimos acompanhá-los, não temos no bairro, não temos com eles sempre, não é, nós estamos acompanhar aqueles do 5º e 6º no máximo até ao 9º. A família tem que contribuir, mas às vezes mesmo a família querendo, não consegue ali no bairro, não é. É tão forte a pressão...os sobreviventes, os sobreviventes. Às vezes, desligam porque estão cansados, desligam-se dos filhos, e os filhos fazem o que querem, não é? E depois a educação torna-se uns tornam-se mal-educados, e outros malcriados... (Entrevistada C).

Para resolver estas situações é necessário a intervenção da equipa técnica com a colaboração de outros parceiros para ajudar estes pais a resolver os seus problemas, de modo a que possam envolver-se na vida escolar dos filhos para fazer face ao sucesso escolar. A equipa técnica na sua intervenção terá que adaptar as estratégias às situações que surgem.

Outras dificuldades da equipa técnica relacionam-se com a falta de organização dos alunos, o não levarem materiais escolares para a escola, e também a falta de materiais de apoio para um bom desempenho da equipa, principalmente para a formação informática que é necessariamente um computador para cada aluno, o que não se concretizou (Entrevistado B).

5. Estratégias para cativar a aproximação e o maior envolvimento das famílias para o sucesso escolar

O envolvimento ou o não envolvimento das famílias no processo de aprendizagem dos alunos depende do desenvolvimento e da aplicação de estratégias. Quanto mais variadas as estratégias, mais se responde às necessidades educativas da população estudantil. Henderson (1987) refere: “As escolas devem procurar oferecer um «menu» (Henderson, 1987, citado por Davies, et al.,” 1997, p.24-25).

A equipa técnica deste projecto desenvolveu várias estratégias consideradas adequadas às situações, tais como: laboratório do conhecimento, formação parental, formação informática, formação profissional, mediação familiar, visitas domiciliárias, mediação linguística, além das reuniões formais e informais (Entrevistada C).

As visitas domiciliárias têm sido uma das estratégias que tem tido maior e imediato impacto nas atitudes dos pais relativamente ao seu envolvimento na vida escolar dos filhos, como também implica a alteração positiva nos comportamentos dos alunos. Após a visita da equipa à casa destas famílias acontece sempre uma mudança comportamental, quer dos pais quer dos filhos.

Para melhor capacitar as famílias no acompanhamento da vida escolar dos filhos realizaram-se várias formações. Mas não basta fazer formações e reuniões. O mais importante é estabelecer uma relação de confiança dos pais para com o projecto, criar laços e boa relação entre a equipa e as famílias, mostrar atitudes de compreensão e de disponibilidade para os atender, saber ouvi-las, porque há pais que só querem falar, desabar os problemas que têm relativamente ao seu (não) envolvimento no acompanhamento escolar dos filhos:

(...)É preciso estabelecer uma relação, sem dúvida porque a...uma relação fria, uma comunicação fria, no sentido de não, sem contacto, sem estabelecer relação, depois não cria laços e pronto... e nós...é mesmo aquela sensação de criar laços com a família, é o nosso intuito do projecto, pelo menos do projecto(Entrevistada C).

É necessário criar um espaço para os pais poderem comunicar entre eles, porque conversando e trocando ideias entre os pais, já é uma forma de partilhar os conhecimentos em relação à aprendizagem dos filhos, refere a Entrevistada C:

Contactamos, falamos de várias formas, damos atenção, às vezes os pais só querem falar. Às vezes os pais vêm ao curso de informática, e nem se quer é para aprender a informática, querem falar, desabafar, só que se for só para, olha venham para desabafar, as pessoas não vêm não é, dizem que não têm tempo. Mas se nós criarmos um espaço, olha venha aprender a trabalhar com informática, se calhar 10 a 15 minutos é para falar, ai meu filho, isto, a própria...a...os pais falarem entre si já é uma a forma de aprender e...e...e de tentar novas estratégias de acompanhamento dos estudos, pois o meu filho, eu o meu filho, não deixa de fazer isso e não sei que, ai não sei o que com o meu filho...a...a...só aquela conversa inicial já é importante, não é? Sobre de relação, cafezinho no final do curso essas coisas que estabelecem a relação, é importante para ligar a escola à família, não parecer ah isto é um depósito onde ponho o meu filho para ensinar e acabou, não é? E só tem que controlar se têm boas ou más notas, não é? Se for só para isso e os pais desligam-nos, nós cultivamos uma relação, as pessoas mantêm-se conectadas, não é? Informatizada...(ria-se) (Entrevistada C).

Para que os pais se possam sentir como um dos membros da comunidade educativa e estejam integrados nesta comunidade, como refere Marques: *A melhor maneira de criar continuidade entre as escolas e os valores e culturas das famílias é abrir as escolas aos pais, criar espaço para eles se reunirem, proporcionar comunicação frequente, trata-los como verdadeiros membros da comunidade educativa e dar-lhes a conhecer o currículo escolar*(Marques, 1997, p. 33).

A equipa técnica tem vindo a utilizar várias formas para incentivar a aproximação e o envolvimento dos pais na aprendizagem escolar dos filhos, como: a formação informática, a semana de internet segura, a formação de literacia digital, actividades lúdicas e outras acções de sensibilização. Acontece que às vezes estas formações são dadas aos pais e filhos simultaneamente e que resulta uma competição entre pais e filhos (Entrevistado B). A formação informática para os pais, é a actividade que mais os incentivou. Esta formação além de contribuir para o conhecimento dos pais na utilização da informática, faz os pais sentirem-se importantes e valorizados pela escola (Entrevistada C).

Para que a comunicação seja eficaz e possa promover o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos é necessária a utilização de uma linguagem adequada, e transmitir-lhes não só os aspectos negativos, mas também os aspectos positivos, reconhecendo a evolução que têm apresentado os filhos. A forma mais eficaz que tem vindo a ser utilizado pela equipa para envolver os pais nas actividades, é “passar as mensagens de boca a boca”. (Entrevistada C).

6.O Impacto da implementação do projecto na aproximação e no envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos e no sucesso escolar

A implementação e o desenvolvimento do projecto trouxe os pais e os alunos à escola, preveniu o abandono escolar e reduziu o insucesso escolar dos alunos que se encontravam em maior risco de reprovação. Verificou-se um maior impacto positivo pelo desenvolvimento e aplicação de estratégias variadas (Henderson, 1987, Davies, 1997) pela equipa técnica “Academia Escola Mais”.

As visitas domiciliárias têm sido uma das estratégias que tem conseguido o impacto positivo mais imediato na resolução dos problemas, principalmente problemas relacionados com o afastamento das famílias da escola e o absentismo dos alunos, como refere um dos membros da equipa técnica do projecto:

Uma aluna que nunca pôs os pés aqui (...) tinha medo (...), então não deixava a filha para lado nenhum, e fui contactar, até não tava conseguir contactar a senhora. Entretanto, essa senhora não trazia a filha à escola, era um caso de abandono escolar (...) e eu fui lá contactei uma associação, sabia que ela estava lá, ela dizia que não tava em Portugal (...). Depois falámos, (...) com essa senhora, e dissemos, olha se a sua filha se não vier (...) é um caso sinalizado (...) as crianças são obrigadas a frequentar a escola, a senhora não pode tirar a filha da escola, automaticamente a aluna começou a vir para a escola...começámos a acompanhá-la de uma forma diferente para tranquilizar a mãe, fomos falando com a mãe para tranquilizar que não há nenhum perigo...automaticamente a aluna começou a frequentar a escola... Portanto essas visitas às vezes em termos do sucesso escolar e da prevenção do abandono escolar, é quase automático. São essas visitas domiciliárias...que automaticamente reduz o abandono e o insucesso escolar... (Entrevistada C).

O projecto “Academia Escola Mais” tem sido uma mais-valia porque conseguiu cativar a aproximação e o maior envolvimento dos pais, principalmente “os pais difíceis de alcançar”, no acompanhamento escolar dos filhos que conduziu ao sucesso escolar, principalmente os do 2 e 3º ciclo que se encontravam em maior risco de insucesso. Este sucesso concretizou-se com a colaboração de todos e da aplicação de todas as estratégias possíveis.

O distanciamento das famílias da escola tem sido influenciado por vários factores, entre os quais: a barreira linguística, porque a maioria de alunos provenientes de famílias imigrantes com baixo nível de escolaridade e de culturas diferentes, alguns nemsabem falar o português, não percebem o que dizem os directores da turma ou os professores, porque estes utilizam uma linguagem não adequada à capacidade e conhecimento dos pais.

Estes pais não lêem as mensagens na caderneta, embora os directores da turma lhes peçam para verificar todos os dias as mensagens escritas. Eles não o fazem, não por não ter interesse, mas, porque não percebem o que lhes é dito pelos directores de turma ou os professores. É necessário que os professores e directores de turma utilizem uma linguagem adequada à capacidade dos pais, dar atenção aos seus problemas, saber ouvi-los, compreendê-los, e também procura aproximar-se das culturas dos pais, principalmente mudar de atitude:

Há pais que não sabem falar português, eu tenho que fazer a tradução para Director de Turma. (...) ficam mais tranquilos, conseguem-se explicar doutra forma, às vezes não ouçam explicar, e depois Director da Turma (...)...pai não está nada a perceber o que estou a dizer, não percebe o que(...). Ah tem que estudar e ver a caderneta. Ele não sabe o que é que a caderneta, não tá a perceber, não percebe o português, nem se quer percebe, não percebe mesmo, e se o professor também não percebe... Acho que os professores agora são mais sensíveis, acho que há uma nova geração tá mais aberta essas coisas e tenta, mas também não sabem integrar também não fazem nada, não sabem, não sabem o que iam

fazer! Uma coisa dos próprios pais, os pais não sabem fazer, e pronto. (...) às vezes acham a escola como se fosse é um bicho papão ou o DT como se fosse um bicho papão que é para criticar os filhos... eles têm medo de falar que o pai deixe ou bata no filho...Ai não sai daqui, ainda vai dizer “vá para a nossa a terra”...(ria-se)(Entrevistada C).

Marques (1997) refere que as escolas como estruturas burocráticas que são, continuam a reger-se por rituais demasiado formalistas e a utilizar uma linguagem demasiado técnica, muitas vezes, incompreensíveis para os pais com baixo nível de escolaridade (Marques, 1997, p. 29).

Uma das formas que tem ajudado muito a equipa técnica do projecto a trazer os pais à escola é ganhar a sua confiança, a adaptação à cultura dos pais, por exemplo, conversando com eles na linguagem deles, faz com que esses pais sejam mais abertos na comunicação com esta equipa e que revelem os seus problemas em relação ao seu distanciamento da escola e o seu não envolvimento na vida escolar dos filhos. Há pais que têm problemas, mas não dizem aos directores de turma e professores porque sentem um certo receio. A falta de confiança é um dos factores que tem afastado os pais da escola, como refere Davies (1989):

(...) a falta de confiança na sua própria competência, nas suas capacidades e na compreensão acerca das escolas, participação dos pais e ajuda aos seus próprios filhos. A maioria parece crer que sabe muito pouco de importante e sente que a suas opiniões são depouca valia”. Muitos pais mencionaram a sua reduzida instrução, a experiência negativa que tiveram na escola e o facto de terem sido estudantes pobres. A generalizada falta de confiança pode ajudar a explicar por que é que a maioria dos pais não está preocupada com a sua falta de participação nas escolas (Davies, 1989, p.70).

A diferença cultural é um dos maiores factores da inadaptação dos pais à escola. As diferenças de valores dos pais e dos professores implicam a descontinuidade cultural, criando uma rotura de relação e uma distância entre os pais e a escola, pois, quanto mais heterogénea a população mais se diferenciam as culturas. Esta rotura conduz os pais à desconfiança, ao receio de se envolverem na vida escolar dos filhos, pois, segundo Marques (1997):

Quando os valores da escola coincidem com os valores das famílias, quando não há rupturas culturais, a aprendizagem ocorre com mais facilidade. Nas comunidades homogéneas em que os professores partilham os mesmos valores e padrões culturais dos pais dos alunos, está garantida, à partida, a continuidade entre a escola e a comunidade. Contudo são cada vez mais as escolas com populações estudantis heterogéneas, nas quais os professores e os pais têm raízes culturais diferentes, provocando nos alunos problemas de adaptação. A descontinuidade entre a escola e as famílias é, sem dúvida, o principal obstáculo ao sucesso das crianças em risco (Marques, 1997, p. 25-26).

Outra forma de estabelecer confiança com os pais, principalmente os pais imigrantes, e aproximá-los da escola é através do apoio à legalização, ajudando-os a

formalizar a sua situação, criando assim uma grande confiança com os pais que acabam por trazer os filhos à escola. A situação ilegal em que se encontram esses pais cria uma certa desconfiança, que acaba por condicionar a abertura, a aproximação e o envolvimento destas famílias na vida escolar dos filhos (Entrevistada C). A legalização da situação destes pais através do apoio à legalização poderá ajudá-los a sentirem-se mais seguros na sua integração na sociedade, segundo a Entrevista C:

(...) em termos de legalização os pais (...)...que não têm documentos, não conseguem integração social, não conseguem trabalho, não conseguem casa, não conseguem nada não é, e isso não consegue...e toda a estrutura não é, não estiver estável, é claro que não vão acompanhar os filhos, e os filhos também não vão ter o sucesso escolar, não é, e são cerca de 20 a 30 pais por ano, que nós apoiamos na legalização, temos cerca de 6 cursos de 10 alunos por turno por curso por ano, e essa questão de legalização são 20 a 30 casos por ano, sendo que nós todos os anos fazemos um diagnóstico dos alunos do 5º ano, é por isso que nós depois temos esse grupo de pais do apoio à legalização. Nós fazemos entrevistas a todos alunos para ver quem é tem necessidades de legalização e depois contactamos esses pais que vêm cá para apoiar, sendo que já foi muito mais, agora com a mudança da lei da imigração e lei da nacionalidade, facilitam imensos casos não estejam regularizados...o apoio à legalização (...), mas isto em termos de trazer a família à escola e estabelecer confiança tem sido muito importante, tem cerca de 70% da escola são imigrantes ou descendentes de imigrantes. Eu faço apoio à legalização dessas famílias! Trabalhamos directamente com a CEF e com o CNAI (Centro Nacional de Apoio ao Imigrante). Portanto, tá a ver o nível de confiança que se estabelece, sabendo que há uma pessoa que ajuda a tratar dos documentos...eu acho que isso também é importante, ... eu tenho sentido que isso... cria confiança (...).

Também refere o Entrevistado B:

(...)...às vezes tem uma certa desconfiança por vezes serem imigrantes e às vezes ilegais não é, não tão legalizados em Portugal e às vezes uma pessoa de cá que é português não se abre completamente, por vezes, percebe, não tão completamente à vontade, mostra-se uma dificuldade. E a nível cultural não é, por vezes os meus formandos, as minhas formandas têm uma cultura completamente diferente, vêm de Cabo Verde, de Guiné ou de... muitos países africanos, e a própria barreira de cultural, pessoas diferentes com culturas diferentes é natural, pode trazer...há que saber aproveitar o nosso favor.(Entrevistado B).

Através da “mediação com a família” os pais são encaminhados para a obtenção de maior qualificação, integrando-os em cursos, por exemplo, o curso de alfabetização para adultos. A equipa técnica deste projecto conseguiu ganhar a confiança dos pais que reforçou a relação, quer com a equipa, quer com a escola (Entrevistada C).

Outro factor que geralmente influencia o distanciamento dos pais é a falta de tempo, porque as necessidades exigem cada vez mais aos pais trabalharem mais horas, mesmo aos fins de semana. Os pais quase não têm tempo suficiente para dar atenção aos filhos e apoiar nos seus estudos. Os filhos crescem sozinhos sem nenhuma orientação e por isso sentem-se perdidos (Entrevistada C).

Alguns pais não conseguem comparecer às reuniões, embora mostrem interesse e queiram participar, não só por falta de tempo, mas também por não terem compatibilidade de horários com os dos professores. A marcação das reuniões muitas vezes coincidem com o horário em que os pais se encontram a trabalhar (Entrevistada C). É necessário que os directores da escola e professores convoquem as reuniões, adaptando o horário da marcação da reunião com o horário do trabalho dos pais como se descreve a seguir pela Entrevistada C:

(...)...acho que o maior factor para distanciamento dos pais é falta de tempo, não têm tempo, se os filhos não causarem problemas não ponham cá os pés, não é, a não ser que sejam obrigados a vir porque realmente...pronto...mas, às vezes... os pais agora trabalham cada vez mais, maior, tá tão complicada...a vida está complicada não é, trabalham imensas horas e os horários dos professores também (...) não foram adaptados aos novos tempos, não é, nós temos as pessoas trabalham aqui na escola, das 8 às 6h, já é muito tempo, não é, eles também têm as famílias deles, é preciso ver, não podemos estar a criticar sem pensar. (...). O tempo, as exigências do tempo são tão complicados (...). Portanto, acho que é importante que a escola e os projectos como os nossos têm também de compreender o outro lado, não é só criticar. Temos tendência de criticar, mas também não vão deixar detrabalhar às vezes não é, para ir à reunião, mas às vezes também sentem-se perdidas, por exemplo eles põem os nossos alunos tão até às 7h da noite aqui na escola, não é, as aulas acabam às 5 e os pais põem até às 7 da noite e dizem que não têm onde deixar os filhos e os filhos ficam sozinhos. Há uma grande falta de tempo às famílias não é, e as crianças estão crescer sozinhas, eles passam o tempo todo aqui na escola, imagina entrem às 8 de manhã aqui na escola e só saem às 7 da noite daqui.

CAPÍTULO VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O (não) envolvimento dos pais na vida escolar dos alunos e o seu afastamento da escola tem sido um dos grandes desafios que a escola tem vindo a enfrentar, principalmente no esforço de encontrar as estratégias mais eficazes para dar respostas adequadas às necessidades de uma sociedade que se vai tornando cada vez mais heterogénea e multicultural, devido à existência de diversas nacionalidades, principalmente com a presença dos alunos imigrantes ou filhos de imigrantes de meios socioeconómicos e culturais desfavorecidos.

As diferenças culturais são factores que têm influenciado muito o insucesso escolar dos alunos imigrantes ou filhos de imigrantes, pois, frequentemente, não conseguem adaptar-se ao sistema educativo português, como também o sistema educativo português não tem conseguido responder às necessidades do processo de aprendizagem escolar destes jovens, porque os currículos e os professores não estão preparados para respeitar e valorizar as diferenças linguísticas e culturais (Marques, 1997). Essa inadaptação conduz esses alunos à desmotivação, ao insucesso e podem chegar até ao abandono escolar precoce.

Uma das estratégias para ajudar as escolas a resolver esse problema que se tornou um *círculo vicioso* é colaborar com outras parcerias de modo a intervir conjuntamente, garantindo assim uma solução mais eficaz e adequada à situação.

Em 2004 foi criado e implementado nessa escola do 2º e 3º ciclo, o projecto “Academia Escola Mais” ao abrigo do Programa Escolhas, com o currículo integrado no projecto educativo; Este era parte integrante de um Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP), em que se enquadravam alunos provenientes de famílias imigrantes de diversas nacionalidades e de vários níveis socioeconómicos e culturais. Assim, o projecto “Academia Escola Mais” pretendeu ser um espaço estimulante e criativo para o desenvolvimento pessoal e social dos alunos, principalmente os destinatários do projecto, que se concretizava através de um planeamento integrado e de avaliação contínua e optimização de todos os recursos e sinergias da escola de modo que contribuíssem para o sucesso escolar e integração social das crianças e jovens (Relatório da avaliação de AEM, 2011-Programa Escolhas).

Pelo sucesso alcançado relativamente à implementação de estratégias consideradas inovadoras, que incentivaram a aproximação e o envolvimento das famílias na aprendizagem escolar dos filhos e os conduziu ao sucesso escolar, o projecto “Academia Escola Mais” teve a oportunidade de ser renovado nos anos seguintes.

O afastamento dos pais da escola e o não envolvimento na vida escolar dos filhos, por vezes, não são pelo desinteresse dos pais, mas devido aos problemas de diferenças culturais, à falta de confiança para com os agentes educativos, à falta de tempo por incompatibilidade de horário, à visão negativa dos directores de turma e professores quanto à presença de pais carenciados e com baixos níveis de escolaridade.

A implementação de estratégias variadas e adequadas implicou o maior envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos, o que por sua vez influenciou a melhoria dos níveis de sucesso escolar, pois quanto mais variadas as estratégias, mais respondem às necessidades das famílias e dos alunos.

São importantes as formações na área de Educação Intercultural para os professores, mas não basta adquirir conhecimentos, o essencial é a modificação das atitudes no modo de olhar os pais e na forma de lidar com eles, criando uma comunicação eficaz capaz de atrair a confiança dos pais e aproximá-los dos directores de turma e dos professores. Neste estudo verificou-se que os pais, mesmo os mais carenciados economicamente e com baixo nível de escolaridade, se aproximaram da escola e se interessaram pelos estudos dos filhos e se envolveram bastante nas actividades de aprendizagem dos filhos, devido à confiança que foi criada entre a equipa técnica deste projecto e os pais.

Pretendeu-se com este estudo de caso conhecer as opiniões da equipa técnica do projecto “Academia Escola Mais” sobre as mais-valias deste projecto, com o objectivo de conhecer, compreender, identificar, descrever e aprofundar as estratégias e actividades desenvolvidas e implementadas, com vista à promoção da aproximação e do maior envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos, e verificar o seu impacto no sucesso escolar.

Pretendeu-se ainda dar um contributo às autoridades sobre a importância da implementação e desenvolvimento de projectos no contexto escolar, mais especificamente o “Programa Escolhas”, que tem vindo a ajudar as escolas a enfrentar e resolver os grandes desafios da inclusão social, da prevenção face ao insucesso e

abandono escolar precoce de crianças e jovens provenientes de contextos socioeconómicos mais vulneráveis, particularmente dos descendentes de imigrantes e minorias étnicas.

As questões formuladas no início deste estudo foram:

- As funções da equipa técnica do projecto na mediação familiar.
- As actividades realizadas em ordem ao sucesso escolar dos alunos destinatários do projecto, especialmente os que se encontravam em risco do insucesso escolar.

Chegámos à conclusão de que falar das funções da equipa técnica, implica necessariamente referir as actividades desenvolvidas para a aproximação e envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos. A implementação deste projecto concretizou-se através da realização de actividades educativas, formativas e culturais, de forma a contribuir para o sucesso escolar e a integração social de crianças e jovens, e para o apoio às famílias nas suas dificuldades. O envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos foi conseguido através de actividades de mediação familiar, acções de educação e envolvimento parental, encaminhamento dos pais para a qualificação, a legalização e através do apoio à inclusão digital. (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Mais”, 2011- Programa Escolhas). Dessa forma as famílias sentiram a importância da sua pertença a essa comunidade, e que esta precisava da sua colaboração para o sucesso escolar dos filhos.

As actividades do “Laboratório do Conhecimento”, do “Laboratório do Conhecimento Informático” e do “Crescer Mais” estão directamente ligadas ao apoio e incentivo ao estudo e à redução das dificuldades de aprendizagem dos alunos (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Mais”, 2011- Programa Escolhas).

Através das actividades do “Laboratório do Conhecimento” e do “Laboratório do Conhecimento Informático”, os alunos tiveram apoio nas dificuldades de aprendizagem e na organização dos materiais escolares, de modo a adquirir autonomia no processo de aprendizagem, nos anos seguintes (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Mais”, 2011- Programa Escolhas).

Também através das actividades do “Laboratório do Conhecimento Informático” desenvolveram-se as capacidades dos alunos no domínio das ferramentas de trabalho do “Office”, da estruturação e realização de trabalhos no computador em *Word*, *Excel* e

apresentações no *PowerPoint*, que os incentivaram na realização dos trabalhos de casa e na pesquisa de informação na internet. Para apoiar os alunos nas suas dúvidas referentes à utilização das TIC e no apoio à realização de trabalhos de casa no computador realizaram-se as actividades da “Mega Net” (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Mais”, 2011- Programa Escolhas). Esta formação informática destinou-se também aos pais com o objectivo de facilitar o apoio dos filhos na realização dos trabalhos de casa no computador.

Tal como as actividades dos dois laboratórios do conhecimento, também as actividades do “Crescer Mais” se direccionaram ao apoio e ao incentivo ao estudo e à redução das dificuldades de aprendizagem.

As actividades do “Crescer Mais” realizavam-se após ter identificado a origem dos problemas de aprendizagem dos alunos através de um diagnóstico, para prevenir e diminuir o absentismo e o insucesso escolar, através do acompanhamento psicopedagógico, com um planeamento semiestruturado que se ia adaptando às necessidades e interesses dos alunos, em articulação com os trabalhos desenvolvidos nas aulas (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Mais”, 2011- Programa Escolhas).

O foco principal da intervenção psicopedagógica foi a estruturação e a realização de actividades para promover o desenvolvimento integral do aluno, tendo em consideração o projecto Educativo Individual, procurando incutir não só a melhoria no rendimento escolar, mas também o desejo e gosto de aprender e de conseguir a autonomia (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Mais”, 2011- Programa Escolhas).

Foram desenvolvidas actividades neste âmbito que incidiram:

(...) notreino de competências pessoais e sociais, promoção do autoconhecimento, valorização pessoal e melhoramento da auto-estima, bem como na estruturação e planeamento do estudo, na organização do material escolar, na realização dos trabalhos de casa, na revisão da matéria dada ao longo das aulas, nas várias disciplinas, na pesquisa de informação para trabalhos escolares ou de interesse pessoal, na preparação para testes e provas globais, através de domínio da matemática, como resolução de cálculos, problemas, exercícios de lógica; escrita livre e dirigida, visando avaliar a grafia (qualidade da letra ou caligrafia), ortografia e produção textual; leitura (descodificação e compreensão); desenhos e outras actividades expressivas; jogos de construção, jogos simbólicos e com regras, bem como no desenvolvimento de actividades lúdico-pedagógicas de incentivo ao estudo e novas aprendizagens. (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Mais”, 2011- Programa Escolhas).

Estas actividades foram implementadas através de um planeamento semiestruturado e em articulação com o trabalho desenvolvido nas aulas que se ia

ajustando às necessidades e interesses dos alunos e em articulação com os directores de turma, os professores e os departamentos de disciplinas. Também os pais colaboraram nessas actividades, pois foram sensibilizados para o seu papel como intervenientes educativos, e chamados a dar o seu parecer. Verificou-se um grande interesse dos alunos nessas actividades que os despertou para um maior empenho e responsabilidade na realização dos trabalhos escolares. Conseguiram estabelecer um vínculo com as aprendizagens nas aulas e progrediram também ao nível do desenvolvimento pessoal e social (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Mais”, 2011- Programa Escolhas).

Na mediação com a família, as famílias contactadas eram sinalizadas pelos directores de turma e professores devido à falta de comunicação com a escola. Essa situação implicou a deslocação da equipa técnica do projecto às residências dessas famílias para que estas se aproximassem da escola, e pudessem falar com os directores de turma ou a assistente social. Os pais que se encontravam inscritos no “Laboratório do Conhecimento” e no “Crescer Mais” foram automaticamente contactados pelo projecto, devido ao comportamento dos seus educandos. Estes contactos foram importantes para que as famílias pudessem co-responsabilizar-se no processo de educação e acompanhamento (Relatório de Avaliação do Projecto “Academia Mais”, 2011- Programa Escolhas). As actividades de “Formação Parental” tinham como objectivo dar informações aos pais sobre estratégias para ajudar os filhos e os educandos a estudar e a ser melhor acompanhados.

Quanto à terceira questão: Que estratégias foram implementadas pelo projecto para melhor cativar o interesse das famílias na aproximação e no maior envolvimento na vida escolar dos filhos?

Os entrevistados responderam que foram desenvolvidas várias estratégias consideradas adequadas às necessidades, que conduziram os elementos da equipa a aproximar-se com mais facilidade dos pais e das suas culturas, procurando criar desta forma uma boa relação e de confiança. A chave do sucesso na mediação familiar foi criar confiança, de forma a tornar os pais mais abertos para esclarecer os seus problemas, pois a falta de confiança afastava-os da escola. Assim, esta equipa, em articulação e colaboração com outras parcerias, conseguiu derrubar a barreira que separava a escola dos pais, especialmente os considerados *pais difíceis de alcançar* (Davies, 1989) e criou uma ponte entre a escola e os pais. As visitas domiciliárias às

residências das famílias foi uma das estratégias com muito sucesso na resolução dos problemas das famílias do afastamento da escola e do não envolvimento na vida escolar dos filhos. Esta equipa procurou conhecer, compreender e identificar os problemas que influenciavam o afastamento das famílias e o não envolvimento na vida escolar dos filhos. Em colaboração com os directores de turma, os professores, os técnicos do TEIP, a associação de pais, autarquias e outros parceiros, apoiaram as famílias na resolução dos problemas identificados, como refere Almeida (2004):

Tem de existir uma mobilização dos vários recursos e parceiros e uma estreita colaboração entre a família, os profissionais de diferentes especialidades, os serviços dos diferentes sectores – saúde, educação e segurança social – e os diversos elementos e recursos da comunidade (Almeida, 2004, citado por Lourenço, 2009, p.144).

Como também referiu Lourenço:

“Estes projectos surgem como uma forma de trabalho em equipa que visam a resolução das várias problemáticas que atingem os alunos e famílias no contexto em que está inserida a escola. Tal como é referenciado do programa TEIP, as parcerias devem estar sempre presentes, pois os problemas destas escolas são muitos e a vários níveis, sendo necessária a colaboração de indivíduos de diversas áreas(2009,p.144).

Os entrevistados consideraram que os encontros ou as reuniões informais com os pais quando levavam os filhos à escola antes ou após à saída das aulas são algumas das formas mais eficazes para criar aproximação e confiança. As atitudes positivas, de consideração e em pé de igualdade, fizeram com que os pais se sentissem mais confiantes e acabassem por trazer os filhos à escola, que se tornou como uma segunda casa.

Quanto à questão: Qual o impacto do projecto AEM na aproximação e no maior envolvimento das famílias na vida escolar face ao sucesso escolar dos alunos?

Os entrevistados consideraram que as estratégias aplicadas foram bem-sucedidas, porque conseguiram romper a barreira que separava os pais da escola, especialmente na modificação das atitudes comportamentais das famílias consideradas *famílias difíceis de alcançar* (Davis, 1989) ou *famílias difíceis de envolver* (Marques, 2001). Estas famílias mostraram-se interessadas e incentivadas em integrar-se nas actividades realizadas pelo projecto, e mais empenhadas no acompanhamento escolar dos filhos. Também as actividades de mediação familiar, laboratório do conhecimento informático, formação de CID, apoio à legalização,

levaram as famílias a compreender melhor a importância do seu envolvimento para o sucesso escolar dos filhos.

É necessário referir que os pais tomaram a iniciativa de estabelecer contacto com a equipa técnica do projecto, utilizando o facebook, que se tornou a comunicação mais eficaz, perguntando informações sobre os filhos e as suas actividades escolares, que viam no facebook, e sobre as quais faziam comentários e sugestões. Esta atitude das famílias nasceu pela confiança que tinham com a equipa técnica do projecto. Os pais que antes não compareciam à escola passaram a vir com mais frequência para participar nos desafios lançados pelo projecto, disponibilizando o seu tempo, mesmo nos fins-de-semana, para participar nas estafetas, maratonas, corridas entre pais e filhos, etc.

Quanto à última questão: Que dificuldade tem atravessado a equipa técnica na implementação do projecto com vista a promover a aproximação e o maior envolvimento das famílias em ordem ao sucesso escolar dos alunos?

A equipa técnica não atravessou grandes dificuldades no desempenho das suas funções. Os casos considerados mais graves relacionaram-se com problemas de alcoolismo, tráfico de droga, prostituição e outros desvios comportamentais, devido à miséria e situação de desemprego a longo prazo. Esse ambiente afectou os jovens e conduziu-os ao insucesso e abandono escolar precoce, porque os pais se desinteressaram deles.

A falta de materiais de apoio, principalmente para a formação de informática influenciou negativamente o bom desempenho das funções da equipa técnica do projecto.

Limites da investigação

Pelo facto de ser um estudo de caso, os resultados não podem conduzir a conclusões possíveis de generalização, apenas podem oferecer uma visão sobre as mais-valias da implementação dos projectos nas escolas, como formas de ajudar as escolas a responder às necessidades dos alunos e dos pais, e às quais os directores de turma e os professores não tinham conseguido responder.

Este estudo limitou-se apenas ao período de funcionamento do projecto, de 01-01-2010 a 31-06-2011. Devido ao estudo ter começado apenas em 2012, a investigadora

não acompanhou directamente a evolução do projecto ao longo da sua implementação; limitou-se apenas à realização das entrevistas à equipa técnica deste projecto realizadas em 2012 e à sua análise, assim como ao estudo dos documentos disponibilizados.

No início da investigação, pretendia-se integrar no estudo os técnicos do TEIP, os directores de turma, os professores, os pais e os alunos, mas, devido ao curto prazo para entrega da tese, este acabou por se limitar aos elementos da equipa técnica que se envolveram directamente na mediação familiar e nas actividades de apoio à aprendizagem dos alunos e das famílias.

Pretende-se salientar que a investigadora efectuou observações informalmente sobre algumas actividades realizadas pela equipa técnica com os destinatários e beneficiários do projecto, que revelavam o maior envolvimento por parte destes nas actividades e uma grande abertura no seu relacionamento com a equipa técnica do referido projecto.

Recomendações e pistas para futuras investigações

A investigadora tem a consciência que este estudo de caso foi apenas uma abordagem exploratória sobre as mais-valias da implementação e desenvolvimento dos projectos no contexto escolar que foi realizado apenas com alguns elementos da equipa técnica do projecto. Pelo que se considera importante a realização de novas investigações para o aprofundamento nesta matéria.

Para isso, apresentam-se algumas pistas que se podem ajudar nas futuras investigações:

- Estudo da mobilização e colaboração dos outros actores educativos, tais como associações de pais e outras parcerias na promoção da aproximação e do maior envolvimento das famílias na vida educativa dos alunos;
- Estudo comparativo sobre o envolvimento dos pais e o impacto no sucesso escolar dos alunos nas escolas integradas e não integradas no TEIP- Território de Intervenção Prioritária.
- Estudo mais aprofundado sobre as mais-valias da implementação dos projectos no contexto escolar.

- Opinião dos directores de turma, professores, pais, alunos e outras parcerias sobre a implementação dos projectos na escola face ao sucesso escolar dos alunos.
- Se as conversas ou encontros informais, conversas nos corredores e visitas domiciliárias se destacam como estratégias mais eficazes para à aproximação e o envolvimento das famílias na vida educativa dos alunos, seria necessário um estudo mais aprofundado sobre esta matéria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, N. G., (1994). *As famílias no novo modelo de gestão das escolas*. Revista ESES(5), 31-51.
- Almeida, I.C., (2004). *Intervenção precoce: focada na criança ou centrada na família e na comunidade?* *Análise Psicológica*, XXII (1), 2004, 65 – 72.
- Bardin, L., (2004). *Análise de conteúdo (3.ª ed.)*. Lisboa: Edições 70.
- Bogdan, R., & Bicklen, S., (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Brofenbrenner, U., (1997). *The Ecology of human development*. Cambridge: Harvard University Press.
- Carmo, H., e Ferreira, M., (1998). *Metodologia da Investigação – Guia para Auto-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, L., (2000). *A parceria entre a escola, a família e a comunidade: Estratégias de envolvimento parental*. Lisboa, Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento do Ministério da Educação.
- Chora, A., Costa, F., Brito, G., & Marques, R., (1997). *Direcção de turma e sucesso educativo: A história de um projecto*. In D. Davies & R. Marques & P. Silva (Eds.), *Os professores e as famílias: A colaboração possível (pp. 115 - 151)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Clark, R., (1983). *Family life and school achievement: why poor black children succeed or fail*. Chicago: University of Chicago Press.
- Colaço, M. M.I. A., (2007) *A relação Escola-Família e o envolvimento dos pais: Representações de Professores do 1º Ciclo do Concelho de Rio Maior*, 2007, Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.- Não publicado
- Comer, J., (1980). *School power*, New York: Press

Davies, D., (1988). *Low-income parents and the schools: A research report and a plan for action. Equity and choice*, 4,3, 51-59.

Davies, D. et al, (1989). *As escolas e as famílias em Portugal: Realidade e perspectivas*. Lisboa: Livros Horizonte.

Davies, D., (1994). *Parcerias pais-comunidade-escola. Três mensagens para professores e decisores políticos*. Inovação, 7, 377-389.

Davies, D., Marques, R.; Silva, P., (1997) *Os Professores e as Famílias: a colaboração possível*, 2ª Edição. Cidade: Editora.

Diogo, J., (1998), *Parceria Escola-família: A Caminho de uma Educação Participada*. Porto: Porto Editora.

Epstein, J., (1987). *Parent involvement: research says to administrators, Education and Urban Society*. 19 (2), 119-136

Epstein, J., (1992), *school and family partnerships*. Boston: Center on families, communities, school & children learning. Report nº 6.

Epstein, J., & Connors, L. J., (1994). *A colaboração escola e família no 3º ciclo e no ensino secundário*. Revista ESES (5), 17-22.

Epstein, J., (1997). *Caring for the Children we Share*. In, J. Epstein, L. Coates, K. Salinas, M. Sanders & B. Simon (1997). *School, Family, and Community Partnerships. Your Handbook for Action*. Thousand Oaks: Corwin Press

Estrela, M. T., & Villas-Boas, M. A., (1997). *A relação pais e escola: Reflexões sobre uma experiência*. In H. Marchand & H. R. Pinto (Eds.), *Família: Contributos da Psicologia e das Ciências da Educação* (pp. 103-116). Lisboa: Educa e autores.

Henderson, A., (1987). *The evidence continues to grow*. NCPB, Columbia.

Ivey, A. E., (1983). *Intentional interviewing and counseling*. Monterey, Calif.: Brooks/Cole.

Jacinto, M., (2006), *Dinâmicas do Director de Turma na Promoção do Envolvimento da Família na Escola*, Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta. – Não publicado.

Jordan, L., Reyes-Blanes, M. E., Peel, B. B., Peel, H. A., & Lane, H. B., (1998). *Developing teacherparent partnerships across cultures: effective parent conferences. Intervention in School and Clinic*, 33(3), 141-147.

Lareau, A., (1989) *Home Advantage - Social Class and Parental Intervention in Elementary Education*, The Falmer Press, New York.

Leung, P., & Yuen, M.T., (2001). *Parent-teacher conferences in a secondary school: A case study*. *Pastoral Care in Education*, 19(1), 28-30.

Lightfoot, S., (1978). *Words Apart – Relationships Between Families and Schools*. Nova Iorque: Basic Books

Lopes, J. L. & Paiva, J., (2008). *Professores envolvendo pais nos trabalhos de casa de Ciências Naturais: uma experiência usando a web*. In *Educação, Formação & Tecnologias*; vol. 1 (1), pp.116-136.

Lourenço, S.I. Salgueiro, 2009, *“Prevenindo comportamentos de risco: Um exemplo numa escola TEIP*, Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa. – Não publicado.

Marques, R., (1993). *A escola e os pais: Como colaborar?* Lisboa: Texto Editora

Marques R., (1994). *Colaboração escola-famílias: Um conceito para melhorar a educação*. *Revista ESES*, 5, 4-11.

Marques, R., (1997a). *Envolvimento dos pais e sucesso educativo para todos: o que se passa em Portugal e nos Estados Unidos da América*, in Davies, D., et al; *Os professores e as famílias – a colaboração possível*. Lisboa: Livros Horizonte.

Marques, R., (1997b). *Ligar a escola ao meio: Criar redes de apoio aos alunos*, in Davies, D., et al; *“Os professores e as famílias – a colaboração possível”*. Lisboa: Livros Horizonte

Marques, R., (1997c). *Escolas de cinco países procuram alternativas para o sucesso educativo*, in Davies, D., et al; *“Os professores e as famílias – a colaboração possível”*. Lisboa: Livros Horizonte

Marques, R., (1997d). *A participação dos pais na vida da escola como uma componente do modelo da educação pluridimensional*, in Davies, D., et all; “Os professores e as famílias – a colaboração possível”. Lisboa: Livros Horizonte

Marques, R., (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença.

Nunes, T.S., (2004). *Colaboração Escola-Família, para uma escola culturalmente Heterogénea*. Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

Power, S., & Clark, A., (2000). *The right to know: parents, school reports and parents' evenings*. Research Papers in Education, 15(1), 25-48.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V., (1992) Manual de Investigação em Ciências Sociais. - Lisboa: Gradiva.

Ruquoy, D., (1997). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador (L. Baptista, Trans.). In L. Albarello & F. Digneffe & J.-P. Hiernaux & C. Maroy & D. Ruquoy & P. d. Saint-Georges (Eds.), *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais* (pp. p. 84 - p. 116). Lisboa: Gradiva.

Sanches, R.J.S. F., (2007) *A Escola Vista pelos Pais*, Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.- Não publicado.

Silva, P., (1989), *Os Pais Difíceis de Envolver no Processo Educativo Escolar*, comunicação apresentada em Janeiro de 1990 na escola Superior de Educação de Setúbal.

Silva, P., (1994). *Relação escola-família em Portugal: 1974-1994. Duas décadas, um balanço*. Inovação, 7, 307-355.

Silva, P., (1997a). *A acção educativa – um caso particular: O dos pais difíceis de envolver no processo educativo escolar dos seus filhos*. In D. Davies & R. Marques & P. Silva (Eds.), *Os professores e as famílias: A colaboração possível*, (pp. 61-74). Lisboa: Livros Horizonte.

Silva, P., (1997b). *A formação de professores, a relação escola-família e o sucesso educativo*. In D. Davies & R. Marques & P. Silva (Eds.), *Os professores e as famílias: A colaboração possível*, (pp. 77-91). Lisboa: Livros Horizonte.

Silva, P., (2002). "*Escola-família: tensões e potencialidades de uma relação*" in Lima, J., (org), *Pais e professores um desafio à cooperação*. Porto: ASA

Silva, P., (2003). *Escola-Família uma Relação Armadilhada*. Porto: Edições Afrontamento

Schorr, L., (1988). *Within our reach: Breaking the cycle of disadvantage*. New York: Anchor Press/Doubleday.

Tuckman, B., (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vieira, R., (1996). *Professores e pais: diálogo de surdos e relações de poder na comunicação*. Educação, Sociedade & Culturas.

Villas-Boas, (2000). *Reuniões de pais*. Lisboa, Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento do Ministério da Educação.

Villas-Boas, (2001) *A Relação Escola-Família-Comunidade inserida na Problemática da Formação de Professores*. Universidade de Lisboa (FPCE).

Walker, B. M., (1998). *Meetings without communication: A study of parents' evenings in secondary schools*. British Educational Research Journal.

Zenhas, A. M., (2004), *A direcção de Turma no Centro da Colaboração entre a Escola e a Família*, Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho, - Não publicado

Zenhas, A. Martins., (2006), *O Papel do Director de Turma na Colaboração Escola-Família*, Porto Editora, Lda.

Relatório de Avaliação do Projecto LX-023 "Academia Escola Mais. De Janeiro a Junho do ano de 2011- Programa Escolhas

Projecto Educativo

Despacho normativo n.º 27/2009 de 6 de Agosto de 2009

ÍNDICES DE ANEXOS

Anexo I- Guiões de Entrevistas 1, 2, 3

Anexo II - Entrevistas 1, 2, 3

Anexo III -Análise de Conteúdo das Entrevistas

Anexo I

Guião de Entrevista 1, 2 e 3

Anexo I

Guião de Entrevista Nº1

Tema: O Papel do Projecto “Academia Escola Mais” na Mediação Familiar.

Entrevistadora: Filomena da Silva

Entrevistada: Psicopedagoga

Objectivo Geral: Conhecer as perspectivas da equipa técnica do projecto “Academia Escola Mais” face à mediação familiar e as estratégias implementadas e desenvolvidas através do projecto na promoção da mediação familiar com vista a prevenir o insucesso e o abandono escolar precoce e promover o sucesso escolar.

1ª ENTREVISTA		
BLOCO	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
A. Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada	1. Legitimar a entrevista e motivar a entrevistada; 2. Informar a entrevistada sobre os objectivos da entrevista; 3. Garantir a confidencialidade;	1.1. Informar o entrevistado sobre o tema e os objectivos da investigação. 2.1. Solicitar a colaboração e participação da entrevistada. 3.1. Assegurar o anonimato quer das declarações prestadas pela entrevistada, quer da instituição. 3.2. Solicitar permissão para gravar a entrevista.
B. A Escola e o papel da Psicopedagoga na mediação familiar	1. Caracterização breve da escola e do seu meio social; 2. Conhecer o papel da Psicopedagoga	1.1. Solicitar informações sobre: Caracterização da escola e do seu meio social. 2.1. Solicitar informações ou opiniões sobre: 2.2. As funções que desempenha na implementação do projecto face à mediação familiar 2.3. A articulação entre a Psicopedagoga e os directores de turma na planificação das actividades do envolvimento parental. 2.4. As dificuldades sentidas no desempenho do cargo da Psicopedagoga do projecto na promoção do maior envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos 2.5. O impacto do problema

		linguístico nas atitudes das famílias com dificuldades da linguagem. 2.6.O factor que facilita e motiva a aproximação e o relacionamento entre estas famílias e a Psicopedagoga?
C.Comunicação entre Equipa do Projecto e Família face à mediação familiar	1. Conhecer as perspectivas da Psicopedagoga na mediação familiar.	Solicitar opiniões da Psicopedagoga sobre: 1.1.O papel das famílias no acompanhamento escolar dos alunos face ao sucesso escolar. 1.2. Os tipos de contactos e as actividades mais privilegiadas da relação projecto-família. 1.3.Os factores que mais se influenciam no distanciamento ou afastamento dos pais à escola. 1.4. Os aspectos da vida escolar que os pais devem dar maior apoio, maior envolvimento. 1.4.As situações que levam a equipa do projecto contactar com mais frequência as famílias dos alunos.
D.As estratégias implementadas no âmbito da mediação familiar	1. Identificar as estratégias implementadas no âmbito da mediação familiar 2.Identificar as formas de envolvimento das famílias no acompanhamento escolar dos alunos.	1.1.Quais são as estratégias desenvolvidas e implementadas na promoção da aproximação e do maior envolvimento das famílias face ao sucesso escolar dos alunos? 1.2.Qual a estratégia aplicada pelo projecto na promoção da aproximação e do envolvimento das famílias imigrantes com baixo nível de escolaridade, no acompanhamento escolar dos alunos? 2.1. Quais são as formas do envolvimento das famílias no acompanhamento escolar dos alunos? 2.2.Quais são as formas de cativar as famílias para maior envolvimento no acompanhamento escolar dos alunos?

	3. Identificar as actividades que mais despertam o interesse das famílias	2.3. Quais as formas de cativar os pais negligentes pelo projecto para aproximação e o envolvimento na vida escolar dos alunos? 2.4. Qual o impacto dos comportamentos e atitudes dos pais no sucesso escolar dos filhos? 2.5. Quais são as formas mais eficazes para incentivar à aproximação e o envolvimento das famílias no acompanhamento escolar dos alunos? 3.1. Na sua opinião que actividades é que despertam mais o interesse das famílias no seu envolvimento face ao acompanhamento escolar dos alunos?
	4. Identificar os impactos sobre: 5. Identificar as suas perspectivas relativamente ao maior envolvimento das famílias nas actividades escolares, de forma a contribuir para o sucesso escolar dos alunos 6. Identificação dos destinatários do projecto	4.1. Qual o impacto de visitas domiciliárias realizadas na aproximação e no envolvimento das famílias no acompanhamento escolar dos alunos? 4.2. Que impactos trazem as intervenções que têm vindo a ser realizadas pelo projecto no âmbito da aproximação das famílias na aprendizagem escolar dos alunos? 5.1. Quais são as suas perspectivas relativamente ao maior envolvimento das famílias nas actividades escolares, de forma a contribuir para o sucesso escolar dos alunos 6.1. As actividades do acompanhamento escolar aplicadas pelo projecto são destinadas só para os alunos em risco de insucesso escolar?

Anexo I:

Guião de Entrevista N° 2

Tema: O Papel do Projecto “Academia Escola Mais” na Mediação Familiar.

Entrevistadora: Filomena da Silva

Entrevistado: Monitor de Informática

Objectivo Geral: Conhecer as perspectivas do Monitor de Informática sobre a implementação e desenvolvimento das estratégias da formação informática para as famílias e o impacto na aproximação e o envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos do 4º e 5º ano do ensino básico.

ENTREVISTA		
BLOCO	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULAÇÃO DE QUESTÕES
I. Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	1. Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado; Informar a entrevistada sobre os objectivos da entrevista; 3. Garantir a confidencialidade	1.1. Informar o entrevistado sobre o tema e os objectivos da investigação. 2.1. Solicitar a colaboração e participação da entrevistada. 3.1. Assegurar o anonimato quer das declarações prestadas pela entrevistada, quer da instituição. 3.2. Solicitar permissão para gravar a entrevista.
II. Caracterização sócio-profissional	1. Recolher dados sobre Percorso Académico; Situação Profissional 2. Caracterização breve da escola e do seu meio social;	1.1. Identificar as habilitações académicas; 1.2. Situação profissional actual. 1.3. Formação Profissional 2.1. Solicitar informações sobre: Caracterização da escola e do seu meio social.
III. As funções do monitor de informática	1. Conhecer as funções do Monitor de Informática no âmbito do apoio familiar face ao acompanhamento escolar dos alunos.	1.1. Quais as funções do Monitor de Informática no âmbito do apoio familiar face ao acompanhamento escolar dos alunos.
	1. Conhecer as actividades que tem vindo a desenvolver e realizar na formação de informática para as famílias/ encarregados de educação.	1.1. Quais as actividades que tem vindo a desenvolver e a realizar na formação de informática e às famílias/ encarregado de educação?
	2. Conhecer os destinatários da formação informática.	2.1. Quem são os destinatários da formação informática?
	3. Conhecer e identificar as vantagens da formação informática às famílias.	3.1. Quais as vantagens da formação de informática às famílias?

	4. Conhecer as atitudes das famílias dos alunos quanto às actividades de ensino-aprendizagem da informática.	4. Como são as atitudes das famílias dos alunos quanto às actividades de ensino-aprendizagem da informática?
IV. Actividades de dinamização da co-responsabilização de famílias/E.E. no âmbito do acompanhamento familiar	1. Conhecer e identificar as actividades desenvolvidas no âmbito de incentivar o acompanhamento familiar.	1.1. Quais as actividades desenvolvidas no âmbito de incentivar o acompanhamento familiar? 1.2. Quem são os destinatários?
	2. Conhecer as actividades da Formação de CID para as famílias/enc.educ.	2.1. Que actividades tem vindo a ser desenvolvidas na Formação de CID para as famílias/Enc.Educ?
	3. Conhecer as atitudes dos destinatários da Formação de CID.	3.1. Que atitude mostram os destinatários de Formação CID?
	4. Conhecer o impacto da formação de CID no acompanhamento familiar.	4.1. Qual o impacto da formação de CID no acompanhamento familiar?
V. Actividades de apoio escolar aos alunos	1. Conhecer as actividades de apoio escolar através da TIC.	1.1. Quais as actividades que tem vindo dinamizar face ao apoio escolar através da TIC?
	2. Conhecer os destinatários das actividades de TIC.	2.1. Quem são os destinatários das actividades de TIC?
	3. Conhecer as actividades do laboratório do conhecimento informático e os seus destinatários.	3.1. Quais as actividades do laboratório do conhecimento informático. Quem são os destinatários?
	4. Conhecer os benefícios de actividades do conhecimento informático.	4.1. Que benefícios trazem as actividades do conhecimento informático?
	5. Conhecer outras actividades no apoio familiar para fazer face ao acompanhamento escolar dos alunos.	5.1. Quais as outras actividades no apoio familiar para fazer face ao acompanhamento escolar dos alunos?
	6. Conhecer outras opiniões sobre mediação familiar.	6.1. Tem outras opiniões a acrescentar?

Anexo I

Guião de Entrevista Nº3

Tema: O Papel do Projecto “Academia Escola Mais” na Mediação Familiar.

Entrevistadora: Filomena da Silva

Entrevistada: Coordenadora do Projecto “Academia Escola Mais”

Objectivo Geral: Conhecer as perspectivas da equipa técnica do projecto “Academia Escola Mais” face à mediação familiar e as estratégias implementadas e desenvolvidas através do projecto na promoção da mediação familiar com vista a prevenir o insucesso e o abandono escolar precoce e promover o sucesso escolar.

BLOCO	ENTREVISTA	
	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
A. Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada	1. Legitimar a entrevista e motivar a entrevistada; 2. Informar a entrevistada sobre os objectivos da entrevista; 3. Garantir a confidencialidade;	1.1. Informar o entrevistado sobre o tema e os objectivos da investigação. 2.1. Solicitar a colaboração e participação da entrevistada. 3.1. Assegurar o anonimato quer das declarações prestadas pela entrevistada, quer da instituição. 3.2. Solicitar permissão para gravar a entrevista.
B. A Escola e o papel da Coordenadora do Projecto na mediação familiar	1. Caracterização breve da escola e do seu meio social; 2. Conhecer o papel da Coordenadora do Projecto.	1.1. Solicitar informações sobre: -Caracterização da escola e do seu meio social. -Solicitar informações ou opiniões sobre: 2.1. As funções que desempenha na implementação do projecto face à mediação familiar 2.2. A articulação entre a equipa do projecto e os directores de turma na planificação das actividades do envolvimento parental. 2.3. As dificuldades sentidas no desempenho do cargo da coordenadora do projecto na promoção do maior envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos

		2.4.O impacto do problema linguístico nas atitudes das famílias com dificuldades da linguagem. 2.5.O factor que facilita e motiva a aproximação e o relacionamento entre estas famílias e a coordenadora do projecto?
C. Comunicação entre Equipa do Projecto e Família face à mediação familiar	1. Conhecer as perspectivas da Coordenadora do Projecto sobre o estabelecimento da comunicação com as famílias	Solicitar opiniões sobre: 1.1.O papel das famílias no acompanhamento escolar dos alunos face ao sucesso escolar 1.2.Os tipos de contactos e as actividades mais privilegiadas da relação projecto-família? 1.3. Os factores que mais se influenciam no distanciamento ou afastamento dos pais à escola? 1.4.Os aspectos da vida escolar que os pais devem dar maior apoio, maior envolvimento? 1.5.As situação que leva a equipa do projecto contacta com mais frequência as famílias dos alunos?
D. As estratégias implementadas no âmbito da mediação familiar	1.Identificar as estratégias implementadas no âmbito da mediação familiar	1.1. Quais são as estratégias desenvolvidas e implementadas na promoção da aproximação e do maior envolvimento das famílias face ao sucesso escolar dos alunos? 1.2.Qual a estratégia aplicada pelo projecto na promoção da aproximação e do envolvimento das famílias imigrantes com baixo nível de escolaridade, no acompanhamento escolar dos alunos?
	2. Identificar as formas de envolvimento das famílias no acompanhamento escolar dos alunos.	2.1.Quais são as formas do envolvimento das famílias no acompanhamento escolar dos alunos? 2.2.Quais são as formas de cativar as famílias para maior envolvimento no acompanhamento escolar dos

		alunos? 2.3.Quais as formas de cativar os pais negligentes pelo projecto para aproximação e o envolvimento na vida escolar dos alunos? 2.4.Qual o impacto dos comportamentos e atitudes dos pais no sucesso escolar dos filhos? 2.5. Quais são as formas mais eficazes para incentivar à aproximação e o envolvimento das famílias no acompanhamento escolar dos alunos?
	3.Identificar as actividades que mais despertam o interesse das famílias	3.1.Na sua opinião que actividades é que despertam mais o interesse das famílias no seu envolvimento face ao acompanhamento escolar dos alunos?
	4.Identificar os impactos sobre:	4.1. Qual o impacto de visitas domiciliárias realizadas na aproximação e no envolvimento das famílias no acompanhamento escolar dos alunos? 4.2.Que impactos trazem as intervenções que têm vindo a ser realizadas pelo projecto no âmbito da aproximação das famílias na aprendizagem escolar dos alunos?
	5.Identificar as suas perspectivas relativamente ao maior envolvimento das famílias nas actividades escolares, de forma a contribuir para o sucesso escolar dos alunos	5.1. Quais são as suas perspectivas relativamente ao maior envolvimento das famílias nas actividades escolares, de forma a contribuir para o sucesso escolar dos alunos
	6.Identificação dos destinatários do projecto	6.1. As actividades do acompanhamento escolar aplicadas pelo projecto são destinadas só para os alunos em risco de insucesso escolar?

Anexo II

Entrevistas1,2 e 3

Anexo II

Entrevista Nº1

Entrevistada: Psicopedagoga do Projecto “Academia Escola Mais”

Entrevistadora: Filomena da Silva

Dados da Entrevistada:

Situação académica: Licenciatura em Psicopedagogia Curativa e na categoria profissional de Psicopedagoga Clínica.

Trabalha neste projecto por contrato de trabalho part-time, dá apoio às crianças e jovens com dificuldades de aprendizagem escolar, para além de ocupar os tempos livres dos alunos com outras actividades. Dá formação a adultos noutros sítios.

Situação profissional: Formação Pedagógica de Formadores e exerce outras actividades para além de apoio psicopedagógico que exerce nessa escola. Teve outras formações como complemento da sua licenciatura.

Bloco A - Ambiente da Entrevista

O guião de entrevista foi entregue à entrevistada cerca de três semanas antes da realização da entrevista propriamente dita.

A entrevista teve lugar no Gabinete da Coordenadora do Projecto, partindo da apresentação e informação à entrevistada sobre o tema e os objectivos da investigação, solicitando a sua colaboração na obtenção de dados necessários e importantes, garantindo o anonimato quer das suas informações prestadas, quer da própria escola. Foi-lhe e solicitada a permissão para a gravação da entrevista, a qual foi autorizada pela entrevistada.

A entrevista correu razoavelmente, estabeleceu-se um ambiente muito à vontade que facilitou bastante a realização da própria entrevista, havendo algumas interrupções devido à mudança da sala, pelo que tivemos que parar.

Na formulação das questões foram todas respondidas, embora tivessem ainda algumas questões gerais que não foram expostas por não ter tido o tempo suficiente devido ao imprevisto por parte da entrevistada, e que foram depois formuladas aos outros entrevistados. A entrevista iniciou-se às 17h30m e terminou às 18h 20 m, tendo tido a duração cerca de 50 m. A entrevista não durou o tempo conforme planeado.

DESENVOLVIMENTO DA ENTREVISTA

BLOCO B: A ESCOLA E O PAPEL DA PSICOPEDAGOGA CLÍNICA DO PROJECTO

1 B1: Quais são as funções da psicopedagoga do projecto na implementação
2 do projecto face à mediação familiar?

3 De qualquer das formas o meu papel incide mais no apoio ao estudo e apoio às
4 crianças e jovens com dificuldades de aprendizagem. Portanto eu trabalho de
5 uma forma mais teorizada digamos assim... numa actividade que nós temos que
6 é o laboratório do conhecimento. Essa actividade decorre depois dos alunos
7 saírem das aulas, portanto em horário não lectivo e pretende dar resposta não só
8 às necessidades que eles têm em termos de aprendizagem, planeamento do
9 estudo, preparação para os testes, realização de trabalhos de casa, mas também
10 ocupar o horário deles para as aulas, porque muitas vezes temos os alunos que
11 saem da escola e acabam por... devido morar em bairros críticos e famílias por
12 vezes um pouco estruturadas, ficaram um bocado perdidos e não darem se
13 calhar o significado ao estudo que é importante que dêem, não é? Então no
14 laboratório do conhecimento nós temos esse objectivo, portanto... apoiá-
15 los...nos trabalhos de casa, na preparação para os testes, na adequação de
16 metodologia de trabalho... e pronto... mais numa orientação escolar, digamos
17 assim.

18 Portanto o horário do laboratório são 2h por dia, ah nós temos 2 grupos, 2
19 grupos de 15 alunos, e cada grupo tem apoio 2x por semana. Portanto eles têm
20 um total de 4h de apoio por semana. Temos um grupo que vem à 2ª e à 5ª é o
21 grupo do 5º ano e o grupo do 6º ano vem à 3ª e 6ª feira.

22 Essa actividade é só para esses dois anos. Embora nós tenhamos uma outra
23 actividade que é o Crescer Mais, que já damos apoio aos alunos de outros anos
24 lectivos, mas é mais individualizado que é o apoio dado em grupo. O Crescer
25 Mais é uma outra actividade que nós temos que é um apoio mais individualizado
26 e que vise essencialmente, o desenvolvimento de competências pessoais e
27 sociais, ainda que nós trabalhemos com alguns alunos... o estudo, não é? Os
28 métodos do estudo, isto porque às vezes procuram-nos alunos de outras... de

29 outros anos lectivos que não é do 5º e 6º ano, aí nós juntamos em pequenos
30 grupos, em vez de ser grupos de 15, temos grupos de 2, 3 alunos que ajudamos
31 também nos trabalhos de casa, preparação para os testes e damos também apoio
32 aos alunos das necessidades educativas especiais.

33 Ah...o que é que eles fazem? Realizam...nós dividimos o trabalho mais ou
34 menos na 1ª hora e meia eles têm sempre de estudar, quer tenham o trabalho de
35 casa, passados pelos professores, não é? Quer não tenham, porque o nosso
36 principal objectivo que eles adquiram métodos de trabalho, métodos de estudo e
37 perceberem que, se estudarem um bocadinho todos os dias, chegam a altura dos
38 testes é mais fácil, não é? Pronto, e muitas vezes os nossos alunos, se não
39 formos nós a dizer, têm testes...têm trabalhos de casa...eles às vezes esquecem,
40 não é? Não têm essa responsabilidade quando integram o projecto. Agora, posso
41 dizer que nesta altura que estamos no fim do 2º período, é muito importante para
42 nós percebermos que maior parte dos nossos alunos já têm aquela preocupação,
43 ah hoje temos trabalhos de casa, ou para a semana vamos ter um teste ou esta
44 semana temos teste. Portanto percebemos que há um crescimento ao nível de
45 responsabilidade ao longo desses meses de trabalho, não é? Coisa que no início
46 não havia, eles muitas vezes não traziam material escolar, agora já se
47 preocupam em perceber que vão ter testes de uma disciplina na semana a seguir
48 ou mesmo naquela semana, têm de trazer os livros, os cadernos das disciplinas
49 para estudarem. Portanto têm uma maior responsabilidade. Já não é preciso,
50 quando chegam, nós dizemos vá tirem as coisas para comecem a estudar, eles
51 próprios já são mais autónomos, já têm essa responsabilidade, portanto pelo
52 menos ao nível do método do estudo, eles já adquiriram alguma...alguma
53 metodologia e alguma responsabilidade e até vontade de estudar,
54 porque...dávamos muito sensação que no início, obviamente que não eram
55 todos, mas alguns alunos...quer dizer nem, nem davam grande significado à
56 aprendizagem, portanto nem se preocupavam, se tinham testes, não tinham
57 testes, se tinham trabalhos ou não tinham trabalhos...hoje já são eles que vêm
58 todos contentes ah tive positivo no teste, tive satisfaz e melhorei. O que acho
59 que é positivo em termos de motivação para o estudo e a aprendizagem.

60 **B2: Como funciona a articulação entre a psicopedagoga do projecto e os**

61 directores de turmas na planificação das actividades?

62 Temos uma boa relação com a escola. Os Directores das Turmas são pessoas
63 que respeitam muito nosso trabalho porque vêm resultados. Ah...portanto no
64 início do ano lectivo como é que os nossos alunos nos chegam? Chegam-nos ou
65 por iniciativa própria porque alguns colegas já falaram do projecto e eles
66 querem se inscrever ou porque já trabalharam connosco no ano anterior e
67 querem continuar, mas temos também muitos alunos que são encaminhados
68 pelos Directores das Turmas ou pela equipa das necessidades educativas
69 especiais, ou pelos professores do ensino especial, ou pelas psicólogas, ah
70 pronto, portanto são alunos de maior risco digamos assim que são
71 encaminhados, e portanto temos as vezes assim uma lista de espera, até grande,
72 e temos muitos sectores que dizem: Ah!Podem ficar mais com o meu aluno...e
73 às vezes já não conseguimos dar resposta, mas isso também é sinal que que o
74 nosso trabalho é útil, não é, eles vêm que...que nós somos uma mais-valia, não
75 só nessas actividades que acompanho mais mas em todas as outras, temos
76 impensas.

77 Temos, até porque temos também reuniões multidisciplinares, quando há uma
78 situação de alunos mais, pronto que exigem uma intervenção de várias áreas de
79 vários técnicos, reunimos para perceber como é que vamos ajudar o aluno, e por
80 vezes situações que são necessárias resolver, podem partir de nós como podem
81 partir de Directores das Turmas também articular as famílias e depois tudo isto é
82 passado, de umas pessoas que intervêm e de algumas pessoas também.

83 A 1ªh e meia focada no estudo, o estudo que tem por base o que os professores
84 dão nas aulas, não é? Normalmente os professores mandam trabalhos de casa e
85 eles realizam trabalhos de casa connosco, quando não têm trabalhos de casa para
86 fazer, nós arranjam sempre qualquer, como estava a dizer coisa para eles
87 estudarem, ou pesquisar um livro, vão à internet e pesquisa um tema que
88 estejam a dar numa disciplina, ou estudam já para os próximos testes que vão
89 ter, pronto, e basicamente a 1ª hora e meia é para isto. Às vezes um dia estudam
90 uma disciplina e outro dia estudam outra, e acabam por ter sempre coisas para
91 estudar. Esta actividade é mesmo de apoio, é mesmo para dar continuidade ao
92 trabalho desenvolvido nas aulas. Portanto, nós temos uma relação muito estreita
93 com os Directores de Turma, mais com os Directores das Turma, embora com

94 os professores como funcionamos aqui na escola temos sempre...mas acaba por
95 focar mais a partir do Directores das Turmas, por vezes nos diz este aluno
96 necessita de estudar mais matemática ou língua portuguesa, ou....ou....ciências,
97 ou inglês. Pronto, as disciplinas que eles têm mais dificuldade, acabamos por
98 tentar dar resposta a essa...a essa necessidade, não é, que eles nos trazem.
99 Depois, o que é que nós fazemos também? Na última meia hora tentamos que
100 haja sempre uma actividade, digamos uma actividade do projecto, vai ter a ver
101 com os méritos que existem todos os meses. Por exemplo, agora é altura da
102 Páscoa, não é, antes de...portanto nas duas últimas semanas antes das férias da
103 Páscoa, preparamos com todos os alunos da Academia, não só os do laboratório
104 mas os outros também que frequentam as actividades, painel do grupo que até
105 está aqui na entrada do pavilhão, não sei se reparou. Pronto e isto também
106 porque, porque nós tentamos desenvolver outras competências, não é? Tentamos
107 arranjar actividades para desenvolver competências também pessoais e sociais,
108 espírito entre ajuda, espírito de grupo, respeito pelo trabalho dos outros, pelo
109 rimo dos outros, e também a partir dos interesses deles para chegar a uma
110 aprendizagem mais sistematizada que é a escola. Então, temos sempre duas ou
111 três actividades por mês em que eles possam expressar-se de uma outra forma:
112 Através Expressão plástica, ou expressão musical, expressão dramática, também
113 utilizamos muitos jogos pedagógicos, desenvolvem o raciocínio lógico, e eles as
114 vezes sem se aperceberem, não é? Na última meia hora estão a jogar uns com os
115 outros, e pronto estão desenvolver competência do desenvolvimento pessoal e
116 social ou desenvolver competência social competência lógico- matemático, nem
117 sabem, não é? Portanto a última meia hora normalmente nós deixamos para
118 actividade deste teor, também um bocadinho mais da descontração, quando
119 dar, não é? Quando estão com muitos testes não é possível.

120 Os alunos com necessidades educativas especiais são reencaminhados pelos
121 professores do ensino especial ou Directores das Turmas, mas normalmente
122 passa sempre pela professora do ensino especial. Isso porquê? Porque o nosso
123 apoio substitui aulas ou seja por exemplo temos alunos que em vez de estar
124 numa aula de matemática, a nível cognitivo não consegue acompanhar aquelas
125 matérias que estão a ser dadas como inglês, matemática ou outra disciplina,
126 frequentam actividades nossas nomeadamente o Crescer Mais. O que é que nós

127 fazemos com esses alunos? Tendo em conta portanto, adequamos os materiais,
128 estratégias do ensino tendo em conta aquilo que se pretende desenvolver com
129 aquele aluno naquele ano lectivo, traçamos um projecto depois, cada aluno é um
130 aluno único, temos um determinado currículo específico individual com o aluno
131 que pretende desenvolver por ex. leitura e escrita não é, porque ainda não
132 adquiriu a identificação das letras, temos os alunos que até as letras é difícil de
133 identificarem, outros alunos poderá ter mais com a socialização, com integração
134 no grupo. Pronto, mas normalmente, é-nos encaminhados pela equipa
135 multidisciplinar, portanto no início do ano lectivo nós temos reunião de equipa,
136 vemos que alunos estão inscritos na escola que vão necessitar acho que os
137 alunos que estão inscritos na escola que vão necessitar do tal currículo
138 específico individual e depois onde é que se podem integrar os alunos, em que
139 actividades se podem integrar os alunos em substituição de aulas que eles não
140 conseguem acompanhar.

141 **B3: As dificuldades sentidas no desempenho do cargo da psicopedagoga**
142 **clínica do projecto na promoção da aproximação e do maior envolvimento**
143 **das famílias no acompanhamento escolar dos alunos?**

144 Olha, este ano lectivo, não temos tido. Ah, normalmente, talvez a dificuldade
145 que nós encontremos, a questão também não é bem as famílias, não é, tem a ver
146 com a dificuldade dos alunos de se organizarem para trazerem material para
147 aquele dia, pronto, posso explicar: eles vão ao horário escolar, não é, naquele
148 dia tem português, matemática e educação física, por exemplo, mas vão ter
149 testes de inglês ou de ciências depois de amanhã, como não tem aquela
150 disciplina daquele dia não trazem material de ciências que tem que estudar. São
151 coisas assim mais desse género, porque a escola facilita-nos também muito
152 nesse sentido, também nos faculta material quando há necessidade mais ao nível
153 das salas, podemos utilizar vários recursos na escola. Portanto, não temos assim
154 grande problema ao nível de material não. É mais nesse sentido quando eles
155 precisam de estudar alguma coisa e não trazem eles o material. Houve nos
156 anteriores tínhamos alunos mais complicados, algumas situações se calhar um
157 pouco mais difícil de gerir, mas cada vez mais e eu penso que nesta parte a

158 nossa equipa também é boa e nós conseguimos articular bem os três para ir
159 ultrapassando algumas situações menos positivas que possam ter ocorrido.
160 Já nos aconteceu, temos alunos por exemplo na actividade no laboratório do
161 conhecimento, percebemos que era aluno perturbador para o grupo, e que não se
162 conseguia organizar de forma a aproveitar a actividade e inclusivamente
163 perturbava o estudo de todos os outros e tivemos que adequar estratégia.
164 Portanto o nosso tipo de intervenção nunca passa por excluir alunos. Assim,
165 aquele aluno não está a portar-se bem ou... temos que arranjar uma outra
166 solução que não é mandá-lo embora, não é. Portanto normalmente o que
167 fazemos? Passamo-lo para outra actividade talvez um apoio mais individual até
168 ele ganhar estrutura para conseguir integrar novamente um grupo grande, não é,
169 de forma não destabilizar o trabalho dos outros e organizar-se também em
170 relação a ele próprio. Isso é ponto assente não é, nunca perdemos os alunos,
171 excluir. Portanto isso é uma coisa que nunca fazemos. Tentamos sempre
172 articular com os encarregados de educação, com Directores das Turmas ou com
173 outros profissionais da escola que também acompanham o aluno, esgotar todas
174 as possibilidades até ter que se tomar uma medida mais drástica, não é, mas a
175 partida isso é mesmo uma situação mesmo.

176 **C. COMUNICAÇÃO ENTRE EQUIPA DO PROJECTO E FAMÍLIA**
177 **FACE À MEDIAÇÃO FAMILIAR.**

178 **C1.Na sua opinião, qual o papel das famílias no acompanhamento escolar**
179 **dos alunos face ao sucesso escolar?**

180 É fundamental. É muito importante que os pais ou encarregados de educação...
181 nós temos também alguns alunos que os encarregados de educação não é o pai e
182 a mãe, portanto são avós, é fundamental que as famílias, essencialmente o
183 encarregado de educação dê significado à escola porque por vezes acontecia...
184 já me aconteceu estar a falar com os encarregados de educação dizem, ah eu
185 também é assim, quando eu tinha a idade dele, eu percebo que também era
186 assim, não é e é importante que cada vez mais os pais expliquem a importância
187 do aproveitamento escolar, não é, e dar significado porque muitas vezes aquilo

188 que me apercebo é que os jovens quando dizem: ah porque estudar... essa
189 expressão em relação o que eles dizem “ah é uma seca” e agora tem tar aqui a
190 ler isto tudo, muitas vezes não percebem o porque é que estão estudar
191 determinadas matérias e qual o impacto que vai ter ao nível do futuro, e se os
192 pais valorizarem, se estiverem presentes se se preocuparem com percurso
193 escolar dos filhos como estávamos a pouco a falar, se preocuparem vir junto de
194 nós saber como eles estão, tentar ajudar em casa não é, tentar criar estratégias
195 em casa, um espaço, seja um espaço de estudo, ajuda, ajuda muito a criar
196 responsabilidade, não é? E pronto, é fundamental e como disse a pouco, gosto
197 também de contactar com as famílias não só quando há uma situação menos
198 positiva em relação ao comportamento, mas também quando há uma evolução,
199 quando começa o interesse a ser maior, quando o vínculo que eles estabelecem
200 com a aprendizagem, se se se existe de uma forma mais coesa, também é
201 importante os pais ouvirem, não é, os encarregados de educação saberem que os
202 filhos estão a melhorar, porque dá-se também um reforço positivo para eles.

203 **C2. Quais são os tipos de contactos e as actividades mais privilegiadas da**
204 **relação projecto-família**

205 Pois, nós temos famílias que em termos do acompanhamento escolar, se calhar
206 não será tanto o esclarecer dúvidas ou ajudar os filhos a realizarem os trabalhos
207 de casa, porque muitas famílias não conseguem, não é, não têm essa capacidade
208 porque também não, se calhar deixaram de estudar há muitos anos, e não
209 conseguem se calhar acompanhar os seus educandos da forma como gostariam.
210 Mas eu penso que se se interessarem, só o facto de estarem ali a perguntarem o
211 que é que eles deram, ou ter testes ou não ter testes, trabalhos de casa para
212 realizar, portanto na responsabilização eu penso que já é uma grande ajuda,
213 claro que as famílias que conseguem orientar os filhos nas matérias escolares,
214 melhor ainda, não é, porque no 5º ano, 6º ano já é um bocadinho diferente, mas
215 no 5º ano os alunos saem de uma escola que só tem um professor e 4 disciplinas,
216 não é, e vêm para uma escola muito grande com muitos alunos, com muitos
217 professores e muitas disciplinas, no início, a fase de adaptação é complexa, não
218 é, pronto, e, se os pais, se as famílias realmente se implicarem e se preocuparem

219 se lhes fizerem transparecer que estão com elas e que sabem do que se está a
220 passar, não é, eu penso que os alunos se responsabilizam de uma outra forma e
221 se interessam de uma outra forma.

222 **D. AS ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS NO ÂMBITO DA** 223 **MEDIAÇÃO FAMILIAR**

224 **D1. Quais são as estratégias desenvolvidas e implementadas na promoção** 225 **da aproximação e do maior envolvimento das famílias face ao sucesso** 226 **escolar dos alunos?**

227 Esse trabalho normalmente é desenvolvido com a ... (coordenadora do projecto)
228 pode falar porque tem aver com a mediação com a família, nós temos uma parte
229 do nosso projecto que é mediação. Quando há famílias, nós até dos nossos
230 alunos mais...acompanhamos de uma forma mais próxima, mas também outras
231 famílias na escola que costumamos dar resposta nesse sentido, e se for preciso
232 levasse a casa e se articular com a família. Mas esse trabalho já não é feito por
233 mim não é, quando há alguma situação, por exemplo de um aluno que falte, ah
234 nós temos...se faltarem mais de 2x seguidas, e nos justificarem, não é, podem
235 estar doentes, os Directores das Turmas dizem-nos, ou algum amigo vem dizer,
236 mas se faltar essa justificação, há logo telefonema para o encarregado de
237 educação para tentar perceber o que é que se passa, se o jovem está doente, se
238 não está, e faltar, e se os pais se sabem. Este ano não temos muito esse
239 problema, mas no ano passado nós tínhamos alunos que faltavam para brincar,
240 para estarem por aí, não é...então tínhamos que ter esse cuidado porque...
241 pronto, se acontecesse alguma não é, coisa os pais pensavam que eles estavam
242 aqui e não estavam. Ah, portanto há sempre esse cuidado também.

243 **D2. Na sua opinião quais são as estratégias da implementação e do** 244 **desenvolvimento das actividades na promoção do envolvimento das famílias** 245 **face ao acompanhamento escolar dos alunos?**

246 Em relação à família...sim, eu vou falar mais nas actividades que eu

247 acompanho, e depois a coordenadora poderá aprofundar em relação às outras.
248 Eu penso que em termos de inovação do nosso projecto tem a ver com o apoio
249 que nós damos aos alunos que e acaba por ajudar as famílias pós o horário
250 lectivo. Isto porquê? Porque se nós virmos no 1º ciclo cá em Portugal, não é, no
251 1º ciclo existem uma componente apoio à família os chamados cafos, para os
252 alunos puderem ir depois das aulas que eram os antigos ATLS actividades em
253 tempos livres pronto. Quando os alunos vão para 5º e 6º ano, deixam de ter esse
254 apoio. Então o que é que acontece? Os alunos saem às 3 da tarde ou às 4 da
255 tarde ou às 5 da tarde, e ficam, ficam um pouco perdidos, não é, muitas vezes os
256 pais ainda não estão em casa e depois outras vezes ficam na rua ou vão para
257 casa mas se calhar não aproveitam o seu tempo da melhor forma, e penso que o
258 nosso projecto é inovador que é dar uma continuidade ao horário que nesse caso
259 não é lectivo, não é escolar, mas com actividades que lhes proporcionam uma
260 ocupação do seu tempo de uma forma mais útil, e organizado. Eu penso que nas
261 que eu acompanho, essas são...essa é a maior inovação. Pronto de apoio ao
262 estudo e nós temos também outras actividades lúdicos pedagógicos mas
263 essencialmente apoio ao estudo de outra forma se calhar os alunos iam para a
264 casa e não teriam essa oportunidade. Portanto, para os pais, em termos de
265 benefícios para os pais, penso que é importante e inovador, se calhar estão tão
266 preocupados que só chegam a casa às 6 da tarde ou às 7 e os filhos tiveram
267 aquelas horas todas sem apoio sem acompanhamento. Portanto, penso que essa é
268 a mais-valia e inovação em termos do nosso apoio às famílias.

269 **D.3. Quaição as formas do envolvimento das famílias na aprendizagem**
270 **escolar dos alunos?**

271 Pronto alguns pais, são pais disponíveis, mas quando nós os abordamos, não é?
272 Portanto, temos aqueles pais que às vezes, por exemplo, uma mãe que estou a
273 lembrar agora, comunica connosco até por e-mail, não é? Portanto manda e-
274 mails a perguntar se está tudo bem e explicar sempre quando há alguma
275 alteração em relação à filha. Pronto, muitos pais preocupados que embora por
276 vezes não possam ser presencialmente comunicar connosco por telefone ou por
277 via e-mail, temos outros que vêm cá, as vezes no fim da actividade, vêm buscar

278 os filhos e conseguimos dar também uma palavrinha, outros às vezes quando há
279 necessidades contactamos por telefone, e de uma maneira geral são pais
280 preocupados e disponíveis. Pronto embora tenhamos algumas famílias...pronto
281 um pouco mais complicadas, quando nós abordamos têm normalmente abertura
282 para dar um conselho que nós possamos dar, que às vezes até tem mais aver
283 com o comportamento de alguns alunos, e são famílias que nos ouvem. Pronto,
284 pelo menos da minha experiência dos contactos que tenho feito.

285 Sim, quando solicitamos, os pais vêm, e pronto, em relação aos meus alunos que
286 frequentam o laboratório. O Crescer Mais já é diferente, o Crescer Mais a maior
287 parte dos alunos que nós temos, como são alunos com currículos alternativos,
288 portanto currículos específicos e individuais, normalmente o ponto é feito outras
289 vezes através do ensino especial e outras vezes através dos Directores das
290 Turmas é um bocadinho diferente. Em relação aos alunos do laboratório,
291 acontecem também ou através dos Directores das Turmas ou pelos contactos
292 que nós fazemos por via telefone ou via e - mail, ou presencial quando pedimos
293 para eles virem, vêm, são colaboradores, pronto também não temos tido neste ano
294 lectivo assim situações muito complicadas que seja necessário ou que fosse
295 necessário, pronto que os pais tivessem uma regularidade de vir junto de nós
296 assim muito contínua, mas todas as situações, às vezes eu também gosto de
297 contactar com pais não só quando há problema mas também quando as coisas
298 correm bem, pronto, acho que é positivo a nós que isso aconteça.

299 **D4. Quais são os factores que influenciam as famílias no acompanhamento**
300 **escolar dos alunos?**

301 Algumas a nível de escolaridade, outras famílias por vezes até a nível
302 económico, temos alunos connosco que as famílias chegam muito tarde à casa,
303 porque têm que trabalhar muito não é, e saem de um trabalho e têm que ir para
304 outro trabalho, e por vezes os filhos ficam com os irmãos mais velhos ou com
305 outros familiares e as vezes com os vizinhos, não é, e por muito que queiram,
306 não é, não quer dizer com isso que sejam pais negligentes, não é isso, mas se
307 não têm tempo útil com os filhos de forma a apoiá-los no estudo como
308 desejariam, não é, porque pronto...mas mostram interesse, têm famílias dos

309 alunos que às vezes têm contactado por mais variados motivos, e muitas vezes
310 dizem, pois eu converso tanto com ele, mas eu chego a casa às 10h da noite, e
311 pronto, preciso trabalhar muito para poder dar o que ele precisa, não é. Pronto,
312 temos outras famílias, temos alunos com algumas carências, não é,
313 nomeadamente a nível de livros escolares, e alguns materiais que a escola tenta
314 dar resposta, e nós aqui no projecto também temos alguns livros extra, tentamos
315 sempre facilitar para os alunos que têm algumas carências a nível económico
316 que não conseguem comprar o material escolar que é necessário e tentamos
317 também dar resposta nesse sentido, mas basicamente é isto, ou por falta também
318 dos estudos não é, portanto não conseguem acompanhar, ou pela circunstância
319 da vida não é, em termos de tempo, por muito que as famílias se interessem não
320 conseguem, não conseguem ajudar.

321 **D5. Qual a estratégia aplicada pelo projecto na promoção da aproximação**
322 **e do envolvimento das famílias imigrantes com baixo nível de escolaridade,**
323 **no acompanhamento escolar dos alunos?**

324 Sim nós temos no nosso projecto também como objectivo, a formação parental
325 que...bem, neste momento temos estado...ainda não conseguimos organizar ...
326 agora, este ano lectivo, uma formação muito precisa com todos os pais, que
327 envolvam todos os pais, ainda não conseguimos fazer este ano lectivo, mas, é
328 nosso objectivo, portanto partir das necessidades que vamos vendo a partir dos
329 nossos alunos, não é, e a partir das necessidades que eles vão apresentando para
330 organizar uma formação parental. Agora, fazemos é pequenas acções com um
331 ou outro pai que vemos que é necessário trabalhar em determinados assuntos, se
332 ao nível de comportamentos, se ao nível de responsabilização para o estudo, não
333 é, porque às vezes há pais que são preocupados mas, chegam ao pé nós “Ah a
334 culpa as vezes também é um bocadinho minha porque não somos tão firmes,
335 pronto, quando percebemos que podemos sim, aí normalmente assumem, sim.
336 Mas que podemos aconselhar, às vezes dar, algumas directrizes porque às vezes
337 alguns pais faltam um empurrãozinho não é, e o chamar atenção algumas
338 coisinhas porque muitas vezes os pais até muitas vezes sabem mas reforçavam
339 um bocadinho algumas atitudes parentais que às vezes deverão ter ou capazes de

340 ter e se calhar se nós reforçarmos essa ideia eles actuarão de uma forma mais
341 precisa e vão responder às necessidades e dificuldades dos alunos.
342 Este ano ainda não demos, ainda não... ainda não tivemos oportunidade de
343 organizar uma formação com todos os pais. Ah...como tava a dizer temos tido
344 alguns indicadores para organizar. Pois noutros tempos, noutras alturas, mas eu
345 ainda não estava cá, eu penso que se fizeram algumas acções. Depois a...poderá
346 responder se calhar de uma forma mais precisa. Ah na forma como se
347 dinamizou, e a fluência como foi a participação dos pais, nessa altura ainda não,
348 ainda não estava cá no projecto. Mas de facto é nossa intenção. É nossa intenção
349 fazermos, as vezes a escola também faz algumas acções, mas particularmente
350 com os nossos alunos. Como eu lhe disse, este ano lectivo tem sido muito, muito
351 equilibrado, as coisas têm estado, têm andado bem e quando há uma outra
352 situação pontual nós actuamos com aqueles, nós articulamos com aqueles
353 encarregados de educação aquele aluno específico que as coisas têm de
354 funcionar. Independentemente a isso de facto a nossa intenção a partir de alguns
355 temas que os próprios pais surgiram, não é, fazer umas formações de debate de
356 ideias, pois a dúvida de um pai é a dúvida de outro também, as preocupações de
357 um pai também são de outros, é então a nossa intenção fazer ao longo desse ano
358 lectivo, não sei se vamos conseguir articular no 3º período e pronto.

359 **D6. Tem alguma situação marcante quer no aspecto positivo ou negativo no**
360 **desempenho do cargo psicopedagoga clínica neste projecto?**

361 Marcantes, eu acho que todas as situações em que nós percebemos que a
362 articulação que fazemos com a família dá resultado, não é, ah recordo-me de
363 uma situação que se passou este ano lectivo de um aluno que...de um aluno que
364 não dava assim grandes problemas, mas não sei se por estar numa fase assim
365 mais complicada e é um aluno, como disse há pouco, um aluno que vive com a
366 mãe, o pai...o pai pronto, ausente, uma mãe que trabalha muito e que faz do
367 melhor que consegue para o seu filho mas, como eu disse há pouco, por vezes
368 não consegue acompanhar em tempo útil, da forma como desejaria, ah...pronto,
369 porque tem que trabalhar, e passou-se uma situação aqui connosco, ele vai ter
370 que ser repreendido, chamar atenção, e de facto ele percebeu e a mãe ficou

371 muito sensibilizada por nós contactarmos e muito aflita por o filho não ter tido
372 uma atitude muito correcta, mas, deixe-me se sei explicar...perceber que do
373 outro lado apesar de nós estarmos a dizer uma situação menos agradável que se
374 passou, a família, neste caso a mãe perceber que nós estamos cá para ajudar e
375 que, não é para recriminar o aluno, não é para estar a dizer mal do filho, não, é
376 para tentar arranjar uma solução em conjunto, e de facto, pronto, esse aluno
377 teve que desistir assim 2 dias, sem poder vir esse foi o castigo e voltou e
378 pareceu outro. Tanto que nós pedimos muito à mãe, até lhe disse olha não
379 adiante castigar mais, para ele já é o castigo suficiente, eu sei ele gosta muito de
380 vir à nossa actividade, ele até ficou muito triste, não puder vir porque o filho fez
381 mal e correu muito bem o resto do período. Eu acho que situações marcantes são
382 sempre com as famílias, não é. Porque os miúdos temos muitas situações
383 marcantes quando vemos o crescimento deles não é, evolução, e quando saem
384 da escola e encontram-nos na rua, e vêm-nos abraçar, e pronto, acho que tudo
385 isso nos marca de uma forma positiva e quando temos alunos que quando
386 chegam cá com 6 negativas e passam no final do ano, conseguimos que eles
387 recuperem, no período a seguir só tem 3 e no final do ano passam, tudo isso nos
388 marca positivamente. Com as famílias é isso, sempre é uma família colabora
389 sempre é uma família que nos ouve, e valoriza e agradece a nossa preocupação
390 também nos faz sentir mais à vontade sempre para uma situação seja ela positiva
391 ou negativa conseguirmos articular. Portanto, acho sempre uma família
392 colaborante.

393 **D7.As actividades do acompanhamento escolar aplicadas pelo projecto são**
394 **destinadas só para os alunos em risco de insucesso escolar?**

395 A maior parte deles são descendentes de imigrantes, temos alguns estudantes
396 que já nasceram cá, mais as famílias, pais, avós, alguns são avós, essencialmente
397 Cabo Verde, embora tenhamos também outras, outras nacionalidades, mas
398 essencialmente Cabo Verde. Ah...alvo dos alunos que temos nós. Há essa
399 preocupação e é muito interessante também para eles conhecerem várias
400 realidades, respeito também pelas outras culturas, outras formas de ser e estar e
401 outros conhecimentos acaba por ser também uma partilha muito enriquecedora.

Anexo II

Entrevista Nº2

Entrevistada: Monitor de Informática do Projecto “Academia Escola Mais”

Entrevistadora: Filomena da Silva

Dados da Entrevistado:

Situação Académica: Licenciatura em Serviço Social, Fez o curso tecnológico da informática no ensino secundário e várias formações na área de informática não só como utilizador mas também como programador. Teve a frequência do curso de informática na universidade durante dois anos, mas mudou para o curso para a engenharia da acção social.

Situação Profissional: Teve pequenos workshop e fez Formação de Formadores. Actualmente exerce as funções como monitor de informática no projecto “Academia Escola Mais” na situação de contratado a termo incerto.

Bloco A - Ambiente da Entrevista

O guião de entrevista foi entregue ao entrevistado cerca de três semanas antes da realização da entrevista propriamente dita.

A entrevista teve lugar numa das salas das actividades do projecto, partindo da apresentação e informação ao entrevistado sobre o tema e os objectivos da investigação, solicitando a sua colaboração na obtenção de dados necessários e importantes, garantindo o anonimato quer das suas informações prestadas, quer da própria escola.

Foi-lhe e solicitada a permissão para a gravação da entrevista, a qual foi autorizada pelo entrevistado.

A entrevista correu razoavelmente, estabeleceu-se um ambiente muito à vontade que facilitou bastante a realização da própria entrevista.

Na formulação das questões foram todas respondidas. A entrevista iniciou-se às 18h e terminou às 19h 30m, tendo tido a duração de 1h 30m.

DESENVOLVIMENTO DA ENTREVISTA

1 BLOCO B: O PROJECTO E O PAPEL DO MONITOR DE 2 INFORMÁTICA

3 B1: Quais são as funções do Monitor de Informática no apoio familiar, face 4 ao acompanhamento escolar dos alunos?

5 Bem, é assim, directamente relacionado com a informática no apoio às famílias, o
6 que eu faço, dou formação aos pais, dou formação informática aos pais, e o
7 programa escolhas tem uns programas de protocolos com a Microsoft eu dou
8 formação de informática aos pais às 3^{as} e 5^{as} feiras, à noite, das 7 às 8h da noite,
9 dou essa formação de informática aos pais. Dou também a formação de
10 informática aos alunos do 5º ano, essa é a tal formação de Microsoft que se chama
11 literacia digital, tem vários módulos, com os alunos do 5º ano dou só o 1º módulo,
12 que é princípios básicos de informática, coisa leve, depois, dou também formação
13 aos pais como tava lhe dizer essa formação aos pais já tem 5 módulos da
14 formação de literacia digital, tem princípios básicos, depois tem a segurança na
15 internet, tem programa de produtividade, trabalhar com Word, Excel, PowerPoint,
16 tem outro módulo que é, agora não me recordo...que é relacionado com à procura
17 de emprego e em que áreas é que se podem pesquisar...Para além disso,
18 mantenho contactos com os pais que têm cá os filhos no laboratório do
19 conhecimento, ou seja no laboratório do conhecimento informático. Também
20 tenho alguns contactos com os pais, porque os pais também estão na minha...ou
21 seja dou formação aos alunos também dou formação aos pais, às vezes dou
22 mesmo ao pai e à mãe ou dou ao aluno esta cada vez mais.Às vezes acontece
23 terem a mesma formação, e é engraçado quem teve a melhor nota se é o pai ou se
24 é o filho...

25 B2. Quais são as acções de formação/actividades de formação que tem vindo 26 a desenvolver para as famílias?

27 É a tal formação de informática, pouco mais. Há pouco tempo atrás, houve uma
28 semana de internet segura e fiz uma acção de sensibilização para os pais sobre

29 internet segura, mas fica por aí, portanto é a formação de literacia digital, e uma
30 outra acção de formação de sensibilização pontual.
31 Portanto, como lhe tinha dito nesta 1ª fase, os alunos do 5º e 6º ano para nós não
32 há tanto, mas quando eles chegam ao 6º 7º e 8º têm que fazer mais trabalhos no
33 computador...se o pai tiver aprendido comigo ou a mãe ou o avô terem aprendido
34 comigo a informática para ajudar o aluno em que está, não é. Sim acho que sim,
35 tem o papel.

36 **B3. Como são as atitudes das famílias perante às actividades do**
37 **conhecimento informático?**

38 Estou cá há um ano, ainda não fiz, faço 1 ano no dia 1 de Abril e eu ainda não
39 tenho assim muita experiência poder jogar se sim, se não, se tem vindo aumentar
40 ou diminuir. Mas eu presumo, pelo que eu observo que os pais têm vindo a ser
41 maior do que um ano atrás, acho que sim, acho que sim.
42 Os pais mostram, mostram motivação, tanto que logo passada uma semana de
43 inscrições, nós temos poucas vagas, são 13 vagas e passada uma semana, nós
44 tínhamos as vagas esgotadas, tínhamos uma lista de espera no próximo ano,
45 portanto temos uma grande aderência. A minha função só são mesmo monitor da
46 informática, a formação passa-se por aqui.
47 Os pais têm, para os pais têm outro nível, eles já estão no 4º nível, começaram
48 então em Outubro, não é, e já estão agora no 4º nível. Já fizeram 3 níveis, faltam
49 só dois para concluir, e concluir em toda a formação de Microsoft da literacia
50 digital, todos os aspectos. Para os alunos, alunos do 5º ano, literacia digital é só
51 mesmo o 1º modulo porque também envolve muita complexidade e as crianças de
52 10 e 11 anos ainda não conseguem acompanhar.

53 **B4. Quem são os destinatários das actividades de informática?**

54 São, são os pais dos alunos cá da escola não é, pais de alunos cá de escola. Todos,
56 todos que sejam interessados em se inscreverem, não há nenhuma selecção. Claro,
55 que se faltarem, faltando 2x substituímos, porque há muitas pessoas que querem e
57 depois vai tirar o lugar a alguém, não é.

58 B5. Quais são as vantagens da formação informática para os pais?

59 As grandes vantagens para a formação para os pais, existem vários casos, existem
60 por exemplo para as pessoas mais novas ou até à casa dos 40 e 50 anos que
61 gostam de ter algo mais, para à procura do mundo de um novo emprego, não é,
62 tem mais habilitações, mais formações e têm um diploma que comprove, é um
63 diploma por cada módulo, depois no final damos um diploma com total com 5
64 módulos. Mas tem diploma, e nesse sentido, os pais também nessa altura de crise
65 qualquer coisa ajude. Além disso, também têm os reformados, pensionistas,
66 pessoas mais idosas que vêm só para só descobrir informática porque toda agente
67 usa e eles não conseguem aprender como trabalhar com o computador e os filhos
68 às vezes não têm muita paciência para ajudar os pais, e nós temos que ter muita
69 paciência para pais e avós também pais e avós dos alunos cá da escola. As avós
70 quando chegaram nem sabiam mexer com o rato, hoje em dia, já conhece a
71 internet, já instala programas no computador.

72 B6. As dificuldades sentidas no desempenho do cargo do monitor de
73 informática.

74 Sim, tenho algumas dificuldades em relação ao material. Não temos os
75 computadores que queremos ter, um pouco nos limitam, temos cá só 5
76 computadores para poderem trabalhar, por exemplo, há situação na formação de
77 literacia digital do 5º ano para alunos, tem de ficar cada aluno em cada
78 computador, o que dá mais alguma brincadeira, mais alguma distração, não é, e
79 os materiais não são os melhores. Outra situação, a ligação à internet, também
80 condiciona bastante, condiciona por exemplo, os testes dos pais ou dos alunos são
81 feitos on line, são feitos na net, se a internet falhar o teste fica a meio, já
82 aconteceu. Agora na relação com os alunos, na relação com os alunos, por vezes
83 existem dificuldades, são alunos por vezes não têm regras, nem limites e por
84 vezes temos que os saber levar, não é, não através da força e nem do grito, porque
85 eles estão habituados de dia a dia não funcionam, mas é possível, é possível
86 motivá-los e direccioná-los, é possível.

87 B7. Como articula as actividades no âmbito de planificação entre a equipa
88 técnica do projecto e os directores das turmas?

89 A articulação é muito boa, a articulação é óptima, nós temos um, excelente
90 relacionamento, deve ser o melhor relacionamento que tive aqui deve ser o
91 melhor, acho que uma melhor entre ajuda e colegas, companheiros e amigos,
92 ajudamos uns aos outros e se tiver uma certa virtude ou uma certa lacuna, as
93 minhas colegas tentam compensar a minha lacuna e tentamos ajudar uns aos
94 outros. Na planificação...na planificação, portanto... cada um faz o seu e por
95 vezes cada um faz o do outro, (ria-se) ajudamos todos uns aos outros, não é,
96 exactamente. Às vezes actividades são minhas que...é mesmo uma equipa, é uma
97 verdadeira equipa. Com os DT, sim também a coordenadora do projecto também
98 relação com os DT, a psicopedagoga também, e eu também, a respeito à formação
99 de informática e literacia digital, portanto há um contacto com os professores, a
100 minha avaliação é enviada para os directores de turma fica no currículo...ou seja
101 quando precisar, fica no currículo ...não fica na pauta das notas, não é, mas essas
102 notas e a minha avaliação por ventura poderá ser um complemento para os
103 professores darem uma avaliação aos alunos, imagina no caso que esteja indeciso
104 entre o 3 e o 4, por acaso a minha avaliação naquela área poderá ajudar, poderá
105 ajudar. Falamos sobre diversos assuntos sobre os alunos, e conversamos por e-
106 mail, no bar, nos corredores, há muita conversa.

107 C. ACTIVIDADES DE DINAMIZAÇÃO DA RESPONSABILIZAÇÃO DE
108 FAMÍLIAS NO ÂMBITO DO ACOMPANHAMENTO ESCOLAR

109 C1. Quais são as actividades que tem vindo a desenvolver para incentivar as
110 famílias no acompanhamento escolar dos alunos?

111 Há pouco tempo atrás, houve uma semana de internet segura e fiz uma acção de
112 sensibilização para os pais sobre internet segura, mas fica por aí, portanto é a
113 formação de literacia digital, e uma outra acção de formação de sensibilização
114 pontual.

115 Nesta 1ª fase, os alunos do 5º e 6º ano para nós não há tanto, mas quando eles
116 chegam ao 6º 7º e 8º têm que fazer mais trabalhos no computador...se o pai tiver
117 aprendido comigo ou a mãe ou o avô terem aprendido comigo a informática para
118 ajudar o aluno em que está, não é. Sim acho que sim, tem o papel.
120 São as mesmas actividades que dou aos pais e aos alunos, às vezes acontece terem
121 a mesma formação, e é engraçado quem teve a melhor nota se é o pai ou se é o
122 filho. Tem também outra actividade que é a mega net, todas as 4ªs feiras à tarde,
123 nós damos uma formação não formal, ou seja falamos sobre, imagina sobre
124 programas para edição vídeo, para edição de voz, som, tudo é informática, tudo é
125 relacionado com o computador. Tivemos no ano passado e também este ano um
126 projecto inovador que chama-se “tegmeg” que é o de usar sensores sem fios com
127 o programação no computador e os miúdos fizeram tapete interactivo sem fios,
128 como aqueles sensores do metro passa o cartão por cima e há um jogo, uma
129 forma, isto por exemplo à 4ª feira e tem também CID de livros, CID de livros
130 ocupa com mais horas, CID livros os meninos podem utilizar mais computadores,
131 quase livremente, não é, temos horas temos regras, não é, não pode passar o dia
132 todo no facebook, claro que não, a hora de jogos de 1 às 2, não há mais, e depois é
133 fazer trabalho, fazer pesquisas ou fazer jogos didácticos, como eles querem só
134 fazer jogos e se for para fazerem algum trabalho e eles não querem e não fazem,
135 tentamos, entre parênteses, enganá-los. Ah façam este jogo...mas é um jogo
136 didáctico, ao que eles vão aprender. Às vezes, às vezes eles fazem, outras vezes
137 nem por isso, outras vezes dizem: eh este jogo de aprender, eu não gosto. Esses
138 são sites que procuro, são jogos que procuro na net e depois coloco ali nos
139 computadores e quando os miúdos estão, olha está aqui este jogo experimenta a
140 ver se gostas...e eles...ah não sei que...e ficam envolvidos e começam a fazer.
141 Por exemplo jogos didácticos de matemática, português, inglês, de segurança na
142 internet, dá destreza mesmo ao raciocínio. A minha função só é mesmo monitor
143 da informática formação passa-se por aqui.

144 **C2. Na sua opinião, qual é a importância do envolvimento dos pais no apoio**
145 **da aprendizagem dos alunos?**

146 Na minha opinião é óbvio que é muito importante, não é, os alunos nem sempre

147 conseguem aprender a matéria na escola da melhor forma, e os professores
148 também não têm tempo para dar atenção aos 25 alunos, e se tiver um pai ou uma
149 mãe em casa envolvido na educação do filho, é óbvio que há sempre muito
150 positivo, não é, e motivá-lo para tirar melhores notas.

151 **C3. Quais são os factores que influenciam no relacionamento com as famílias**
152 **e ou os alunos?**

153 Sim, sim. Vamos começar pelos que facilitam. As pessoas que têm os filhos cá na
154 escola, geralmente, pela minha própria experiência, são pessoas muito abertas,
155 pessoas muito abertas, muito comunicativas, e por vezes se ajudam, não é, temos
156 uma maior facilidade lidar com as pessoas e mostravam as suas intenções, são
157 pessoas geralmente têm 2^{as} intenções, são muito abertas e considero que sinceras,
158 e nesse aspecto ajuda.

159 Nos aspectos que não ajudam, por vezes há barreiras linguísticas, não, há pessoas
160 que não falam português e às vezes tem uma certa desconfiança por vezes serem
161 imigrantes e as vezes ilegais não é, não tão legalizados em Portugal e às vezes
162 uma pessoa de cá que é português não se abre completamente, por vezes, percebe,
163 não tão completamente à vontade, mostra-se uma dificuldade. E a nível cultural
164 não é, por vezes os meus formandos, as minhas formandas têm uma cultura
165 completamente diferente, vêm de Cabo Verde, de Guiné ou de... muitos países
166 africanos, e a própria barreira de cultural, pessoas diferentes com culturas
167 diferentes é natural, pode trazer...há que saber aproveitar o nosso favor.

168 **C4. Na sua opinião tem alguma situação mais marcante do ponto de vista**
169 **positivo e negativo na relação com as famílias dos alunos?**

170 Eu tenho. Posso contar uma situação positiva, por exemplo eu tenho um caso de
171 uma mãe que estava na formação da literacia digital e o aluno também esteve
172 comigo na literacia digital e uma mãe, portanto, é uma família...a senhora teve
173 depressões, não é. Teve algumas depressões e os dois filhos não valorizavam
174 muito a mãe, pensavam sempre que a mãe um pouco lenta, não compreendia, não
175 sabia ou não conseguia, acontece que essa senhora teve 97% no teste na literacia

176 digital, teve muito mais que os filhos e então isso mudou um pouco a visão dos
177 filhos à mãe, o que também motivou ou aumentou a auto-estima da mãe,
178 aumentou auto estima de filhos, por saber que têm uma mãe que afinal não era
179 pessoa incompetente como pensavam que era, e essa situação foi uma boa
180 situação. A nível negativo, uma situação que tenho marcado a nível negativo, por
181 exemplo, tentar a trabalhar com os alunos e disponibilizamos até o tempo extra
182 para os alunos, lembro-me de um aluno que é muito conflituoso e muito
183 problemático e uma família completamente desesperada e não foi possível fazer o
184 trabalho que queríamos com o aluno porque o aluno não vinha, nem os pais, nem
185 o pai (não quer dizer obrigado), mas o pai não empunha que ele tinha que vir, não
186 é, e nesse sentido posso dizer que é uma situação mais negativa por ter perdido
187 assim um aluno relativamente inteligente muito esperto. Não deixou a escola, mas
188 deixou as nossas actividades, eu tinha uma actividade que criei próprio para ele,
189 para ser adaptado, não estava no laboratório do conhecimento, só desestabilizava
190 todo o grupo, é uma criança que precisa muita atenção completamente
191 desestabilizada, então tentamos uma estratégia de fazer uma individual para ele,
192 tentar motivá-lo se havia alguma coisa que gostasse, se conseguir poder motivá-lo
193 para o estudo. Não foi possível, não foi possível porque o pai também não se
194 mostrou envolvido, parece que não quer, deixou para trás...

195 D. AS ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS NO ÂMBITO DA MEDIAÇÃO **196 FAMILIAR**

197 D1. Quais são as estratégias desenvolvidas e implementadas na realização das **198 actividades do laboratório do conhecimento informático na promoção do** **199 sucesso escolar?**

200 Eu ainda tou abdicar e a estratégia vai alterando, e ela altera-se conforme o aluno,
201 há alunos que por vezes necessita só uma palavra de incentivo, há outros alunos
202 necessitam de ficar sozinhos durante um momento para se perceberem o que
203 tiveram mal. Há outros alunos que por exemplo vão mesmo para a rua e não
204 voltam mais. A estratégia de tempo, tempo. Eu as vezes para não perder uma
205 turma de 14 ou 15 alunos por causa de um aluno, eu prefiro perder um aluno, e

206 manter a com 14 ou a 15 a funcionar. São as minhas estratégias. Muita
207 compreensão e falar calmamente e saber ouvi-los.
208 Estratégias inovadoras... inovadoras, inovadoras, não, mas, aqueles contactos
209 com as famílias, não é, quando acontece alguma situação. O meu contacto na
210 minha função geralmente não é directamente com os pais dos alunos com quem
211 estou a trabalhar, quem faz mais é a minha colega...também faço, e quando faço
212 são os pais que têm cá filhos no laboratório e são pais que dou a formação
213 informática, então aí há um acompanhamento mas passa-se pela normal conversa
214 para motivar os pais para acompanhar os filhos porque é necessário para ter um
215 futuro melhor, mas baseia-se nas conversas.

216 **D2.Quais são os tipos de contactos e as actividades mais privilegiadas da**
217 **relação projecto-família?**

218 Sim, sim, nós temos os números dos telefones dos pais, quando é necessário,
219 quando for necessário telefonamos e conversamos com eles sobre os alunos.

220 **D3. Quais são as medidas utilizadas para envolver as famílias difíceis de**
221 **alcançar na vida da escola dos alunos?**

222 Eu, nas minhas funções, eu contactei pais directamente, telefone e sempre, sempre
223 mostraram-se interessados na relação aos filhos. Claro que não foram muitos, a
224 minha função não é contactar directamente os pais, nunca tive muito contacto.
225 Mas normalmente que eu possa dizer sobre isso.

226 **E. ACTIVIDADES DE APOIO À APRENDIZAGEM DOS ALUNOS**

227 **E1. Quais são as actividades desenvolvidas no apoio à aprendizagem dos**
228 **alunos?**

229 É o laboratório do conhecimento à informática. Laboratório do conhecimento de
230 informática, como lhe tinha dito, eles vão para a plataforma da escola virtual,
231 além disso, além da escola virtual, também fazem trabalhos, usar PowerPoint,

232 Word, pesquisas. Fazem bastante pesquisas, fazem muitos trabalhos.
233 Actividades do laboratório do conhecimento informático, portanto passam-se 2^{as},
234 3^{as}, 4^{as} e 5^{as}. As 2^{as} e 5^{as} é para o grupo do 5^o ano, e as 3^{as} e 6^{as} feiras para o
235 grupo do 6^o ano. Não sei se a minha colega se está cá, nesta sala ela dá o apoio
236 mais relacionado com propriamente a matéria, matemática e português, mas mais
237 com livros, trabalhos de casa, estudar para os testes. Depois na 2^a hora do
238 laboratório, os jovens, eles vão comigo para ali para a sala de informática, para o
239 espaço CID e nós temos um plataforma que se chama escola virtual que é-nos
240 dado pelo programa escolhas, e nessa escola virtual é um site, tem todos os anos, e
241 tem todas as matérias, todas as disciplinas, testes, eles podem praticar testes no
242 computador, portanto às vezes os miúdos já tão cá na escola desde às 8h de manhã
243 e são já 6 ou 7 horas, já tão cá muitas horas, já não conseguem ver os livros à
244 frente e nem os cadernos, mas com o computador ficam motivados para estudar e
245 têm voltar a estudar na mesma.

246 **E2. Que impacto trazem as intervenções que têm vindo a ser realizadas pelo**
247 **no âmbito da aprendizagem escolar dos alunos?**

248 Poderá ter o impacto, não sei se é visível já. Portanto, talvez poderá ver o impacto
249 daqui a 1 ano ou 2 quando eles começarem a fazer mais trabalho no computador e
250 apresentar, poderão ter maior vontade em fazer um trabalho mais elaborado e
251 melhor. Mas no momento como a avaliação dos alunos não passa tanto pela
252 informática, mas pelas matérias das disciplinas propriamente dito, não vejo que
253 tenha assim grande impacto, a não ser despertar a curiosidade para as novas áreas,
254 mais por aí.

255 **E3. Como são as atitudes dos alunos perante às actividades do laboratório do**
256 **conhecimento informático?**

257 Os alunos mostram interesse, os alunos, portanto as turmas que estão a ter 25
258 alunos e agora uma turma que comecei a formação foi o 5^o F eles inscreveram-se
259 10, portanto quase 50% da turma, acerca de 40% da turma inscreveu-se. Existem
260 casos em que se inscrevem também talvez só 5 alunos às vezes há certas turmas.

261 Portanto pouco ou nada voltam 20 aos 45% da adesão das turmas, não é, das
262 turmas. É só para o 5º ano, 6º não, o 6º temos outra certificação que se chama
263 DCB. O DCB é o básico da informática. Mas nesse não há formação o DCB,
264 DCB chama-se Diploma de Competências Básicas). Eles só têm que fazer uma
265 prova e eu vou certificar como eles têm os conhecimentos básicos de informática,
266 mas não existe a formação propriamente dita, mas posso dar uma ajuda prévia,
267 mostrar o que é que pode fazer e como fazer, mãos não existe formação com aulas
268 com sessões marcadas, não existe.

269 E4. Qual o impacto da formação de literacia nos estudos dos alunos?

270 Poderá ter o impacto, não sei se é visível já. Portanto, talvez poderá ver o impacto
271 daqui a 1 ano ou 2 quando eles começarem a fazer mais trabalho no computador e
272 apresentar, poderão ter maior vontade em fazer um trabalho mais elaborado e
273 melhor. Mas no momento como a avaliação dos alunos não passa tanto pela
274 informática, mas pelas matérias das disciplinas propriamente dito, não vejo que
275 tenha assim grande impacto, a não ser despertar a curiosidade para as novas áreas,
276 mais por aí.

277 E5. Como tem sido o relacionamento dos alunos entre várias nacionalidades?

278 Eu acho que sim, eu considero no geral que sim. Eu moro esses anos nos meios de
279 paupérrimos mesmo pobres e em todos e em vários níveis, eu acho que há uma
280 grande entreaajuda de vários alunos, não importa se é português, se é brasileiro, se
281 é guineense ou cabo-verdiano não noto diferença de cor da pele, eles ajudam, são
282 amigos, não vejo racismo entre os miúdos, não vejo nada disso, eles ajudam-se
283 muito, ajudam-se bastante. Acho que sim, acho que é positivo.

Anexo II

Entrevista Nº 3

Entrevistada: Coordenadora do Projecto “Academia Escola Mais”

Entrevistadora: Filomena da Silva

Dados da Entrevistada:

Situação académica: Licenciatura Psicopedagogia ligada às dificuldades de aprendizagem, Pós-graduação em Gestão de Projecto e Parceria, mestrado em Análises e Gestão do Projecto e Desenvolvimento, cujo nome do projecto é Desenvolvimento das Necessidades Locais e Desafios Mundiais, Análise de Gestão.

Situação profissional: Fez a formação relacionada com as funções que exerce, tais como: Pedagogia e Gestão de Projectos, Parceria e Análise de Projecto do Desenvolvimento; Curso de Animação Cultural e outras experiências profissionais na área de imigração e saúde; trabalhou na associação ASPAS, numa rede europeia de jovens, na realização de projectos nacionais e internacionais de integração e de promoção à saúde, de prevenção de doenças infecciosas, onde trabalhou com os intercâmbios na realização dos projectos de vários intercâmbios na europa; deu formação para a saúde nas escolas. Também exerceu as funções na IIEM (Intervenção de Integração da Emigração para Migrações) onde dava apoio à legalização da população imigrante.

Actualmente exerce as funções como coordenadora do projecto da “Academia Escola Mais” no âmbito do Programa Escolhas.

Bloco A - Ambiente da Entrevista

O guião de entrevista foi entregue à entrevistada cerca de três semanas antes da realização da entrevista propriamente dita.

A entrevista teve lugar no Gabinete da Coordenadora do Projecto, partindo da apresentação e informação à entrevistada sobre o tema e os objectivos da investigação, solicitando a sua colaboração na obtenção de dados necessários e importantes, garantindo o anonimato quer das suas informações prestadas, quer da própria escola. Foi-lhe e solicitada a permissão para a gravação da entrevista, a qual foi autorizada pela entrevistada.

A entrevista correu razoavelmente, estabeleceu-se um ambiente muito à vontade que facilitou bastante a realização da própria entrevista.

Na formulação das questões foram todas respondidas, havendo algumas interrupções devido à entrada de outras pessoas no gabinete, pelo que tivemos que parar. A entrevista iniciou-se às 10h 30m e terminou às 12h20m, tendo tido a duração de 1h 50m.

DESENVOLVIMENTO DA ENTREVISTA

BLOCO B: O PROJECTO E O PAPEL DA COORDENADORA DO PROJECTO

1 B1: Podia fazer uma caracterização breve da escola e do meio social onde
2 está situada a escola?

3 Vou dizer só gerais: A escola tem cerca de 600 e tal de alunos cerca de 600 alunos
4 na Escola ..., o agrupamento tem mil e tal, a escola tem cerca de 70% de alunos
5 imigrantes ou descendentes de imigrantes, portanto de origem estrangeira, assim
6 de maior grosso são de origem cabo-verdiana depois a seguir deve ser guineenses
7 e brasileiros, as três grandes nacionalidades, portuguesas também, esses alunos de
8 origem estrangeira no seu grande grosso na 2ª e 3ª geração de imigrantes, não
9 é...não são os imigrantes, já é da 2ª e 3ª geração, já netos, são netos de cabo-
10 verdianos, já nem se quer filhos, sabe, muitos são netos de cabo-verdianos, já
11 nasceram cá e os pais já nasceram cá, os avôs é que vieram, os avôs é que vieram,
12 os avós, não são os pais, os avôs é que vieram (ria-se).

13 O corpo docente, durante uma 1ª fase do projecto era um corpo docente muito
14 estável e na casa dos 50, 60 reformaram, um grande grupo, agora nós temos um
15 corpo docente muito jovem. Há dois anos para cá que temos um corpo docente
16 muito jovem. Há 4 anos tínhamos um corpo docente mais envelhecido. Portanto
17 não tão nos quadros, são contratados essas coisas assim não é. A escola é TEIP
18 (Território de Intervenção Prioritária) porque as famílias aqui...as crianças são
19 provenientes de famílias de socioeconomicamente muito desfavorecidas, não é,
20 grande parte dos pais trabalham na construção civil e as mães nas limpezas, sendo
21 que agora há um grande número de desemprego na construção civil, construção
22 civil está parada, então temos muitos pais no desemprego. Essa nova geração, já
23 tem pais na segurança, tem muitos pais que agora tão na segurança, e basicamente

24 é isso. O ambiente é bom. A escola é boa, já foi muito má, mas a escola é boa,
25 porque quando entrei era cóptico, que era guerra todos os dias os miúdos,
26 pancadaria, soco, e agora vai acalmando porque a escola era só do 2º ciclo, agora
27 é 2º e 3º e acompanhar os alunos dos 5 anos é diferente, não é, e...pronto. No
28 agrupamento 1º e 2º também tem. Nessa escola só 2º e 3º ciclo. Mas antigamente,
29 háuns 3 anos atrás ou 4 anos atrás só se funcionava 2º ciclo, era até ao 6º, agora
30 até ao 9º ano. Quando era até ao 6º era muito complicado, a escola havia muitas
31 guerra e também havia 2 turnos, os alunos da tarde fazia muita confusão, agora
32 falo do turno, não é, os alunos todos entram de manhã e depois saem à tarde de
33 acordo com o seu horário, e a escola acalmou muito, começou haver menos
34 problemas, há menos problemas há uma relação, a escola se sinta como uma
35 escola dos afectos, dão-se muito bem, há um bom relacionamento entre os
36 professores, organizavam jantaradas ou jantares, acho que é muito importante, há
37 muito trabalho de cooperação.

38 Em geral os pais imigrantes e portugueses dão-se bem, há uma coisa ou outra,
39 racismo existe, não vamos fingir que não existe, mas acho que os miúdos aqui, os
40 miúdos dão-se todos bem, não é por ser branco ou preto, dão-se todos bem, eles
41 podem estar... e brigam e não sei que, mas nunca é por causa do racismo, não me
42 lembro de estarem a brigar uma vez outro por ser branco e o outro por ser preto,
43 eles brigam porque o namorado roubou a namorada (ria-se).

44 **B2:Quais são as funções da coordenadora do projecto na implementação do**
45 **projecto face à mediação familiar?**

46 As minhas funções são diversas, não é, dentro do projecto, sou eu que sou
47 responsável de fazer os relatórios, planos de actividades, a...toda a gestão
48 contabilística, contabilista na organização do que é preciso em termos de
49 materiais, de...dinamização de gestão dos recursos humanos do projecto, não é,
50 os recursos humanos são eles que fazem e financeiros. A...articulação com a
51 escola, não é, com os grupos de trabalho da escola, os DT ou a Assistência Social,
52 os Psicólogos, o Conselho de Turma...o Conselho Pedagógico e o Conselho
53 Executivo, agora não existe Conselho Executivo, não é, agora é direcção, toda
54 essa articulação, não é, que é feita, vários relatórios para todos também acho

55 também que é importante e ser escrito não é só falado, porque as coisas faladas
56 desvanecem-se, não é. Portanto eu faço também questão para além de falar com
57 essas pessoas todas também...a...a...a...enviar relatórios mesmo que sejam
58 sucintos nas coisas, a articulação, eu dou muita importância à articulação com o
59 parceiro, muito importância, acho é saldo excesso, a articulação com todas as
60 instituições aqui à volta, as instituições, os bairros, as autarquias, juntas...outras
61 instituições...associações de pais, por exemplo não é, é muito importante para o
62 sucesso do projecto é a envolvência dos parceiros à volta. E pronto, não é, os
63 técnicos do projecto exercem as suas funções, e fazemos, mas para além disso
64 ainda dinamizo algumas actividades, não é, as ligadas à família,
65 formaçãoparental, temos feito pouco, a mediaçãotambém sou eu que faço, ir a
66 casa e essas coisas, sou eu que faço, mediação através de visitas domiciliárias e a
67 mediação linguística, também sou eu que faço. E se tiver que acompanhar algum,
68 também, normalmente sou eu que faço, já temos actividades de família ligadas à
69 família, não é, apoio psicopedagógico, a dança, sei lá, as Férias Mais, o Jornal do
70 Pedro, pronto não é, a dinamização do facebook, sou eu que faço. Dinamização do
71 site é o monitor de informática, é mais complicado (ria-se). São várias as funções.
72 Estamos aqui muitas horas, por aqui. Trabalha-se por gosto, não é, se for por
73 dinheiro, esquece, não dá.

74 **B3: Como funciona a articulação entre a equipa técnica do projecto e os**
75 **directores de turmas na planificação das actividades.**

76 Tamos, tamos dentro do Projecto Educativo da Escola. O projecto tem a escola,
77 mas todas as actividades são cerca de...sei lá, 20 actividades ou mais de 20
78 actividades, são mais 20 actividades do projecto, no total de 29 actividades tão
79 integradas no Projecto Educativo da escola, tanto que eu faço relatórios para a
80 escola também, dentro do Projecto Educativo da Escola, fazemos parte
81 do...projecto educativo e do...agora não me lembro do nome... do plano anual?
82 Não é plano anual! De 3 em 3 anos faço um. Mas tamos dentro do projecto da
83 escola e depois tenho que fazer relatórios também para o Programa Escolhas que é
84 o nosso financiador.
85 O Programa Escolhas que financia o projecto! É ele que paga os técnicos que

86 estamos aqui. Quem paga é o programa escolhas, não é a escola. Quem paga os
87 computadores, é o programa escolhas. E os materiais também vêm do Programa
88 Escolhas. Vêm do Programa Escolhas, não é da escola. As actividades são pagas
89 pelo Programa Escolha, não é a escola. É tudo Programa Escolhas, só que a escola
90 também ajudam-nos. Como as férias metade das férias é paga pela escola. Às
91 vezes eu preciso material, é a escola que pago, mas pronto, mas o financiamento é
92 a Escolhas.

93 Nós somos do Programa Escolhas. Nós somos um projecto do Programa Escolhas.
94 A associação mediar, associação nacional e sociocultural é que é nosso
95 empregador, nós somos empregados, não é, funcionários da Associação Mediar. É
96 uma associação (Associação de Mediação Sociocultural). Nós somos funcionários
97 da Mediar, organizamos aqui na escola, não é, um projecto da Mediar, financiado
98 pelo Programa Escolhas e trabalhamos aqui na escola. Eu não pertenço aos
99 quadros da escola, eu pertenço aos quadros... não pertenço ao nenhum não é, mas
100 eu pertenço à Mediar.

101 O projecto acaba em 2012...o projecto, o Programa escolhas, o Programa
102 Escolhas tem vindo a ser renovado, 2 ou 3 anos de duração normalmente, é o
103 projecto, e os projectos terminam, tem uma duração, tem começo e fim
104 projectado. O nosso está projectado para 2012. Devido à conjuntura económica,
105 nós não sabemos se vai haver continuação ou não! Portanto, nós sabemos que
106 temos trabalhos que até ao final de 2012, Dezembro de 2012. Depois, nós não
107 sabemos. Por mais sucesso que nós... nós temos realmente a...a...comprovativos
108 do impacto do projecto na escola, temos uma avaliação muito positiva da escola e
109 do Programa Escolhas, somos avaliados como bom projecto, recebemos um
110 prémio, mas ainda assim não temos garantias que...porque tá tudo a terminar.

111 No agrupamento tem mais tem o TEIP. Essa escola é TEIP (Território Educativo
112 de Intervenção Prioritária). TEIP e tem financiamentos próprios. Por ser TEIP e o
113 agrupamento ser TEIP tem financiamentos também. E tem TEIP técnicos pagos
114 pelo TEIP também, só que nós articulamos directamente com os técnicos do
115 TEIP. Os técnicos do TEIP que estou a dizer é Assistência Social, a Socióloga, a
116 Psicóloga, é pago pelo TEIP. Esses são técnicos do TEIP. Estamos todos juntos,
117 fazemos as coisas em conjunto, mas eles são à parte. O TEIP tem financiamento
118 através do ministério de educação, eles são técnicos da escola. Este projecto de

119 AEM está integrado no TEIP.

120 Articulamos os objectivos, não é, para atingir determinados objectivos do TEIP é
121 necessário actividades do projecto, do nosso projecto, portanto está incendiosa
122 com o TEIP. Mas é diferente, mas está incendiosa por exemplo, para o abandono
123 escolar é preciso técnicos da AEM, não é, portanto são financiamentos diferentes
124 para o mesmo objectivo, portanto articulamos em conjunto, eu trabalho, há
125 técnicos do TEIP a fazerem Férias Mais connosco. Mas as Férias Mais é uma
126 actividade nossa. Nós organizamos, articulamos, tem financiamento pagam os
127 técnicos daqui, depois nós organizamos, articulamos e fazemos as coisas juntas.
128 Mas não têm planificação em conjunto. A nossa planificação somos nós,
129 decidimos, e organizamos a planificação eu faço em conjunto com os meus
130 técnicos.

131 E esse projecto AEM está integrado numa escola EB 2/3 do concelho de
132 Amadora. O TEIP que é no agrupamento que abrange todas as escolas do
133 agrupamento. Mas nós estamos integrados no TEIP como? Porque o TEIP tem
134 determinados objectivos, ser agrupamento TEIP, se a escola é TEIP, tem
135 determinados objectivos a alcançar, não é. Por exemplo reduzir o absentismo ou o
136 abandono escolar ou reduzir o insucesso escolar, não é, e para obter esse
137 resultado, o TEIP tem também o programa do nosso projecto, o Escolhas não é,
138 AEM para atingir determinadas actividades, só que o financiamento é diferente
139 mas está integrado no TEIP. Nós estamos integrados no TEIP. Por exemplo, a
140 psicóloga tem que fazer por ex. a orientação educacional para todos os alunos do
141 9º, não faz através do projecto, ela faz lá independentemente dela, não é, ela
142 contacta a escola, os DT e fala o trabalho dela sobre a orientação educacional para
143 os alunos do 9º ano. Não fazemos isso. Não tem nada connosco, é o trabalho dela.
144 Cada serviço da escola tem o seu plano. Todos os serviços da escola contribuem
145 para um objectivo específico, do TEIP. Portanto o projecto AEM é só para os
146 estudantes que pertencem à escola... O 2º e o 3º ciclo só existem aqui na escola ...
147 as outras são do 1º ciclo e Jardim de Infância.

148 DT é quase gestor não é, DT é quase gestor dos seus alunos, não é, gestor de casa.
149 A nossa articulação tem que ser total, não é, com o DT, as avaliações são feitas e
150 entregues ao DT, temos reuniões com os DT para saber o percurso, como é que o
151 aluno está a ir, como é que deve evoluir, em que é que nós devemos apostar, se

152 nós...se nós devemos é...incide mais na matemática nesse aluno, ou se incide
153 mais no português, temos reuniões com os DT, falamos, os DT é que sinalizam-
154 nos os casos, nós não sabemos, não é, quem é que tá precisar mais e quem é não
155 precisa, só os DT é que sabem, são eles que sinalizam, só os DT dizem assim,
156 olha esse aluno tá a faltar e ir lá à casa, só os DT, não é, portanto a relação é total.
157 É com os DT que fazemos as reuniões, mandamos o e-mail, contactamos o DT
158 através do e-mail, total, sem o DT não é possível não é, sinalização, essas coisas,
159 e o feedback que nós damos depois ao DT.

160 Os directores de turmas contactam directamente as famílias dos alunos. Há
161 situações que não é preciso passar pelo projecto não é, e nós não trabalhamos com
162 todos os alunos, não é, são 600 e tal alunos na escola, não é. Só alguns alunos em
163 risco estão connosco, não é, mesmo assim não são todos, não é, e há coisas que
164 eles podem fazer directamente imagina que um caso mais grave contactar
165 assistência social, DT contacta directamente assistência social e nós nem se quer
166 participarmos no processo, ou um problema psicológico grave, mandamos para
167 apoio psicológico, portanto eles contactam directamente a psicóloga, não passam
168 por nós, por exemplo não é. Nós somos mais um serviço da escola, não é.
169 Portanto serviço de psicologia, serviço de social, temos nós, nós somos mais um
170 serviço da escola.

171 A articulação é sempre, nós damos no princípio do ano, eles sinalizam-nos os
172 alunos, nós vamos intervir, e nós depois damos sempre uma avaliação aos DT
173 todos os períodos. Como é que o aluno tá evoluir. Nós marcamos reuniões com os
174 DT e eles sinalizam casos que é necessário comunicar com a família.

175 **B4: As dificuldades sentidas no desempenho do cargo da coordenadora do**
176 **projecto na promoção da aproximação e do maior envolvimento das famílias**
177 **no acompanhamento escolar dos alunos.**

178 Não, eu acho que facilidade, eu sou filha de Cabo-verdianos e acho que isso tem
179 facilitado. A sensação que eu tenho que isso tem facilitado. Por exemplo há pais
180 que não falam português, falam crioulo, mesmo crioulo de Guiné eu vou
181 percebendo, não é? Temos muitas crianças, por exemplo, temos muitos cabo-
182 verdianos e muitos guineenses. Não sei, parece que passa alguma segurança

183 que...há coisas que eles não dizem aos professores e dizem-me a mim, acho que é
184 devido à barreira linguística, eles não têm vergonha de falar comigo, mesmo
185 falarem mal o português, não têm vergonha de falar comigo ou se não conseguem
186 falar português, falam crioulo comigo, eu falo e faço tradução muitas vezes, só
187 que as traduções ...e acho que isso ajuda bastante.

188 Cerca de 70%, e neste 70%, pais 50% são cabo-verdianos e guineenses, não é,
189 falam crioulo, e se tem alguém na escola que facilita essa à ligação só...só de
190 estarem desesperados, às vezes estão desesperados e não consegue, não sei o que
191 fazer com o meu filho e poder dizer isso em crioulo, já é logo uma grande ajuda,
192 já é uma relação completamente diferente. Eu acho que isso é uma vantagem de
193 eu ser crioula. (ria-se) Eu acho que eles vêm e automaticamente descontraem-se,
194 às vezes descontraem-se demais, tem que por um travão. (ria-se). Pensa que eu
195 sou sua prima, (ria-se). Mas (ria-se) eu sinto que eles sentem logo à vontade,
196 dizem uah! dizem tudo, contam coisas que...tenho a certeza que não contariam
197 aos Directores de Turmas, acoitam dificuldades que não diriam nunca ao
198 professor, contam problemas familiares, não contavam nunca, tenho quase a
199 certeza, só a questão de puderem falar em crioulo tipo, não, estou a passar mal, o
200 meu filho não sei que, o meu marido bateu-me, coisas que... tipo...situações
201 graves e...uma mãe que não sabia quem é o pai, imagina não sei quem é o pai da
202 minha filha? Por isso, imagina, não vai contar isso ao professor, poderá, mas eu
203 acho que a relação de confiança que estabelecem comigo é por ser africana
204 também.

205 Por acaso um factor que não tinha dito é a mediação linguística, um factor
206 importante no projecto, no sucesso do projecto é a mediação linguística também
207 faço aqui com essas famílias imigrantes.

208 **B5. Quais são os factores que influenciam no relacionamento com as famílias**
209 **e os alunos?**

210 Sim, sim. Há pais que não sabem falar português, eu tenho que fazer a tradução
211 para Director de Turma. Sim, ficam mais tranquilos, conseguem-se explicar
212 doutra forma, às vezes não ouçam explicar, e depois Director da Turma, ah não
213 tás-te a ver, ou não sei que, não percebo, você não sei que, na...na...na...o pai

214 não está nada a perceber o que estou a dizer, não percebe o que, sabe lá o que é.
215 Ah tem que estudar e ver a caderneta. Ele não sabe o que é que a caderneta, não tá
216 a perceber, não percebe o português, nem se quer percebe, não percebe mesmo, e
217 se o professor também não percebe. Acho que os professores agora são mais
218 sensíveis, acho que há uma nova geração tá mais aberta essas coisas e tenta, mas
219 também não sabem integrar também não fazem nada, não sabem, não sabem o que
220 iam fazer! Uma coisa dos próprios pais, os pais não sabem fazer, e pronto.

221 Por acaso...nessa escola foi importante e é importante. É um grande factor que
222 contribui bastante.

223 Há sítios que... há pais que...agora que estou-me a lembrar. Agora não temos
224 feito tanto, não tem havido tantas necessidades. Há pais que eu acompanho
225 inclusive inscrições, acompanho sítios, por exemplo escrever o filho para a
226 Formação Profissional, não sabem explicar nada, eu que vou lá com eles, não
227 tenho feito tanto agora mas é outra coisa agora que costumo fazer. Vou lá explico
228 e...pronto.

229 Sim vamos ao hospital, às vezes com os alunos, acompanho os alunos, não só as
230 famílias, os próprios alunos que os pais são muito negligentes, têm que se ir à uma
231 consulta qualquer.

232 **B6. Na sua opinião qual o factor que facilita e motiva a aproximação e o**
233 **relacionamento entre as famílias e a coordenadora do projecto?**

234 Sim, automaticamente é a cor! A cor acho que..."há" quando posso falar (ria-se)?
235 Tipo alívio, por sua vez deixa ver expressão facial tipo alívio "ha", mas vou
236 explicar melhor porque ...às vezes acham a escola como se fosse é um bicho
237 papão ou o DT como se fosse um bicho papão que é para criticar os filhos, e não
238 sei o que, não é, eles têm medo de falar que o pai deixe ou bata no filho, até não
239 vou dizer só professor, acho que se calhar leva uma surpresa. Ai não sai daqui,
240 ainda vai dizer "vá para a nossa a terra" na...na...na...(ria-se). Ninguém se faz,
241 não é. Situações graves desse de acordo com a situação, se for uma situação muito
242 grave, eu explico, olha, não pode ser, não pode ser, ou se for uma coisa mesmo
243 grave, olha temos mesmo que sinalizar para CPCJ, olha que não pode ser, há
244 situações complicadas, não é tudo é rosa, não é tudo são rosas.

245 C. COMUNICAÇÃO ENTRE EQUIPA DO PROJECTO E FAMÍLIA
246 FACE À MEDIAÇÃO FAMILIAR.

247 C1. Qual o papel das famílias no acompanhamento escolar dos alunos face ao
248 sucesso escolar

249 Ah... é assim, têm que ter um papel...acho que as famílias têm um
250 papelImportantenão é, porque se as famílias não participarem, se não motivarem
251 os filhos osucesso com certeza que não vai ser o desejado, não é, e daí a nossa
252 necessidadetambém de envolver sempre dentro do possível as famílias no
253 processo dedesenvolvimento escolar delas. É assim, o acompanhamento no
254 estudo, verificar-se se se... dar atenção para já é sempre importante, não é. Mas
255 para já é importante que os pais leiam sempre por exemplo a caderneta para ver se
256 há algum problema com a criança na escola, falar com o DT, falar connosco no
257 sentido dos alunos que nós acompanhamos com dificuldades, que têm mais
258 dificuldades de aprendizagem. Portanto os próprios pais devem ter a iniciativa de
259 virem falar com a escola. Isso é importante. Agora... a...acompanhar para
260 verificar se estão a fazer os trabalhos de casa, porque às vezes basta fazer os
261 trabalhos de casa e estudar um bocadinhoé suficiente para ter o sucesso escolar,
262 não é. Agora se os pais que não fazem amínima ideia, não ligam, não vêm se os
263 filhos estão a fazer os trabalhos de casa,por exemplo...trabalhos de casa é estudar,
264 não é, estão a estudar, e o aluno não faz isso, não é, é suficiente às vezes para
265 reprovarem. Se tiver umacompanhamento mínimo... agora o problema daqui da
266 nossa escola. Nós temos uma população que tem muitas carências sócio
267 económicas,não é, temos dos alunos da Cova de Moura, de 6 de Maio e são
268 pessoas a maior parte imigrantes tem pouca escolaridade, não é, elas não,
269 não...muitos não têm escolaridade alguma, nem sabem ler e nem escrever, outras
270 nem se quer... ou se sabem, não têm bem noção de como é que a escola funciona,
271 não é, vêm doutros países, não sabem como é que o sistema educativo funciona,
272 não sabem, que imagina que trazem... normalmente os alunos trazem os trabalhos
273 de casa, este é um exemplo, não é, e que importante com o DT, podem fazer
274 mesmo não há problemas ou tem que consultar a caderneta do aluno para ver se

275 há recados, não é, ou que podem contactar os pais na escola, não têm essa noção.
276 E isso não tem noção, é difícil de acompanhar os filhos mesmo que o queiram,
277 não é, não é, porque...há também casos de negligências, pais que não querem
278 saber, mas acho que a maior parte dos pais estão preocupados com o futuro dos
279 filhos. Mas quando não se sabem, não se podem ajudar, querem ajudar mas não
280 sabem como ajudar. Ou se calhar, nem tem noção como se deve ajudar, não é. Não
281 têm essa consciência nem se...é difícil.

282 **C2. Quais são os tipos de contactos e as actividades mais privilegiadas da**
283 **relação projecto-família?**

284 Sim, são essas 4, não é, mas em termos de comunicação, nós também
285 comunicamos. E quais são os meios de comunicação? Às vezes utilizamos a
286 caderneta do aluno, telefonamos, a maior, a maior fonte de ligação é o telefone, nós
287 telefonamos para os pais, agora tem telemóvel, rapidamente nós contactamos para
288 os pais por telemóvel também, as visitas domiciliárias também já tinha dito,
289 a...mmmm as reuniões, não é? São reuniões informais, quase, os pais vêm cá
290 falamos com eles olha o seu filho, toma conta do seu filho ou se o filho está muito
291 bem. Eles gostam... nós tentamos trimestralmente, mas às vezes é complicado,
292 porque eles têm que ir para as reuniões dos DT, e portanto ...vamos fazendo
293 assim.

294 Há outra coisa também, os pais contactam-nos por e-mail, agora,...que é
295 engraçado, nos outros anos não aconteceu mas agora os pais já nos contactam
296 falam para nós por e-mail, que isso não era usual antigamente, antigamente que
297 tou dizer é no ano passado (ria-se). Ano passado ainda as pessoas não contactavam
298 tanto por e-mail como agora! Agora contactam por e-mail, porque as coisas
299 evoluem muito rápido. Antigamente ou há dois anos há atrás os pais não sabiam o
300 que era um...ou os 4 anos os pais não sabiam o que era o rato, agora já nos
301 mandam e-mail contactam-nos olha a minha filha como é que a minha filha está?
302 Eles vão respondendo.

303 Agora que já...que já...contactam-nos por e-mail contactam-nos, falam connosco
304 através do facebook, por exemplo, isso não era usual antigamente, não, os pais
305 nem se quer tinham conta do e-mail, (ria-se) quanto mais mandar mensagem por

306 e-mail. Isto é uma forma muito engraçada e rápida explicar as coisas, de falar olha
307 a minha filha vai faltar, e mandamos o e-mail. Isso antigamente, antigamente (ria-
308 se) no ano passado não é? Parece que...que...mas é, a evolução é rápida as novas
309 tecnologias de informação são importantíssimos. Acho que uma coisa que deve
310 ver isso, a forma, a nova forma de comunicar com as famílias, é uma nova forma
311 não é, é através de novas tecnologias, através do e-mail do facebook, que é uma
312 forma, os pais vêem as actividades dos filhos no facebook, não é, e depois
313 comentam, ai a minha filha, assim ai a minha filha, como é que, e tão todos
314 contentes, não é? A...a... mas é uma nova forma de comunicar com os pais. A...é
315 engraçado, não é? É uma nova forma de comunicar, parece mais próximo, vêm
316 logo podem... sabe que rapidamente, uma coisa é marcar 1h de reunião para falar
317 ou telefonar parece mais introduzível, agora mandar um e-mail, nós mandamos
318 sempre o nosso e-mail para os pais, não é, do projecto e depois eles encontram-
319 nos também no facebook eles adicionam-nos, não é, e nós adicionamos e
320 rapidamente...ou falamos, fazem comentários, ou... sei lá...perguntas tipo há
321 vagas no, no curso de informática, pais que já saíram daqui do projecto, já saíram
322 da escola, já não têm filhos na escola ainda perguntam, ai posso aparecer não sei
323 que bjs não sei que, pais que já imigraram, engraçado, pais que imigraram por
324 acaso tem uma mãe que tá em Londres, e a dizer ai gostei muito da minha filha
325 estar... mantemos o contacto, quer dizer é uma nova forma de comunicar com a
326 família, é uma nova forma, as novas formas de comunicar com a família (ria-se).
327 É preciso estabelecer uma relação, sem dúvida porque a...uma relação fria, uma
328 comunicação fria, no sentido de não, sem contacto, sem estabelecer relação,
329 depois não cria laços e pronto... e nós...é mesmo aquela sensação de criar laços
330 com a família, é o nosso intuito do projecto, pelo menos do projecto.

331 Contactamos, falamos de várias formas, damos atenção, às vezes os pais só
332 querem falar. Às vezes os pais vêm ao curso de informática, e nem se quer é para
333 aprender a informática, querem falar, desabafar, só que se for só para, olha
334 venham para desabafar, as pessoas não vêm não é, dizem que não têm tempo. Mas
335 se nós criarmos um espaço, olha venha aprender a trabalhar com informática, se
336 calhar 10 a 15 minutos é para falar, ai meu filho, isto, a própria...a...os pais
337 falarem entre si já é uma a forma de aprender e...e...e...e de tentar novas
338 estratégias de acompanhamento dos estudos, pois o meu filho, eu o meu filho, não

339 deixa de fazer isso e não sei que, ai não sei o que com o meu filho...a...a...só
340 aquela conversa inicial já é importante, não é? Sobre de relação, cafezinho no
341 final do curso essas coisas que estabelecem a relação, é importante para ligar a
342 escola à família, não parecer ah isto é um depósito onde ponho o meu filho para
343 ensinar e acabou, não é? E só tem que controlar se têm boas ou más notas, não é?
344 Se for só para isso e os pais desligam-nos, nós cultivamos uma relação, as pessoas
345 mantêm-se conectadas, não é? Informatizada. Já sou muito informatizada, já não
346 digo... (ria-se)

347 **C3. Quais são os factores que mais se influenciam no distanciamento ou**
348 **afastamento dos pais à escola?**

349 É falta de tempo, para mim é a falta de tempo. Há pais também que dizem ah,
350 mas...vêm só... para só... chamam os filhos pais quando os filhos portam-se mal.
351 Acho que também acontece, mas acho que o maior factor para distanciamento dos
352 pais é falta de tempo, não têm tempo, se os filhos não causarem problemas não
353 ponham cá os pés, não é, a não ser que sejam obrigados a vir porque
354 realmente...pronto, mas às vezes os pais agora trabalham cada vez mais, maior, tá
355 tão complicada...a vida está complicada não é, trabalham imensas horas e os
356 horários dos professores também não, não...não foram adaptados aos novos
357 tempos, não é, nós temos as pessoas trabalham aqui na escola, das 8 às 6h, já é
358 muito tempo, eles também têm famílias deles, não é, eles também têm as famílias
359 deles, é preciso ver, não podemos estar a criticar sem pensar. Então a família, eles
360 próprios às vezes para irem às reuniões dos filhos deles, lembro de pai a dizer, não
361 conseguir ir à reunião...tou a criticar os pais dos outros mas também não consigo
362 ir à reunião. O tempo, as exigências do tempo são tão complicadas, só tem que ser
363 super profissional ou super mãe, tem que ser...não se consegue fazer tudo.
364 Portanto, acho que é importante que a escola e os projectos como os nossos, tem
365 também de compreender o outro lado, não é só criticar. Temos tendência de
366 criticar, mas também não vão deixar de trabalhar às vezes não é, para ir à reunião,
367 mas às vezes também sentem-se perdidas, por exemplo eles põem os nossos
368 alunos tão até às 7h da noite aqui na escola, não é, as aulas acabam às 5 e os pais
369 põem até às 7 da noite e dizem que não têm onde deixar os filhos e os filhos ficam

370 sozinhos. Há uma grande falta de tempo às famílias não é, e as crianças estão
371 crescer sozinhas, eles passam o tempo todo aqui na escola, imagina entrem às 8
372 de manhã aqui na escola e só saem às 7 da noite daqui. E há pais que nos dizem
373 mas ainda pode ficar até às 8? Sim, mas tipo nas férias, eles não têm onde deixar
374 os filhos e deixam também connosco, não é? Deixam-nos connosco nas férias do
375 verão, nós trabalhamos também, Junho, Julho e Agosto não é? Já veio cá e tudo,
376 não é, em agosto, veio cá em agosto? E não é fácil para as famílias não é, mas
377 também as famílias tem que saber que têm filhos, nós temos que, que... dar
378 educação aos nossos, não é só dar dinheiro, aos filhos, nós temos que dar atenção,
379 só que às vezes o trabalho é tão exigente que as pessoas também têm receio de
380 perder o trabalho. Complicado.

381 C4. Os aspectos da vida escolar que os pais devem envolver-se mais?

382 Acho que é tudo. É tudo, têm que acompanhar os filhos, prestar atenção ao filho,
383 acho que é importante prestar, os alunos, as crianças dão-nos sinais, não é. Há
384 alguma coisa que por exemplo hoje está bem, não é, é importante por exemplo um
385 aluno que agora se chega em casa e só fica a jogar no computador ou ver
386 televisão, o pai tem que ter atento o que é que não tá bem, não é. Eles têm testes,
387 têm trabalhos de casa para fazer. Por mais cansado, às vezes saem cansados do
388 trabalho que estejam, têm que fazer uma força para acompanhar os filhos, ah tou
389 cansado é mais fácil deixar no computador e não me chatear, porque ele não me
390 vai chatear e depois se eu tou dizer, olha sai do computador, ou não sei que, ou
391 deixa ver o panda, tens que fazer o teu trabalho, não é, é mais cansativo um pai
392 que já vem cansado que não sei com quantas horas de trabalho, mas qual é o
393 objectivo também que eles vão a trabalhar também não é para os filhos? Elas têm
394 que fazer esforço também, não é? Às vezes, desligam porque estão cansados,
395 desligam-se dos filhos, e os filhos fazem o que querem, não é? E depois a
396 educação torna-se uns tornam-se mal-educados, e outros malcriados,
397 supostamente não tou com paciência.

398 C5. Quais são as situações que leva a equipa do projecto contactar mais as
399 famílias dos alunos?

400 Nos casos dos alunos que nos acompanham, se algum tá sair da linha entre aspas,
401 acho que é o que nós contactamos mais, não é, imagina o aluno está a faltar muito,
402 se está a faltar uma actividade ou está chegar sempre atrasado, pode estar a ter um
403 comportamento inadequado, realmente acho que, são situações que nós
404 contactamos mais, não é, claro que também nós contactamos coisas positivas mas
405 de facto é que nós contactamos mais se alguma coisa tá sair da ordem entre aspas
406 não é, nós contactamos logo, telefonicamente, casos de absentismos, mau
407 comportamento e atrasos.

408 **D. AS ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS NO ÂMBITO DA MEDIAÇÃO** 409 **FAMÍLIAR**

410 **D1. Quais são as estratégias desenvolvidas e implementadas na promoção da**
411 **aproximação e do maior envolvimento das famílias face ao sucesso escolar**
412 **dos alunos?**

413 A mediação, mediação escola-família através de visitas domiciliárias, a formação
414 parental, formação de informática para pais e comunicação regular de alunos que
415 acompanhamos no estudo. Maior envolvimento para poder participar, saber que
416 nós estamos sempre disponíveis para atender, não é, mostrar disponibilidade e
417 criar a relação com a família.

418 **D.2. Quais são as formas do envolvimento das famílias no acompanhamento**
419 **escolar dos alunos?**

420 Acho que é tudo o bocadinho que eu disse, não é? Formação, maior capacitação
421 dos pais, não é, quanto mais escolaridade, outra coisa que nós estamos a fazer é
422 encaminhar os pais para a formação profissional mas agora não conseguimos
423 porque a formação profissional também já acabou (ria-se) quase não há, quase os
424 financiamentos esgotaram, quase não fazemos nada disso já, mas tentamos dizer,
425 olha vão para a escola também, porque são modelos para os filhos, não é, e nós
426 tentamos sempre passar essa mensagem, olha você se conseguir, faça o curso

427 também, ou venham para os nossos cursos aqui também, não é, ou vão para a
428 escola, agora é uma altura de IPJCC, inscrevam-se em IPJCC, se eles quanto mais
429 eles souberem, mais conseguem passar aos alunos, e os filhos vêm que os pais se
430 esforçarem para estudar, também cativam a motivação para eles próprios
431 estudarem. E pronto, acompanhamos tudo nos trabalhos, mas essas coisas é
432 contactar a escola. A escola, não se faz só o projecto.

433 **D3. Quais são as formas de cativar as famílias para maior envolvimento no**
434 **acompanhamento escolar dos alunos?**

435 Numa 1ª fase nós enviávamos informações por caderneta ou por panfletos ou
436 por...nas reuniões gerais de pais informámos os pais todo o tipo de informação.
437 Quando nós adoptamos essa estratégia, não funcionou, tínhamos até 4 pais, não é,
438 e eram poucos. Quando é que nós conseguimos envolver...conseguimos maior
439 envolvimento dos pais nessas acções? Quando nós, quando, quando a comunicação
440 era mais...nós tínhamos já envolvido os pais, por exemplo o pai do aluno X, nós
441 conversamos com o pai, estabelecemos uma relação de confiança com os pais, um
442 grupo de pais, e os pais vêm. Mas quando nós convidamos assim sem ter relação
443 nenhuma, os pais não vêm. Primeiro tem que se envolver primeiro os pais, porque
444 se os pais não conhecem a pessoa em lado nenhum, não fazem ideia de qual o
445 trabalho e depois aparece uma reunião às 7 da noite ou ao sábado para virem à
446 escola, têm tantas coisas para fazer, não vêm. Mas quando nós há uma relação
447 estabelecida de confiança com o projecto, não é, ou com as actividades do
448 projecto, aí os pais vêm. Outra forma também de nós conseguimos fazer com que
449 os pais venham às actividades também, que também teve grande adesão, são
450 actividades em que envolvam os pais e os filhos, actividades lúdicas nós
451 envolvemos todos, maratona, corrida, dia de corrida da escola de pais e filhos, não
452 é, uma actividade com pais e filhos, os pais aderem muito, vêm também. E porque
453 é importante eu vou fazer essas actividades? Para já a formação é sempre
454 importante, ah depois a informática para pais também foi uma forma também que
455 nós conseguimos também cativar os pais que é enorme, enorme processo que os
456 pais vêm, precisam, não é, os pais vêm se acham utilidade na formação ou acção
457 não é, tem muita adesão, tipo nós abrimos inscrições em Setembro e ficou tudo

458 cheio até Julho, não é? Tá tudo, até Julho tudo cheio. Agora só abrem novas
459 inscrições em Setembro, não é. Acho também é preciso ter, ter formações de
460 qualidade, não é, e que são importantes para os pais que tenham, os pais sintam
461 que são importantes, não é? Agora não vamos apontar o dedo ou criticar, como
462 muitas vezes eu vejo os pais não, não participam, mas uma pessoa tem que
463 perceber porquê? Porque um pai trabalha não sei quantas horas? 10h, não é?
464 Muitos aqui na construção civil e nas limpezas, e agora vamos obrigar, obrigar os
465 pais a participarem não é, sem perceber o lado deles, não é, por exemplo, lembro-
466 me do momento que um DT nos contou para falarmos com os pais, porque
467 a...a...a encarregada, essa mãe nunca vinha às reuniões, e sabe a que horas que
468 era a reunião? Às 8 de manhã! Agora estou a criticar os pais não vêm às 8 de
469 manhã para à reunião? É óbvio que ele também não vem às 8 de manhã e quer que
470 o pai venha às 8 de manhã, para uma reunião? Disse ah podia vir antes de ir para o
471 trabalho não sei que, quer dizer...mas essa então, tem muitos horários e as
472 necessidades dos pais que eles não vêm à escola. Isso quer dizer...é lógico... e
473 por isso nós tentamos sempre a adaptar, nós tivemos sucessos e insucessos e
474 vamos experimentando as actividades, que por isso acho que também, que o
475 projecto também deve ser uma grande evolução! Nós conseguimos pensar,
476 analisar, dizer, não, isto está funcionar, então vamos para frente, isso não está a
477 funcionar, então deixamos fazer e tentamos uma nova estratégia não é? Às vezes
478 as pessoas ficam presas aos antigos métodos de trabalho, não conseguem evoluir,
479 não é?

480 Métodos tradicionais e depois toda aquela parte de mediação que nós tentamos
481 fazer. Agora este ano como tava lhe dizer, imagina que um aluno desapareceu, tá
482 a faltar imensa às aulas, não é? Nós vamos contactar com o pai, nós vamos à casa
483 de pai, normalmente aqui vamos junto a bairro, não é? Vamos ao bairro, ao
484 domicílio...as visitas domiciliárias dos familiares, maior parte de pai, sei lá, 90%
485 das visitas domiciliárias são as famílias que vivem em bairros de 6 de Maio,
486 Estrada da África ou na Cova de Moura, ou na Estrada Militar. E esses pais,
487 vamos à casa vemos as condições falamos com os pais para perceber a situação
488 porque é que não tão a vir, não é? E isso às vezes tem efeitos imediatos, em
489 termos de mudança de comportamento, não é?

490 D4. Quais as formas de cativar os pais negligentes pelo projecto para
491 aproximação e o envolvimento na vida escolar dos alunos?

492 Depende de muita situação. Por acaso é muito complicado, pais alcoólicos, é
493 complicado, eles até podem tentar encaminhar para algum sítio, caso de
494 abandono, quase não é.

495 D5. Qual o impacto dos comportamentos e atitudes dos pais negligentes no
496 sucesso escolar dos filhos?

497 Normalmente reflecte-se sob os comportamentos deles, sim são alunos mais
498 inquietos, mais instáveis, é tudo...quando há um problema sempre 3 mais ou 4
499 assim, não é. Os problemas mais graves da escola normalmente são pais...mães
500 por causa da prostituição, alcoolismo, a...sei lá...espancamentos. Ainda agora
501 uma mãe, por acaso uma mãe guineense, o miúdo tava, não tava a estudar, tava
502 sempre a jogar berlindes, a mãe vai e queima o miúdo no dedo com disco quente
503 por estar a jogar berlindes. Queimou, e senhora ainda a contar, não, mas, é para
504 ele deixar jogar berlindes! Porque o miúdo contou. É cultura, cultura... às vezes
505 as passagens...as vezes as próprias mães são vítimas de violências domésticas, é
506 complicada, os sítios onde há muita pobreza tem aver com a imigração, tem a ver
507 com a pobreza, dificuldades, como é o ditado? Em casa que... falta água e pão,
508 não é, todos discutem ninguém tem a razão. E acho que é um bocado isso, porque
509 e quando há muita miséria, desemprego dos pais espetam no álcool e depois
510 descontam no miúdo e depois não conseguem concentrar para estar a tratar da
511 criança, sei lá, há muitos casos de tráfico de droga, lembro de pais que já fizeram
512 necessidades aqui, temos de acompanhar as crianças aqui, quer dizer filmes
513 enormes aqui...(ria-se) por isso que estamos aqui também não é, se fosse tudo
514 bem, não tamos aqui.

515 Eu sinto que todos que temos acompanhado aqui, muitos miúdos e ainda tão numa
516 fase ainda...são jovens ainda, ainda se consegue fazer alguma coisa, mas quando
517 eles vão para outra escola, quando eles passam para outra escola e deixam de ter
518 esse apoio e então na fase da adolescência mesmo 15 e 16 anos, e têm-se perdas,
519 essas távamos a levar ao colo desde os 10 levávamos ao colo e depois vão para

520 outra escola, 15 anos e aparecem muitas gravidezes na adolescência, aparecem
521 aqui na nossa escola mas temos casos de meninas mães e tudo, mas o sítio que
522 perdemos muito é aos 16. Muitas que até se comportam bem mas depois não
523 conseguem aguentar a pressão do bairro, do tráfego de droga, do...dos roubos do
524 bairro, aquele ambiente, quando chegam aos 17 anos é um sofrimento, 16, 17 e 18
525 se todos os teus amigos a fazerem, não fazes...mas nós não tamos lá no bairro,
526 nós não conseguimos acompanhá-los, não tamos no bairro, não tamos com eles
527 sempre, não é, nós estamos acompanhar aqueles do 5º e 6º no máximo até ao 9º
528 mas não podemos acompanhá-lo sempre. A família tem que contribuir, mas às
529 vezes mesmo a família querendo, não consegue ali no bairro, não é. É tão forte a
530 pressão...os sobreviventes, os sobreviventes.

531 **D6. Quais as formas mais eficazes para incentivar à aproximação e o**
532 **envolvimento das famílias no acompanhamento escolar dos alunos?**

533 É o conjunto. Depende da situação. Depende da situação, se for um aluno que não
534 tá a vir à escola, não é, a forma mais eficaz de contactar e falar, é ir à casa, e
535 perceber o que se passa, não é, e compreender ou sinalizar o que for, não é,
536 depende da situação, ver a mais adequada, não vai telefonar, olha o seu filho não
537 tá a vir, desliga o telefone ou não me atende ou ... ou mandar o e-mail, ele não lê
538 o e-mail, não é? Não faz sentido. Se for um aluno que não está a comportar bem,
539 imagina não é, não tá a ter um comportamento adequado e é preciso orientá-lo em
540 termos de comportamento, melhor é uma reunião, não é. Marcamos uma reunião e
541 dizer: olha... veja lá...uma reunião mas para falar das coisas positivas e
542 negativas, não só o seu filho é isso...a...a...não, o seu filho tem potencialidade
543 mas tem que forçar aqui porque ele não tá-se a portar erradamente, temos que ter
544 também uma linguagem adaptada e não só negativa quando tivermos a falar com
545 o pai ou com a mãe. A...hm...se for tipo questões corriqueiras tipo olha o aluno
546 deve estudar mais matemática ou deve estudar mais, a...a...ele vai ter um teste,
547 veja lá se estuda mais, sem ser só aqui no laboratório do conhecimento, por
548 exemplo, não é, por e-mail tem sido fantástico, não é? Portanto depende muito,
549 não é? O informático tem sido... panfleto quase que nunca fazemos. É boca a
550 boca. O curso de informática, já nós o que nós tentamos fazer é fixar realmente

551 cartazes, mas acho que já não é isso. O que faz encher o curso é a boca a boca, é o
552 pai dizer ai tem ali um curso de informática que é bom e depois passa a
553 mensagem, já nem se querem, já não se querem através dos panfletos, não. Os
554 panfletos já nunca funcionam (ria-se). Nós fazemos panfletos ainda, não é,
555 panfletos e fichas de inscrições e cartazes, mas tem a ver com nós estarmos já
556 muitos anos aqui e tamos desde 2004 aqui, não é, e como as pessoas já sabem, eu
557 acho que automaticamente já vêm as coisas, ou já se inscrevem. Nós divulgamos
558 normalmente no 1º...no início do ano as nossas actividades para os pais do 5º ano,
559 os novos pais, mas a...pronto...mas sem contar com isso as pessoas já sabem não
560 é, era na altura das inscrições, imagina as Férias Mais nós abrimos uma semana
561 antes 4 dias já tá tudo cheias as vagas. É tudo rápido, não é, nem sequer podemos
562 fazer divulgação, só preciso dizer assim: estão abertas as inscrições, eu digo a um
563 aluno (assobiou fazia gesto com a mão a significar que os pais vinham
564 imediatamente inscrever-se para o curso), vem todos, as pessoas já sabem, (ria-
565 se), ficam logo esgotadas. Não temos muita capacidade, somos só três.

566 **D7. Na sua opinião que actividades é que despertam mais o interesse das**
567 **famílias no seu envolvimento face ao acompanhamento escolar dos alunos?**

568 A informática, a formação informática. Podemos estar realmente fazer acções de
569 formação para falar sobre a vida dos filhos, realmente comunicamos através
570 de...doutas actividades, fazemos reuniões, contactamos os pais, mas o que eles
571 vêm logo é formação de informática.

572 **D8. Qual o impacto de visitas domiciliárias realizadas na aproximação e no**
573 **envolvimento das famílias no acompanhamento escolar dos alunos?**

574 Sim, para já fomos a casa não é, (fez sinal) depois, se tão a falar muito, nós
575 dizemos logo: olha veja lá já viemos a casa e se faltar, nós podemos apresentar o
576 caso a CPCJ ou tribunal mesmo, não é, porque as crianças são obrigadas a
577 estudar, e...e normalmente vêm, nesse caso, nem que seja pelo medo, não é? (ria-
578 se) obrigatório! Por acaso lembro-me de um caso uma senhora, não é? É para ver
579 como é o impactoàs vezes de uma visita domiciliária, não é, do contacto directo

580 com os pais é logo automático. Uma aluna que nunca pôs os pés aqui uma
581 Ucraniana, uma senhora Ucraniana que tinha medo assim inexplicável de tudo, a
582 mãe, então não deixava a filha para lado nenhum, e fui contactar, até não tava
583 conseguir contactar a senhora, e...e...entretanto, essa senhora não trazia a filha à
584 escola, era um caso de abandono escolar não é, era um caso de abandono escolar,
585 e eu fui lá contactei uma associação, sabia que ela estava lá, ela dizia que não tava
586 em Portugal, a...e depois falámos, falámos essa senhora e falámos com essa
587 senhora, e dissemos, olha se a sua filha não vier, já sabe que...que é um caso
588 sinalizado pode ser para PCJ porque todos os pais, as crianças são obrigadas a
589 frequentar a escola, a senhora não pode tirar a filha da escola, automaticamente a
590 aluna começou vir para a escola, não é, começámos a acompanhá-la de uma forma
591 diferente para tranquilizar a mãe, fomos falando com a mãe para tranquilizar que
592 não há nenhum perigo, não é? E automaticamente a aluna começou a frequentar a
593 escola, não é? Portanto essas visitas às vezes em termos do sucesso escolar e da
594 prevenção do abandono escolar, é quase automático.

595 **D.9. Que impacto trazem as intervenções que têm vindo a ser realizadas pelo**
596 **projecto no âmbito da aproximação das famílias na aprendizagem escolar**
597 **dos alunos?**

598 É assim, impacto, impacto são vários impactos, uma questão que não falei mas
599 também nos fazemos que é o apoio à legalização que por acaso não referi, mas
600 isto em termos de trazer a família à escola e estabelecer confiança tem sido muito
601 importante, tem cerca de 70% da escola são imigrantes ou descendentes de
602 imigrantes. Eu faço apoio à legalização dessas famílias! Trabalhamos
603 directamente com a CEF e com o CNAI (Centro Nacional de Apoio ao
604 Imigrante). Portanto, tá a ver o nível de confiança que se estabelece, sabendo que
605 há uma pessoa que ajuda a tratar dos documentos. Eu ajudo a tratar dos
606 documentos e com sucesso. Nós temos uma relação directa com o CEF, não é? E
607 então...pronto não é, eu acho que isso também é importante, eu acho que... eu
608 tenho sentido que isso... cria confiança. Muitos pais que legalizam e dizem, ah
609 vamos lá ver, então eu levo o meu filho aqui, não sei que e os meus filhos
610 começam a participarem, querem ver todo o tipo, é quase um agradecimento, não

611 sei.

612 Em termos de impactos reais em números, falando de números, nós a...são vários
613 impactos, em termos mais qualitativos, nós conseguimos que as famílias
614 participem mais na vida escolar dos alunos, isso reflectem nos resultados
615 escolares, não é, depois nós temos mais sucesso escolar dos alunos. Só para ter
616 uma noção do sucesso escolar dos nossos alunos de...dos nossos alunos do
617 laboratório do conhecimento, os nossos alunos do laboratório do conhecimento
618 são 30, não é, por ano lectivo, a... esses 30 são alunos sinalizados, mas a maior
619 parte ou seja alunos com mais risco de reprovação aqui na escola, esses que estão
620 no laboratório. São normalmente alunos sinalizados pelos DT, que precisam do
621 apoio escolar, e essas coisas, não é, desses, nós temos 86 %, uma de média de
622 86% do sucesso escolar dos alunos.

623 Através do projecto, só dos alunos que nós intervimos 86% do sucesso escolar,
624 não é? Isso deve-se às relações que nós estabelecemos também com os pais, no
625 envolvimento no sucesso escolar, no apoio aos estudos claro que nós estamos, os
626 estudos são mais importantes, claro, o estudar aqui, fazer trabalho de casa aqui,
627 e...e... explicações aqui que nós damos é claro que contribui, mas também
628 envolvemos, toda a estratégia envolvente no envolvimento dos pais, desses 30
629 mais cerca de 10, 15 do Crescer Mais. Esse grupo, não é, portanto são mais ou
630 menos 40, 45, temos em média por ano 86%, no ano passado tivemos 86 % do
631 sucesso escolar, portanto...e é muito porquê? Se fosse...e muito na escola é
632 diferente, porque muito no projecto porque neste grupo de 46 são os alunos que
633 supostamente têm mais dificuldades na escola, é um núcleo específico da escola,
634 não é? O impacto não é, em termos do sucesso escolar é logo, não é, é logo
635 visível, e depois é questão dos pais estarem mais preparados para acompanhar os
636 filhos, agora quase tudo através da informática, dos computadores, fazem os
637 trabalhos nos computadores, a...a...os trabalhos são apresentados por PowerPoint
638 pelos, têm de fazer trabalhos pelos computadores, os alunos é tudo, tudo, agora
639 quase que não se escreve só testes é que escrevem à mão, não é? O resto é tudo
640 através dos computadores, os pais sem ter necessidade para ter o melhor
641 acompanhamento, agora eles têm que saber também trabalhar no computador,
642 senão podem acompanhar agora não é, e nós damos formação a esses pais dos
643 alunos que também tem o impacto positivo, não é, sendo que nós temos... acho

644 que são 6 cursos por ano de informática e cada curso tem cerca de 10 pais.
645 Portanto, tá a ver esse impacto também é muito positivo, não é? E em termos de
646 legalização os pais imagina um pai que não...que não...que não têm documentos,
647 não conseguem integração social, não conseguem trabalho, não conseguem casa,
648 não conseguem nada não é, e isso não consegue...e toda a estrutura não é, não
649 estiver estável, é claro que não vão acompanhar os filhos e os filhos também não
650 vão ter o sucesso escolar, não é, e são cerca de 20 a 30 pais por ano, que nós
651 apoiamos na legalização.

652 Houve um ano que nós tivemos 21 nacionalidades aqui na escola, agora estamos
653 com menos, mas ronda cerca das 14 às 21 nacionalidades na escola.

654 São de...o grosso é de Cabo-verde, Cabo-verde e Brasil, é o grosso, Cabo-
655 Verdianos e brasileiros, já tivemos mais Brasileiros, Ucrrianos (Europa de
656 Leste) temos muitos, mas estão adiminuir, por isso que tou a dizer já não temos as
657 21, tão a diminuir, tão a ir embora (ria-se), já desistiram, saíram agora de
658 Portugal... (ria-se), os Romenos desapareceram, os alunos desapareceram, os
659 ucranianos temos poucos, já também desaparecendo, tínhamos russos também, já
660 quase que não temos russos, tínhamos russos desapareceram, brasileiros
661 diminuíram imenso, houve um ano que tínhamos mais alunos eram brasileiros,
662 tínhamos imensos alunos brasileiros, mas agora diminuíram, tínhamos chineses,
663 os chineses também já desapareceram, voltam a imigrar ou...não sei o que fazem
664 é que eles fazem (ria-se), mas nunca temos menos das 14 nacionalidades na
665 escola. São os PALOPS, Europa de Leste, às vezes temos 1 Francês, às vezes 1
666 espanhol, rapidamente imigra, temos muitos asiáticos, 21 nacionalidades, isso é
667 incrível, não é. E Portugueses lusos é uma minoria, porque a maioria 70% são de
668 origem a...a...estrangeira, não é, e 30% é que são de origem lusa, é minoria. Os
669 cabo-verdianos, ucranianos, brasileiros...são a maioria, e os lusos é uma minoria.

670 Davam-se bem, por exemplo os portugueses...há aculturação, não é, já sabe que
671 meninos portugueses falam crioulo (ria-se?). Às vezes é negativo para a
672 aprendizagem da língua portuguesa. Isso depois tem muitas dificuldades ao
673 português, por causa disso não é, mas pronto...e acho que são grandes impactos
674 que dá para salientar da intervenção do projecto, que é a questão do abandono
675 escolar, em termos de mediação visitas domiciliárias, também cerca de 15 a 20
676 por ano, 15 agora temos menos, não é? Já foi muito, já foi tipo, sei lá...imensos,

677 uns 40 ou 50 por ano, mas agora devem ser os 10 por ano, em termos de
678 necessidades de visita domiciliária. Antes era umas cerca de 50 por aí. Agora
679 devem estar uns 10, diminuiu a necessidade, por isso que também alterei o
680 projecto (ria-se). Mas é, pronto são essas visitas domiciliárias, esses números
681 familiares que automaticamente reduz o abandono e o insucesso escolar, e esta
682 ligação com os alunos, cerca de 30 a 40 alunos do apoio ao estudo e o apoio
683 psicopedagógico, não é, em termos de sucesso escolar do melhor
684 acompanhamento do sucesso escolar dos alunos, a informática melhor capacitação
685 dos pais para depois apoio posterior dos alunos, não é, temos cerca de 6 cursos de
686 10 alunos por turno por curso por ano, e essa questão de legalização são 20 a 30
687 casos por ano, sendo que nós todos os anos fazemos um diagnóstico dos alunos do
688 5º ano, é por isso que nós depois temos esse grupo de pais do apoio à legalização.
689 Nós fazemos entrevistas a todos alunos para ver quem é tem necessidades de
690 legalização e depois contactamos esses pais que vêm cá para apoiar, sendo que já
691 foi muito mais, agora com a mudança da lei da imigração e lei da nacionalidade,
692 facilitam imensos casos não estejam regularizados, não é, já tivemos, há dias que
693 tivemos que pedir apoio ao centro nacional de apoio ao imigrante, pediram 2
694 técnicos do centro nacional de imigrante e eu, dois dias só atender as pessoas
695 como se fosse um sítio de... como se fosse CNAI e eles têm maior confiança com
696 a escola do que com o CEF.

697 **D10. Quais são as suas perspectivas relativamente ao maior envolvimento das**
698 **famílias nas actividades escolares, de forma a contribuir para o sucesso**
699 **escolar dos alunos?**

700 Este ano, é que eu tava lhe a dizer, tinha acontecido aqui um facto engraçado que
701 começamos a comunicar através da internet. Eu acho é uma coisa a desenvolver,
702 nunca me tinha surgido, e foram eles que começaram a contactar-nos por e-mail,
703 partiu deles não partiu de nós, começamos a mandar e-mails para os pais, não.
704 Foram os pais que começaram-nos mandar e-mails. E Se calhar era algo a
705 desenvolver. Nunca me tinha... achava sempre que os pais ligava pouco ao
706 computador, pronto, eu nunca liguei, nunca contactei os pais por e-mail eles é que
707 começaram a contactar-nos por e-mail e por facebook, foi uma iniciativa dos pais.

708 D11. Qual a estratégia aplicada pelo projecto na promoção da aproximação e
709 do envolvimento das famílias imigrantes com baixo nível de escolaridade, no
710 acompanhamento escolar dos alunos?

711 É assim, nós trabalhamos desde 2004 não é, nós já usamos diversas estratégias de
712 envolvimento da família, agora estamos mais focados, se calhar os pais do
713 laboratório do conhecimento, mas ao longo do projecto do conhecimento e
714 também na parte informática para pais, a formação informática para pais,
715 a...porque o laboratório do conhecimento se calhar a psicopedagoga já explicou,
716 temos os pais desses alunos tão inscritos nas actividades do projecto, não é, do
717 laboratório e estão ligados ao apoio ao estudo, não é. A esses contactamos sempre
718 dizemos, olhe, tem que estudar mais, ou...ou... se faltar, imagina se vai faltar,
719 contactamos logo, como se fosse uma nossa turma, uma direcção turma que nós
720 acompanhamos. São cerca de 30 alunos, não é, que nós acompanhamos 30 e mais
721 alguns alunosdo Crescer Mais também é outra actividade do apoio
722 psicopedagógica mas é um trabalho a nível individual, a esses pais
723 nóscontactamos sempre e vamos dizendo...nós temos iniciativa e ver se nos
724 paistêm iniciativa de...ir dizendo aos pais como é que esses alunos estão. Mas
725 outrasestratégias do projecto já foram também implementadas para o
726 envolvimentodos pais, como por exemplo a...a formação para pais, essa formação
727 para paisnós utilizamos diversas estratégias ao longo desses anos. A... a formação
728 parapais, a... tipo conversas com pais aos sábados, aquelas actividades de um
729 chazinho, para conversar e para saber como é que eles devem participar na vida
730 escolar dos filhos, ou sobre educação sexual fora, várias formações já foram
731 feitas. Reuniões, reuniões, mesmo formais com pais. No início nóstínhamos uma
732 adesão muito pequena, a...nessas acções de formação parental, ou seja mesmo
733 actividades de acção de formação parental.

734 Todos os anos fazemos, todos os anos fazemos formação parental. Há ano
735 fazemos uma forma, outros anos fazemos outras, vamos experimentando
736 estratégias, não é, experimentamos por exemplo estratégia...como tava lhe
737 dizer,a...a...informando aos pais em reuniões, ou às vezes nós, nós temos que
738 cativar os pais para virem às nossas reuniões, não é? E os pais às vezes não têm

739 assimtando tempo, não é?

740 **D12. Tem alguma situação marcante quer no aspecto positivo ou negativo na**
741 **mediação familiar?**

742 Aspecto positivo até já dei aquele exemplo de uma aluna ucraniana acho que foi
743 claro como é que a intervenção da mediação do projecto pode evitar uma situação
744 de abandono escolar, acho que esse é um exemplo claro, nas situações, antes
745 aconteceram tantas... uma actividade conjunta que nós fizemos com a associação
746 de pais, associação de pais aqui na escola, ah! Em relação com a associação de
747 pais é importante também, não falei. Associação dos pais, tem um...um...um
748 poder mobilizador dos pais que nós não temos. E nós articulamos, é nosso
749 parceiro no projecto a associação de pais, não é? E eles conseguem às vezes
750 cativar os pais de uma forma que nós não conseguimos. Portanto, nós somos
751 parceiros, trabalhamos para o bem comum não é, eles têm...e eles são pais, não é,
752 às vezes para...para... mobilizar pais, utiliza-se associação de pais, é importante
753 neste aspecto, associação de pais é muito importante. Uma vez fizemos uma
754 actividade conjunta com associação de pais que era a corrida de tapeador, corrida
755 tapeador então juntamos alunos e pais e tiveram a correr e houve uma grande
756 mobilização de pais, que vieram e aderiram bastante bem, não é, parece essa
757 actividade conjunta e depois nós mostramos imagens do nosso projecto, falamos
758 um bocadinho do nosso projecto e vêm 70 pais, o que é que era, não é, 70 pais
759 naquela actividade com mais alunos que eram cento e tal pessoas que vieram num
760 sábado, não é, era um fim de semana e vieram todos os pais e acho que deve-se
761 muito à força mobilizadora de associação de pais. Acho devemos articular muito
762 com associação de pais. Nunca trabalhamos sozinhos, é impossível 3 pessoas
763 trabalharem sozinhos e terem o sucesso escolar, não é, o projecto não é só a
764 equipa técnica, tem projecto e tem parceiros, isso é muito importante, tá perceber,
765 porque nós somos três, mas por exemplo eu tenho mais uma pessoa que vem dar a
766 formação, por exemplo na educação para a saúde, vem uma pessoa do centro de
767 saúde que é o nosso parceiro e que vêm dar acções de formação sobre a educação
768 para a saúde para jovens, não é? Vem de fora mas é de dentro, é do projecto, é do
769 projecto e nós temos, nós temos 6 parceiros não é que é associação de pais, e

770 escola Pedro d'Orey da Cunha, porque funcionamos aqui dentro, não é,
771 Associação Mediar, a nossa associação promotora, a Praznik, Centro de Saúde o
772 agrupamento Centro de Saúde disponibiliza-nos um técnico para vir dar acção de
773 formação, mas temos parceiros informais, por exemplo, eu tenho também jovens
774 que vêm do estrangeiro, associação...cidadania viva que nos disponibilizam
775 voluntários europeus para virem fazer acções de formação aqui, na escola, por
776 exemplo, não é, por isso que eu digo que projecto é só... não somos só nós os três
777 não é, quando eu preciso de mobilizar pais ou fazer actividades para pais, utilizo
778 também associação de pais, é associação de pais que tá a fazer, não é, não só nós
779 os três, se só nós os 3 não era possível fazer tantas coisas como nós fazemos, não
780 é, porque acho que também a grande vantagem e potencialidade do projecto é
781 mobilizar os parceiros, nós podemos fazer muitas coisas se formos muitos, pode
782 fazer, não é, e às vezes pouco precisa e nada para coordenar e mexer ali para as
783 coisas puderem acontecer, não é. Eu não conseguia regularizar tantas pessoas se
784 não tivesse o apoio do CEF e do CNAI, não é. Por isso que eu disse, não sou eu
785 sozinha que tou a regularizar, sou eu o CEF e o CNAI, não é, não sou só eu que
786 tomo conta dos pais nas actividades conjuntas com os miúdos, sou eu, Academia
787 Escola Mais e associação de pais, não é. Portanto, por isso que digo que, nós
788 somos mais do que 3. Às vezes há questões por exemplo, esse caso da ucraniana
789 eu tive que falar com uma associação, associação da Cova da Moura para eles
790 ajudarem encontrar a senhora, não é.

791 Há casos de sinalização que eu tenho que contactar junta, sei lá, tanta coisa, não
792 é, tantos parceiros, agora a questão é mobilizar as pessoas para este bem comum,
793 não é, a própria escola há coisas que tem que fazer com o DT. Eu tenho que
794 contactar família e tenho que fazer e marco uma reunião com o DT para falar com
795 esse aluno, nós estamos a fazer uma parceria com o DT, não é.

796 **D13.As actividades do acompanhamento escolar aplicadas pelo projecto são**
797 **destinadas só para os alunos em risco de insucesso escolar?**

798 Não são só, alguns podem-se inscrever nas actividades sem ser de risco por
799 iniciativa própria porque senão, não estaremos a sistematizar os alunos. Depois
800 sentem-se isso e deixavam de frequentar.

801 Portanto não são só alunos de risco, mas a maior parte são. Eles podem se
802 inscrever, nós temos cerca de...em termos de alunos regulares 95, cerca de 95 por
803 ano lectivo, anos temos mais outros anos temos menos, pronto, nas várias
804 actividades, apoio ao estudo, o laboratório, apoio psicopedagógico, jornal do
805 pedro, a dança, a...sei lá, várias coisas, por ano, sem contar com as actividades
806 irregulares, como por exemplo actividades, por exemplo de informática, vêm aqui
807 entram todos os dias alunos, não é, nós não temos a contabilizar esses, não é, são
808 cerca de cento e tal por ano, não é, actividades irregulares, não temos a contar os
809 alunos que nós damos formação da educação para a saúde, são todos os alunos do
810 8º ano, são 3 turmas não é, são cento e tal alunos, não temos a contar esses, só os
811 alunos do 2º e 3º ciclo, 5º ao 9º. Só que a maior parte dos alunos do projecto, que
812 frequentam o projecto, são alunos do 2º ciclo, é p'ra aí 90%, 90 não, não digo,
813 mas 85% são alunos do 2º ciclo porque são alunos que precisam mais.

814 Há actividades específicas laboratório do conhecimento por ex, só 2º ciclo, mas
815 por exemplo actividades como...como sei lá o Crescer Mais, nós temos alunos do
816 5º ao 9º. Apoio psicopedagógico é do 5º ao 9º, não é. E depois temos actividades
817 que é só para 3º ciclo, também por exemplo, associação dos estudantes e apoio à
818 associação de estudantes, e actividades ligadas ao empreendedorismo é só para 3º
819 ciclo, só para os alunos mais velhos, não é, Férias Mais, é do 5º ao 9º. Oficinas
820 d'Orey do 5º ao 9º, dança do 5º ao 9º, jornal do Pedro do 5º ao 9º. Só por exemplo
821 o Jornal do Pedro neste momento temos só do 5º e 6º por ex. porque depois
822 quando entram no 7º ano acho que são mais fazem actividades mais...com
823 métodos ligados mais ao empreendedorismo, associação de estudantes,
824 assembleia de jovens, temos essas actividades dirigidas aos mais velhos.

Anexo III

Análise de Conteúdo das Entrevistas

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Obs.
1.Caraterização da escola	1.1. Meio socioeconómico e cultural	3.3/10 - A escola tem cerca de 600 e tal de alunos cerca de 600 alunos na Escola ..., o agrupamento tem mil e tal, a escola tem cerca de 70% de alunos imigrantes ou descendentes de imigrantes, de origem estrangeira... maior grosso são de origem cabo-verdiana depois a seguir deve ser guineenses e brasileiros, as três grandes nacionalidades, portuguesas também, esses alunos de origem estrangeira no seu grande grosso na 2ª e 3ª geração de imigrantes, são netos de cabo-verdianos. 3.13/20-O corpo docente, durante uma 1ª fase do projecto era um corpo docente muito estável e na casa dos 50, 60 reformaram. Há dois anos para cá que temos um corpo docente muito jovem...((,,)) A escola é TEIP (Território de Intervenção Prioritária) porque as crianças são provenientes de famílias de socioeconomicamente muito desfavorecidas, grande parte dos pais trabalham na construção civil e as mães nas limpezas. 3.24/43 - O ambiente é bom. A escola é boa, já foi muito má, mas a escola é boa... há uma relação...uma escola dos afectos, dão-se muito bem, há um bom relacionamento entre os professores...há muito trabalho de cooperação...os pais imigrantes e portugueses dão-se bem, há uma coisa ou outra, racismo existe, não vamos fingir que não existe...os miúdos dão-se todos bem, não é por ser branco ou preto, dão-se todos bem... brigam mas nunca é por causa do racismo, eles brigam porque o namorado roubou a namorada. 3.266/271- Nós temos uma população que tem muitas carências sócio económicas... a maior parte são imigrantes, têm pouca escolaridade, muitos não têm escolaridade alguma, nem sabem ler e nem escrever,	

		outras nem se quer... ou se sabem, não têm bem noção de como é que a escola funciona, não é, vêm doutros países, não sabem como é que o sistema educativo funciona... 3.652/669 - Houve um ano que nós tivemos 21 nacionalidades aqui na escola, agora estamos com menos, mas ronda cerca das 14 às 21 nacionalidades na escola...os Romenos desapareceram, os alunos desapareceram, os ucranianos temos poucos, já também desaparecendo, tínhamos russos também, já quase que não temos russos, tínhamos russos desapareceram, brasileiros diminuíram imenso, houve um ano que tínhamos imensos alunos brasileiros, mas agora diminuíram, tínhamos chineses, os chineses também já desapareceram, voltam a imigrar... mas nunca temos menos das 14 nacionalidades na escola. São os PALOPS, Europa de Leste, às vezes temos 1 Francês, às vezes 1 espanhol, rapidamente imigra, temos muitos asiáticos...Portugueses lusos é uma minoria, porque a maioria 70% são de origem estrangeira e 30% é que são de origem lusa, é minoria. Os cabo-verdianos, ucranianos, brasileiros são a maioria, e os lusos é uma minoria.	
	1.2. Recursos materiais e financeiros	1.311/320... temos alunos com algumas carências, nomeadamente a nível de livros escolares, e alguns materiais...tentamos sempre facilitar para os alunos que têm algumas carências a nível económico que não conseguem comprar o material escolar...mas basicamente é isto, ou por falta também dos estudos... portanto não conseguem acompanhar, ou pela circunstância da vida não é, em termos de tempo, por muito que as famílias se interessem não conseguem, não conseguem ajudar. 3.85/98-O Programa Escolhas que financia o projecto! É ele que paga os técnicos...não é a escola, quem paga os computadores, os materiais, as actividades.É tudo Programa Escolhas, só que a escola também ajudam-nos. Nós somos um projecto do Programa Escolhas.	

		A associação mediar... (Associação de Mediação Sociocultural). Nós somos funcionários da Mediar, organizamos aqui na escola, um projecto da Mediar, financiado pelo Programa Escolhas e trabalhamos aqui na escola.	
2. As funções da equipa técnica do projecto “Academia Escola Mais” na mediação familiar face ao sucesso escolar dos alunos	2.1. Apoio aos alunos nas dificuldades de aprendizagem escolar	1.3/16 - o meu papel incide mais no apoio ao estudo e apoio às crianças e jovens com dificuldades de aprendizagem. Portanto eu trabalho de uma forma mais teorizada digamos assim... numa actividade que nós temos que é o laboratório do conhecimento. Essa actividade decorre depois dos alunos saírem das aulas, portanto em horário não lectivo e pretende dar resposta não só às necessidades que eles têm em termos de aprendizagem, planeamento do estudo, preparação para os testes, realização de trabalhos de casa, mas também ocupar o horário deles para as aulas... devido morar em bairros críticos e famílias por vezes um pouco estruturadas, ficaram um bocado perdidos e não darem se calhar o significado ao estudo que é importante que dêem, no laboratório do conhecimento nós temos esse objectivo, portanto, apoiá-los nos trabalhos de casa, na preparação para os testes, na adequação de metodologia de trabalho...mais numa orientação escolar... 1.30/32...Ajudamos também nos trabalhos de casa, preparação para os testes e damos também apoio aos alunos das necessidades educativas especiais. 3.801/824... Não são só alunos de risco, mas a maior parte são. Eles podem se inscrever...em termos de alunos regulares 95, cerca de 95 por ano lectivo, temos mais outros anos temos menos, nas várias actividades: apoio ao estudo, o laboratório, apoio psicopedagógico, jornal do pedro, a dança, sei lá, várias coisas, por ano, sem contar com as actividades irregulares, como por exemplo actividades, informática, vêm aqui entram todos os dias alunos, não é, nós não temos a contabilizar esses, não é, são cerca de cento e tal por ano, não é, actividades irregulares, não temos a contar os alunos que nós damos formação da educação para a saúde, são	

		todos os alunos do 8º ano, são 3 turmas não é, são cento e tal alunos, não temos a contar esses, só os alunos do 2º e 3º ciclo, 5º ao 9º. Só que a maior parte dos alunos do projecto, que frequentam o projecto, são alunos do 2º ciclo, é para aí 85% são alunos do 2º ciclo porque são alunos que precisam mais...(...)...Há actividades específicas laboratório do conhecimento por exemplo, só 2º ciclo, mas por exemplo actividades como o Crescer Mais, nós temos alunos do 5º ao 9º. Apoio psicopedagógico é do 5º ao 9º, e depois temos actividades que é só para 3º ciclo, também por exemplo, associação dos estudantes e apoio à associação de estudantes, e actividades ligadas ao empreendedorismo é só para 3º ciclo, só para os alunos mais velhos, não é, Férias Mais, é do 5º ao 9º. Oficinas d'Orey do 5º ao 9º, dança do 5º ao 9º, jornal do Pedro do 5º ao 9º. Só por exemplo o Jornal do Pedro neste momento temos só do 5º e 6º por ex. porque depois quando entram no 7º ano acho que são mais, fazem actividades mais...com métodos ligados mais ao empreendedorismo, associação de estudantes, assembleia de jovens, temos essas actividades dirigidas aos mais velhos. 2.222/224...nas minhas funções, eu contactei pais directamente, telefone e sempre, sempre mostraram-se interessados na relação aos filhos. Claro que não foram muitos, a minha função não é contactar directamente os pais, nunca tive muito contacto.	
	2.2. Apoio às famílias no acompanhamento escolar dos alunos.	2.5/19 - Directamente relacionado com a informática no apoio às famílias, o que eu faço, dou formação aos pais, dou formação informática aos pais, e o programa escolhas tem uns programas de protocolos com a Microsoft eu dou formação de informática aos pais às 3ªs e 5ªs feiras, à noite, das 7 às 8h da noite, dou essa formação de informática aos pais...a formação de informática aos alunos do 5º ano, essa é a tal formação de Microsoft que se chama literacia digital, só o 1º módulo, que é princípios básicos de informática...essa formação aos pais já	

		tem 5 módulos da formação de literacia digital, tem princípios básicos, depois tem a segurança na internet, tem programa de produtividade, trabalhar com Word, Excel, PowerPoint, tem outro módulo que é relacionado com a procura de emprego e em que áreas é que se podem pesquisar...Para além disso, mantenho contactos com os pais que têm cá os filhos no laboratório do conhecimento, ou seja no laboratório do conhecimento informático. 2.21/24-dou formação aos alunos também dou formação aos pais, às vezes dou mesmo ao pai e à mãe ou dou ao aluno esta cada vez mais.Às vezes acontece terem a mesma formação, e é engraçado quem teve a melhor nota se é o pai ou se é o filho...	
	2.3.Articulação com os Directores de turma e professores na planificação das actividades do projecto	2.89/100-A articulação é muito boa, a articulação é ótima, nós temos um, excelente relacionamento. Acho que uma melhor entre ajuda e colegas, companheiros e amigos, ajudamos uns aos outros e se tiver uma certa virtude ou uma certa lacuna, as minhas colegas tentam compensar a minha lacuna e tentamos ajudar uns aos outros. Na planificação cada um faz o seu e por vezes cada um faz o do outro, (ria-se) ajudamos todos uns aos outros, a coordenadora do projecto também... Com os DT relação com os DT, a Psicopedagoga também, e eu também, a respeito da formação de informática e literacia digital, portanto há um contacto com os professores, a minha avaliação é enviada para os directores de turma fica no currículo... 3.46/62-Dentro do projecto, sou eu que, sou responsável de fazer os relatórios, planos de actividades; toda a gestão contabilística, contabilista na organização; dinamização de gestão dos recursos humanos do projecto...Articulação com a escola, com os grupos de trabalho da escola, os DT ou a Assistência Social, os Psicólogos, o Conselho de Turma...o Conselho Pedagógico e o Conselho Executivo...eu dou muita importância à articulação com o parceiro, muito importância, acho é saldo excessivo, a articulação com todas as instituições aqui à	

		volta, as instituições, os bairros, as autarquias, Juntas...outras instituições...associações de pais, por exemplo, é muito importante para o sucesso do projecto é a envolvência dos parceiros à volta. 3.64/70 - Dinamizo algumas actividades, não é, as ligadas à família, formação parental, temos feito pouco, a mediação também sou eu que faço, ir a casa e essas coisas, sou eu que faço, mediação através de visitas domiciliárias e a mediação linguística, também sou eu que faço. E se tiver que acompanhar algum, também, normalmente sou eu que faço, já temos actividades de família ligadas à família, não é, apoio psicopedagógico, a dança, sei lá, as Férias Mais, o Jornal do Pedro, pronto não é, a dinamização do fb. sou eu que faço. 2.105/106-Falamos sobre diversos assuntos sobre os alunos, e conversamos por e-mail, no bar, nos corredores, há muita conversa.	
		1.171/175- Tentamos sempre articular com os encarregados de educação, com Directores das Turmas ou com outros profissionais da escola que também acompanham o aluno, esgotar todas as possibilidades até ter que se tomar uma medida mais drástica, não é, mas a partida isso é mesmo uma situação mesmo. 3.791/192... Há casos de sinalização que eu tenho que contactar junta, sei lá, tanta coisa, não é, tantos parceiros... 1.62/63... Temos uma boa relação com a escola. Os Directores das Turmas são pessoas que respeitam muito nosso trabalho porque vêm resultados. 1.67/85...temos também muitos alunos que são encaminhados pelos Directores das Turmas ou pela equipa das necessidades educativas especiais, ou pelos professores do ensino especial, ou pelas psicólogas...são alunos de maior risco...temos as vezes assim uma lista de espera, até grande, e temos muitos professores que dizem: Ah! Podem ficar	

		mais com o meu aluno...e às vezes já não conseguimos dar resposta, mas isso também é sinal que o nosso trabalho é útil...que nós somos uma mais-valia, não só nessas actividades que acompanho mais mas em todas as outras, temos imprensas...temos também reuniões multidisciplinares, quando há uma situação de alunos mais, pronto que exigem uma intervenção de várias áreas de vários técnicos, reunimos para perceber como é que vamos ajudar o aluno, e por vezes situações que são necessárias resolver, podem partir de nós como podem partir de Directores das Turmas também articular as famílias e depois tudo isto é passado, de umas pessoas que intervêm e de algumas pessoas também...(...)...Normalmente os professores mandam trabalhos de casa e eles realizam trabalhos de casa connosco. 1.92/95...nós temos uma relação muito estreita com os Directores de Turma, mais com os Directores das Turmas, embora com os professores como funcionamos aqui na escola temos sempre...mas acaba por focar mais a partir do Directores das Turmas... 3.149/159- A nossa articulação tem que ser total, não é, com o DT, as avaliações são feitas e entregues ao DT, temos reuniões com os DT para saber o percurso...temos reuniões com os DT, falamos, os DT é que sinalizam-nos os casos, nós não sabemos, não é, quem é que tá precisar mais e quem é não precisa, só os DT é que sabem, são eles que sinalizam...só os DT dizem assim, olha esse aluno tá a faltar e ir lá à casa, só os DT, não é, portanto a relação é total...(...)...É com os DT que fazemos as reuniões, mandamos o e-mail, contactamos o DT através do e-mail, total, sem o DT não é possível não é, sinalização, essas coisas, e o feedback que nós damos depois ao DT. 3.168/174- Nós somos mais um serviço da escola, não é. Portanto serviço de psicologia, serviço de social, temos nós, nós somos mais um serviço da escola...(...)...A articulação é sempre, nós damos no princípio do ano, eles sinalizam-nos os alunos, nós vamos intervir, e nós	
--	--	--	--

		depois damos sempre uma avaliação aos DT todos os períodos, como é que o aluno tá evoluir. Nós marcamos reuniões com os DT e eles sinalizam casos que é necessário comunicar com a família. 3.76/84-Tamos dentro do Projecto Educativo da Escola. O projecto tem a escola, mas todas as actividades, no total de 29 actividades tão integradas no Projecto Educativo da escola, tanto que eu faço relatórios para a escola também, dentro do Projecto Educativo da Escola, tenho que fazer relatórios também para o Programa Escolhas que é o nosso financiador.	
	2.4.Articulação com o projecto TEIP	3.111/130-No agrupamento tem mais o TEIP. Essa escola é TEIP (Território Educativo de Intervenção Prioritária)...nós articulamos directamente com os técnicos do TEIP. Os técnicos do TEIP que estou a dizer é Assistência Social, a Socióloga, a Psicóloga, é pago pelo TEIP. Esses são técnicos do TEIP. Estamos todos juntos, fazemos as coisas em conjunto, mas eles são à parte. O TEIP tem financiamento através do ministério de educação, eles são técnicos da escola. Este projecto de AEM está integrado no TEIP. (...) Articulamos os objectivos, para atingir determinados objectivos do TEIP é necessário actividades do projecto, do nosso projecto... para o abandono escolar é preciso técnicos da AEM, não é, portanto são financiamentos diferentes para o mesmo objectivo, portanto articulamos em conjunto, eu trabalho, há técnicos do TEIP a fazerem “Férias Mais” connosco. Mas as “Férias Mais” é uma actividade nossa. Nós organizamos, articulamos, tem financiamento pagam os técnicos daqui, depois nós organizamos, articulamos e fazemos as coisas juntas.A nossa planificação somos nós, decidimos, e organizamos a planificação eu faço em conjunto com os meus técnicos. 3.132/146-O TEIP que é no agrupamento que abrange todas as escolas do agrupamento. Mas nós estamos integrados no TEIP. Como? Porque o TEIP tem determinado objectivos, ser agrupamento	

		TEIP, se a escola é TEIP, tem determinados objectivos a alcançar, não é. Por exemplo reduzir o absentismo ou o abandono escolar ou reduzir o insucesso escolar, não é, e para obter esse resultado, o TEIP tem também o programa do nosso projecto, o Escolhas não é? AEM para atingir determinadas actividades, só que o financiamento é diferente mas está integrado no TEIP. Nós estamos integrados no TEIP. Por exemplo, a psicóloga tem que fazer por ex. a orientação educacional para todos os alunos do 9º, não faz através do projecto, ela faz lá independentemente dela, não é, ela contacta a escola, os DT e fala o trabalho dela sobre a orientação educacional para os alunos do 9º ano. Não fazemos isso. Não tem nada connosco, é o trabalho dela. (...) Cada serviço da escola tem o seu plano. Todos os serviços da escola contribuem para um objectivo específico, do TEIP...o projecto AEM é só para os estudantes que pertencem essa escola do 2º e o 3º ciclo, só existem aqui nesta escola.	
	2.5. Articulação do projecto AEM com Associação de Pais	3.743/762...a intervenção da mediação do projecto pode evitar uma situação de abandono escolar... uma actividade conjunta que nós fizemos com a associação de pais, associação de pais aqui na escola. (...) Associação dos pais, tem um poder mobilizador dos pais que nós não temos. E nós articulamos, é nosso parceiro no projecto a associação de pais, não é? E eles conseguem às vezes cativar os pais de uma forma que nós não conseguimos. Portanto, nós somos parceiros, trabalhamos para o bem comum não é, eles têm...e eles são pais, não é, às vezes para...para... mobilizar pais, utiliza-se associação de pais, é importante neste aspecto, associação de pais é muito importante... fizemos uma actividade conjunta com associação de pais... juntamos alunos e pais... houve uma grande mobilização de pais, que vieram e aderiram bastante bem...nós mostramos imagens do nosso projecto, falamos um bocadinho do nosso projecto e vêm 70 pais, o que é que era, não é, 70 pais naquela actividade com mais alunos que	

		eram cento e tal pessoas que vieram num sábado, não é, era um fim-de-semana e vieram todos os pais e acho que deve-se muito à força mobilizadora de associação de pais. Acho devemos articular muito com associação de pais. 3.777/781...quando eu preciso de mobilizar pais ou fazer actividades para pais, utilizo também associação de pais, é associação de pais...acho que também a grande vantagem e potencialidade do projecto é mobilizar os parceiros... 3.785/787... não sou só eu que tomo conta dos pais nas actividades conjuntas com os miúdos, sou eu, “Academia Escola Mais” e associação de pais. 3.791/795... Há casos de sinalização que eu tenho que contactar junta, sei lá, tanta coisa, não é, tantos parceiros, agora a questão é mobilizar as pessoas para este bem comum, não é, a própria escola há coisas que tem que fazer com o DT. Eu tenho que contactar família e tenho que fazer e marco uma reunião com o DT para falar com esse aluno, nós estamos a fazer uma parceria com o DT.	
	2.6. Articulação com outros parceiros:	3.763/781....o projecto não é só a equipa técnica, tem projecto e tem parceiros... porque nós somos três... eu tenho mais uma pessoa que vem dar a formação, por exemplo na educação para a saúde, vem uma pessoa do centro de saúde que é o nosso parceiro e que vêm dar acções de formação sobre a educação para a saúde para jovens...Vem de fora mas é de dentro, é do projecto, é do projecto e nós temos 6 parceiros que é associação de pais, e escola do 2º e 3º ciclo (local de investigação), porque funcionamos aqui dentro, Associação Mediar, a nossa associação promotora, a Praznik, Centro de Saúde o agrupamento Cento de Saúde disponibiliza-nos um técnico para vir dar acção de formação, mas temos parceiros informais, por exemplo, eu tenho também jovens que vêm do estrangeiro, associação...cidadania viva que nos disponibilizam voluntários europeus para virem fazer acções de formação aqui, na	

		escola, por exemplo, projecto não somos só nós os três... quando eu preciso de mobilizar pais ou fazer actividades para pais, utilizo também associação de pais, é associação de pais que tá a fazer, não é, não só nós os três, se só nós os 3 não era possível fazer tantas coisas como nós fazemos, não é, porque acho que também a grande vantagem e potencialidade do projecto é mobilizar os parceiros... 3.792/795... agora a questão é mobilizar as pessoas para este bem comum, não é, a própria escola há coisas que tem que fazer com o DT. Eu tenho que contactar família e tenho que fazer e marco uma reunião com o DT para falar com esse aluno, nós estamos a fazer uma parceria com o DT.	
3. Relação entre a equipa técnica do projecto AEM e as famílias	3.1. A importância do papel das famílias face ao sucesso escolar	1.180/196. É fundamental. É muito importante... nós temos também alguns alunos que os encarregados de educação não é o pai e a mãe, portanto são avós... é fundamental que as famílias, essencialmente o encarregado de educação dê significado à escola, porque por vezes acontecia... já me aconteceu estar a falar com os encarregados de educação dizem, ah eu também é assim, quando eu tinha a idade dele, eu percebo que também era assim... é importante que cada vez mais os pais expliquem a importância do aproveitamento escolar, não é, e dar significado... se os pais valorizarem, se estiverem presentes se se preocuparem com percurso escolar dos filhos... se preocuparem vir junto de nós saber como eles estão, tentar ajudar em casa não é, tentar criar estratégias em casa, um espaço, seja um espaço de estudo, ajuda, ajuda muito a criar responsabilidade. 3.249/253- têm que ter um papel... acho que as famílias têm um papel importante não é, porque se as famílias não participarem, se não motivarem os filhos o sucesso com certeza que não vai ser o desejado, não é, e daí a nossa necessidade também de envolver sempre dentro do possível as famílias no processo de desenvolvimento escolar delas...	

	3.2. A colaboração entre os pais e a equipa técnica	1.296/202... é fundamental... contactar com as famílias não só quando há uma situação menos positiva em relação ao comportamento, mas também quando há uma evolução, quando começa o interesse a ser maior, quando o vínculo que eles estabelecem com a aprendizagem, se existe de uma forma mais coesa, também é importante os pais ouvirem, não é, os encarregados de educação saberem que os filhos estão a melhorar, porque dá-se também um reforço positivo para eles. 1.210/214...que se interessarem, só o facto de estarem ali a perguntarem o que é que eles deram, ou ter testes ou não ter testes, trabalhos de casa para realizar, portanto na responsabilização eu penso que já é uma grande ajuda, claro que as famílias que conseguem orientar os filhos nas matérias escolares, melhor ainda. 1.362/381...articulação que fazemos com a família dá resultado, recorde-me de uma situação que se passou este ano lectivo de um aluno que não dava assim grandes problemas, mas não sei se por estar numa fase assim mais complicada e é um aluno que vive com a mãe, o pai...o pai pronto, ausente, uma mãe que trabalha muito e que faz do melhor que consegue para o seu filho mas...por vezes não consegue acompanhar em tempo útil, da forma como desejaria...porque tem que trabalhar, e passou-se uma situação aqui connosco, ele vai ter que ser repreendido, chamar atenção, e de facto ele percebeu e a mãe ficou muito sensibilizada por nós contactarmos e muito aflita por o filho não ter tido uma atitude muito correcta...perceber que do outro lado apesar de nós estarmos a dizer uma situação menos agradável que se passou, a família, neste caso a mãe perceber que nós estamos cá para ajudar e que, não é para recriminar o aluno, não é para estar a dizer mal do filho, não, é para tentar arranjar uma solução em conjunto, e de facto, pronto, esse aluno teve que desistir assim 2 dias, sem poder vir, esse foi o castigo e voltou e pareceu outro. Tanto que nós pedimos muito à mãe, até lhe disse olha não adiante castigar mais, para ele já é o
--	--	--

		castigo suficiente, eu sei ele gosta muito de vir à nossa actividade, ele até ficou muito triste, não puder vir porque o filho fez mal e correu muito bem o resto do período. 1.388/392- Com as famílias é isso, sempre é uma família colabora sempre é uma família que nos ouve, e valoriza e agradece a nossa preocupação também nos faz sentir mais à vontade sempre para uma situação seja ela positiva ou negativa conseguirmos articular. Portanto, acho sempre uma família colaborante. 3.254/261 - dar atenção para já é sempre importante, para já é importante que os pais leiam sempre por exemplo a caderneta para ver se há algum problema com a criança na escola, falar com o DT, falar connosco no sentido dos alunos que nós acompanhamos com dificuldades, que têm mais dificuldades de aprendizagem. Portanto os próprios pais devem ter a iniciativa de virem falar com a escola. Isso é importante...acompanhar para verificar se estão a fazer os trabalhos de casa, porque às vezes basta fazer os trabalhos de casa e estudar um bocadinho é suficiente para ter o sucesso escolar. 3.266/281- Nós temos uma população que tem muitas carências sócio económicas, temos alunos de Cova de Moura, de 6 de Maio e são pessoas a maior parte imigrantes tem pouca escolaridade...muitos não têm escolaridade alguma, nem sabem ler e nem escrever, outras nem se quer ...ou se sabem, não têm bem noção de como é que a escola funciona...vêm doutros países, não sabem como é que o sistema educativo funciona, ou que podem contactar os pais na escola, não têm essa noção. E isso não tem noção, é difícil de acompanhar os filhos mesmo que o queiram, porque...há também casos de negligências, pais que não querem saber, mas acho que a maior parte dos pais estão preocupados com o futuro dos filhos. Mas quando não se sabem, não se podem ajudar, querem ajudar mas não sabem como ajudar. Ou se calhar, nem tem noção como se deve ajudar, não é. Não têm essa consciência	
--	--	--	--

		nem se...é difícil. 3.528/530-A família tem que contribuir, mas às vezes mesmo a família querendo, não consegue ali no bairro, não é. É tão forte a pressão...os sobreviventes, os sobreviventes. 3.384/396...um aluno que agora se chega em casa e só fica a jogar no computador ou ver televisão, o pai tem que tar atento o que é que não tá bem, não é?...Eles tem testes, têm trabalhos de casa para fazer. Por mais cansado, às vezes saem cansados do trabalho que estejam, têm que fazer uma força para acompanhar os filhos, ah tou cansado é mais fácil deixar no computador e não me chatear, porque ele não me vai chatear. (...) Às vezes, desligam porque estão cansados, desligam-se dos filhos, e os filhos fazem o que querem, não é? E depois a educação torna-se uns tornam-se mal-educados, e outros malcriados... 1.218/221... se os pais, se as famílias realmente se implicarem e se preocuparem, se lhes fizerem transparecer que estão com elas e que sabem do que se está a passar, não é, eu penso que os alunos se responsabilizam de uma outra forma e se interessam de uma outra forma. 1.280/285...algumas famílias...pronto um pouco mais complicadas, quando nós abordamos têm normalmente abertura para dar um conselho que nós possamos dar, que às vezes até tem mais a ver com o comportamento de alguns alunos, e são famílias que nos ouvem... quando solicitamos, os pais vêm... 3.261/265... os próprios pais devem ter a iniciativa de virem falar com a escola. Isso é importante. Agora...acompanhar para verificar se estão a fazer os trabalhos de casa...trabalhos de casa é estudar, não é, estão a estudar, e o aluno não faz isso, não é, é suficiente às vezes para reprovarem. 3.405/407-nós contactamos mais... imagina o aluno está a faltar muito, se está a faltar uma actividade ou está chegar sempre atrasado, pode estar a ter um	
--	--	--	--

		comportamento inadequado...são situações que nós contactamos mais...claro que também nós contactamos coisas positivas mas de facto é que nós contactamos mais se alguma coisa tá sair da ordem entre aspas não é, nós contactamos logo, telefonicamente, casos de absentismos, mau comportamento e atrasos. 1.301/305...Algumas a nível de escolaridade, outras famílias por vezes até a nível económico... as famílias chegam muito tarde à casa, porque têm que trabalhar muito não é, e saem de um trabalho e têm que ir para outro trabalho, e por vezes os filhos ficam com os irmãos mais velhos ou com outros familiares e as vezes com os vizinhos...	
	3.3. As formas do envolvimento das famílias no acompanhamento escolar dos alunos	1.271/280-Alguns pais, são pais disponíveis, mas quando nós os abordamos. Temos aqueles pais que às vezes, por exemplo, uma mãe que estou a lembrar agora, comunica connosco até por e-mail, não é? Portanto manda e-mails a perguntar se está tudo bem e explicar sempre quando há alguma alteração em relação à filha. Pronto, muitos pais preocupados que embora por vezes não possam ser presencialmente comunicar connosco por telefone ou por via e-mail, temos outros que vêm cá, as vezes no fim da actividade, vêm buscar os filhos e conseguimos dar também uma palavrinha, outros às vezes quando há necessidades contactamos por telefone, e de uma maneira geral são pais preocupados e disponíveis. 2.154/158...são pessoas muito abertas, muito comunicativas, e por vezes se ajudam, não é, temos uma maior facilidade lidar com as pessoas e mostravam as suas intenções, são pessoas geralmente têm 2^{as} intenções, são muito abertas e considero que sinceras, e nesse aspecto ajuda. 1.285/298... Em relação aos alunos do laboratório, acontecem também ou através dos Directores das Turmas ou pelos contactos que nós fazemos por via telefone ou via e - mail, ou presencial quando	

		pedimos para eles virem, vêm, são colaboradores, pronto também não temos tido neste ano lectivo assim situações muito complicadas que seja necessário ou que fosse necessário, pronto que os pais tivessem uma regularidade de vir junto de nós assim muito contínua, mas todas as situações, às vezes eu também gosto de contactar com pais não só quando há problema mas também quando as coisas correm bem, pronto, acho que é positivo a nós que isso aconteça. 3.272/275-não sabem, que imagina que trazem... normalmente os alunos trazem os trabalhos de casa, este é um exemplo, não é, e que importante com o DT, podem fazer mesmo não há problemas, ou tem que consultar a caderneta do aluno para ver se há recados, não é, ou que podem contactar os pais na escola, não têm essa noção. 1.205/209...nós temos famílias que em termos do acompanhamento escolar, se calhar não será tanto o esclarecer dúvidas ou ajudar os filhos a realizarem os trabalhos de casa, porque muitas famílias não conseguem, não é, não têm essa capacidade porque, se calhar deixaram de estudar há muitos anos, e não conseguem se calhar acompanhar os seus educandos da forma como gostariam..	
	3.4. Os aspectos da vida escolar que os pais devem envolver-se mais	3.382/388-Acho que é tudo. É tudo, têm que acompanhar os filhos, prestar atenção ao filho, acho que é importante prestar, os alunos, as crianças dão-nos sinais...o pai tem que tar atento o que é que não tá bem... Por mais cansado, às vezes saem cansados do trabalho que estejam, têm que fazer uma força para acompanhar os filhos... 1.230/238... acompanhamos de uma forma mais próxima, mas também outras famílias na escola que costumamos dar resposta nesse sentido, e se for preciso levasse a casa e se articular com a família, quando há alguma situação, por exemplo de um aluno que falte, nós temos...se faltarem mais de 2x seguidas, e nos justificarem,	

		não é, podem estar doentes, os Directores das Turmas dizem-nos, ou algum amigo vem dizer, mas se faltar essa justificação, há logo telefonema para o encarregado de educação para tentar perceber o que é que se passa, se o jovem está doente, se não está, e faltar, e se os pais se sabem.	
	3.5. Benefícios do envolvimento entre Família/Escola	1.254/268... Os alunos saem às 3 da tarde ou às 4 da tarde ou às 5 da tarde, e ficam, ficam um pouco perdidos, não é, muitas vezes os pais ainda não estão em casa e depois outras vezes ficam na rua ou vão para casa mas se calhar não aproveitam o seu tempo da melhor forma, e penso que o nosso projecto é inovador que é dar uma continuidade ao horário que nesse caso não é lectivo, não é escolar, mas com actividades que lhes proporcionam uma ocupação do seu tempo de uma forma mais útil, e organizado...em termos de benefícios para os pais, penso que é importante e inovador, se calhar estão tão preocupados que só chegam a casa às 6 da tarde ou às 7 e os filhos tiveram aquelas horas todas sem apoio sem acompanhamento. Portanto, penso que essa é a mais-valia e inovação em termos do nosso apoio às famílias.	
	3.6. Meios de contactos	3.285/292-Às vezes utilizamos a caderneta do aluno, telefonamos, a maior, a maior fonte de ligação é o telefone, nós telefonamos para os pais, agora tem telemóvel, rapidamente nós contactamos para os pais por telemóvel também, as visitas domiciliárias, as reuniões. São reuniões informais, quase, os pais vêm cá falamos com eles olha o seu filho, toma conta do seu filho ou se o filho está muito bem. Eles gostam...nós tentamos trimestralmente, mas às vezes é complicado, porque eles têm que ir para as reuniões dos DT. 3.294/297-os pais contactam-nos por e-mail, agora,...que é engraçado, nos outros anos não aconteceu mas agora os pais já nos contactam falam para nós por e-mail, que isso não era usual antigamente, antigamente que tou dizer é no ano passado (ria-se).	

		3.302/318- há dois anos há atrás os pais não sabiam o que era um...ou os 4 anos os pais não sabiam o que era o rato, agora já nos mandam e-mail contactam-nos: olha a minha filha como é que a minha filha está?... (...) contactam-nos por e-mail contactam-nos, falam connosco através do facebook...é uma forma muito engraçada e rápida explicar as coisas, de falar olha a minha filha vai faltar, e mandamos o e-mail...a evolução é rápida as novas tecnologias de informação são importantíssimos. Acho que uma coisa que deve ver isso, a forma, a nova forma de comunicar com as famílias... é através de novas tecnologias, através do e-mail do fb, que é uma forma, os pais vêm as actividades dos filhos no fb, não é, e depois comentam, ai a minha filha, assim ai a minha filha, como é que, e tão todos contentes, não é? A...a... mas é uma nova forma de comunicar com os pais. A...é engraçado, não é? É uma nova forma de comunicar, parece mais próximo, vêm logo podem... 3.320/329- nós mandamos sempre o nosso e-mail para os pais, não é, do projecto e depois eles encontram-nos também no fb eles adicionam-nos, não é, e nós adicionamos e rapidamente...ou falamos, fazem comentários, ou... sei lá...perguntas tipo há vagas no, no curso de informática, pais que já saíram daqui do projecto, já saíram da escola, já não têm filhos na escola ainda perguntam, ai posso aparecer não sei que bjs não sei que, pais que já imigraram, engraçado, pais que imigraram por acaso tem uma mãe que tá em Londres, e a dizer ai gostei muito da minha filha estar... mantemos o contacto, quer dizer é uma nova forma de comunicar com a família, é uma nova forma, as novas formas de comunicar com a família (ria-se). 3.334/337- Contactamos falamos de várias formas, damos atenção, às vezes os pais só querem falar. Às vezes os pais vêm ao curso de informática, e nem se quer é para aprender a informática, querem falar, desabafar, só que se for só para, olha venham para desabafar, as pessoas não	
--	--	---	--

		vêm não é, dizem que não têm tempo. 2. 21/223-telefonamos e conversamos com eles sobre os alunos. Eu contactei pais directamente, telefone e sempre, sempre mostraram-se interessados na relação aos filhos. Claro que não foram muitos, a minha função não é contactar directamente os pais, nunca tive muito contacto. Mas normalmente que eu possa dizer sobre isso. 3.703/710 - Este ano, tinha acontecido aqui um facto engraçado que começamos a comunicar através da internet...e foram eles que começaram a contactar-nos por e-mail, partiu deles não partiu de nós, começamos a mandar e-mails para os pais, não. Foram os pais que começaram-nos mandar e-mails... achava sempre que os pais ligava pouco ao computador, pronto, eu nunca liguei, nunca contactei os pais por e-mail eles é que começaram a contactar-nos por e-mail e por fb. foi uma iniciativa dos pais. 2.208/215-contactos com as famílias, não é, quando acontece alguma situação. O meu contacto na minha função geralmente não é directamente com os pais dos alunos com quem estou a trabalhar, quem faz mais é a minha colega...também faço, e quando faço são os pais que têm cá filhos no laboratório e são pais que dou a formação informática, então aí há um acompanhamento mas passa-se pela normal conversa para motivar os pais para acompanhar os filhos porque é necessário para ter um futuro melhor, mas baseia-se nas conversas.	
	3.7. Reacção das famílias perante às actividades de mediação familiar	3.731/739... No início nós tínhamos uma adesão muito pequena, a...nessas acções de formação parental, ou seja mesmo actividades de acção de formação parental. Todos os anos fazemos, todos os anos fazemos formação parental. Há ano fazemos uma forma, outros anos fazemos outras, vamos experimentando estratégias, não é, experimentamos por exemplo estratégia...como tava lhe dizer,informando aos pais em reuniões, ou às vezes nós, nós temos que cativar os pais	

		para virem às nossas reuniões,... E os pais às vezes não têm assim tanto tempo... 2.40/45...os pais têm vindo a ser maior do que um ano atrás, acho que sim, acho que sim.Os pais mostram, mostram motivação, tanto que logo passada uma semana de inscrições, nós temos poucas vagas, são 13 vagas e passada uma semana, nós tínhamos as vagas esgotadas, tínhamos uma lista de espera no próximo ano, portanto temos uma grande aderência. 3.571/574-A informática, a formação informática. Podemos estar realmente fazer acções de formação para falar sobre a vida dos filhos, realmente comunicamos através doutras actividades, fazemos reuniões, contactamos os pais, mas o que eles vêm logo é formação de informática.	
4.Dificuldades sentidas pela equipa técnica no desempenho do seu cargo	4.1.Na comunicação com as famílias	3.499/511 - Os problemas mais graves da escola normalmente são pais...mães por causa da prostituição, alcoolismo, a...sei lá...espancamentos. Ainda agora uma mãe, por acaso uma mãe guineense, o miúdo tava, não tava a estudar, tava sempre a jogar berlindes, a mãe vai e queima o miúdo no dedo com disco quente por estar a jogar berlindes. Queimou, e senhora ainda a contar, não, mas, é para ele deixar jogar berlindes! Porque o miúdo contou. É cultura, cultura... às vezes as passagens...as vezes as próprias mães são vítimas de violências domésticas...quando há muita miséria, desemprego dos pais espetam no álcool e depois descontam no miúdo e depois não conseguem concentrar para estar a tratar da criança, sei lá, há muitos casos de tráfico de droga... 3.522/530 - Muitas que até se comportam bem mas depois não conseguem aguentar a pressão do bairro, do tráfico de droga, do...dos roubos do bairro, aquele ambiente, quando chegam aos 17 anos é um sofrimento, 16, 17 e 18 se todos os teus amigos a fazerem, não fazes...mas nós não temos lá no bairro, nós não conseguimos acompanhá-los, não temos no bairro, não temos com eles sempre, não é, nós estamos acompanhar aqueles do 5º e 6º no máximo	

		até ao 9º. A família tem que contribuir, mas às vezes mesmo a família querendo, não consegue ali no bairro, não é. É tão forte a pressão...os sobreviventes, os sobreviventes. 3.473/478- nós tentamos sempre a adaptar, nós tivemos sucessos e insucessos e vamos experimentando as actividades, que por isso acho que também, que o projecto também deve ser uma grande evolução! Nós conseguimos pensar, analisar, dizer, não, isto está funcionar, então vamos para frente, isso não está a funcionar, então deixamos fazer e tentamos uma nova estratégia não é? Às vezes as pessoas ficam presas aos antigos métodos de trabalho, não conseguem evoluir. 3.461/469... não vamos apontar o dedo ou criticar, como muitas vezes eu vejo os pais não, não participam, mas uma pessoa tem que perceber porquê? Porque um pai trabalha não sei quantas horas? 10h, não é? Muitos aqui na construção civil e nas limpezas, e agora vamos obrigar, obrigar os pais a participarem não é, sem perceber o lado deles...lembro-me do momento que um DT nos contou para falarmos com os pais, porque aencarregada, essa mãe nunca vinha às reuniões, e sabe a que horas que era a reunião? Às 8 de manhã! Agora estou a criticar os pais não vêm às 8 de manhã para à reunião? 1.155/156- Em relação ao relacionamento interpessoal não temos tido muita dificuldade.	
	4.2. Na comunicação com os alunos	1.144/150- este ano lectivo, não temos tido. Ah, normalmente, talvez a dificuldade que nós encontremos, a questão também não é bem as famílias, não é, tem a ver com a dificuldade dos alunos de se organizarem para trazerem material para aquele dia, pronto, posso explicar: eles vão ao horário escolar, não é, naquele dia tem português, matemática e educação física, por exemplo, mas vão ter testes de inglês ou de ciências depois de amanhã, como não tem aquela disciplina daquele dia não trazem material de ciências que tem que estudar.	

		1.155/163... Houve nos anteriores tínhamos alunos mais complicados, algumas situações se calhar um pouco mais difícil de gerir, mas cada vez mais e eu penso que nesta parte a nossa equipa também é boa e nós conseguimos articular bem os três para ir ultrapassando algumas situações menos positivas que possam ter ocorrido. (...) Já nos aconteceu, temos alunos por exemplo na actividade no laboratório do conhecimento, percebemos que era aluno perturbador para o grupo, e que não se conseguia organizar de forma a aproveitar a actividade e inclusivamente perturbava o estudo de todos os outros e tivemos que adequar estratégia. 2.74/86... tenho algumas dificuldades em relação ao material. Não temos os computadores que queremos ter, um pouco nos limitam, temos cá só 5 computadores para poderem trabalhar, por exemplo, há situação na formação de literacia digital do 5º ano para alunos, tem de ficar cada aluno em cada computador, o que dá mais alguma brincadeira, mais alguma distração, não é, e os materiais não são os melhores. Outra situação, a ligação à internet, também condiciona bastante, condiciona por exemplo, os testes dos pais ou dos alunos são feitos on line, são feitos na net, se a internet falhar o teste fica a meio, já aconteceu. (,,) na relação com os alunos, por vezes existem dificuldades, são alunos por vezes não têm regras, nem limites e por vezes temos que os saber levar, não é, não através da força e nem do grito, porque eles estão habituados de dia a dia não funcionam, mas é possível, é possível motivá-los e direccioná-los, é possível. 2.182/187-um aluno que é muito conflituoso e muito problemático e uma família completamente desesperada e não foi possível fazer o trabalho que queríamos com o aluno porque o aluno não vinha, nem os pais, nem o pai (não quer dizer obrigado), mas o pai não empunha que ele tinha que vir, não é, e nesse sentido posso dizer que é uma situação mais negativa por ter perdido assim um aluno relativamente	
--	--	---	--

		inteligente muito esperto. 2.189/194...só desestabilizava todo o grupo, é uma criança que precisa muita atenção completamente desestabilizada, então tentamos uma estratégia de fazer uma individual para ele, tentar motivá-lo se havia alguma coisa que gostasse, se conseguir poder motivá-lo para o estudo. Não foi possível, não foi possível porque o pai também não se mostrou envolvido, parece que não quer, deixou para trás...	
5. As estratégias para cativar a aproximação e o envolvimento das famílias	5.1. Mediação familiar	3.64/70...Dinamizo algumas actividades, não é, as ligadas à família, formação parental, temos feito pouco, a mediação, ir a casa, mediação através de visitas domiciliárias e a mediação linguística, e se tiver que acompanhar algum, também, normalmente sou eu que faço, já temos actividades de família ligadas à família, não é, apoio psicopedagógico, a dança, sei lá, as Férias Mais, o Jornal do Pedro, a dinamização do fb. 3.205/207 - mediação linguística, um factor importante no projecto, no sucesso do projecto é a mediação linguística também faço aqui com essas famílias imigrantes. 3.413/415...visitas domiciliárias, a formação parental, formação de informática para pais e comunicação regular de alunos que acompanhamos no estudo. 3.420/431 - Formação, maior capacitação dos pais, quanto mais escolaridade, outra coisa que nós estamos a fazer é encaminhar os pais para a formação profissional... tentamos dizer, olha vão para a escola também, porque são modelos para os filhos... tentamos sempre passar essa mensagem, olha você se conseguir, faça o curso também, ou venham para os nossos cursos aqui também, vão para a escola, agora é uma altura de IPJCC, inscrevam-se em IPJCC... quanto mais eles souberem, mais conseguem passar aos alunos, e os filhos vêm que os pais se esforçarem para estudar, também cativam a motivação para eles próprios estudarem,	

		acompanhamos tudo nos trabalhos. 1.248/250... em termos de inovação do nosso projecto tem a ver com o apoio que nós damos aos alunos que e acaba por ajudar as famílias pós o horário lectivo. 1.326/335...uma formação muito precisa com todos os pais, que envolvam todos os pais, ainda não conseguimos fazer este ano lectivo, mas, é nosso objectivo, portanto partir das necessidades que vamos vendo a partir dos nossos alunos, não é, e a partir das necessidades que eles vão apresentando para organizar uma formação parental. Agora, fazemos é pequenas acções com um ou outro pai que vemos que é necessário trabalhar em determinados assuntos, se ao nível de comportamentos, se ao nível de responsabilização para o estudo, não é, porque às vezes há pais que são preocupados mas, chegam ao pé nós "Ah a culpa as vezes também é um bocadinho minha porque não somos tão firmes, pronto, quando percebemos que podemos sim, aí normalmente assumem, sim. 1.336/341 - Podemos aconselhar, às vezes dar, algumas directrizes porque às vezes alguns pais faltam um empurrãozinho não é, e o chamar atenção algumas coisinhas porque muitas vezes os pais até muitas vezes sabem mas reforçavam um bocadinho algumas atitudes parentais que às vezes deverão ter ou capazes de ter e se calhar se nós reforçarmos essa ideia eles actuarão de uma forma mais precisa e vão responder às necessidades e dificuldades dos alunos.	
	5.2. Formas de incentivar as famílias	2.111/121- Houve uma semana de internet segura e fiz uma acção de sensibilização para os pais sobre internet segura... portanto é a formação de literacia digital, e uma outra acção de formação de sensibilização pontual...quando eles chegam ao 6º 7º e 8º têm que fazer mais trabalhos no computador...se o pai tiver aprendido comigo ou a mãe ou o avô terem aprendido comigo a informática para ajudar o aluno em que está, não é? São as mesmas actividades que dou aos pais e aos	

		alunos, às vezes acontece terem a mesma formação... 2.146/150- Na minha opinião é obvio que é muito importante, não é, os alunos nem sempre conseguem aprender a matéria na escola da melhor forma, e os professores também não têm tempo para dar atenção aos 25 alunos, e se tiver um pai ou uma mãe em casa envolvido na educação do filho, é obvio que há sempre muito positivo, não é, e motivá-lo para tirar melhores notas. 2.206/207- Muita compreensão e falar calmamente e saber ouvi-los. 3.327/345-É preciso estabelecer uma relação, sem dúvida porque a...uma relação fria, uma comunicação fria, no sentido de não, sem contacto, sem estabelecer relação, depois não cria laços e pronto... e nós...é mesmo aquela sensação de criar laços com a família, é o nosso intuito do projecto, pelo menos do projecto. Contactamos, falamos de várias formas, damos atenção, às vezes os pais só querem falar. Às vezes os pais vêm ao curso de informática, e nem se quer é para aprender a informática, querem falar, desabafar, só que se for só para, olha venham para desabafar, as pessoas não vêm não é, dizem que não têm tempo. (...) ...Mas se nós criarmos um espaço, olha venha aprender a trabalhar com informática, se calhar 10 a 15 minutos é para falar, ai meu filho...os pais falarem entre si já é uma a forma de aprender e de tentar novas estratégias de acompanhamento dos estudos, pois o meu filho, eu o meu filho, não deixa de fazer isso e não sei que, ai não sei o que com o meu filho...a...a...só aquela conversa inicial já é importante, não é? (...) cafezinho no final do curso essas coisas que estabelecem a relação, é importante para ligar a escola à família...não parecer ah isto é um depósito onde ponho o meu filho para ensinar e acabou, não é? E só tem que controlar se têm boas ou más notas, não é? Se for só para isso e os pais desligam-nos, nós cultivamos uma relação,	
--	--	--	--

		as pessoas mantêm-se conectadas, não é? 3.440/461-(...) nós conversamos com o pai, estabelecemos uma relação de confiança com os pais, um grupo de pais, e os pais vêm. Mas quando nós convidamos assim sem ter relação nenhuma, os pais não vêm...Primeiro tem que se envolver primeiro os pais, porque se os pais não conhecem a pessoa em lado nenhum, não fazem ideia de qual o trabalho e depois aparece uma reunião às 7 da noite ou ao sábado para virem à escola, têm tantas coisas para fazer, não vêm. Mas quando nós há uma relação estabelecida de confiança com o projecto, não é, ou com as actividades do projecto, aí os pais vêm. Outra forma também de nós conseguirmos fazer com que os pais venham às actividades também, que também teve grande adesão, são actividades em que envolvam os pais e os filhos, actividades lúdicas nós envolvemos todos, maratona, corrida, dia de corrida da escola de pais e filhos, não é, uma actividade com pais e filhos, os pais aderem muito, vêm também.(,,) a informática para pais também foi uma forma também que nós conseguimos também cativar os pais que é enorme, enorme processo que os pais vêm, precisam, não é, os pais vêm se acham utilidade na formação ou acção não é, tem muita adesão...ter formações de qualidade, e que são importantes para os pais que tenham, os pais sintam que são importantes.	
	5.3. Formação da informática	3.568/571-A formação informática. Podemos estar realmente fazer acções de formação para falar sobre a vida dos filhos, realmente comunicamos através doutras actividades, fazemos reuniões, contactamos os pais, mas o que eles vêm logo é formação de informática. 3.481/489-imagina que um aluno desapareceu, tá a faltar imensa às aulas, não é? Nós vamos contactar com o pai, nós vamos à casa de pai, normalmente aqui vamos junto a bairro, não é? Vamos ao bairro, ao domicílio...as visitas	

		domiciliárias dos familiares, maior parte de pai, sei lá, 90% das visitas domiciliárias são as famílias que vivem em bairros degradados (...).esses pais, vamos à casa vemos as condições falamos com os pais para perceber a situação porque é que não tão a vir, não é? E isso às vezes tem efeitos imediatos, em termos de mudança de comportamento. 3.424/428- tentamos dizer, olha vão para a escola também, porque são modelos para os filhos, não é, e nós tentamos sempre passar essa mensagem, olha você se conseguir, faça o curso também, ou venham para os nossos cursos aqui também, não é, ou vão para a escola... 3.711/720...nós já usamos diversas estratégias de envolvimento da família, agora estamos mais focados, se calhar os pais do laboratório do conhecimento,mas ao longo do projecto do conhecimento e também na parte informática para pais,a formação informática para pais... porque o laboratório do conhecimento... temos os pais desses alunos tão inscritos nas actividades do projecto, não é, do laboratório e estão ligados ao apoio ao estudo, não é. A esses contactamos sempre dizemos, olhe, tem que estudar mais, ou...ou... se faltar, imagina se vai faltar, contactamos logo, como se fosse uma nossa turma, uma direcção turma que nós acompanhamos. 3.722/731... nós contactamos sempre e vamos dizendo...nós temos iniciativa e ver se nos pais têm iniciativa de...ir dizendo aos pais como é que esses alunos estão... Mas outras estratégias do projecto já foram também implementadas para o envolvimento dos pais, como por exemplo, a formação para pais, essa formação para pais nós utilizamos diversas estratégias ao longo desses anos. A formação para pais, tipo conversas com pais aos sábados, aquelas actividades de um chazinho, para conversar e para saber como é que eles devem participar na vida escolar dos filhos, ou sobre educação sexual fora, várias formações já foram feitas. Reuniões,	
--	--	--	--

		mesmo formais com pais. 3.428/431- quanto mais eles souberem, mais conseguem passar aos alunos, e os filhos vêm que os pais se esforçarem para estudar, também cativam a motivação para eles próprios estudarem. 2.31/35...os alunos do 5º e 6º ano para nós não há tanto, mas quando eles chegam ao 6º 7º e 8º têm que fazer mais trabalhos no computador...se o pai tiver aprendido ou a mãe ou o avô terem aprendido a informática para ajudar o aluno em que está...têm o papel.	
	5.4. As formas mais eficazes na promoção do maior envolvimento das famílias	3.533/545- É o conjunto. Depende da situação, se for um aluno que não tá a vir à escola, não é, a forma mais eficaz de contactar e falar, é ir à casa, e perceber o que se passa, não é, e compreender ou sinalizar o que for, não é, depende da situação, ver a mais adequada... falar das coisas positivas e negativas, não só o seu filho é isso...a...a...não, o seu filho tem potencialidade mas tem que forçar aqui porque ele não tá-se a portar erradamente. temos que ter também uma linguagem adaptada e não só negativa quando tivermos a falar com o pai ou com a mãe. 3.549/553...O informático tem sido... panfleto quase que nunca fazemos. É boca a boca. O curso de informática, já nós o que nós tentamos fazer é fixar realmente cartazes, mas acho que já não é isso. O que faz encher o curso é a boca a boca, é o pai dizer ai tem ali um curso de informática que é bom e depois passa a mensagem, já nem se querem, já não se querem através dos panfletos, não. 3.560/565... na altura das inscrições, imagina as Férias Mais nós abrimos uma semana antes 4 dias já tá tudo cheias as vagas. É tudo rápido, não é, nem sequer podemos fazer divulgação, só preciso dizer assim: estão abertas as inscrições, eu digo a um aluno (assobiou fazia gesto com a mão a significar que os pais vinham imediatamente inscrever-se para o curso), vem todos, as pessoas já sabem, (ria-se), ficam logo esgotadas	

		2.47/50...os pais têm outro nível, eles já estão no 4º nível... Já fizeram 3 níveis, faltam só dois para concluir, e concluir em toda a formação de Microsoft da literacia digital, todos os aspectos.	
6. O impacto da implementação do projecto na aproximação e no envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos	6.1. Visitas domiciliárias	3.579/594...o impacto às vezes de uma visita domiciliária do contacto directo com os pais é logo automático...(…) Uma aluna que nunca pôs os pés aqui uma Ucrâniana, uma senhora Ucrâniana que tinha medo assim inexplicável de tudo, a mãe, então não deixava a filha para lado nenhum, e fui contactar, até não tava conseguir contactar a senhora, e...e...entretanto, essa senhora não trazia a filha à escola, era um caso de abandono escolar não é, era um caso de abandono escolar, e eu fui lá contactei uma associação, sabia que ela estava lá, ela dizia que não tava em Portugal, a...e depois falámos, falámos essa senhora e falámos com essa senhora, e dissemos, olha se a sua filha não vier, já sabe que...que é um caso sinalizado pode ser para PCJ porque todos os pais, as crianças são obrigadas a frequentar a escola, a senhora não pode tirar a filha da escola, automaticamente a aluna começou vir para a escola, não é, começámos a acompanhá-la de uma forma diferente para tranquilizar a mãe, fomos falando com a mãe para tranquilizar que não há nenhum perigo, não é? E automaticamente a aluna começou a frequentar a escola, não é? Portanto essas visitas às vezes em termos do sucesso escolar e da prevenção do abandono escolar, é quase automático. 3.598/611 - impacto são vários impactos, uma questão que não falei mas também nos fazemos que é o apoio à legalização que por acaso não referi, mas isto em termos de trazer a família à escola e estabelecer confiança tem sido muito importante, tem cerca de 70% da escola são imigrantes ou descendentes de imigrantes. Eu faço apoio à legalização dessas famílias! Trabalhamos directamente com a CEF e com o CNAI (Centro Nacional de Apoio ao Imigrante). Portanto, tá a ver o nível de confiança que se estabelece, sabendo que há uma pessoa que ajuda a	

		tratar dos documentos. Eu ajudo a tratar dos documentos e com sucesso. Nós temos uma relação directa com o CEF, não é? E então...pronto não é, eu acho que isso também é importante, eu acho que... eu tenho sentido que isso... cria confiança. Muitos pais que legalizam e dizem, ah vamos lá ver, então eu levo o meu filho aqui, não sei que e os meus filhos começam a participarem, querem ver todo o tipo, é quase um agradecimento, não sei. 3.613/636...em termos mais qualitativos, nós conseguimos que as famílias participem mais na vida escolar dos alunos, isso reflectem nos resultados escolares, não é, depois nós temos mais sucesso escolar dos alunos. Só para ter uma noção do sucesso escolar dos nossos alunos do laboratório do conhecimento. Os nossos alunos do laboratório do conhecimento são 30, não é, por ano lectivo, a... esses 30 são alunos sinalizados, mas a maior parte ou seja alunos com mais risco de reprovação aqui na escola, esses que estão no laboratório. São normalmente alunos sinalizados pelos DT, que precisam do apoio escolar, e essas coisas, não é, desses, nós temos 86 %, uma de média de 86% do sucesso escolar dos alunos. Através do projecto, só dos alunos que nós intervimos 86% do sucesso escolar, não é? Isso deve-se às relações que nós estabelecemos também com os pais, no envolvimento no sucesso escolar, no apoio aos estudos claro que nós estamos, os estudos são mais importantes, claro, o estudar aqui, fazer trabalho de casa aqui, e...e... explicações aqui que nós damos é claro que contribui, mas também envolvemos toda a estratégia envolvente no envolvimento dos pais, desses 30 mais cerca de 10, 15 do Crescer Mais. Esse grupo, não é, portanto são mais ou menos 40, 45, temos em média por ano 86%, no ano passado tivemos 86 % do sucesso escolar, portanto...e é muito porquê? Se fosse...e muito na escola é diferente, porque muito no projecto porque neste grupo de 46 são os alunos que supostamente têm mais dificuldades na escola, é um núcleo específico da escola...(...) O impacto...em termos do	
--	--	--	--

		sucesso escolar é logo, não é, é logo visível, e depois é questão dos pais estarem mais preparados para acompanhar os filhos... 3.670/681... Davam-se bem, por exemplo os portugueses, há aculturação, já sabe que meninos portugueses falam crioulo (ria-se?). Às vezes é negativo para a aprendizagem da língua portuguesa. Isso depois tem muitas dificuldades ao português, por causa disso não é, mas pronto...e acho que são grandes impactos que dá para salientar da intervenção do projecto, que é a questão do abandono escolar...em termos de mediação visitas domiciliárias, também cerca de 15 a 20 por ano, 15 agora temos menos, não é? Já foi muito, já foi tipo, sei lá...imensos, uns 40 ou 50 por ano, mas agora devem ser os 10 por ano, em termos de necessidades de visita domiciliária. Antes era umas cerca de 50 por aí. Agora devem estar uns 10, diminuiu a necessidade, por isso que também alterei o projecto (ria-se)...são essas visitas domiciliárias, esses números familiares que automaticamente reduz o abandono e o insucesso escolar... 3.680/685...são essas visitas domiciliárias, esses números familiares que automaticamente reduz o abandono e o insucesso escolar, e esta ligação com os alunos, cerca de 30 a 40 alunos do apoio ao estudo e o apoio psicopedagógico, não é, em termos de sucesso escolar do melhor acompanhamento do sucesso escolar dos alunos, a informática melhor capacitação dos pais para depois apoio posterior dos alunos. 3.742/747... Aspecto positivo até já dei aquele exemplo de uma aluna ucraniana acho que foi claro como é que a intervenção da mediação do projecto pode evitar uma situação de abandono escolar...	
	6.2. Actividades do laboratório informático face ao acompanhamento escolar dos alunos	3.612/615- Em termos de impactos reais em números, falando de números, nós a...são vários impactos, em termos mais qualitativos, nós conseguimos que as famílias participem mais na vida escolar dos alunos, isso reflectem nos resultados	

		escolares, não é, depois nós temos mais sucesso escolar dos alunos. 3.634/644 - O impacto não é, em termos do sucesso escolar é logo, não é, é logo visível, e depois é questão dos pais estarem mais preparados para acompanhar os filhos, agora quase tudo através da informática, dos computadores, fazem os trabalhos nos computadores, a...a...os trabalhos são apresentados por PowerPoint pelos, têm de fazer trabalhos pelos computadores, os alunos é tudo, tudo, agora quase que não se escreve só testes é que escrevem à mão, não é? O resto é tudo através dos computadores, os pais sem ter necessidade para ter o melhor acompanhamento, agora eles têm que saber também trabalhar no computador, senão podem acompanhar agora não é, e nós darmos formação a esses pais dos alunos que também tem o impacto positivo, não é, sendo que nós temos... acho que são 6 cursos por ano de informática e cada curso tem cerca de 10 pais. 1.326/330...uma formação muito precisa com todos os pais, que envolvam todos os pais... partir das necessidades que vamos vendo a partir dos nossos alunos, não é, e a partir das necessidades que eles vão apresentando para organizar uma formação parental 2.176/178-mudou um pouco a visão dos filhos à mãe, o que também motivou ou aumentou a auto-estima da mãe, aumentou auto estima de filhos, por saber que têm uma mãe que afinal não era pessoa incompetente como pensavam que era.	
	6.3. Legalização da situação familiar	3.645/651- E em termos de legalização os pais imagina um pai que não...que não...que não têm documentos, não conseguem integração social, não conseguem trabalho, não conseguem casa, não conseguem nada não é, e isso não consegue...e toda a estrutura não é, não estiver estável, é claro que não vão acompanhar os filhos e os filhos também não vão ter o sucesso escolar, não é, e são cerca de 20 a 30 pais por ano, que nós	

		apoiamos na legalização. 3.685/688...temos cerca de 6 cursos de 10 alunos por turno por curso por ano, e essa questão de legalização são 20 a 30 casos por ano, sendo que nós todos os anos fazemos um diagnóstico dos alunos do 5º ano, é por isso que nós depois temos esse grupo de pais do apoio à legalização. 3.689/692-Nós fazemos entrevistas a todos alunos para ver quem é tem necessidades de legalização e depois contactamos esses pais que vêm cá para apoiar, sendo que já foi muito mais, agora com a mudança da lei da imigração e lei da nacionalidade, facilitam imensos casos não estejam regularizados... 3.599/605- o apoio à legalização que por acaso não referi, mas isto em termos de trazer a família à escola e estabelecer confiança tem sido muito importante, tem cerca de 70% da escola são imigrantes ou descendentes de imigrantes. Eu faço apoio à legalização dessas famílias! Trabalhamos directamente com a CEF e com o CNAI (Centro Nacional de Apoio ao Imigrante). Portanto, tá a ver o nível de confiança que se estabelece, sabendo que há uma pessoa que ajuda a tratar dos documentos.	
	6.4. Actividades do laboratório na aprendizagem escolar	3.627/633...também envolvemos, toda a estratégia envolvente no envolvimento dos pais, desses 30 mais cerca de 10, 15 do Crescer Mais. Esse grupo, não é, portanto são mais ou menos 40, 45, temos em média por ano 86%, no ano passado tivemos 86 % do sucesso escolar, portanto...e é muito porquê? Se fosse...e muito na escola é diferente, porque muito no projecto porque neste grupo de 46 são os alunos que supostamente têm mais dificuldades na escola, é um núcleo específico da escola. 3.623/651-atraves do projecto, só dos alunos que nós intervimos 86% do sucesso escolar, isso deve-se às relações que nós estabelecemos também com os pais, no envolvimento no sucesso escolar, no apoio aos estudos... os estudos são mais importantes, claro, o estudar aqui, fazer trabalho de casa aqui, e...e... explicações	

		aqui que nós damos é claro que contribui, mas também envolvemos, toda a estratégia envolvente no envolvimento dos pais, desses 30 mais cerca de 10, 15 do crescer mais... vão ter o sucesso escolar, não é, e são cerca de 20 a 30 pais por ano, que nós apoiamos na legalização. 3.629/645... portanto são mais ou menos 40, 45, temos em média por ano 86%, no ano passado tivemos 86 % do sucesso escolar, portanto...e é muito porquê? Se fosse...e muito na escola é diferente, porque muito no projecto porque neste grupo de 46 são os alunos que supostamente têm mais dificuldades na escola, é um núcleo específico da escola, não é? O impacto não é, em termos do sucesso escolar é logo, não é, é logo visível, e depois é questão dos pais estarem mais preparados para acompanhar os filhos, agora quase tudo através da informática, dos computadores, fazem os trabalhos nos computadores, a...a...os trabalhos são apresentados por PowerPoint pelos, têm de fazer trabalhos pelos computadores, os alunos é tudo, tudo, agora quase que não se escreve só testes é que escrevem à mão, não é? O resto é tudo através dos computadores, os pais sem ter necessidade para ter o melhor acompanhamento, agora eles têm que saber também trabalhar no computador, senão podem acompanhar agora não é, e nós damos formação a esses pais dos alunos que também tem o impacto positivo, não é, sendo que nós temos... acho que são 6 cursos por ano de informática e cada curso tem cerca de 10 pais. Portanto, tá a ver esse impacto também é muito positivo.	
	6.5. Benefícios da formação parental	2.59/71... As grandes vantagens para a formação para os pais... para as pessoas mais novas ou até à casa dos 40 e 50 anos que gostam de ter algo mais, para à procura do mundo de um novo emprego... tem mais habilitações, mais formações e têm um diploma que comprove, é um diploma por cada módulo, depois no final damos um diploma com total com 5 módulos... também têm os reformados, pensionistas, pessoas mais idosas que vêm	

		só para só descobrir informática... também pais e avós dos alunos cá da escola. As avós quando chegaram nem sabiam mexer com o rato, hoje em dia, já conhece a internet, já instala programas no computador.	
	6.6. Motivos de convocação das famílias pela equipa técnica do projecto	3.400/407- Nos casos dos alunos que nos acompanham, se algum tá sair da linha entre aspas, acho que é o que nós contactamos mais... o aluno está a faltar muito, se está a faltar uma actividade ou está chegar sempre atrasado, pode estar a ter um comportamento inadequado, realmente acho que, são situações que nós contactamos mais...também nós contactamos coisas positivas mas de facto é que nós contactamos mais se alguma coisa tá sair da ordem entre aspas... nós contactamos logo, telefonicamente, casos de absentismos, mau comportamento e atrasos. 3.481/489-Agora este ano como tava lhe dizer, imagina que um aluno desapareceu, tá a faltar imensa às aulas, não é? Nós vamos contactar com o pai, nós vamos à casa de pai, normalmente aqui vamos junto a bairro, não é? Vamos ao bairro, ao domicílio...as visitas domiciliárias dos familiares, maior parte de pai, sei lá, 90% das visitas domiciliárias são as famílias que vivem em bairros degradados... E esses pais, vamos à casa vemos as condições falamos com os pais para perceber a situação porque é que não tão a vir, não é? E isso às vezes tem efeitos imediatos, em termos de mudança de comportamento.	
7. Factores que contribuem para o distanciamento entre a Família e a Escola	7.1.Barreira linguística	2.159/167-barreiras linguísticas, não, há pessoas que não falam português e às vezes tem uma certa desconfiança por vezes serem imigrantes e as vezes ilegais... não tão legalizados em Portugal, não se abre completamente, por vezes, não tão completamente à vontade, mostra-se uma dificuldade...a nível cultural têm uma cultura completamente diferente, vêm de Cabo Verde, de Guiné ou de... muitos países africanos, e a própria barreira de cultural, pessoas diferentes com culturas	

		diferentes é natural... 3.179/181...há pais que não falam português, falam crioulo, mesmo crioulo de Guiné eu vou percebendo. 3.210/220 - Há pais que não sabem falar português, eu tenho que fazer a tradução para Director de Turma...ficam mais tranquilos, conseguem-se explicar doutra forma sua vez deixa ver expressão facial tipo alívio "ah"...às vezes não ouçam explicar, e depois Director da Turma, ah não tás-te a ver, ou não sei que, não percebo, você não sei que... pai não está nada a perceber o que estou a dizer, não percebe o que...Ah tem que estudar e ver a caderneta. Ele não sabe o que é que a caderneta, não tá a perceber, não percebe o português, nem se quer percebe, não percebe mesmo... e se o professor também não percebe... os professores agora são mais sensíveis, acho que há uma nova geração tá mais aberta essas coisas e tenta. Também não sabem integrar também não fazem nada, não sabem, não sabem o que iam fazer. 3.236/240... às vezes acham a escola como se fosse é um bicho papão ou o DT como se fosse um bicho papão que é para criticar os filhos... eles têm medo de falar que o pai deixe ou bata no filho...Ai não sai daqui, ainda vai dizer "vá para a nossa a terra"... (ria-se) 3.241/244... Situações graves desse de acordo com a situação, se for uma situação muito grave, eu explico, olha, não pode ser, não pode ser...se for uma coisa mesmo grave, olha temos mesmo que sinalizar para CPCJ, olha que não pode ser, há situações complicadas... 3.182/186-...parece que passa alguma segurança que...há coisas que eles não dizem aos professores e dizem-me a mim...acho que é devido à barreira linguística, eles não têm vergonha de falar comigo...não conseguem falar português, falam crioulo comigo, eu falo e faço tradução. 3.188/199-Cerca de 70%, e neste 70%,	
--	--	---	--

		pais 50% são cabo-verdianos e guineenses, não é, falam crioulo, e se tem alguém na escola que facilita essa à ligação...às vezes estão desesperados e não conseguem, não sei o que fazer com o meu filho e poder dizer isso em crioulo, já é logo uma grande ajuda...já é uma relação completamente diferente. Eu acho que isso é uma vantagem de eu ser crioula. (ria-se) (...) eles sentem logo à vontade, dizem uah! dizem tudo, contam coisas que...tenho a certeza que não contariam aos Directores de Turmas...acoitam dificuldades que não diriam nunca ao professor, contam problemas familiares, não contavam nunca, tenho quase a certeza, só a questão de puderem falar em crioulo. 3.270/271 não têm bem noção de como é que a escola funciona, não é, vêm doutros países, não sabem como é que o sistema educativo funciona, não sabem como é que o sistema educativo funciona... 3.276/280 - é difícil de acompanhar os filhos mesmo que o queiram... há também casos de negligências, pais que não querem saber, mas acho que a maior parte dos pais estão preocupados com o futuro dos filhos. Mas quando não se sabem, não se podem ajudar, querem ajudar mas não sabem como ajudar. Ou se calhar, nem tem noção como se deve ajudar...Não têm essa consciência nem se...é difícil. 3.203/204 - eu acho que a relação de confiança que estabelecem comigo é por ser africana também. 3.234/235... Automaticamente é a cor! A cor acho que..."ah" quando posso falar (ria-se)? Tipo alívio...	
	7.2. Falta de tempo	1.307/310... não têm tempo útil com os filhos de forma a apoiá-los no estudo como desejariam, não é, porque pronto ...mostram interesse, têm famílias dos alunos que às vezes têm contactado por mais variados motivos, e muitas vezes dizem, pois eu converso tanto com ele, mas eu chego a casa às 10h da noite... 3.351/357-O maior factor para distanciamento dos pais é falta de tempo,	

		não têm tempo, se os filhos não causarem problemas não ponham cá os pés, não é, a não ser que sejam obrigados a vir porque realmente...os pais agora trabalham cada vez mais, maior, tá tão complicada...a vida está complicada não é, trabalham imensas horas e os horários dos professores também não, não...não foram adaptados aos novos tempos... 3.367/372-às vezes também sentem-se perdidas, por exemplo eles põem os nossos alunos tão até às 7h da noite aqui na escola, não é, as aulas acabam às 5 e os pais põem até às 7 da noite e dizem que não têm onde deixar os filhos e os filhos ficam sozinhos. Há uma grande falta de tempo às famílias não são, e as crianças estão crescer sozinhas, eles passam o tempo todo aqui na escola, imagina entrem às 8 de manhã aqui na escola e só saem às 7 da noite daqui... 3.737/739...nós temos que cativar os pais para virem às nossas reuniões, não é? E os pais às vezes não têm assim tanto tempo.	
	7.3.Desvios comportamentais dos pais	3.492/494- pais alcoólicos, é complicado, eles até podem tentar encaminhar para algum sítio, caso de abandono, quase não é? 3.499/506- Os problemas mais graves da escola normalmente são pais...mães por causa da prostituição, alcoolismo, a...sei lá...espancamentos...uma mãe guineense, o miúdo tava, não tava a estudar, tava sempre a jogar berlindes, a mãe vai e queima o miúdo no dedo com disco quente por estar a jogar berlindes. Queimou, e senhora ainda a contar, não, mas, é para ele deixar jogar berlindes! Porque o miúdo contou. (...)...É cultura, cultura... às vezes as passagens...as vezes as próprias mães são vítimas de violências domésticas, é complicada 3.515/518... Eu sinto que todos que temos acompanhado aqui, muitos miúdos e ainda tão numa fase ainda...são jovens ainda, ainda se consegue fazer alguma coisa, mas quando eles vão para outra escola, quando eles passam para outra escola e deixam de ter esse apoio e então na fase da	

		adolescência mesmo 15 e 16 anos, e têm-se perdidas... 3.522/525... Muitas que até se comportam bem mas depois não conseguem aguentar a pressão do bairro, do tráfego de droga, do...dos roubos do bairro, aquele ambiente, quando chegam aos 17 anos é um sofrimento, 16, 17 e 18 se todos os teus amigos a fazerem, não fazes...	
--	--	---	--